



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
POLO DE CAJAZEIRAS - PB**

ANTONIO ROMERO SIQUEIRA DODOU

**O ENTRECruzAMENTO ENTRE AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PADRE
CÍCERO E DE JUAZEIRO DO NORTE – CE: ABORDAGENS DIDÁTICAS NO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

**CAJAZEIRAS-PB
2021**

ANTONIO ROMERO SIQUEIRA DODOU

**O ENTRECruzAMENTO ENTRE AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
DE PADRE CÍCERO E DE JUAZEIRO DO NORTE – CE:
ABORDAGENS DIDÁTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Polo Cajazeiras - PB, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

**CAJAZEIRAS-PB
2021**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

D646e	Dodou, Antonio Romero Siqueira. O entrecruzamento entre as histórias e memórias de Padre Cícero de Juazeiro do Norte-CE: abordagens didáticas no Ensino Fundamental II / Antônio Romero Siqueira Dodou. - Cajazeiras, 2021. 267f. Bibliografia. Orientador: Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Profletras) UFCG/CFP, 2021. 1. Cultura popular. 2. Língua portuguesa - ensino. 3. Padre Cícero. 4. Juazeiro do Norte-CE. 5. Histórias. 6. Memórias. 7. Cultura. 8. Ensino Fundamental. 9 Livro didático. 10. Literatura local. I. Sousa, José Wanderley Alves de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.
UFCG/CFP/BS	CDU - 811.134.3(043.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

ANTONIO ROMERO SIQUEIRA DODOU

**O ENTRECruzAMENTO ENTRE AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
DE PADRE CÍCERO E DE JUAZEIRO DO NORTE – CE:
ABORDAGENS DIDÁTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Polo Cajazeiras - PB, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 30/04/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa – Orientador
UFCG – CFP – UAL – PROFLETRAS – Participação por Videoconferência



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa – Examinador Interno
UFCG – CFP – UAL – PROFLETRAS – Participação por Videoconferência



Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes – Examinador Externo
UFCG – CFP – UAL – Participação por Videoconferência

A Deus, onipotente e criador, por ter me
presenteado com a vida.

À minha mãe, Maria de Lourdes Dodou, pela
formação, amor, dedicação e por ter
proporcionado o contato com as histórias e
memórias romeiras.

À minha esposa, Ana Elizabeth Sampaio Leite
Siqueira, pela paciência, compreensão,
incentivo e sugestões.

Aos meus queridos filhos, Mariana Sampaio
Leite Dodou e Ângelo Miguel Sampaio Leite
Dodou, razões do meu viver e amor.

Ao meu irmão João Batista Siqueira Dodou e
à minha irmã Antonia Siqueira Dodou (ambos
in memoriam) pela motivação e amizade.

Ao Padre Cícero, a Juazeiro do Norte e à
nação romeira por ocuparem espaço
significativo em minha vida.

COM AMOR, DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Aos Professores e Professoras do PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) – Polo de Cajazeiras – PB, pela disponibilidade, pelo empenho e, sobretudo, pelos ensinamentos.

Ao Professor Doutor José Wanderley Alves de Sousa, pelo entusiasmo e colaboração como orientador deste trabalho.

Aos Professores Doutores Carlos Gildemar Pontes e Elri Bandeira de Sousa, pelas significativas contribuições para redimensionamento do trabalho.

Aos meus colegas da Turma VI do PROFLETRAS, pela amizade e partilha de experiências.

Ao amigo-irmão, Francisco Lúcio Sampaio, que se disponibilizou a me fazer companhia em todas as viagens, dirigindo com segurança, responsabilidade e alegrando-nos em todo o itinerário.

Aos funcionários do Gravatá Hotel – Cajazeiras-PB, pela acolhida, gentileza e atenção.

Às funcionárias do PROFLETRAS Eliane e Mayara pelo acolhimento, simpatia, disponibilidade e generosidade.

Aos funcionários da “Cantina”, pelos bons serviços prestados de forma gentil e hospitaleira.

À colega Raimunda Calisto de Brito, companheira de viagem que, com seu entusiasmo e perseverança me incentivou em todos os momentos.

Às colegas Dalva, Raimunda, Conceição, Sônia, Alana e Alvanyr que dividiram as aflições e vitórias dos trabalhos em equipe.

Romaria a Juazeiro
(Clemilda)

Bendita e louvada seja A luz que
mais alumeia. Bendita e louvada
seja A luz que mais alumeia.

Valei-me, meu padrinho Cícero E a mãe de
Deus das Candeias. Valei-me, meu
Padrinho Cícero E a mãe de Deus das
Candeias. E a mãe de Deus das Candeias.

Porque caminho tão
longe, E cheio de tanto
arrodeio? Porque
caminho tão longe, E
cheio de tanto arrodeio?

Valei-me, meu padrinho
Cícero E a mãe de Deus das
Candeias. Valei-me, meu
Padrinho Cícero

Figura 01: Procissão Nossa Senhora das Candeias



Fonte: Acervo do autor (2020).

RESUMO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, desenvolvida junto ao Mestrado Profissional em Letras – Polo UFCG, trata da importância de se estabelecer conexões entre o ensino de língua portuguesa e os estudos da cultura popular. Recorremos numa perspectiva de revisão bibliográfica, aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Orientação Francesa (AD), a fim de evidenciar a relação que se estabelece entre Discurso, História e Memória; aos fundamentos conceituais de Cultura, Cultura Popular e Identidade Cultural. Tomamos, ainda, as histórias e memórias que circulam através da Literatura local, decorrentes das narrativas de moradores locais e de romeiros que foram registradas e publicadas, especialmente por Aquino (1997), Araújo (1988), Barbosa (1997), Cava (2014), Dodou (2016), Neto (2009) e Walker (2009), a fim de reafirmarmos a importância de uma maior ênfase no estudo da história e cultura local, a partir da relação histórico-cultural entre Padre Cícero e Juazeiro do Norte - CE, no contexto das escolas de Ensino Fundamental II da referida cidade. Discutimos, também, o ensino de língua portuguesa à luz dos documentos parametrizadores nacionais (PCN, BNCC), especialmente no âmbito dos Anos Finais do Ensino Fundamental II, com ênfase nos gêneros textuais como recursos indispensáveis para abordagens teórico-metodológicas sobre os estudos da cultura popular através do ensino de língua portuguesa. Apresentamos, para tanto, como produto pedagógico, um livro paradidático, acrescido de uma proposta de intervenção didática aplicável aos Anos Finais do Ensino Fundamental II, especialmente em escolas do Juazeiro do Norte – CE, a partir da adoção dos gêneros memórias literárias, cordel, benditos populares e curta-metragem, a fim de destacar a intrínseca relação que se estabelece entre as histórias e memórias sobre Padre Cícero e Juazeiro do Norte – CE.

Palavras-Chave: Histórias e Memórias. Padre Cícero e Juazeiro do Norte – CE. Cultura Popular. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present qualitative research developed along with the Professional Master of Arts - Polo UFCG, deals with the importance of establishing connections between the Portuguese language teaching and the studies of popular culture. This paper used a bibliographic review perspective, the theoretical assumptions of the French Orientation Discourse Analysis (AD), to highlight the relationship established between Discourse, History, and Memory; to the conceptual foundations of Culture, Popular Culture, and Cultural Identity. It has also taken the stories and memories that circulate through local Literature, resulting from the narratives of residents and pilgrims that were recorded and published, especially by Aquino (1997), Araújo (1988), Barbosa (1997), Cava (2014), Dodou (2016), Neto (2009) and Walker (2009), to reaffirm the importance of a greater emphasis on the study of local history and culture, based on the historical-cultural relationship between Padre Cícero and Juazeiro do Norte - CE, in the context of elementary schools in that city. It has been discussed the teaching of Portuguese by the guidance of national parameter documents (PCN, BNCC), especially in the context of the Final Years of Elementary Education, with an emphasis on textual genres as indispensable resources for theoretical and methodological approaches to cultural studies popular through Portuguese language teaching. It was used as a pedagogical product, a educational book, plus a didactic intervention proposal applicable to the last years of Elementary Education, especially in schools in Juazeiro do Norte-CE. It was based on the adoption of literary genres memories, cordel, blessed folk, and short film, to highlight the intrinsic relationship that is established between the stories and memories about Padre Cícero and Juazeiro do Norte - CE.

Keywords: Hysroryand Memory. Padre Cicero and Juazeiro do Norte – CE. Popular culture. Elementary school.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 Procissão de Nossa Senhora das Candeias
- Figura 02 Capa do livro de Tabuleiro a Juazeiro. Reflexões sobre Cícero: o Padre, o Líder e o Homem
- Figura 03 Capa do livro Juazeiro do Norte: Cidade da Gente
- Figura 04 Padre Cícero
- Figura 05 Povoado de Juazeiro em 1911
- Figura 06 Beata Maria de Araújo; Padre Cícero Romão Batista
- Figura 07 Lampião (O Cangaceiro)
- Figura 08 Velório de Padre Cícero
- Figura 09 Estátua de Padre Cícero, no Horto, em Juazeiro do Norte
- Figura 10 Procissão dos Carroceiros
- Figura 11 Romeiros em pau-de-arara (Romaria saindo de Inhapi /AL)
- Figura 12 Grupo de romeiros de Serra Talhada/PE que veio de bicicleta a Juazeiro do Norte. Grupo de romeiros de União dos Palmares que veio a pé até Juazeiro do Norte-CE
- Figura 13 A tradição do uso de chapéu de palha nas procissões de Juazeiro do Norte
- Figura 14 Malas artesanais fabricadas por moradores antigos de Juazeiro do Norte.
- Figura 15 O romeiro que partiu de Patos-PB até Juazeiro do Norte-CE
- Figura 16 Modelo de sandália currulepe bastante usada no nordeste antigo, preferida pela resistência do material com que era confeccionado.
- Figura 17 Banca vendendo blusas com imagem Padre Cícero em romaria de finados de 2019
- Figura 18 Romeiros em visita ao Santo Sepulcro
- Figura 19 Museu Vivo do Padre Cícero
- Figura 20 Pomada e Bálsamo Padre Cícero
- Figura 21 Assento de tamborete forrado com couro de animal
- Figura 22 Sala do santo - residência de Dona Rosinha (Horto)
- Figura 23 Apresentação de reisado
- Figura 24 Lapinha Santa Clara de Juazeiro do Norte-CE
- Figura 25 Doce de buriti um dos prediletos de Padre Cícero
- Figura 26 Grupo de Penitentes na serra do Horto
- Figura 27 Grupo maneiro-pau do Cariri, dirigido pelo Mestre Cirilo
- Figura 28 Rabequista Cego Oliveira
- Figura 29 João Remexe Bucho;
- Figura 30 Príncipe Ribamar
- Figura 31 Mala de couro onde são transportados e vendidos os folhetos de cordel
- Figura 32 Poeta, cordelista e repentista Pedro Bandeira Pereira de Caldas
- Figura 33 Vassouras de talo de carnaúba feitas pelo artesão José Cassiano de Araújo (Horto)

- Figura 34 José Casemiro (Mestre Zequinha). Artesão do couro
- Figura 35 Artesanato de Juazeiro comercializado nas feiras da cidade, em Crato e Barbalha
- Figura 36 Artesanato de palha de palmeira vendido no centro de Juazeiro
- Figura 37 Capa do Livro Paradidático

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	18
2.2 DISCURSO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: IMBRICAMENTOS	28
2.2.1 Discurso: a materialização da História e da Memória	32
2.3 CULTURA: A ESSÊNCIA DO VIVIDO	39
2.3.1 Cultura Popular e Identidade Cultural: fios do mesmo novelo	43
3. UMA INCURSÃO PELA HISTÓRIA DE PADRE CÍCERO E DE JUAZEIRO NO NORTE – CE	48
3.1 A RELAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL ENTRE PADRE CÍCERO E JUAZEIRO NO NORTE – CE.....	62
4. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL À LUZ DOS DOCUMENTOS PARAMETRIZADORES NACIONAIS	92
4.1 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	101
4.2 ALGUNS GÊNEROS TEXTUAIS APLICÁVEIS A ABORDAGENS HISTÓRICO CULTURAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II	105
4.2.1 Memórias Literárias	106
4.2.2 Cordel	108
4.2.3 Benditos	111
4.2.4 Curta-Metragem	116
5. O ENTRECRUZAMENTO ENTRE AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PADRE CÍCERO E DE JUAZEIRO DO NORTE – CE: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DIDÁTICA	120
5.1 SOBRE O LIVRO PARADIDÁTICO	120
5.2 CONTEXTUALIZANDO O CADERNO PEDAGÓGICO.....	122
5.3 CONHECENDO O CADERNO PEDAGÓGICO.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

A valorização das tradições que circundam uma sociedade, principalmente as relacionadas ao tempo, processo e sujeito histórico, além da cultura e identidade das comunidades, é uma prática extremamente relevante e que deve ser difundida e mantida pelos indivíduos que a compõem, pois, é a partir dessa ação que se torna possível a cristalização das experiências que permite ao indivíduo perceber-se sujeito da História.

Neste sentido, é preciso que os espaços de construção de saberes informais e formais possibilitem a formação do sujeito para a vida social, permitindo-lhe perceber-se como protagonista da História, enquanto integrante de uma comunidade assinalada por relações de parentesco familiar, relações com sujeitos de outras instâncias sociais, pela identidade cultural, inclusive pelas tradições religiosas locais.

É relevante mencionar ainda, que as memórias disseminadas entre sujeitos de uma determinada comunidade, especialmente as que tiveram sua origem permeada por narrativas, são indispensáveis para a leitura do mundo em um processo dinâmico em que linguagem e realidade se (re) significam dinamicamente.

No caso de Juazeiro do Norte, cidade localizada na região metropolitana do Cariri, estado do Ceará, a história do lugar tem sido disseminada a partir das memórias de moradores locais, acrescidas pelas vozes dos romeiros, cuja presença se tornou marcante enovelando-se à tradição religiosa, marcada pela devoção ao Padre Cícero. Muitas dessas experiências estão relatadas em obras já publicadas sobre as histórias do Padre Cícero e sua relação com o desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte.

Nesta direção, o meu interesse pelas histórias de Juazeiro e de Padre Cícero liga-se às histórias e memórias relatadas no período de minha infância pelos meus pais e pessoas mais velhas do meu convívio. Tenho testemunhado ao longo da minha vida momentos significativos do turismo religioso e do progresso da cidade, das repercussões que estes fatos tiveram para o lugar em que vivo e para minha vida. Convivo com romeiros, com moradores locais, ouço deles as mais belas histórias, compartilho experiências e aprendo sobre coisas que só eles sabem contar.

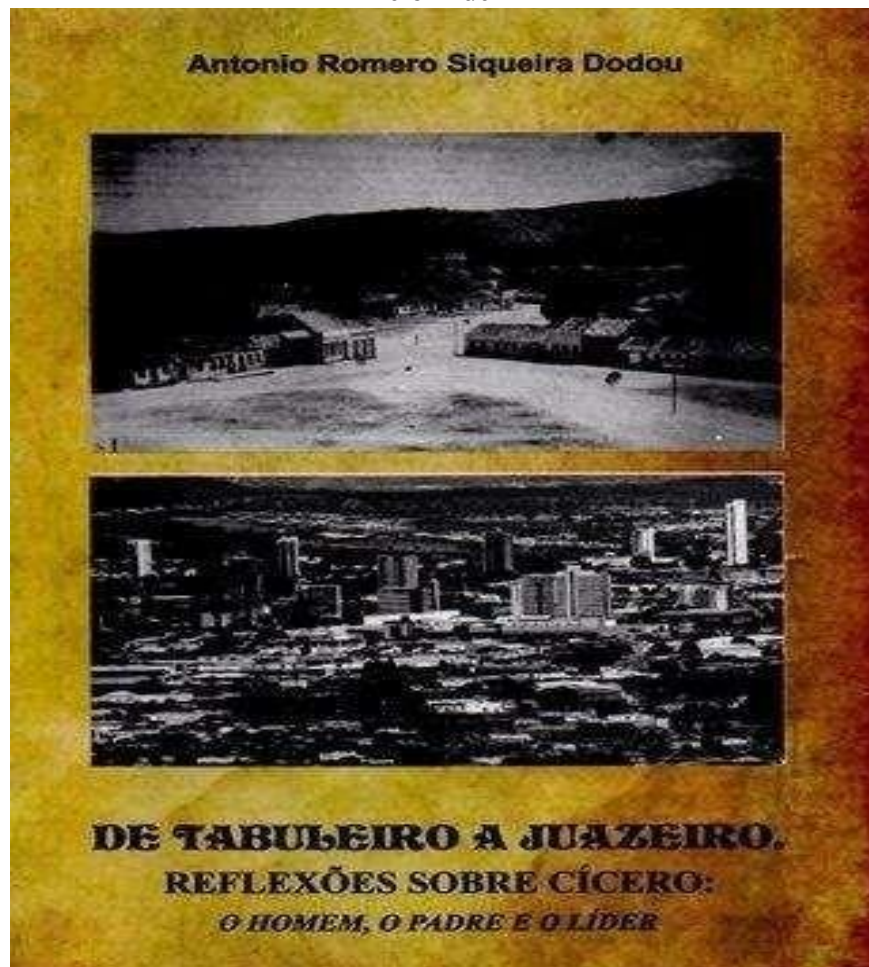
Esses testemunhos e vivências compartilhados pululavam em minha mente. Atentamente, ouvia tudo de todos e, embora não tomasse nota do que era partilhado, guardava na memória cada detalhe, ia me apropriando paulatinamente daquele conhecimento que, para mim, passava a me pertencer. Isso me fez lembrar Thompson (1992, p. 58), ao mencionar que Scott, nas epígrafes de suas principais obras, fez referências a Robert Burns com a célebre frase

“um jovem está entre vocês tomando notas e creiam que ele vai publicar tudo”. Assim eu me sentia, como se tomasse nota, registrando tudo na memória para, no momento oportuno, escrever, divulgar, publicar.

Para mim, tal intenção, reforça o pensamento de Rosa (2007) ao dizerem que quando uma comunidade passa um tempo junto, desenvolve suas formas de simbolismo, de emoção, de lembrança compartilhada, de celebração da própria identidade. Era exatamente assim que me sentia na companhia deles. Identificava-me, emocionava-me, compartilhava e aprendia a todo o momento.

Por carregar comigo tantas memórias, prometi a mim mesmo que um dia escreveria sobre elas. Meu pontapé inicial no cumprimento da promessa que fiz se deu em 2016, quando publiquei meu primeiro livro intitulado “De Tabuleiro a Juazeiro. Reflexões sobre Cícero: o Homem, o Padre e o Líder” (DODOU, 2016).

Figura 02: Capa do livro De Tabuleiro a Juazeiro: Reflexões sobre Cícero: O Padre, o Homem e o Líder



Fonte: Coluna de Renato Casimiro (2018).¹

¹ Disponível em: <http://colunaderenato.blogspot.com>.

Quando sentei por anos para escrever meu primeiro livro sobre a relação da história de Padre Cícero com a de Juazeiro do Norte - CE, percebi que a literatura sobre o tema se limitava a escritos, a partir de produções locais, em sua maioria, numa perspectiva política, econômica e religiosa. Verifiquei uma lacuna: faltava nessa vasta produção literária, a necessidade de aprofundar o contato com as raízes de nossa história, da memória e, especialmente, da cultura local e do imbricamento das histórias e memórias de Padre Cícero às da cidade de Juazeiro do Norte.

Esta primeira obra, no entanto, não foi suficiente para satisfazer um sonho antigo: o de produzir um material sobre nossas memórias, o legado que representam para trabalhos de prospecção a futuras gerações. Considero Juazeiro como uma terra de histórias, de memórias adormecidas nas mentes de muitos romeiros e cidadãos que constituíram e constituem os pilares de sustentação às tradições locais.

Relegar tais memórias é descaracterizar o que somos, de onde viemos e como nos constituímos sujeitos sociais. É, neste caso, embaçar o que há de mais precioso na construção da história de um povo: seus valores, crenças, tradições, testemunhos, experiências e vivências.

Cabe aqui destacar que, em 2018, a rede municipal de Educação publicou um livro específico sobre Juazeiro do Norte, na perspectiva dos estudos regionais, intitulado “Juazeiro do Norte, Cidade da Gente” (ALENCAR et al, 2018). A obra fundamenta-se em teóricos locais e adota uma visão que prioriza, na essência, aspectos geográficos do lugar, conforme atesta o coordenador da obra:

a publicação aborda questões geográficas de Juazeiro do Norte e sua evolução, desde a época do Padre Cícero. “Nós pegamos o Juazeiro do Norte bem primitivo, da época do Tabuleiro Grande, até essa grande metrópole que ela é hoje. Fizemos questão de enfatizar que o que foi idealizado pelo Padre Cícero, hoje a gente vê na prática”, destaca Chessman Alencar (ALENCAR, et al., 2018, on-line).

Nesse sentido, compreendemos ser de extrema relevância que outras as publicações se voltem para a narrativa de causos e testemunhos de figuras que ajudaram a perpetuar a história do lugar, cujas raízes estão inscritas, sobretudo na memória popular: moradores do Horto, contemporâneos do Padre Cícero, as lendas e milagres em torno do Padre Cícero e de sua intrínseca relação com a história de Juazeiro do Norte – CE.

Desse modo, entendemos ser possível pelo viés dos estudos sobre linguagens, letramentos, diversidade social e estudos culturais, o resgate e registro de aspectos da história de Juazeiro do Norte e da intrínseca relação desta com as memórias sobre o papel do Padre

Cícero para a constituição da história e da cultura local.

Figura 03: Capa do livro Juazeiro do Norte: Cidade da Gente



Fonte: Blog do Mateus Silva (2020).²

Assim, a partir do contato com a obra supracitada, adotada pela rede municipal de ensino de Juazeiro do Norte, senti falta de uma abordagem mais aprofundada do gênero memórias, tão relevante para melhor compreensão de nossa história, o que despertou o interesse em trazer à tona essa temática imprescindível para entender melhor o entrecruzamento entre as histórias sobre Padre Cícero e Juazeiro do Norte – CE, a fim de possibilitar, numa perspectiva didático-pedagógica, a transposição da história inscrita na memória popular para o saber escolar.

Ao nosso ver, a partilha de memórias na sala de aula, incrementada por abordagens e materiais didáticos e paradidáticos apresentados ao nosso alunado, pode oportunizar de forma profícua o contato de crianças, jovens e adultos com a história viva da terra. Não basta apenas o conhecimento de aspectos técnicos e biográficos locais e de suas personalidades, como consta na maioria dos materiais que versam sobre a história do lugar. São importantes, mas não suficientes.

É o contato com os fatos memoráveis, com os detalhes de sua formação, as formas de organização sociopolíticas e culturais de seus habitantes, as histórias de conquistas e derrotas das lutas nas quais se envolveram, as contribuições de figuras cujo papel foi fundamental nos marcos da terra natal que despertará no aluno um interesse ainda maior pelos fatos envolvendo

² Disponível em: <https://www.blogdomateussilva.com.br>.

personagens, bem como para o entendimento da sua condição de sujeito.

Cursar o PROFLETRAS proporcionou a oportunidade de enfatizar esta temática prioritária sobre o legado de minha terra e de seu Patriarca. Assim, quando indagado sobre um possível assunto para minha dissertação não hesitei. De imediato, veio à mente a ideia de priorizar gêneros textuais que contemplassem as memórias e tradições culturais e identitárias locais (cordel, bendito, curta e memórias literárias), pois, através deles, é possível fortalecer o resgate de elementos sociais e culturais advindos da relação Padre Cícero e Juazeiro, somados a aspectos também importantes e inerentes a essa relação como é o caso do político e o religioso.

Como sempre nutri intensa admiração por memórias, não pensei duas vezes e enveredei meu olhar sobre algo que sempre me intrigou: a pouca ênfase dada à Literatura sobre o Padre Cícero e sua relação com Juazeiro do Norte – CE na perspectiva da memória, história e cultura. É nesta direção que tenho estabelecido meu olhar sobre o objeto de investigação escolhido.

Destaco que desde 2001, atuo como professor da Educação Básica em escolas da região e, durante este tempo, tive contato com materiais diversos (livros, revistas, recortes de cordéis, entre outros) versando sobre Padre Cícero e Juazeiro, todavia, percebi que os referidos materiais não davam conta de realçar a importância das memórias populares, principalmente aquelas ambientadas nos campos da cultura, identidade e religiosidade, limitando-se a uma abordagem, na maioria das vezes, tímida. Desde então, surgiu meu interesse pela temática do entrecruzamento das histórias de Padre Cícero e Juazeiro à luz das memórias. Com meu ingresso no PROFLETRAS em 2019, enxerguei a oportunidade de me debruçar e aprofundar o assunto.

Em 2018, com a edição do primeiro livro didático adotado pela rede municipal, intitulado Juazeiro do Norte: Cidade da Gente, que versa sobre a história da terra e a importância de Padre Cícero para os principais eventos locais, foi possível averiguar a pouca ênfase na abordagem que as atividades, em sua maioria, propunham sobre aspectos importantes da vida de Padre Cícero e de sua intrínseca relação com a história e memória do lugar.

Partindo desse problema, fomos impulsionados, a partir da nossa inserção como aluno regular no Mestrado Profissional em Letras, em 2019, a desenvolver uma pesquisa sobre as histórias e memórias acerca de Padre Cícero e sua relação histórico-cultural com a cidade. Assim, delineamos como ponto basilar para sustentação desta proposta de investigação, os fundamentos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Consideramos também necessário permear nosso trabalho a partir de estudos teóricos sobre História, Memória, Estudos Culturais baseados em obras voltadas para a vida de Padre Cícero e de sua relação com a terra já mencionada.

Sob esta ótica, o objeto de estudo da pesquisa aqui apresentada centra seu foco na relação histórico-cultural que se estabelece entre as histórias e memórias do Padre Cícero e de Juazeiro do Norte – Ceará e se justifica, sobretudo, pela carência de pesquisas sobre a importância dos estudos histórico-culturais, em interface com a AD (Análise do Discurso), com vistas às práticas escolares mais significativas voltadas para a compreensão da história e cultura local no âmbito do EF II (Ensino Fundamental II).

Nesta direção, a presente investigação busca respostas para os seguintes questionamentos: 1) Quais sentidos da cultura e identidade popular emanam das narrativas orais veiculadas através da literatura local sobre o entrecruzamento entre as histórias e memórias do Padre Cícero e de Juazeiro do Norte-CE? 2) Que propostas didático-pedagógicas podem viabilizar, numa perspectiva transversal, a abordagem da temática em questão, nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental II?

Objetivamos, para tanto, em linhas gerais: Apresentar uma proposta de intervenção didática aplicável aos Anos Finais do Ensino Fundamental II, especialmente em escolas do município já citado, a partir da adoção dos gêneros memórias literárias, cordel, benditos populares e curta-metragem, a fim de destacar a intrínseca relação histórico-cultural que se estabelece entre as histórias e memórias acerca de Padre Cícero e de Juazeiro do Norte – CE.

A priori, o presente trabalho tem caráter de pesquisa qualitativa, com base na coleta e análise de dados capazes de atender àquilo a que o tema se propõe. Trata-se como qualitativa por constituir um método de investigação científica cujo alvo é o caráter subjetivo do objeto, considerando suas particularidades.

Em um segundo momento, a título de coleta de dados, este estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, com nuances de pesquisa documental, uma vez que consistem no levantamento de fatos e momentos expressivos da história local, a partir de fotos, depoimentos, testemunhos e entrevistas constantes no acervo literário dos principais escritores da Literatura sobre Padre Cícero e Juazeiro do Norte – CE, já citados anteriormente.

Ressalta-se que o levantamento bibliográfico serve, fundamentalmente, para reforçar e complementar o que se pleiteia aqui como alvo: a contribuição para minimizar as lacunas existentes nos materiais didáticos adotados pela rede municipal de ensino no tocante ao destaque sobre a relação histórico-cultural entre a história do sacerdote e a cidade.

Nesta direção, no presente trabalho apresentamos, de forma introdutória, o objeto de estudo, as questões de investigação, o objetivo geral, objetivos específicos e demais procedimentos metodológicos adotados para o percurso investigativo.

No segundo capítulo, sob a forma de memorial, evidenciamos a justificativa pela escolha

do tema, realçando o vínculo do pesquisador ao objeto de investigação.

Já no terceiro capítulo, de natureza essencialmente teórica, abordamos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Orientação Francesa (AD), especialmente, a partir das ideias de Bakhtin (1986; 2000), Pêcheux (1975), Brandão (2007), Barros e Fiorin (1999); a relação que se estabelece entre Discurso, História e Memória, além de fundamentos conceituais sobre Cultura, Cultura Popular e Identidade Cultural, com apoio em nomes Bosi (1996), Thompson (1992), Eagleton (2005), Pereira; Gomes (2002), dentre outros.

No quarto capítulo empreendemos uma incursão sobre a história de Padre Cícero e do Juazeiro do Norte – CE, dando ênfase aos aspectos histórico-culturais e até mesmo religiosos que entrecruzam estas histórias, fundamentados na literatura local, decorrentes das narrativas de moradores locais e de romeiros que foram registradas e publicadas, especialmente por Aquino (1997), Araújo (1988), Barbosa (1997), Cava (2014), Dodou (2016), Neto (2009) e Walker (2009).

No quinto capítulo, discutimos o ensino de Língua Portuguesa à luz dos principais documentos parametrizadores nacionais BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Enfatizamos ainda a importância dos gêneros textuais para o ensino de Língua Portuguesa, com ênfase nos gêneros memórias literárias, cordel, benditos e curta-metragem como recurso para abordagens didáticas sobre a cultura popular e identidade cultural, a partir da relação entre as histórias sobre o vigário e a terra aqui mencionada.

Nas considerações finais, reiteramos a importância dos discursos que incidem sobre os fenômenos sociais, em especial, no contexto da relação entre as histórias e memórias de Padre Cícero e do Juazeiro do Norte-CE, reforçando a importância de estudos desta natureza para o incremento, numa perspectiva transversal, de abordagens didáticas aplicáveis ao ensino da língua, especialmente nas séries finais do Ensino Fundamental II.

Sob a forma de apêndice apresentamos um livro paradidático, de nossa autoria e caderno com sugestões de oficinas pedagógicas como contribuição didático- pedagógica para o redimensionamento do ensino de Língua Portuguesa no âmbito do Ensino Fundamental II, destacando os gêneros memórias literárias, cordel, bendito e curta-metragem, como recursos propícios para abordagens sobre a Cultura Popular e Identidade Cultural, a partir da relação entre as histórias sobre Padre Cícero e Juazeiro do Norte – CE, a ser disponibilizado para o norteamento das práticas de leitura, compreensão, interpretação e produção textual do Ensino Fundamental II de Juazeiro do Norte – CE.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem, cujo surgimento se deu em razão da necessidade de comunicação entre os homens, sempre foi objeto de estudo de diversas áreas ou teorias como a linguística, a semiótica e a etimologia. A Linguística, por exemplo, corresponde ao estudo científico da linguagem e tem, como intuito, estudar as formas de pensamento e produção. Ao se preocupar com a forma como se dão os fenômenos produtores de significação e sentido, a semiótica também contempla a linguagem.

Cumpre-nos ressaltar, que por ser inerente aos processos comunicativos cotidianos, é possível identificar, na linguagem, os efeitos de sentido construídos pelos interlocutores. Desse modo, analisar os fatores que implícita ou explicitamente constituem, por exemplo, o discurso, não representa tarefa fácil, visto que há vários elementos envolvidos como: objetos, tipos enunciativos, conceitos, temas e teorias.

Para tanto, empreendemos a seguir, uma abordagem teórica sobre a relação que se estabelece entre Discurso, História e Memória, além de abordar aspectos teóricos relacionados à Cultura, Cultura Popular e, por conseguinte, a Identidade Cultural.

2.1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Os estudos em torno do discurso têm se evidenciado nos últimos tempos. Inúmeras são as teorias e aprofundamentos em torno do termo e sua abrangência. A Análise do Discurso de linha francesa é exemplo disso.

A priori, um dos grandes desafios apresentados, começa pela tentativa de definir esse termo, tão inerente à realidade humana e com efeitos que podem colaborar para o entendimento do contexto em que foi produzido.

Na mesma direção, Foucault (1996) compreende o discurso também como sinônimo de poder do qual podemos nos apropriar, conforme se verifica:

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (FOUCAULT, 1996, p. 10-11).

Numa perspectiva dinâmica, que concebe discurso como algo em movimento, Orlandi (2007) nos apresenta outra definição para o termo:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2007, p. 15).

Esse entendimento reitera a dinamicidade intrínseca aos discursos, os quais, além de objetos-alvo da Linguística e, em particular, da AD, são tidos como dinâmicos e com funções dispersas, principalmente no que atine as posições que os sujeitos (interlocutores) ocupam na sociedade. São eles que, de modo dialógico e heterogêneo, por natureza, contribuem para que novos sentidos sejam construídos.

Essa heterogeneidade colabora para o surgimento de interesses diversos no campo de luta das forças sociais, exigindo a atuação e interação dos indivíduos, tornando o dialogismo uma das características precípuas do discurso. Na verdade, nossas falas terminam por reproduzir algo já dito, por alterar, repetir ou reproduzir. Nesta perspectiva, Bakhtin (1992) destaca que:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas também em graus variáveis, por seu emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 1992, p. 314).

A visão do autor acerca dos sujeitos heterogêneos no discurso, desperta a atenção para um aspecto imprescindível à Análise do Discurso: o de que os indivíduos acabam reproduzindo, alterando ou modificando uma fala alheia, uma vez que necessitam dialogar em virtude das várias vozes (polifonia) com interesses distintos que se instalam na relação entre os interlocutores. Na verdade, os discursos, como bem enfatiza Bakhtin (1992) “se fingem” monológicos, visto que toda palavra é dialógica, todo discurso tem dentro dele outros discursos.

Essa polifonia, tão bem enfatizada por Bakhtin (1992) se faz presente no objeto deste trabalho. Nessa perspectiva, o estudo da relação entre Padre Cícero e Juazeiro do Norte permite identificarmos interlocutor cujas vozes corroboram para construção dos discursos locais. Há, nesse sentido, o discurso dos romeiros (visitantes), dos moradores da cidade, do Padre Cícero e outras personalidades do seu entorno, dos escritores sobre eventos marcantes da terra, além de outros.

Nos campos culturais e identitários, que interessa a este trabalho, uma teia de vozes

também se constrói. Logo, há o discurso dos grupos literários (cordelistas, memorialistas, etc.), culturais (reisados, lapinhas, maneiro-pau, artesãos, etc.) e religiosos (evangélicos, espíritas, candomblés, entre outras). Em todos esses segmentos, os discursos que se intersectam com a história da cidade e do sacerdote carregam versões favoráveis ou antagônicas em relação aos elementos Padre Cícero e Juazeiro.

Os contextos em que foram produzidos, a quem e por que interessam esses discursos são pontos que, certamente devem ser considerados por quem deseja se debruçar sobre a temática motivadora dessa pesquisa.

Contudo, dada a abrangência da variedade e gêneros disponíveis inerentes ao tema e, conseqüentemente, de discursos por eles contemplados, priorizamos elencar gêneros específicos (cordel, bendito, curta e memórias literárias), que enfatizem, através de discursos, aspectos da cultura e identidade, muito embora entendamos que alguns elementos do discurso religioso precisam ser considerados em virtude da expressiva evidência da religiosidade local.

Nesse sentido, os discursos polifônicos tão bem realçados por Bakhtin (1992), são perceptíveis em gêneros textuais que versam sobre Juazeiro e Padre Cícero e que serão enfatizados adiante na sessão adequada, servem de suporte a pesquisa qualitativa e bibliográfica (documental) que embasa nossa proposta.

No tocante ao discurso, retornemos a Bakhtin (2010, apud MOLON; VIANNA, 2012), que esclarece um novo vínculo discursivo: o do discurso ao discurso-resposta, segundo se pode ver:

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado (BAKHTIN, 2010, p. 89 apud MOLON; VIANNA, 2012, p. 153).

Foucault (2012, p. 121), elencando o dialogismo inerente aos enunciados também reitera que “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis”.

Ainda no tocante a heterogeneidade nos discursos, importante destacar que nas relações estabelecidas nos processos de interlocução do cotidiano, acabamos por referenciar a fala do outro através de vários fenômenos: citações, ironias, alusões, aspas, entre outros. Através dela é possível marcar a presença do outro desde a forma mais nítida, denominada marcada até a não

marcada, que é menos evidente.

Explana-se que, algumas marcas da heterogeneidade discursiva podem ser diagnosticadas explicitamente, por estarem ali, na superfície de um texto. Outras pistas, porém, podem ser de maior profundidade, o que requer que o interlocutor se debruce nas entrelinhas do enunciado, considerando seus implícitos e, se necessário, recorrer ao interdiscurso e/ou a intertextualidade.

No que atine a esses implícitos, Ducrot (1987) evidencia que são artificios usados para que possamos anunciar algo sem sermos responsabilizados pelo que foi mencionado. No fim das contas, visando harmonizar os conflitos estabelecidos entre as vozes sociais, importante observar o que diz Cardoso (2003, p. 65) “para conseguir a unidade textual, o locutor, na forma de um concerto polifônico, tanto harmoniza as diferentes vozes, como apaga as discordantes”.

No que concerne a outros elementos que necessitam ser considerados para o estudo da Análise do Discurso, merecem destaque a intertextualidade e o interdiscurso. Como em um texto podem estar presentes várias vozes, é interessante que o interlocutor esteja atento ao diálogo que um texto estabelece consigo mesmo e com outros.

Já no que atine à intertextualidade, Cardoso (2003, p. 61) faz constar importante observação quando afirma que “todo texto é um intertexto no sentido em que outros textos estão presentes nele, em níveis variados, podendo ser reconhecidos ou não”. As palavras da autora nos fazem atentar para dois aspectos da intertextualidade: o de que um texto dialoga internamente, entre seus próprios elementos constituintes, não recorrendo a aspectos exteriores. Por sua vez, também pode interagir externamente, dialogando com outros textos.

Salienta-se que a noção de intertextualidade a qual hoje temos acesso é recente. Por muito tempo, tratou-se o texto como uma unidade acabada, fechada, que iniciava e terminava em si mesmo. Esse entendimento trouxe prejuízos ao processo de análise textual, uma vez que a compreensão das informações textuais se dava de forma isolada, geralmente considerando, apenas o que estava nas quatro linhas.

O advento do conceito de intertextualidade, por sua vez, permitiu perpassar essa barreira. A ideia de considerar as relações existentes entre os textos propiciou não só alargar a margem de interpretação e compreensão, como comparar as informações coletadas com outras disponíveis em outro tecido textual, estabelecendo entre elas semelhanças e diferenças.

Vale salientar que, nem sempre será possível a distinção entre texto e discurso, uma vez que, para que isso ocorra, é necessária uma análise mais profunda, que perpasse a superfície do texto e compreenda o discurso do interlocutor para, só então, se apropriar da intenção comunicativa.

É possível constatar, desse modo, que os discursos, nos diálogos que estabelecem entre si, assumem novas formas, ganham uma nova roupagem, constituem inéditas configurações, uma vez que as formações discursivas envolvidas agregam elementos externos.

O estudo de todos os elementos da Análise do Discurso até aqui elencados, só se tornou possível, graças aos aprofundamentos e teorias desenvolvidas em torno do assunto. Como esteio dessa cooperação, não há como declinar das contribuições prestadas pelos teóricos da linha francesa como Foucault, Pêcheux, Ducrot e pelo russo Bakhtin, dentre outros.

As observações e estudos dos teóricos da Análise do Discurso, linha francesa, nos permitem enxergar os enunciados com um novo olhar, com o aprofundamento que um texto requer, reconhecer as falas incidentes, considerando o lugar social, a época e as condições em que um discurso foi produzido, atentando-se para aspectos como autor, enunciador, interlocutor, subjetivismo, dialogismo, polifonia, intertextualidade, interdiscurso, heterogeneidade, homogeneidade, ideologia, formação discursiva e um rol de outros elementos que, até então, não vieram à tona, ou por ainda não terem sido detectados ou por não lhes conceder o espaço merecido.

Entre as teorias que colaboraram para uma visão mais ampla e aprofundada do discurso está à perspectiva teórica francesa, para quem a palavra se apresenta como importante ferramenta da interação social, conferindo ao discurso uma maior dinamicidade que rompe paradigmas que o estigmatizavam como definido, esgotado, muitas vezes, como passível de uma única de interpretação. Nos enunciados que compõem um discurso, portanto, as palavras já não podem mais ser vistas em um sentido singular, mas como um eixo polissêmico do qual podem emergir vários significados.

Na verdade, a palavra, conforme empregada em um contexto pode representar a presença de outras vozes, revestir ideias. Ou seja, ser um instrumento à disposição de um interlocutor, sem ter seu sentido reduzido ou limitado, sem considerar as nuances que vem a assumir em um enunciado.

Nessa configuração, o discurso deixa de ser visto como uma construção monológica, revestindo-se, pelo poder da palavra, de um caráter polifônico, através do qual os sentidos vão sendo construídos.

Essa condição de o discurso permitir a construção de sentidos diferentes sustenta-se também no lugar ocupado pelos sujeitos nas relações estabelecidas entre os interlocutores. Coutrine e Marandín (1981) reforça o referido pensamento quando menciona não existir sujeitos do discurso e sim, variadas posições dele.

Ressalta-se que, até bem pouco tempo, a visão monológica do discurso prevalecia. Na

análise de um enunciado, por exemplo, era comum considerar uma única voz, sem se atentar para as falas implícitas, o que representava enorme prejuízo, uma vez que a pluralidade de vozes não só denunciavam o contexto em que um enunciado ocorreu, como permitiam identificar a presença de embates ideológicos, que conduziam um discurso conforme interesses e conveniências.

As contribuições da Análise do Discurso permitem-nos compreender que a visão monológica cede espaço ao dialogismo. São as relações entre os sujeitos interlocutores que determinarão a identificação de aspectos fundamentais a análise de um enunciado ou de um conjunto deles.

Desfaz-se, portanto, a noção de sujeito centralizado, fixo e inflexível, que passa a se comportar conforme os enunciados funcionem, ocupando posições diversas, gerando maior dinamicidade no discurso. Os sujeitos utilizam o espaço do texto para interagir entre si, sendo essa interação com o outro, fundamental na construção de sua identidade.

Outro aspecto que merece menção é o fato de que, em uma mesma FD (Formação Discursiva), existir vários sujeitos enunciadore, ainda que seus materiais significantes sejam distintos. Exemplo disso pode ser constatado em campos como os da Cultura e das Artes, onde um mesmo movimento pode reunir manifestações de áreas diferentes.

Incrementando esse pensamento, Cardoso (2003) realça que:

Falantes, escultores, pintores, músicos, arquitetos podem ser sujeitos enunciadore de uma mesma formação discursiva, isto é, podem participar da mesma prática discursiva, por meio de diferentes materiais significantes. É nesse sentido que se pode falar em Romantismo na literatura, na música, na pintura (CARDOSO, 2003, p. 47).

Fortalecendo a importância da natureza dos discursos, Bakhtin (1986) reitera essa relevância ao comparar que o menosprezo pela natureza dos discursos equivale a abolir o elo entre linguagem e vida. A partir de afirmações como esta, fica evidente a contribuição que o discurso presta nos inúmeros processos cotidianos de manifestação da linguagem.

Outro fator que merece atenção ao se considerar e analisar o discurso é o viés ideológico que carrega, mas que, na maioria das vezes, encontra-se implícito, exigindo dos que enfatizam as ideias discursivas maior esforço. Entre os vários elementos intrínsecos ao discurso estão os fatores ideológicos, os quais, somente podem ser detectados se forem consideradas as cargas valorativas que as palavras carregam.

Prova disso, pode-se ser constatada, por exemplo, em Bakhtin (1986), o qual, ao aludir à carga que uma palavra pode ter, desperta para os aspectos ideológicos do discurso ao afirmar

que as palavras trazem consigo uma carga de valores, resultados das ações apreciativas desenvolvidas pelos grupos, que usam como suporte ou referência a ideologia.

Pêcheux (1975), também reforça esse entendimento ao evidenciar que:

As palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas (PÊCHEUX, 1975, p. 160).

Ora, fica claro que o discurso carrega consigo uma referência, na qual, as palavras, frutos das atividades avaliativas dos indivíduos irão se apoiar: a ideologia. Assim, o modo como os termos são empregados, a força expressiva que trazem consigo dizem muito do pensamento ou das ideias predominantes em determinado contexto.

Também não há como se falar em discurso sem considerar dois elementos indispensáveis ao seu funcionamento: o dialogismo e a polifonia. Conforme já mencionado, a polifonia corresponde às diversas vozes que compõem um texto. Já para Barros e Fiorin (1999, p. 2) “o dialogismo é concebido como o espaço em que ocorre a interação entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro no texto, é condição para que o discurso possua sentido”.

Reiterando a dinâmica inerente ao contexto dialógico, Bakhtin (2000), considera que:

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estarão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, do desenrolar do diálogo, ao sabor de uma evolução, eles serão lembrados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento (BAKHTIN, 2000, p. 413).

Ainda com base nos entendimentos de Bakhtin (1986), importante se faz esclarecer o entendimento de texto, que não deve ser confundido com discurso. Nesse sentido, para o teórico o texto é construído polifonicamente por filamentos ideológicos de vozes que debatem entre si, complementando-se ou respondendo umas às outras. No texto, portanto, segundo a compreensão bakhtiniana, uma teia de vozes divergentes e polêmicas incidem, complementando-se ou exibindo respostas entre si, em uma verdadeira cadeia polifônica.

Nessa relação discurso-texto, é válido acrescentar o que diz Cardoso (2003) para quem é a pluralidade de textos que irá constituir um discurso, o que equivale também dizer que um só

texto pode ser transversal por inúmeros discursos. Assim, quando produzimos um discurso memorialista vários serão os textos possíveis de serem detectados. Por sua vez, a leitura de textos bíblicos, por exemplo, nos permite identificar a presença de vários discursos que o atravessam.

É a partir dos estudos de Foucault, por exemplo, que elementos como a concretude, heterogeneidade, ideologia e carga histórica das quais se revestem os discursos, passaram a ser mais bem enfatizados, afastando-se essas novas tendências, inclusive, de Saussure para quem a língua é tida como abstrata e própria para o desenvolvimento de um sistema sincrônico e homogêneo.

Intrínsecos ao discurso, a carga histórica e os aspectos ideológicos também ganharam notabilidade após os estudos desenvolvidos na perspectiva teórica francesa. Prova disso são os estudos de Pêcheux para quem a Análise do Discurso deve também se fundamentar nas bases do materialismo histórico. Reiterando tal preocupação, Brandão (2007) menciona que Pêcheux desenvolve uma teoria com vistas a articular a concepção de discurso de Foucault e uma teoria materialista do discurso.

Por essa linha de pensamento, os estudos de Pêcheux (1975), que também aprofundam outros teóricos da linha francesa, permitem que a Análise do Discurso ganhe novas conotações no tocante à percepção dos elementos ideológicos, históricos e sociológicos implícitos, intencional ou inconscientemente, nas vozes discursivas que estão presentes no discurso.

Ademais, ao referir-se às contribuições de Pêcheux (1975), Brandão (2007, p. 36) reitera que seu legado está no fato de enxergar nos protagonistas do discurso, não a existência de “organismos humanos individuais”, mas a simbologia de lugares definidos na estrutura de uma formação social, nos quais a Sociologia age, descrevendo o feixe de traços objetivos.

Por esse viés teórico, os lugares nos discursos representam, assim, os pontos de partida para a construção de sentidos. É a partir deles que os sujeitos, reciprocamente, vão sendo construídos, ouvindo e sendo ouvidos, (re) significando e sendo (re) significados. Como exemplo de discursos cujas vozes discursivas carregam, com intenção ou não, elementos implícitos (ideológicos, históricos, sociológicos, etc.) estão àqueles abordados em gêneros textuais que versam sobre a relação Padre Cícero e Juazeiro e os contributos culturais e identitário oriundos desse vínculo.

Nessa perspectiva, ao tomarmos como referência os gêneros selecionados para o trabalho em curso (cordel, bendito, curta e memórias literárias) verificamos a presença de alguns desses implícitos a que Pêcheux (1975) se refere.

É nesse itinerário, portanto, que direcionamos o presente estudo, abordando os gêneros

selecionados, identificando os implícitos que nele constam e suas contribuições na relação Padre Cícero e Juazeiro na perspectiva da cultura e identidade.

Nesse sentido, a partir da abordagem, por exemplo, de um gênero como cordel (ou qualquer outro aqui selecionado), cujo tema seja Juazeiro e/ou o Padre Cícero, direcionado na perspectiva das contribuições da cultura e identidade, é possível detectar fatores históricos, sociológicos e ideológicos que podem ajudar a compreender o contexto em que foram produzidos, conscientemente ou não, conforme se verá adiante.

O entendimento de Pêcheux (1975), desse modo, só corrobora que não devemos conceber o discurso como um espaço em que o “eu” prepondera como elemento imutável, fixo e com o total controle da enunciação, dado a variedade das funções ocupadas pelos sujeitos na dinâmica em que um discurso está inserido.

Essa dinâmica que os interlocutores assumem na consecução de um discurso representa um diferencial, principalmente no tocante à análise de textos nos dias atuais. Enxergar um texto sob a perspectiva de sujeitos flexíveis, atuantes nas mais distintas posições, proporciona uma riqueza singular aos enunciados, colaborando para um texto mais solto, aberto a indagações, questionamentos, ou seja, passa a representar um espaço em que os sentidos vão sendo construídos.

Na contramão dessa visão, desconsiderar as perspectivas de interação presentes em um discurso, reduzindo-o a uma visão monológica, como espaço em que apenas um sujeito isolado, pronto e acabado atua, desponta para o empobrecimento textual, pois ainda que os aspectos monológicos detenham, no tecido textual, sua relevância e contribuição, considerá-los isoladamente, descartando elementos como dialogismo e polifonia é correr o risco de se deter apenas à superfície textual, sem mergulhar em sua devida profundidade.

Percebe-se, assim, que a Análise do Discurso de linha francesa contribuiu para que o discurso fosse visto também como campo de construção de sentidos, no qual, os papéis dos sujeitos envolvidos constituem elementos fundamentais.

Não se quer com isso desconsiderar os avanços dos estudos sobre a linguagem/língua e, por conseguinte, sobre a noção de discurso, desenvolvidos por grandes teóricos, a exemplo de Saussure. Certamente, a Linguística estruturalista exerce papel fundamental no que atine ao discurso. Todavia, para uma melhor compreensão da Análise do Discurso e dos elementos que a integram é imprescindível considerar o viés ideológico, bem como o contexto social, histórico, cultural em que determinado discurso foi produzido.

A ideia de construir sentidos e atribuir aos sujeitos vozes variáveis dentro de uma análise discursiva, permite-nos um contato com elementos mais subjetivos e peculiares do próprio

discurso, características que perpassam as limitações teóricas de ciências como a Linguística estruturalista, que propiciam enxergar possibilidades discursivas dispersas a depender da funcionalidade dos sujeitos envolvidos.

Outro aspecto relevante abordado pelos estudos da linha francesa diz respeito aos espaços das memórias discursivas. De fato, as memórias representam a retomada, reafirmação de algo já dito ou o revestimento de uma informação existente, mas com uma nova roupagem: a visão de quem (re) conta.

Coutrine e Marandin (1981) apontam três domínios de memórias como relevantes na compreensão da temática na Análise do Discurso: o domínio de memória, o de atualidade e o de antecipação.

Interessa-nos aqui, o primeiro tipo selecionado pelos autores, uma vez que define os domínios de memórias como o conjunto de sequências discursivas pré-existentes. Essa colocação nos permite enxergar as memórias na Análise do Discurso como aquilo que é (re) contado sob uma nova perspectiva, na visão de um sujeito que, constituído de saberes e experiências e inserido em uma posição determinada em um discurso, relata seus saberes atrelados a uma carga histórica, sociológica e ideológica que lhe é peculiar.

No que concerne ao objeto deste trabalho, a saber, a relação Padre Cícero e Juazeiro, essa peculiaridade histórica, sociológica e ideológica pode ser observada, uma vez que os sujeitos integrantes do discurso refletem as manifestações e pensamentos que incidem sobre eles.

Ante as considerações expostas, fica evidente que a Análise do Discurso confere ao discurso um caráter flutuante, flexível, não acabado e que a define também como um espaço, no qual, os sujeitos, em sua incompletude, buscam complementar-se.

A respeito dessa descentralização, Brandão (2007) realça que:

Por ser marcado espacial e temporariamente, o sujeito é essencialmente histórico: e porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico (BRANDÃO, 2007, p. 49).

Nesta direção, a dimensão social do discurso, tão enfatizada pelos teóricos franceses é que propiciou à Análise do Discurso uma visão mais aprofundada das práticas sociais, das vivências históricas e ideológicas dos interlocutores envolvidos, das possibilidades de sentidos diversos que podem ser construídas, (re) significando as informações discursivas num processo dialógico, dinâmico, instável, disperso e profundo.

A Análise do Discurso, portanto, apresenta-se segundo Brandão (2007, p. 80) “como

uma disciplina não acabada, em que o linguístico é o lugar, o espaço, o território que dá materialidade, espessura a ideias, conteúdos, temáticas de que o homem se faz sujeito; não um sujeito ideal e abstrato, mas concreto, histórico, por natureza”. É necessário, nesse sentido, reconhecer como um campo em construção, onde os sujeitos concretos interagem a todo o momento, assumindo posições distintas e corroborando para a materialização das ideias.

2.2 DISCURSO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: IMBRICAMENTOS

Uma das ciências imprescindíveis ao conhecimento do passado humano é a História, uma vez que registra fatos, pessoas, situações, determina marcos relevantes, colaborando para a constituição de acervos a outras gerações. Não fossem os registros desenvolvidos pelos historiadores, muito do que hoje se conhece teria se perdido nas lacunas do tempo e faltaria às sociedades posteriores, o legado deixado por seus antepassados.

Nessa direção, reiterando as contribuições das memórias para uma compreensão eficiente dos fenômenos sociais, Le Goff (2003, p. 422) considera que: “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”.

Essa postura da história de retrair-se em determinados contextos e transbordar-se em outros, só reforça sua dinamicidade. Assim, é através dela que se reconhecem os avanços e recuos ocorridos em determinados contextos sociopolíticos, econômicos, culturais, dentre outros. Ela representa, pois, enquanto ciência, instrumento basilar para que a sociedade conserve o passado, repense o presente, que tão logo se tornará passado e planeje o futuro.

Sob esta ótica, as estratégias de levantamento, coleta ou reunião de dados para a confecção da informação histórica são as mais diversas. Desse modo, o homem pode se basear em documentos escritos, registros fotográficos, testemunho de fatos via memórias (contemporâneas ou não), dentre outros recursos.

Areladas a História estão às memórias, representando fonte viva que se mantém próxima à origem dos fatos, conferindo maior autenticidade e confiança àquilo que é dito. É importante anotar que a memória não está apenas nas pessoas, mas nos artefatos, nas tecnologias, nas estátuas, nas edificações, nos objetos, nos textos, nas obras de arte em geral, etc. A memória se constitui de documentos, monumentos, falas, lembranças, etc.

Thompson (1992, p. 197) ao se referir à importância da memória assim se posiciona: “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral

permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”.

Nessa perspectiva, ao utilizar as memórias como fonte para a constituição de um acervo, um historiador vai fundo nos aspectos mnemônicos, extraindo nas camadas mais profundas as relíquias guardadas por quem se apropria de uma informação. A própria história é prova disso. Há inúmeros fatos que hoje conhecemos sobre os quais historiadores, no passado, tiveram que se debruçar.

Muitas das informações são oriundas não apenas dos registros documentais, mas de depoimentos memoráveis, que conseguiram resgatar passagens expressivas a partir da ótica dos mais experientes. E quanto mais valioso um fato apreendido via memória, mais nos vem à ideia da profundidade necessária para se chegar a tal informação. Isso nos mostra quão profundo é o percurso percorrido na busca de memórias que, não só mantenham a essência do que foi dito, em sua origem, como enriqueçam os acervos históricos existentes atualmente.

Deparamo-nos, desse modo, com pessoas ou materiais que têm propriedade naquilo que informam e que, mesmo sendo contemporâneas ou não das informações repassadas, conseguem descrever com minúcias fatos que conferem ao texto histórico um caráter singular.

Concebemos, assim, que o principal colaborador no relato das memórias é o ser humano. Mesmo com suas limitações pessoais ou atreladas à hierarquia do contexto em que se situa, manifesta-se seja oralmente, seja na escrita, constituindo acervo fundamental na (re) construção de um passado. Os velhos, então, desempenham bem esse papel no interior de uma sociedade, é a voz viva do passado, ecoando ainda que em meio às fragilidades típicas da idade.

Bosi (1994, p. 03) explica bem isso ao descrever que: “Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina sola, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis”.

Nessa configuração, a abordagem das memórias pode ser encarada também como um ato de superação na busca de ser fiel àquilo a que se refere. É justamente nesse ponto que as memórias se diferenciam de outros instrumentos auxiliares à coleta de dados: elas são ricas em detalhes, estão mais próximas do ponto de vista social de quem viu, vivenciou ou colaborou para o compartilhamento através de gerações. Por este paradigma, estar mais próximo dos fatos narrados, vivenciá-los ou compartilhá-los confere ao discurso maior prestígio, refletindo, conforme já mencionado, segurança àquilo que é partilhado.

Dessa maneira, a história, sob a ótica das memórias, ainda permite o rompimento de barreiras, a formulação de novas visões, a construção de outros paradigmas, a retextualização

de fatos, enfim, propicia a reescrita da própria história que vai ganhando contornos inéditos cada vez que é repassada a outras gerações. Ressaltemos que entendimentos recentes da historiografia a partir dos anos 80, despertam para um novo protótipo na relação memória versus história, compreendendo que o elo entre ambas não se daria apenas no campo da complementação, como também da oposição.

Bresciane e Naxara ao mencionarem Seixas (2001), fazem a seguinte alusão à relação acima estabelecida:

Recentemente, a partir do início da década de 80, a historiografia vem afirmando noção diversa; ela toma consciência de que a relação memória-história é mais uma relação de conflito e oposição do que de complementaridade, ao mesmo tempo- aqui se inscreve a novidade da crítica- em que coloca a história como senhora da memória, produtora de memórias (SEIXAS, 2001, p. 39).

Partindo dessa compreensão, é fato que as memórias exercem papel fundamental na história, revelando com maior nitidez as oposições e conflitos que se estabelecem nos fenômenos sociais cotidianos. Todavia, a argumentação dos críticos a essa visão apontam para outro caminho: o de que ambas estão intrinsecamente relacionadas a ponto de definirem a história como produtora de memórias.

Vale salientar que, as contribuições advindas da história para a memória e vice-versa, são fundamentais para a sustentação da ideia de complementaridade entre elas. Conforme já mencionado, a relação de oposição, em determinados contextos, pode até ocorrer, contudo, não descaracteriza o liame principal entre história e memória, a saber: o de reciprocidade.

Reconhecer a relação história e memória é fundamental para quem compartilha um legado, uma vez que nesse compartilhamento de informações, não poderá descartar o papel que o espaço e o tempo exerceram sobre os fatos narrados. Desse modo, se as memórias permitem revisitar o passado, apropriar-se dos fatos, recontá-los revestidos de uma nova roupagem e manter-se o mais fiel possível a proposta inicial, a história, por sua vez, abrange aquelas e fornece todos os instrumentos que propiciarão a assimilação e aceitação de um conhecimento ou informação partilhada. Assim o lugar, as circunstâncias, o momento, o agir, o falar, o pensar, entre outros elementos, denunciam em que contextos exatamente situaram as informações, conferindo maior propriedade ao que foi compartilhado.

A história é um dos instrumentos que ajudam a manter vivos os acontecimentos, entre eles, os fatos mnêmicos, logo, as informações relacionadas à memória não são as únicas que ela detém. Contudo, a relação entre elas é tão consistente que uma acaba de certo modo levando à outra. Nesse sentido, se pelas memórias conseguimos retomar determinado momento da

história, a própria história em si reporta a elementos do passado. Não há como negar, portanto, que a abordagem dos fatos historiados de um povo, por exemplo, representa também uma revisitação às memórias.

O mais interessante é que, quando a história relata fatos passados, apresenta-os, muitas vezes, com as minúcias que lhes são inerentes. Prova disso são as descrições constantes nos livros de história sobre determinadas civilizações. Há riquezas de detalhes quais sejam: quem era o povo, sua culinária, a língua oficial, moeda, conflitos nos quais se envolveu, vitórias e derrotas, fronteiras, entre outros que nos fazem viajar no passado como se lá estivéssemos.

A história constitui relevante acervo de memórias e é graças a ela que muitos registros se tornaram oficiais e que informações seculares foram mantidas, algumas na íntegra, outras, com a veracidade que o tempo permitiu. Contudo, ressaltar o interesse pelas minúcias culturais de um povo é objeto de interesse das correntes historiográficas. Prova disso é a marxista, cujo alvo gira em função das estruturas econômico-sociais. Assim, além de ter maior amplitude, a história legitima poder e não sobrevive apenas de memórias, mas bebe consideravelmente dessa fonte, principalmente quando há exatidão ou consistência no que se partilha.

Nesse sentido, Rosa (2007) evidencia que:

A história é uma forma de memória, mas nem todas as formas de memória são história. O argumento que se desenvolve aqui é que a história não pode se esgotar na memória, o que tem como consequência que o ensino da história não pode se limitar à recordação de fatos passados e ao esquecimento de outros. Evidentemente, história é recordação e esquecimento, mas não é só isso: é muito mais. A memória encontra-se, assim, prisioneira da história ou encurralada nos domínios do privado e do íntimo, transformou-se em objeto e trama da história, em memória historicizada. Esse movimento é inexorável e sem volta, toda memória hoje em dia é uma memória exilada, que busca refúgio na história: restam-lhe, assim, os lugares de memória (“de uma memória que apenas vive sob o olhar de uma história constituída”) como seu grande testemunho (ROSA, 2007, p. 54).

Sob este paradigma, se a história abriga às memórias, é também por elas alimentada. No entanto, a memória só exercerá sua contribuição efetiva, quando ocupar seu espaço na história, caso contrário, será apenas fato individual e isolado. Desse modo, quando encontram seu lugar na história, as memórias constituem acervo extremamente relevante na reinvenção e ressignificação do passado. Isso só se torna possível porque história e memória, quando abordadas pelo historiador de forma consciente e efetiva, complementam-se e interligam-se, contribuindo com a riqueza a elas inerente.

O mais importante nessa relação é compreender que estão entrelaçadas, interligadas e,

apesar de a história ser mais ampla e guardar consigo a qualidade de abrigo das memórias, ambas constituem ferramentas sociais imprescindíveis a uma comunidade que pretende manter viva a chama de suas raízes.

2.2.1 Discurso: a materialização da História e da Memória

No estudo das memórias, não há como dissociar a relação confluyente que ela estabelece com o discurso e a história. No processo de resgate das informações nos deparamos com vários sujeitos envolvidos: os interlocutores, os quais, numa dinâmica constante ocupam posições distintas extremamente atreladas ao lugar social em que estão inseridos. Constitui-se assim o discurso.

Por esse ângulo do estudo das memórias, é possível observarmos que o discurso se manifesta na retrospectiva que se faz de fatos passados, ou seja, não há como se pensar às memórias sem considerar a importância do discurso para sua consecução.

Paralelamente, caminha a história. Ela remete a um contexto específico, que permite identificar e compreender as vozes sociais de uma época com suas devidas peculiaridades.

Sob esta ótica, percebemos que as inúmeras vozes presentes em um discurso se cruzam, podendo exercer entre si uma função suplementar, de concorrência ou até mesmo de incompatibilidade. Brandão (2007, p. 53) elenca bem isso ao expor que “o discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes contraditórias”.

Logo, no estudo das memórias essa característica discursiva também se manifesta. A narrativa de um fato que atine ao passado traz consigo vozes diversas que, em seu cruzamento, podem exercer as mais distintas funções. Sendo assim, há vários fatos mnêmicos cujas vozes se complementam, preenchendo possíveis lacunas ou até esclarecendo trechos obscuros.

E se as vozes em um discurso têm o poder de complementaridade, também o tem de atuar concorrentemente, o que pode acabar sendo proveitoso para a história que irá dispor de mais de uma versão de um mesmo fato memorialístico, exemplo disso pode ser observado no objeto de estudo do presente trabalho. Se considerarmos a figura de Padre Cícero e sua relação com fenômenos pontuais da história de Juazeiro do Norte, veremos que incidem sobre o sacerdote discursos cujas vozes agem convergindo, divergindo ou se complementando.

Nessa perspectiva, basta tomarmos como referência a polêmica passagem de Lampião por Juazeiro para compreendermos as várias versões discursivas incidentes sobre essa visita. Portanto, assim como existem autores que corroboram para a cumplicidade do sacerdote com o cangaço, rotulando-o como “coiteiro de cangaceiros” (Facó, 1976) ou “arui-coronel” dos

sertões (Mello, 2012), há os que defendem Padre Cícero privando-lhe de ter qualquer culpa na vinda de Lampião a Juazeiro (Barbosa, 2010, Walker, 2017; 2019).

Outro fato que divide opiniões é a chamada “Sedição” da cidade. Desse modo, se a tropa do famoso “Batalhão Patriótico”, era tida como inevitável à queda do governo de Franco Rabelo e necessária à libertação de Juazeiro (Barbosa, 1997) para outros foi uma legião de jagunços e criminosos responsáveis pelas mais duras atrocidades (Teófilo, 1969).

Por fim, podemos mencionar ainda, os pontos de vista inerentes ao “provável” milagre em Juazeiro. Para isso, basta recordar que o discurso apregoado pela igreja à época do fato era de tom reprovativo, culminando, inclusive em graves sanções aos envolvidos (Padre Cícero e a Beata). Por sua vez, na contramão do que pensavam e diziam as autoridades da época, a população não só entendia como legítimo o fenômeno, como corroborou para o reconhecimento e valorização dos que dele participaram.

Nesse embate discursivo, é possível identificar forças antagônicas e discursos de dominação e de resistência. Esse travamento de lutas discursivas representa o que Bakhtin (1997) define como forças centrípetas e centrífugas. As centrípetas correspondem à força dominante. Por sua vez, as centrífugas são as que resistem a essa dominação buscando desconstruir o discurso prevalecente.

No caso específico de Padre Cícero e sua relação com Juazeiro, as forças centrípetas acabam sendo prevalecentes, não somente em virtude da vasta produção literária Pró-Cícero existente, como também pelo emprego de um discurso convicto em defesa do sacerdote. Tudo isso, somado ao impacto que o vigário representou e, ainda configura, para o crescimento galopante do lugar faz com que o discurso dominante prepondere.

Polêmicas a parte, o que tentamos esclarecer acima, é que sobre um mesmo fato podem incidir versões diferenciadas. Do ponto de vista discursivo, isso não deixa de ser positivo, dado que, pesquisadores e outros curiosos dos fatos, disponibilizarão de variantes do assunto. Nesse caso, o retorno a fatos passados exigirá que um pesquisador ou historiador se debruce sobre as minúcias de cada versão, identificando através de elementos como lugar social, tempo (contexto), ideologia, entre outros fatores, a concepção mais pertinente.

A linha entre história e memória é tão tênue que, em algumas situações, fica quase impossível dissociá-las. Assim, quando executamos o retorno ao passado, muitos fatos estão atrelados às condições históricas em que foram pensados e/ou consumados.

A memória está presente na história e vice-versa. Essa relação ainda é permeada pelo discurso, no qual transitam as falas dos interlocutores que interagem entre si, remetendo há um tempo e lugar próprio. Esses três elementos estabelecem um movimento cíclico, através do qual

influenciam e são influenciados, determinam e são determinados ao mesmo tempo.

Ainda no que concerne ao discurso, efeitos de sentido construídos no cotidiano social nos processos de interlocução, os interlocutores interagem a todo o momento nas mais diversas situações e sobre variados temas. A partir desse entendimento, não se pode conceber o discurso como um processo imutável, isolado e que se encerra em si mesmo.

Outro aspecto relevante é que não se deve dissociar do discurso fatores como o lugar social, os interlocutores para quem se diz algo, muito menos a significação que este passa ter em relação aos outros.

Fica evidente, desse modo, a carga significativa que o discurso ganha em relação aos outros elementos. Entre eles, enfatizamos o lugar e o público para quem uma informação passa a ter sentido. Isto, porque esses elementos são imprescindíveis para uma melhor compreensão do discurso e seus desdobramentos. Reconhecer o lugar social e os sujeitos envolvidos na produção de sentidos é compreender o contexto atinente às condições em que se desenvolveu determinada situação discursiva.

Por esse viés, a relação Discurso, História e Memória tornam-se mais cristalina, uma vez que os fatos, as condições sociais e o espaço em que foi produzida nos permitem perceber de modo mais efetivo a estrutura que permeia determinado discurso. Reforçando esse entendimento, Cardoso (2003, p. 21) compreende que “O discurso é, pois, um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas”.

Desse modo, ao analisarmos um fato histórico ocorrido numa época específica, certamente ali estarão presentes elementos que denunciam as condições em que se deram os conhecimentos produzidos, os fatores sociais, o ponto de vista de determinado grupo dominante a quem aquele discurso interessa, o viés ideológico que norteou o pensamento e a postura adotados. Esse jogo só ocorre, porque no campo do discurso, apesar de transparecer a ideia de monólogo, há presença das variadas vozes interagindo dialogicamente, reforçando a ideia de discursos heterogêneos, os quais incidindo sobre conflitos, visam o equilíbrio.

Ressalta-se que, nem sempre, a priori esse campo de forças é facilmente detectado. Às vezes, é (são) necessária (s) (re) leituras de um mesmo fato para que se possam identificar as lutas ou embates ideológicos presentes, embora travestidos e/ou subentendidos em determinado contexto.

Nesse paradigma, cumpre destacar o discurso como um campo onde atuam as forças sociais. As lutas enfatizadas por Foucault correspondem aos entraves ideológicos que se estabeleceram em determinado momento, além de denunciar marcas históricas, típicas de um

contexto específico, na maioria das vezes, imprescindíveis à compreensão do que foi produzido. Sob essa ótica, é relevante ressaltar que a linguagem empregada para relatar dados históricos revela as intenções e interações entre os interlocutores envolvidos, assim como os espaços por eles ocupados, além, é claro, das peculiaridades temporais inerentes ao contexto em que se consolidou a interlocução.

Atrelada ao discurso e à história está a memória, que consiste em trazer a tona um entendimento sobre algo já ocorrido. Nessa reescrita ou recontagem de fatos, as informações podem ganhar nova significação, tendo em vista a dinamicidade, uma das peculiaridades do discurso. O retorno aos fatos passados, portanto, não só permite reviver ou retomar algo ocorrido, como também dar-lhe novo sentido, uma vez que os fatores do presente não podem ser desconsiderados nesse processo.

A título de observação, é relevante mencionar que os motivos pelos quais se recorre a um fato passado podem ser os mais variados possíveis. O retorno às memórias antigas pode se dar como um processo automático da mente. Às vezes, uma situação específica como uma música que toca, um filme ao qual assistimos, um perfume que exalamos, entre outras situações, podem nos remeter a um momento anterior específico. Este retorno pode se dar ainda com o propósito consciente de registrar, documentar fatos, manter viva a essência de uma comunidade ou constituir o acervo literário de um povo. É o caso das Literaturas memorialistas existentes, e o mais interessante é que os textos dessa natureza carregam consigo traços que demarcam com a melhor fidelidade possível, os fatos aos quais se referem.

Diferentemente da forma espontânea de recorrer ao passado, a memória documental consciente é mais técnica e pode até reunir informações mais precisas, no entanto, não contam com o imediatismo de quem relata um fato porque um acontecimento o despertou.

Outra concepção notável de memória pode ser detectada nas palavras de Bosi (1994) que considera a memória uma reserva que progride a todo tempo, apropriando-se de toda a experiência por nós adquirida. Bosi (1994), a esse respeito nos remete ainda a compreensão e distinção de duas memórias, as puras e as de hábito, sendo as primeiras as lembranças isoladas, singulares, constituindo verdadeiras ressurreições do passado, ao passo que as de hábito são as dos mecanismos motores.

Referida observação passa a ser de extrema relevância ao estudo que ora se desenrola, uma vez que interessa aqui, abordar a memória pela primeira perspectiva, como uma viagem ao passado, analisando, principalmente, as várias vozes que se cruzam no discurso social, cultural e identitário advindos da relação entre Padre Cícero e a cidade de Juazeiro.

A memória motora (de hábito) a que se refere Bosi (1994) é impregnada de técnicas que

artificializam seu uso. A forma mecanizada como são desenvolvidos os métodos para facilitar a aquisição e armazenamento das informações pode até ser eficiente, mas empobrece o processo de referência ao qual se reporta.

Por sua vez, as memórias puras guardam consigo um melhor teor das informações. Elas tendem a se associar a origem dos fatos com mais rigor. É certo que, nesse processo de ida ao passado via memória, pode ocorrer o entendimento enganoso ou equivocado de uma situação, porém, a memória pura ainda consegue conferir mais originalidade, maior confiabilidade e pertinência em relação à determinada passagem.

Cumpre esclarecer, contudo, que o entendimento de memória não pode se resumir a reviver determinadas lembranças. Sua essência perpassa essa compreensão, tomando uma dimensão bem mais aprofundada. Nessa perspectiva, Bosi (1994) atine a um novo conceito de memória, que passa a ser vista também como trabalho, flexibilizando e superando a compreensão das lembranças como meros fatos revividos.

Esse posicionamento é realçado quando Bosi (1994, p. 16) afirma que “o caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje. A memória não é sonho, é trabalho”.

Ainda no tocante ao estudo das memórias é relevante destacar que as lembranças hoje partilhadas estão atreladas aos vários elementos a nossa disposição. Assim, há um conjunto de fatores que convergem na construção de nossa consciência atual, diferenciando a lembrança ora relatada de fato vivido em uma época específica. Exemplo disso pode ser constatado nas palavras de Bosi (1994) ao definir a lembrança como:

Uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 17).

A observação da autora colabora na desconstrução de uma ideia que ainda parece prevalecer para muitos, a de que o fato recordado se repete na íntegra na sua essência, imutável e sem qualquer influência. O que há, na verdade, é uma carga de fatores sociais, juízos e outros aspectos que incidem sobre essa retrospectiva, povoando nosso pensamento e alterando o modo de pensar. Uma vez que não somos os mesmos, não há como se recorrer a tal e qual, sem que nossas vivências e valores incidam direta ou indiretamente sobre ele.

Existe ainda outra perspectiva proposta por Halbwachs (1990, p. 16), ao defender que

“Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais”. A afirmação de Halbwachs (1990) complementa o pensamento ora elencado, já que tanto no resgate de um fato antigo quanto na tentativa de enquadrar no passado uma informação atual, é evidente a influência que o presente exerce, seja modificando, promovendo adaptações, rupturas, acréscimos, ressignificações, entre outras interferências.

Além disso, nossa maturidade social corrobora para que, enquanto sujeitos, recorramos às lembranças de modo diferente. Não somos mais os meninos sociais, amadurecemos. Neste processo de maturação nos tornamos velhos sociais, acumulamos experiências, saberes e estamos expostos às influências que nos permeiam. E tudo isso, embora não percebamos, incide sobre o resultado final de nossas lembranças.

Nesse caso, o olhar do historiador e do pesquisador em geral será fundamental para discernir a proporção do impacto que as informações contemporâneas exercem sobre dados passados, uma vez que quando recorremos às recordações, não apenas estamos reescrevendo ou resignificando informações, como também identificando e compreendendo traços que apontam para as peculiaridades de um povo, seja na forma individual ou coletiva.

Para um reconhecimento mais preciso do espaço ocupado pelas memórias na história e nas condições discursivas em que se desenvolveram, faz-se necessário abordar o que dizem os principais teóricos sobre o termo. Nessa perspectiva, Le Goff (2003) salienta que a memória é capaz de manter informações em um momento específico da história e atribuir-lhes novo significado posteriormente.

A definição de Le Goff (2003) nos apresenta, desse modo, dois aspectos importantes da memória que devem ser consideradas no âmbito discursivo: a primeira é a capacidade de o homem conservar informações, a segunda é a possibilidade de ser atualizada. Isso só é possível graças à dinamicidade típica do discurso, que está a todo o momento sendo construído por seus sujeitos interlocutores, os quais não têm uma posição definida, mas ocupam posições que vão sendo firmadas conforme os sentidos e condições estabelecidos.

Contudo, nem sempre as lembranças individuais são suficientes para recordar fato (s) passado (s) de forma consistente. Muitas vezes, nesse retorno no tempo, na tentativa de levantar informações mais precisas, necessitamos da colaboração do outro. esse processo colaborativo pode ser possível ou não, recontar, reescrever ou reconstruir essas recordações. Polack (1992) reforça esse entendimento ao elencar os elementos constitutivos das memórias individual e coletiva, conforme se atesta a seguir:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou

coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLACK, 1992, p. 2).

Até mesmo quando remontamos ao antigo e, na tentativa de recompor uma informação, recorremos a algo que nos foi dito por outrem, este outro faz parte de nossa retomada, não o fizemos sozinhos, porque não estamos sós. Nessa direção, percebemos que nossa memória individual no sentido isolado e independente entendido por muitos, já não é suficiente para retomar passagens plenas de um contexto ao qual nos reportamos, constituindo o que chamamos de memória coletiva. A partir dela, as informações partilhadas por indivíduos confluem, complementarmente, na busca de construir um processo de resgate. Cada sujeito participa, individualmente, em relação a um fato e isso constitui a memória coletiva.

Esse entendimento pode ser atestado nas palavras de Halbwachs (1990, p. 16) “Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós”.

E ainda acrescenta

Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das idéias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles (HALBWACHS, 1990, p. 17).

Esta visão nos proporciona enxergar a relação Discurso, História e Memória de modo, ainda mais interessante, já que ao mesmo tempo em que nos reportamos às recordações constituímos, coletivamente, acervo para sermos também memória. Neste processo cíclico, as produções discursivas vão ganhando novos sentidos e um fato, uma vez reanalisado, certamente acrescentará algo em relação ao que já foi dito.

Essa busca coletiva e colaborativa de fatos anteriores permite-nos identificar e conhecer a situação em que se insere determinado contexto, cujas marcas serão apreendidas de forma mais exitosa quando retomadas por interlocutores em conjunto, uma vez que um indivíduo, nesse processo de busca, necessita do auxílio de outros, configurando o que se denomina memória coletiva.

Finalmente, afirmar que discurso, história e memória caminham juntos é reconhecer a importância que têm entre si, é fortalecer a ideia de que, juntos, propiciam uma compreensão melhor dos fatos abordados. Analisá-los ou enfatizá-los individualmente, sem considerar a reciprocidade existente, pode direcionar a olhar equivocado, distorcido ou incompleto das informações coletadas em determinado contexto, principalmente quanto à temática das memórias. Eles se alinham, mantendo entre si, uma relação de interdependência.

Nesse sentido, há uma via de mão dupla, pois tanto fatos memoráveis quanto históricos podem se fazer presentes em um discurso, como é possível identificar agrupamentos de enunciados impregnados de memórias e de história, o que só reforça ainda mais o entrelaçamento do discurso com a história e a memória.

2.3 CULTURA: A ESSÊNCIA DO VIVIDO

Desde os períodos mais remotos, as civilizações já apresentavam traços que permitiam identificá-las e distingui-las umas das outras. Cada povo carrega consigo peculiaridades que dizem muito a seu respeito. É nesse entendimento que se insere a cultura. A língua, os dialetos, a culinária, o modo de vestir, as manifestações artísticas (danças, músicas, etc.), são algumas das várias tradições que permitem reconhecer os valores de um povo, o que pensa, entre outras interpretações.

Carregada de vários sentidos (sociológico, político, filosófico, dentre outros) é difícil defini-la ou limitar seu campo de atuação. As várias tentativas de compreendê-la só corroboram a ideia de sua vastidão e amplitude, entranhada nas mais profundas ramificações sociais, muito embora, na maioria das vezes, seja abordada sem a devida profundidade.

Apesar da complexidade em conceituá-la, alguns autores se propuseram a compreendê-la. É atribuída a Tylor (1871) a primeira definição do termo, ao enxergá-la como um complexo compreendendo moral, conhecimento, arte, crenças e até lei e costumes adquiridos pela sociedade.

Eagleton (2005, p. 46) a compreende do seguinte modo: “A cultura, então, é o verso inconsciente cujo averso é a vida civilizada, as crenças e predileções tomadas como certas que têm de estarem vagamente presentes para que sejamos, de alguma forma, capazes de agir”.

Hall (2003) define, pois, cultura como

Os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses entendimentos são expressos e nos

quais estão incorporados (HALL, 2003, p. 142).

No que concerne à origem do termo, destacamos o entendimento de Laraia (1997), que sugere que o momento inicial de produção de cultura pelo homem, se deu quando seu cérebro, afetado pela evolução dos primatas, foi capaz de provir desse modo. Por sua vez, para Levi Strauss (1976), o surgimento da cultura teria se dado com a convenção da primeira regra pelo homem.

Nesse sentido, o máximo que nos arriscaríamos a mencionar e de forma ampla, é que a noção de cultura está intimamente relacionada à identidade de uma comunidade. São os traços culturais da sociedade que contribuem para a formação de suas características. E o mais interessante é que as manifestações de cultura são diversas e variam de uma comunidade para outra. Sob esta ótica, a cultura, essencialmente deve estar atrelada ao coletivo. Enxergá-la sob a ótica da individualidade, desprezando a visão crítica imprescindível a ela necessária, é incorrer em equívoco. Nessa linha de pensamento, Eagleton (2005, p. 23) é claro ao afirmar que para exercer sua função efetivamente crítica, a cultura necessita assegurar sua dimensão social.

Fica claro, portanto, que compreender os aspectos culturais de determinada sociedade não é tarefa fácil. Infelizmente, muitos delimitam a compreensão de cultura apenas às manifestações artísticas, representativas das comunidades envolvidas nesse processo, todavia, sua compreensão transcende esse limite, uma vez que pode estar atrelada até mesmo à sobrevivência social.

Exemplo disso pode ser constatado em Bosi (1996, p. 13), ao mencionar que: “Quando desejamos compreender a cultura das classes pobres percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes.”. A autora realça, assim, a ideia de que a cultura é tão intrínseca à vida de um grupo ou comunidade, que está relacionada às próprias necessidades ali detectadas.

Nesse sentido, os tipos de leituras aos quais as pessoas têm acesso, os programas por elas assistidos, os filmes preferidos de sua relação, as músicas prediletas no repertório de escuta, por exemplo, são elementos que podem não só denunciar em que contexto cultural se insere determinado indivíduo, como esclarecer de que modo e em que proporção os fatos repercutem em sua vida social e profissional.

Ainda no que concerne à cultura, é relevante esclarecer que nem sempre as manifestações culturais vivenciadas por um povo, representam seus verdadeiros anseios. Na maioria das vezes, a distância entre os valores vividos e os pretendidos é abismal. Bosi (1996) reforça esse entendimento ao enfatizar que há uma cultura vivida e outra, a qual os homens

almejam.

Importante ressaltar também que há duas formas de cultura nas principais comunidades: a erudita e a popular. É fato que existe entre ambas uma função de complementaridade, porém, não há como se negar, ao mesmo tempo, diferenças significativas entre ambas.

Nessa perspectiva, o aparelhamento a serviço da cultura erudita é bem mais robusto. Os recursos e a estrutura que cercam seus agentes, diga-se de passagem, uma minoria, são capazes de promover mudanças significativas na sociedade, muito embora isso não represente sua autossuficiência ou superioridade em relação a qualquer outro tipo existente. Ao contrário, a cultura erudita tem bem mais a absorver da popular do que se imagina, conforme atesta Bosi (1996, p. 19): “Se existem duas culturas, a erudita terá que aprender muito da popular: a consciência do grupo e a responsabilidade que advém dela, a referência constante à práxis, e afinal, à universalidade”.

Reafirma-se, assim, que a práxis, o atrelamento dos aspectos culturais às vivências e à universalidade acaba por constituírem ferramentas essenciais, que dão sustentação à cultura popular. Sob essa ótica, ela contribui de forma ainda mais enriquecedora, uma vez que emana daqueles que a desenvolvem não apenas por divertimento, mas por necessidade.

Vale realçar o papel determinante exercido pela indústria cultural nos processos de formação aos quais as comunidades são submetidas, direta ou indiretamente. Desse modo, os instrumentos que adentram os lares como, por exemplo, televisão, rádio, livros, revistas, as novas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), de um modo geral, nem sempre ocorrem na mesma proporção, nem com a mesma qualidade.

Certamente, a maioria das programações, textos, canções e outras ferramentas disponíveis são moldadas com objetivos definidos, almejando atingir do espectador, leitor ou ouvinte, apenas aquilo que se propõem a dizer, além, é claro, de visarem pontos específicos como audiência, maior lucratividade, dentre outros fatores.

Essas posturas tendenciosas tolhem o pensamento crítico, em nada colaborando para atos como instigação ou questionamentos de determinados assuntos. Infelizmente, por não enxergarem as entrelinhas daquilo que lhes é ofertado, muitas pessoas acabam tornando-se marionetes nas mãos da cruel e opressora indústria cultural.

Os prejuízos advindos dessa influência são, na maioria das vezes, desastrosos. Sob esta ótica, Bosi (1996, p. 59), referenciando o pensamento de Adorno e Horkheimer, faz colocações pertinentes sobre as consequências inerentes às ações da indústria cultural: “Em virtude da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a autonomia e a consciência. A ordem que daí surge não é jamais confrontada com o que pretende ser, nem com os interesses reais dos

homens”.

Assim, uma vez consolidado na sociedade a contenda entre o que se é o que se pretende ser, a indústria cultural em quase nada contribuirá para o desenlace desse conflito, uma vez que apresenta soluções mirabolantes e por que não dizer utópicas aos dilemas e desigualdades sociais existentes, como se fosse possível resolver as dificuldades em um passe de mágica ou espelhando-se em um final de novelas.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 58), reiterando essa dominação, menciona que “Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear”. Infelizmente, nem todos conseguem experimentar a realidade, muito menos enxergá-la com um olhar questionador e um pensamento crítico aguçado. Nesse sentido, a cultura predominante é a que interessa a uma minoria, privilegiada pelo acesso a informações, que dificilmente seriam disponibilizadas as massas.

Portanto, apesar de haver interação e pontos de convergência entre a cultura popular e outros modelos, aquela só alcançaria os reais objetivos almejados, caso ocorresse uma transformação complexa em sua estrutura.

Além disso, não bastassem à forma enganosa, muitas mídias culturais ludibriam seus ouvintes e espectadores, ainda promovem prejuízos que afetam diretamente as características de um gênero, por exemplo. A oralidade pode ser apontada como um dos alvos afetados. No passado, a maioria das histórias era relatada diretamente pelos narradores, com uma riqueza imensa de detalhes e o diferencial, a forma de contar e de ser absorvida pelo ouvinte.

Com o advento dos meios de comunicação de massa, textos antes abordados na perspectiva da oralidade, tiveram seus narradores orais e individuais substituídos por híbridos, cujos discursos se reportam a um público em geral. Essa modificação promoveu significativas mudanças na estrutura de textos da oralidade. Adorno e Horkheimer (1985) faz menção aos efeitos da indústria cultural ao esclarecer que:

O efeito harmônico isolado havia obliterado, na música, a consciência do todo formal; a cor particular na pintura, a composição pictórica; a penetração psicológica no romance, a arquitetura. A tudo isso deu fim à indústria cultural mediante a totalidade. Embora nada mais conheça além dos efeitos, ela vence sua insubordinação e os submete à fórmula que substitui a obra (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103).

Seria possível enumerar outras consequências ocasionadas pelas ações da indústria cultural, contudo, não é objetivo principal ora almejado, uma vez que o foco é enfatizar a sobrevivência da cultura, reclamando a difusão e reconhecimento que lhes são de direito.

Desse modo, ainda que em meio a turbulências sociais existentes, os próprios inventores e difusores culturais também necessitam atualizar-se, a fim de atender as demandas dos públicos aos quais se reportam, especialmente, as mudanças oriundas das massas.

Sobre essa dinâmica, Laraia (1997), assim se manifesta:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIA, 1997, p. 105).

A preocupação exposta por Laraia é urgente e pertinente. A sociedade necessita estar atenta às transformações em seu entorno, revendo conceitos, desconstruindo preconceitos e, principalmente, compreendendo a heterogeneidade existente quando se trata de cultura.

Não podemos esquecer que a cultura é um elemento fundamental para a manutenção de nossas identidades, dos traços que denunciam o contexto em que estamos inseridos, do que somos, de como pensamos, vestimos, falamos, enfim, de que ela está intrinsecamente relacionada à nossa sobrevivência e que as transformações que nela operam refletem, diretamente, em nossas vidas.

2.3.1 Cultura Popular e Identidade Cultural: fios do mesmo novelo

O mundo em que vivemos é marcado pela presença diversificada de comunidades, grupos e outras formas coletivas de convivência social. Cada comunidade apresenta características peculiares, que funcionam como marcas identitárias. Trata-se de uma diversidade social e cultural que precisa ser reconhecida.

No Brasil, por exemplo, se analisarmos comunidades viventes na região sul, como em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, identificaremos que são propagadoras de práticas que remetem para um contexto específico. Possivelmente, essas particularidades têm a ver com o processo de colonização dessa região que se deu, de modo mais incisivo, por alemães e italianos. Não à toa, o legado cultural advindo dos colonizadores é profundo em quem habita essa área do país.

Por sua vez, se nos debruçarmos sobre estados como a Bahia, identificaremos uma forte presença de elementos que remetem para a cultura afro. Nesse sentido, as danças, músicas, artesanato, culinária, elementos folclóricos, entre outras manifestações, sinalizam a influência

que os africanos tiveram naquela localidade. Mais uma vez, as peculiaridades apontadas, certamente se dão em decorrência da colonização que, no nordeste, ocorreu de modo mais efetivo por portugueses e espanhóis, países historiados como bastantes ativos no comércio escravo.

Os exemplos acima, tanto de estados do sul quanto do nordeste, nos permitem enxergar que as comunidades habitantes dessas localidades guardam consigo marcas culturais que funcionam como identidades, como formas de pertencimento, muito embora, possam também reinventar ou atualizar algo tradicional, conferindo uma nova configuração aos padrões existentes ou, ainda, desenvolver práticas culturais que as identifiquem sem necessariamente guardar relação com sua formação histórica, prática que é natural e, por vezes, necessária, por expressar independência em relação à cultura colonizadora, que pode impor valores que convenham aos seus interesses.

Ao esclarecer acerca da cultura popular, Bosi (1996, p. 65) reforça essa compreensão quando reconhece que “Na cultura popular, novo e arcaico se entrelaçam: os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram”.

Ainda no tocante à dinâmica inerente às manifestações culturais, Bosi (1996) acrescenta que a cultura popular transcende a de massa, apropriando-se de seus elementos e transformando seu cotidiano em arte. Além da apropriação e transformação em arte descrita com propriedade pela autora, não devemos esquecer que a cultura popular carrega consigo a ideia de multiplicidade ou, por que não dizer, de hibridismo cultural que permeia a sociedade brasileira. Também remonta, como veremos adiante, para a noção de resistência, de imposição diante de padrões que tentam ser impostos pela elite, desconsiderando ou negando o legado oriundo de outras classes.

Desse modo, o que importa ao presente estudo é elencar que, seja fruto da influência estrangeira ou resultante de novas criações, as manifestações culturais estão vinculadas a um povo de tal modo, que podem ser tomadas como referência na hora de identificá-lo, pois o imaginário social comporta inúmeras representações.

Nessa perspectiva, é possível reconhecer uma profunda relação entre a cultura popular de um povo e suas marcas identitárias. A fim de reiterar esse entendimento, partiremos das definições de cultura popular e identidade cultural levantando, nos conceitos encontrados, pontos de intersecção entre esses elementos.

Inicialmente, uma definição simples de cultura popular pode ser detectada em Bosi (1996) que a reconhece como um complexo de ideias, imagens, ações e valores. Enquanto que

Assis (2008), a define como um modo de manifestação cultural intimamente ligado ao desconhecido, ao coletivo, à tradição e à oralidade.

Cascudo (1983, p. 689) faz saber que “A cultura popular é o último índice de resistência e de conservação do nacional ante o universal que lhe é, entretanto, participante e perturbador”.

Já em outra perspectiva, Costa (2015) expõe o seguinte posicionamento sobre cultura popular:

Diante das transformações nas concepções da cultura popular, que tangenciam folclore, cultura oral, cultura tradicional e cultura de massa, o emprego da expressão no plural – culturas populares – talvez consiga mais facilmente percebê-la como práticas sociais e processos comunicativos híbridos e complexos que promovem a integração de múltiplos sistemas simbólicos de diversas procedências (COSTA, 2015, on-line).

Nesse sentido, é possível identificar que a cultura popular é transversa por outros eixos como o folclore, a oralidade, a cultura de massa, entre outros, daí o fato de se sugerir sua definição no plural como forma de melhor compreendê-la.

As concepções acima apresentadas acerca da expressão cultura popular nos permitem identificar vários pontos convergentes. Precipuamente, as definições reconhecem-na como sinônimo de ações e valores. Também conflui no mesmo sentido enquanto a apontam como fruto da coletividade, da tradição e da cultura oral e, por fim, dialogam no tocante à resistência e reforçam a necessidade de que suas peculiaridades sejam conservadas em detrimento do universal.

No que alude à ideia de cultura enquanto forma de resistir, Pereira e Gomes (2002) esclarece:

Em todas as sociedades existe um modelo cultural dominante, que representa a força diretiva do poder. Adotar o modelo legitimado significa também garantir o reconhecimento das necessidades que vão sendo culturalmente definidas. Mas, ao lado do modelo legitimado- quase irrecusável-, existem as formas competitivas ou alternativas: há visões de mundo particulares e específicas de certos grupos, localizados em faixas excluídas do processo cultural (PEREIRA; GOMES 2002, p. 248).

Tecidas algumas considerações sobre cultura popular, é importante lembrar que a expressão identidade cultural, incorre na junção entre os conceitos de identidade e cultura que, uma vez fundidos, partilharão elementos suficientes para a construção de uma nova definição. Na verdade, esses conceitos atravessam um processo de desconstrução individual para fluírem numa perspectiva conjunta.

Além disso, se a cultura é também conjunto de crenças, valores, rituais, além de outras, referidas manifestações implicam na participação grupal. Desse modo, ao mesmo tempo em que os indivíduos estão inseridos no coletivo, são influenciados pela cultura inerente ao ambiente ao qual estão vinculados. Logo, os aspectos culturais incidentes nesse meio repercutirão diretamente no processo de formação identitária dos integrantes.

Interessante ainda reconhecer que, uma vez influenciado pelo ambiente em que se inserem, os indivíduos também podem promover interferências. Nesse sentido, o processo de identidade cultural se dá em construção e de forma cíclica, tendo em vista que os integrantes agora moldados pelo coletivo são capazes de alterá-lo. Na realidade, a identidade cultural está atrelada à nova forma de perceber o mundo e definirmos nossas posições para com ele.

Considerando esse processo de interação entre o indivíduo e a cultura em que está inserido, é possível enxergar a dinâmica que permeia a expressão identidade cultural. Trata-se, portanto, de definição em construção, pois não há como compreender indivíduos estáveis com identidade unificada. Na verdade, os indivíduos podem assumir identidades distintas em diferentes contextos.

Nessa direção, Hall (1998) corrobora a dinâmica da identidade cultural ao reconhecer que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 1998, p. 13).

Esse entendimento permite-nos desmistificar e por que não dizer desconstruir o conceito de identidade plena, intocável, inflexível e a revelia do meio em que se vive. Contrariamente, somos convidados a todo o momento a assumirmos nossos posicionamentos em relação ao mundo exterior, a nos apropriarmos de nossas identidades, mesmo que temporárias, já que elas dizem muito de quem somos e de onde viemos.

Ainda no que concerne à identidade cultural, relevante registrar o pensamento de Castells (1999, p. 22) que a entende como sendo “fonte de significado e experiência de um povo”. O referido autor ainda elenca que, em seu processo de construção, a identidade recorrerá a vários elementos, conforme se atesta a seguir:

A construção da identidade vale-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de

cunho religioso (CASTELLS, 1999, p. 23).

Ante as considerações expostas, é cristalino enxergar que cultura popular e identidade cultural são fios que partem de um mesmo novelo. Assim, considerando que os indivíduos em seus processos de construção identitária sofrerão influência da cultura do meio em que vivem e que, uma vez influenciados, incidirão sobre esse novo ambiente, o novelo é o próprio seio social do qual emergem as práticas culturais determinantes para a construção desses dois conceitos.

3. UMA INCURSÃO PELA HISTÓRIA DE PADRE CÍCERO E DE JUAZEIRO NO NORTE – CE

Falar do imbricamento da história de Padre Cícero a de Juazeiro do Norte - CE é matéria sempre complexa. Não é à toa que a literatura em torno do assunto é extensa, sendo a maioria dela em favor do considerado patriarca do lugar, muito embora se encontrem críticas à pessoa do sacerdote e às contribuições dele para a edificação e desenvolvimento do lugar.

Nessa perspectiva, nossa intenção é aqui traçar um itinerário sobre a história local, uma vez que a intenção é situar o interlocutor acerca dos principais pontos do vínculo entre o vigário e a cidade.

No Natal de 1871 quando veio celebrar sua primeira missa no vilarejo denominado Tabuleiro Grande, Cícero Romão Batista, nascido no Crato – CE, em 24 de março de 1844, que tendo se tornado sacerdote, passou na devoção popular a ser chamado de Padre Cícero ou mais comumente de “Padim Ciço”, sequer imaginava o que aquele lugar representaria em sua vida. Apesar de o local ser pequeno em edificações, ocupava uma vasta faixa de terras que se estendia por quilômetros de distância.

Havia ali poucas famílias, muito embora o lugar fosse, geograficamente, estratégico para o trânsito de pessoas, principalmente para mascates e outros comerciantes ambulantes que circulavam pela região comercializando seus produtos, utilizando-se, para isso, do espaço sombreado por três pés de juá, árvore que mais tarde daria nome à cidade.

A pequena capela ali edificada recebeu os moradores da localidade para recepcionar o celebrante. O padre, de voz entoada, contava com 28 anos de idade, estatura baixa, cabelos loiros, pele branca e impressionantes olhos azuis.

Figura 04: Padre Cícero



Fonte: Diocese de Apucarana (2020).³

Reza a história local inscrita no imaginário popular, que após um dia cansativo de confissões e missa, enquanto descansava em seu alojamento caiu no sono, tendo uma visão que impactaria seu destino. Aos amigos mais próximos, o sacerdote revelou ter visto uma cena semelhante àquela representada pelo pintor Leonardo da Vinci, quando descreveu em sua tela a “Última Ceia”. No referido sonho, Jesus teria incumbido a ele a missão de tomar conta dos juazeirenses.

Em sua obra “O Padre e o Romeiro”, Barbosa (1997) descreve tal visão:

Numa dessas visitas, tendo que pernoitar num salão de escola, sonhou que estava sentado à cabeceira da grande mesa quando vê entrar Jesus Cristo rodeado dos apóstolos que logo rodearam o móvel. O Messias, colocando-se de pé, bem atrás da cadeira onde o padre permanecia, disse: “Estou magoado com as ofensas que os homens me têm feito. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, porém, se não se corrigirem, acabarei com o mundo. Quanto a ti, Cícero, toma conta daquela gente”. E Jesus apontou para a porta principal da escola onde se viam aglomeradas muitas pessoas em trajes sertanejos (BARBOSA, 1997, p. 47).

Esse sonho compartilhado pelo vigário aos amigos mais íntimos o intrigara. Encarou-o como uma missão: a de levar a palavra de Deus, os ensinamentos cristãos e colaborar para uma vida mais digna daquela pobre gente.

³ Disponível em: diocesedeapucarana.com.br.

E foi assim que, em 1872, Padre Cícero resolveu instalar-se em definitivo na ainda, Tabuleiro Grande. A priori, inúmeros desafios lhe foram apresentados. Costumes locais deixavam inquieto o sacerdote, exigindo dele constantes intervenções. O pequeno vilarejo mantinha atividades como as rodas de festa em que pessoas bebiam e dançavam desregradamente, debandados em uma vida mundana que ia de encontro aos valores pregados na época. O Padre, desse modo, necessitou realizar um vigilante e intenso trabalho, começando quase do zero a catequese do povo do lugar, conforme apresentado nessa figura naquela época.

Figura 05: Povoado de Juazeiro em 1911.



Fonte: Gazeta do Cariri (2020).⁴

A cada dia, ficava claro aos olhos do recém-ordenado padre a necessidade de ser um cuidador espiritual daquele povo. Nesse sentido, o padre enfrentou diretamente as bagunças, anarquias e outras arruaças que desmoralizavam o bem-estar local, conseguindo, aos poucos, que os moradores se adaptassem a uma nova realidade.

Paulatinamente, os costumes locais foram sendo substituídos pelo trabalho, o jejum, as orações e as confissões. É certo que, vez ou outra, o pároco era convidado a desfazer alguma algazarra que se estabelecera ou orientar sobre quais condutas deveriam ser adotadas, porém, era nítida a adaptação daquela gente à nova proposta de formação empreitada por Padre Cícero e, apesar de haver alguma resistência a princípio, não demorou muito para que a comunidade estivesse sincronizada em um só pensamento: oração e progresso.

⁴ Disponível em: <http://www.gazetadocariri.com>.

A simplicidade dos lares denunciava a humildade dos moradores do lugar. Assim, durante muito tempo, as casas de taipa representaram um marco cultural do vilarejo e chamavam a atenção pela humildade condizente com a realidade do homem do sertanejo.

Em uma descrição fiel dos lares juazeirenses contemporâneos ao Padre Cícero, o Instituto Nacional do Folclore (1985, p. 38) através da obra intitulada Pequeno Atlas Popular do Ceará Juazeiro do Norte, traz um rico e detalhado relato:

Quase todas as casas apresentam armadores de redes colocados em cada canto da sala da frente ou das camarinhas; presa a um deles, geralmente enrolada, aparece a rede suspensa por um de seus punhos. Encontramos alguns móveis esparsos nessas habitações, assim como uma mesa e poucas cadeiras na sala, ao lado da cristaleira que constitui um verdadeiro móvel nobre da moradia, já que ali são guardados os objetos de maior valor afetivo para a família, como retratos e outras recordações, ao lado da melhor louça. As camarinhas, que dispõem de espaço exíguo, apresentam uma cama e um baú de madeira servindo como guarda roupa.

Sob sua égide, Tabuleiro crescia de forma organizada. Todavia, um fato marcante ocorrido no dia 01 de março de 1889, mudaria definitivamente os rumos do lugar: o provável “Milagre”. Referido fato teria ocorrido na madrugada da data acima epigrafada, quando o sacerdote, após longa noite de vigília e confissão, resolveu dar a comunhão a um pequeno grupo de beatas que ainda restava na capela. Para sua surpresa e a dos presentes, a hóstia consagrada teria se transformado em sangue quando oferecida à Beata Maria do Espírito Santo de Araújo.

Desse dia em diante, o alvoroço se estabeleceu em Tabuleiro. Apesar da discrição de Padre Cícero, que optou por não se precipitar quanto ao assunto, os fatos ganharam grandes proporções, principalmente porque voltou a ocorrer outras vezes. A situação, na verdade, fugiu do controle dos envolvidos repercutindo positivamente para alguns fiéis e, negativamente, para a igreja. A partir daí tanto padre Cícero como a beata sofreram sanções que incidiram em suas vidas e, no caso do sacerdote, ainda mais graves, uma vez que repercutiram diretamente sobre suas funções sacerdotais.

Abaixo segue imagem da beata Maria de Araújo, a qual recebera a hóstia que, segundo os relatos, se transformara em sangue, além da figura de Padre Cícero.

Figura 06: Beata Maria de Araújo; Padre Cícero Romão Batista.



Fonte: Portal de Juazeiro (2020).⁵

Sobre o fato, Neto (2009, p. 66) bem relata essa repercussão, ao informar que “Moradores das cidades e localidades mais próximas chegavam de forma espontânea ao minúsculo povoado, atraídos pelas narrativas que davam conta do sangue de Jesus derramado em pleno agreste”. Tornou-se, então, impossível ao Padre ou a quem quer que fosse conter as informações dali em diante, elas corriam o povoado e rompiam as fronteiras, já chegando a outros estados. A frase era a mesma a quem escutasse: houve um milagre no povoado.

Cedo ou tarde esta notícia chegaria aos ouvidos da Diocese, instalada na capital cearense e, certamente, as apurações ocorreriam, o que não demorou a acontecer. Tão logo tomaram conhecimento do suposto “Milagre”, as autoridades eclesiásticas enviaram padres e outros profissionais com a incumbência de aferir a veracidade dos fatos ou desmenti-la em definitivo.

Ressaltamos que não adentraremos aqui neste terreno, uma vez que as teses em torno do suposto “milagre” ainda hoje ganham notório espaço, sendo debatida em várias fontes da Literatura local, nacional e até internacional, havendo, sobre o assunto, convergências e divergências.

O que nos importa é esclarecer os impactos que esse fenômeno teve e tem sobre a história local, tendo em vista que nem a Beata, nem o padre tiveram mais sossego. Os defensores da causa apontavam o milagre como certo, os que queriam descaracterizá-lo descreviam-no como embuste ou indicavam outros motivos, insinuando, por exemplo, tratar-se de problemas

⁵ Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com>.

de saúde da Beata.

Guimarães (2011, p. 73), por exemplo, descreve a beata como sendo criatura pobre, parda, honesta e obediente que “Sofreu horrores grandes, pesquisas pelos padres para verificar a verdade, o que a maldade não conseguiu vencer, calúnias injuriosas foram muitas, porém a tudo resistiu com paciência e valor”. Em outra perspectiva, Neto (2009, p. 99) afirma que “Dom Joaquim estava mais convicto do que nunca. Para ele, não havia intervenção divina em Juazeiro. Não havia milagre. Tudo não passaria da mais absurda invencionice”.

Vale salientar que, assim como Padre Cícero, a Beata sofreu punições. Foi submetida a comissões, estudos científicos, isolamento e até mesmo ao exílio, uma vez que, por ordem episcopal, teve que se ausentar de Juazeiro por certo tempo. Desse modo, com a pressão que se instalou em torno dos protagonistas do “Milagre”, as sanções logo vieram. Entre elas destacamos: a proibição em falar sobre o assunto, a censura de vendas de medalhas ou qualquer outro adereço sobre a temática, prática que já estava ocorrendo na localidade; o isolamento da beata e, por fim, as punições ao sacerdote, as quais foram se intensificando com o passar do tempo.

Assim, quanto mais Cícero resistia a negar o fenômeno ante a Diocese, suas funções eclesiais eram afetadas. Não à toa, foi proibido de exercer as principais atribuições sacerdotais como confessar, batizar, realizar casamentos, assim como celebrar missa e ofertar a eucaristia.

As sanções imputadas ao sacerdote eram recepcionadas com rejeição por grande maioria local. Possivelmente pela proximidade, convívio e zelo que tinham para com o padre. Era nítida a contribuição que o vigário havia prestado a comunidade desde que ali chegara, não só recebendo pessoas diariamente em sua residência como as aconselhando, orientando-as quanto às acomodações, trabalhos, ensinamentos cristãos, entre outras ações. Moreira (2018) corrobora esse pensamento ao reconhecer em Cícero um detentor de palavra sólida e categórica como de um pai que chama a atenção das multidões.

Essa cumplicidade na relação entre Padre Cícero e a população local foi imprescindível para que captasse defensores em sua causa. Assim, quando a Diocese anunciava sanções ao pároco, as pessoas não só resistiam como até ignoravam. Nesse sentido, inúmeras foram às vezes em que, mesmo sabendo que o padre Cícero não estava autorizado a recebê-los, moradores e romeiros insistiam em ser atendidos por ele, nem que fosse ao menos para receber sua bênção.

Destaca-se que as reprimendas impostas pela Diocese também eram revidadas com ações de enfrentamento, envios de cartas de apoio ao Padre e até queda de arrecadação das

contribuições a Diocese através do dízimo, uma vez que muitos se negavam a contribuir em revelia às imposições feitas pelo Bispo da época.

Com o reconhecimento ou não do “Milagre”, um fato era certo: o vilarejo estava firme e Padre Cícero, santificado no coração do povo. Não à toa, caravanas de romeiros visitavam Tabuleiro, que se fortalecia econômica e religiosamente.

Paulatinamente, o lugar ganhava contornos de desenvolvimento. O comércio, aos poucos se organizava. Pequenas oficinas se instalavam, casas e prédios eram edificadas e a economia intensificava-se de forma propulsora. Tabuleiro sinalizava avanços significativos e o povo sabia que, por trás do sucesso daquela história havia um líder, além da intensa vontade de ser independente em relação ao município de Crato.

Desde 1907, o lugar dava indícios de que queria a liberdade e, com a chegada de nomes como o do Padre Alencar Peixoto e de Floro Bartolomeu ao local, o movimento ganhou força. A primeira tentativa se deu em 1910 quando os moradores locais se negaram a pagar impostos a cidade de Crato. Apesar das repercussões, foi somente em 1911 que a independência do lugar se consolidou, conforme se atesta:

A luta continuou por mais de um ano e o governador Acioli não quis intervir porque todos eram amigos, e o direito de força ia prevalecendo em Juazeiro, até que uma Lei Estadual de 22 de julho de 1911 cria o Município de Juazeiro e, via de consequência, o estado de direito (AQUINO, 1997, p. 64).

Em 1911 conseguiu, portanto, sua emancipação junto ao município de Crato, a quem pertencia até então, sendo elevada a categoria de Vila, passando a se chamar Juazeiro. Por não haver consenso entre as lideranças locais e temendo que uma crise se estabelecesse, Padre Cícero buscou apaziguar os ânimos, sendo eleito o primeiro prefeito do lugar, pelo menos até que a estabilidade e a tranquilidade entre opositores se consolidassem. Logo, por ser um nome de consenso, foi acatado com facilidade.

A influência e o respeito de todos pelo sacerdote eram tamanhos que, ainda em 1911, o padre conseguiu um dos maiores feitos da história, o chamado “Pacto dos Coronéis”. Através do acordo, buscava-se, principalmente, acabar com a onda de crimes praticados na região, uma vez que cada coronel se considerava dono de sua cidade e, cercado de um bando particular de capatazes e jagunços, faziam reinar a impunidade.

Através do “pacto”, os presentes se obrigavam ao propósito maior: a pacificação. Os registros literários dão conta de, pelo menos, 17 líderes de diferentes cidades caririenses distintas presentes no encontro, como se averigua em Calixto Júnior (2019) ao reconhecer que:

Todos os coronéis da região tinham na figura do Padre Cícero Romão Batista, de Juazeiro, o conselheiro. Era o Padre Cícero o homem de maior representatividade no cenário político regional, e a nível nacional, o seu nome ecoava, às vezes, como milagreiro, outras como Coronel de batinas. Definitivamente, porém, era ao velho sacerdote de Juazeiro, que todos os citados régulos locais recorriam, nas mais diversas ocasiões (CALIXTO JUNIOR, 2019, p. 16).

O fortalecimento político, social, econômico e religioso de Padre Cícero no interior do Nordeste se intensificou de tal modo que incomodou determinados grupos e autoridades da época. Nesse sentido, Cícero era tido como um “novo Antônio Conselheiro” e Juazeiro, assim como Canudos, um lugar de fanáticos e arruaceiros, liderados por um sacerdote apoiador de jagunços e coiteiro de coronéis.

As insatisfações da Diocese com o que chamavam de “fanatismo religioso de Juazeiro” somadas às oposições de autoridades regionais e nacionais que não simpatizavam com o vigário, enxergavam a força de Juazeiro como um risco. Nessa perspectiva, as ações coordenadas contra Padre Cícero colocaram a cidade no centro de conflitos, dos quais, o lugar não conseguiu se esquivar.

Assim ocorreu em 1914, com a chamada “Sedição de Juazeiro”, quando tropas locais, lideradas por Floro Bartolomeu, médico influente e considerado braço direito do sacerdote, reuniram civis, constituindo um bravo exército denominado “Batalhão Patriótico”, que não só resistiu as investidas do governador do estado, Franco Rabelo, através de suas tropas, como avançou até a capital para derrubar o governo de sua cadeira. O feito das tropas de Juazeiro frente ao governo do Estado ganhou destaque nacional e, se antes a liderança de Padre Cícero era visível, extrapolou os limites do nordeste, levando o sacerdote a ganhar o respeito das principais lideranças do país, apesar das oposições.

Também merecem destaque as reprimendas por parte da igreja que continuava mantendo o sacerdote afastado de suas funções, ainda que o mesmo tivesse recorrido a Roma. A Santa Sé, por sua vez, através de seus representantes locais, condenava a assimilação de recursos advindos dos produtos religiosos ou das “crendices” que, segundo eles, insistiam em aceitar o “Milagre” como verdadeiro. Desse modo, não só foi proibida a circulação e comercialização de medalhas com imagem do Padre ou da Beata, como qualquer outro objeto que fizesse alusão ao fato.

Neto (2009) reforça essa afirmação quando assim dispõe:

Mais grave ainda, comunicava o vigário do Crato, é que estavam circulando

no Cariri milhares de retratos e de medalhinhas de bronze com a efigie de Cícero, mandadas cunhar na Europa. As medalhas, de grande apelo popular, eram vendidas aos romeiros como relíquia religiosa. Em algumas delas, na face oposta onde estava gravada a imagem de Cícero, via-se uma representação da beata Maria de Araújo vestida como uma santa, as mãos espalmadas como quem derrama graças aos seus devotos (NETO, 2009, p. 190).

A ordem se estendia ainda a famosa urna que guardava os paninhos ensanguentados, recolhidos após as várias ocasiões em que a Beata comungou e o provável fenômeno teria ocorrido. A referida urna não podia ser objeto de adoração, sendo ordenado seu imediato recolhimento.

Ao mesmo tempo em que as sanções eram impostas, fortaleciam-se os argumentos e crenças em torno de Maria de Araújo. Reportando-se aos precedentes que poderiam ser utilizados em favor da personagem do provável milagre, o escritor Lira Neto (2009) expõe a seguinte passagem:

Para os crédulos, toda aquela galeria de milagres eucarísticos e de santos visionários, permeando a história da igreja através dos séculos, poderia testemunhar a favor de Maria de Araújo e, ao mesmo tempo, desafiar as resistências de Dom Joaquim. Apesar disso, o bispo permanecera firme em seu ceticismo quanto aos episódios que cercavam o pequenino Juazeiro (NETO, 2009, p. 107).

Alguns nomes da literatura disponível e atinente ao “Milagre” (Barbosa, 1997, Cava 2014 e Neto, 2009) apontam à obediência do sacerdote as ordens superiores. Ao mesmo tempo, reforçam a insistência de Padre Cícero para que fosse feita justiça e os fatos analisados com o merecimento pertinente. Essa postura obediente, porém com propositura de novos diálogos teria desgastado sua imagem ante a diocese, resultando em punições paulatinas que iam desde o afastamento parcial até a proibição total do exercício das funções sacerdotais.

Outros fatos ainda marcariam essa conturbada e fiel relação entre a cidade e o Patriarca. Resta dizer que, após a sedição de 1914 e a queda do governo de Franco Rabelo, Padre Cícero Romão Batista foi convidado a assumir a Vice Governadoria da Província do Ceará. Esse ano também trouxe uma conta negativa a Juazeiro: em 17 de janeiro, faleceu Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, aquela que fora protagonista do provável “Milagre” de Juazeiro, que saía agora de cena, não obstante permanecesse viva na crença dos peregrinos.

Nesse contexto social, político e religioso, a relação entre Padre Cícero e Juazeiro ainda renderia muitos acontecimentos importantes. Entre eles, destacamos os períodos de seca enfrentados pelo povo, momentos que, só não foram mais cruéis devido às habilidades e

persistência nas orações, orientação do próprio vigário.

A primeira seca teria ocorrido cinco anos após sua chegada, em 1877 e foi uma das mais avassaladoras em todo o Nordeste. Ainda mais, entre 1910 e 1917 os tempos para o nordestino também não foram bons. Aquino (1997) descreve bem essa realidade ao relatar que uma das secas mais conhecidas de nossos ancestrais foi a que se estendeu 1877 a 1879, a qual castigou o povo cearense.

A escassez de chuvas e a miséria que se instalou na região esquecida do país, ceifou a vida de muitas pessoas, animais, arruinou plantações e sepultou o sonho de vários agricultores que ensejavam a chegada de um bom inverno. Vale aqui registrar também a Seca de 1915, cuja temática, por exemplo, inspirou a escritora cearense Raquel de Queiroz a produzir o romance *O Quinze*.

Em todas essas situações, o Padre esteve ali. Houve oportunidades em que poderia, enquanto pároco ter requisitado sua transferência para outra diocese, como muitos naquela época o fizeram e livrar-se dos gargalos que enfrentavam cotidianamente. Entretanto, permaneceu ao lado de sua gente.

Superada a estiagem, Juazeiro era um progresso só. A vila, que havia sido elevada a categoria de cidade em 1914, despontava em crescimento. Novas ruas eram abertas, praças construídas, comércios e pequenas fábricas instaladas, as peregrinações a terra se intensificavam e tudo isso fazia a roda da economia local girar positivamente.

Agregado a isso, houve a instalação da estação de trem, a qual sinalizava que a cidade poderia expandir ainda mais suas fronteiras, alcançando horizontes maiores na comercialização de seus produtos. A maioria da população local seguia corretamente a principal cartilha do sacerdote, o qual defendia a presença de um altar e uma oficina em cada lar juazeirense.

No estudo do vínculo entre a cidade e o patriarca, impossível não fazer referência à polêmica passagem do famoso cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, pelo lugar, em 1926. A vinda de Lampião se deu por ocasião do avanço da Coluna Prestes no Brasil. E aqui apresenta-se o próprio de acordo com a época:

Figura 07: Lampião (O Cangaceiro)



Fonte: Wikipédia (2020) ⁶

Desse modo, o Batalhão Patriótico de Juazeiro, aquele mesmo constituído na sedição de 1914, foi convocado para enfrentar o movimento liderado por Luís Carlos Prestes no território brasileiro, na direção do nordeste. Como as tropas locais não eram suficientes e, sem a presença de Floro Bartolomeu, que fora levado às pressas ao Rio de Janeiro devido a um problema de saúde, surgiu à necessidade de convidar o cangaceiro para somar-se as tropas contra o enfrentamento.

Em troca, teria sido prometida a ele a patente de Capitão. Pelo respeito que tinha ao Padre Cícero, o líder do cangaço veio a Juazeiro, todavia, a patente prometida ao chefe do cangaço era falsa e o plano teve como principal articulador Benjamin Abraão, secretário particular de Padre Cícero, sem conhecimento do mesmo.

Walker (2019) detalha com clareza o papel de cada personagem na farsa da patente a Lampião, conforme se atesta a seguir:

Especificamente na questão relativa à entrega da falsa patente de Capitão a Lampião, destaco os principais personagens envolvidos: Padre Cícero (que não participou da farsa da entrega), Benjamin Abraão (que articulou tudo), Lampião (contemplado com a falsa patente) e Pedro Albuquerque Uchoa

⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org>.

(assinou o documento) (WALKER, 2019, p. 14).

Importa esclarecer que, a essa altura, o vigário contava com 82 anos de idade e já não tomava decisões a frente da política local. Até então, digam-se de passagem, muitas foram as decisões tomadas, inclusive sem seu conhecimento por personagens próximos a ele como Floro Bartolomeu, Padre Alencar Peixoto, Benjamin Abraão, entre outros.

Sobre essa passagem histórica do cangaceiro pela cidade, Barbosa (1997) menciona que Lampião encontrou o “Padim”. Em referido encontro, o capitão Virgulino pediu perdão e recebeu do sacerdote a orientação para deixar o mundo da bandidagem. Foi um diálogo direcionado ao arrependimento e aconselhamento.

O líder do cangaço ainda permaneceu alguns dias em Juazeiro, porém como era um homem de muitos inimigos e temendo que a cidade fosse invadida pelas patrulhas que viviam na caça do cangaceiro, Padre Cícero pediu que deixasse a cidade, o que fez prontamente alguns dias depois. Porém, até lá, sua presença causou uma correria na rotina local.

Quanto ao abandono da vida bandida, isso não ocorreu, dado que o cangaceiro, ao adentrar o estado de Pernambuco, tomou conhecimento de que forças policiais estavam em seu encalce para matá-lo. Foi então que percebeu que tal patente a ele conferida era falsa, pois se fosse verdadeira, não haveria outros militares a sua procura. O capitão do cangaço seguiu essa vida até 1938 quando foi morto na conhecida emboscada em Angicos, Sergipe.

Em meio às tantas passagens marcantes da vida de Padre Cícero, ainda importa mencionar que fora indicado para representar Juazeiro como deputado federal mais uma vez eleito por vontade popular. Contudo, a saúde debilitada o impediu de assumir. É necessário esclarecer que, apesar de existirem lideranças políticas em Juazeiro, os entraves entre as partes impediram que houvesse um consenso, daí o fato de o nome do pároco ser um dos primeiros a serem sugeridos ante uma situação de representatividade local. Também é relevante reforçar, conforme Neto (2009) que não foram poucas as vezes que Padre Cícero necessitou participar da vida política com a função de apaziguador dos ânimos que se acirravam entre as forças juazeirenses.

Por fim, a passagem mais expressiva inerente ao sacerdote se deu em 20 de julho de 1934, quando, aos 90 anos, faleceu. Dodou (2016) descreve como um verdadeiro “caos”, o dia do funeral de Padre Cícero. Os relatos apontam para momentos difíceis nos quais o clamor se espalhou pela cidade, gerando uma histeria coletiva. Uma multidão incontida, desenfreada e que não aceitava a perda cercava a casa do padre na tentativa de, ao menos, dar o último adeus àquele considerado Patriarca do lugar.

Figura 08: Velório de Padre Cícero



Fonte: O povo (2020).⁷

O vínculo entre o Padre e Juazeiro do Norte, no entanto, não se desfez com sua morte. Acreditava-se que, o falecimento do sacerdote decretaria a falência da cidade. Contrariamente, mais romeiros passaram a peregrinar para o lugar, que se tornou uma das cidades mais desenvolvidas do nordeste brasileiro. Após a edificação de uma estátua na Colina no Horto na década de 60 em homenagem ao Padre Cícero, pelo então prefeito municipal Mauro Sampaio, o turismo religioso teve grande impulso, enquadrando as romarias de Juazeiro do Norte entre uma das maiores do país.

⁷ Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/padre-cicero-85-anos-de-morte.html>.

Figura 09: Estátua de Padre Cícero, no Horto, em Juazeiro do Norte



Fonte: G1 (2020).⁸

Podemos pelos fatos até aqui narrados reconhecer a relação entre a história de Padre Cícero Romão Batista e Juazeiro do Norte - CE. A cumplicidade entre o povo e o Patriarca superou inúmeros obstáculos e, mesmo estando o sacerdote no centro das principais discussões literárias sobre a temática, enaltecido por uns e insultado por outros, foi “santificado” no coração dos romeiros, aos quais pouco parece interessar o que pensa ou diz a Igreja sobre o assunto. O filho de Crato, que escolheu Juazeiro como terra natal, morreu sem ter direito a exercer suas funções sacerdotais, porém, deixou um grande legado, edificando seu maior milagre: a cidade de Juazeiro do Norte.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/ce>

3.1 A RELAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL ENTRE PADRE CÍCERO E JUAZEIRO NO NORTE – CE

Figura 10: Procissão dos carroceiros.



Fonte: Portal de Juazeiro (2020).⁹

Em inúmeras circunstâncias, a relação de Padre Cícero com Juazeiro foi analisada sob a ótica da Política, da Sociologia e, principalmente, da Religião. Nesse sentido, é considerável o acervo literário que se debruça sobre tais perspectivas, a exemplo disso, podemos mencionar Neto (2009), Tolovi (2015), Farias (1994), entre outros.

Sem dúvida as contribuições advindas dessa relação perpassam os eixos acima mencionados. O vínculo entre o sacerdote e a cidade também pode ser enfocado sob outras concepções, como o prisma da História e da Cultura. Padre Cícero é responsável por significativo legado histórico em sua convivência com Juazeiro do Norte e isso é inquestionável. Não há como recorrer aos principais fatos do passado da cidade sem mencionar a influência que teve ou tem seu maior líder. Porém, a temática oriunda das contribuições culturais dessa relação carece de aprofundamento.

Sob esta ótica, é possível evidenciar expressivas contribuições culturais e religiosas no contexto histórico juazeirense que fazem referência ao vínculo entre o pároco e a cidade. Vale ressaltar, contudo, que muitos dos fenômenos culturais resultantes da convivência com o vigário, estão atrelados também ao contexto religioso. Essa afirmativa parte da constatação de que os principais difusores da cultura inerente às colaborações do sacerdote são os romeiros.

É certo que os ensinamentos de Padre Cícero se perpetuaram no tempo, firmando raízes

⁹ Disponível em: www.portaldejuazeiro.com

no torrão por ele escolhido, todavia, não apenas moradores de Juazeiro manifestam ou difundem aspectos, eventos ou fenômenos culturais provenientes do legado apreendido, mas principalmente, os romeiros, essenciais na função de mantenedores da cultura em meio ao contexto histórico no qual a cidade se insere.

Inicialmente, necessário se faz mencionar, que foi através das manifestações históricas ocorridas no passado, que se edificaram os principais contributos culturais e religiosos inerentes ao período de vigência de Padre Cícero e absorvidos até à contemporaneidade. Assim, seja num discurso religioso, em um evento local, no modo de falar, de vestir, de orar e até na culinária, é possível identificar traços culturais provenientes do vínculo com o sacerdote.

A priori, um dos fatores marcantes das contribuições advindas da relação Padre Cícero e Juazeiro estão às vestimentas, que já se tornaram símbolos identitários dos que visitam a cidade, uma vez que seu uso predominante se dá pelos romeiros.

Quando ocorreu em Juazeiro do Norte o provável “Milagre”, em 1889, envolvendo o Padre e a Beata, assim como destacado anteriormente, o fato rapidamente repercutiu no Sertão nordestino, atraindo para o lugar a presença de um público novo: os romeiros. Esses personagens da história entre Padre Cícero e Juazeiro, exerceram e exercem papel fundamental nas manifestações de identidade, religiosidade e cultura remanescentes, a começar pelo transporte. Os paus-de-arara são caminhões sem o menor conforto, cobertos com lonas e dotados de inúmeros bancos de madeira que vão de uma extremidade a outra da carroceria. Eles servem de assento durante os dias de peregrinação até Juazeiro.

Figura 11: Romeiros em pau-de-arara (Romaria saindo de Inhapi /AL).



Fonte: Rota do sertão (2020).

Muitos deles são repletos de fitas decorativas que se espalham desde a boleia até a carroceria e, na extremidade entre eles, a imagem afixada do santo ao qual a romaria se refere. Desse modo, nas romarias de setembro, por exemplo, é comum que ônibus e paus-de-arara carreguem a imagem de Nossa Senhora das Dores, na de fevereiro, a de Nossa Senhora das Candeias e, nas de aniversário de nascimento e morte do patriarca, a de Padre Cícero. Destaca-se que nem sempre os romeiros vêm a Juazeiro de ônibus ou pau-de-arara, há os que preferem vir de bicicleta ou até mesmo a pé como forma de “pagar penitências”.

Porém, como mencionado anteriormente, é nas vestes que se firmam os traços mais curiosos, qualquer um que vier a Juazeiro do Norte consegue logo distinguir um morador local de um visitante romeiro, uma vez que o ritual de vestimenta é significativo. O principal marco dessa indumentária é o chapéu de palha. Essa marca é carregada pelos romeiros desde que visitavam o Padim Ciço, como costumavam chamá-lo e, não apenas protegem do sol escaldante da viagem, como indicam sinal de veneração e respeito ao vigário e a Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade.

Figura 12: Grupo de romeiros de Serra Talhada/PE, que vieram de bicicleta a Juazeiro do Norte-Ceará e Grupo de romeiros de União dos Palmares/AL que vieram a pé até a cidade de a Juazeiro do Norte-Ceará.



Fonte: Farol de notícias e badalo (2020).

A comunidade local e os romeiros que aqui chegavam, recebiam os conselhos do sacerdote quanto a vários assuntos, entre eles, por exemplo, a que tipo de atividade deviam se

dedicar. Muitos eram aconselhados à agricultura, outros à pecuária e parcela expressiva às confecções de produtos artesanais.

Nesse sentido, Sobrinho (2007) reconhece que:

As mulheres se dedicavam a trabalhos artesanais como bolsas e chapéus de palha, além de artigos religiosos como terço, rosário e trabalhos manuais. Sejam homens, mulheres, idosos ou crianças, todos fazem uso deste item. Alguns se diferenciam, pois são decorados com pequenas fitas e há até aqueles que carregam uma foto do patriarca ou de Nossa Senhora colada na parte posterior do chapéu (SOBRINHO, 2007, p. 77).

Figura 13: A tradição do uso de chapéus de palha nas procissões em Juazeiro do Norte



Fonte: Revista Cariri (2020).

Importante ressaltar que muitos artesãos da época trabalhavam em suas próprias residências transformadas em oficinas artesanais que serviam como fonte de renda, realidade que ainda hoje parece preponderar segundo Grangeiro (2013) que, ao descrever o perfil dos artesãos contemporâneos do Padre Cícero aponta as seguintes características:

Dentre as similaridades de características que o mapeamento dos artesãos de Juazeiro do Norte descortina-se anteriormente analisamos, estão: I) O principal local de trabalho é a própria residência do artesão; II) O artesão é o dono dos equipamentos de produção; III) O artesão é auxiliado por familiares nessa atividade, que aprendeu com os pais, mas também praticando e criando a partir do que já existia (GRANGEIRO, 2013, p. 128).

É notória, portanto, a influência que teve Padre Cícero sobre os visitantes que escolheram Juazeiro como opção de moradia. O sacerdote orientava e os romeiros obedeciam. Aos poucos, muitas casas passavam a conter uma máxima até hoje propagada pelos juazeirenses: em cada lar um altar e uma oficina. Aqui abaixo constam exemplos de malas artesanais que eram fabricadas por moradores da cidade.

Figura 14: Malas artesanais fabricadas por moradores antigos de Juazeiro.



Fonte: Pinterest Brasil (2020).¹⁰

Outro aspecto que chama atenção no vai e vem cotidiano dos romeiros são os trajes de promessa. É muito comum que peregrinos escolham Juazeiro para pagar as promessas por determinadas graças alcançadas. Em meio às caravanas, referidas pessoas são facilmente identificadas, trajam batinas que vão da cabeça aos pés, na cor do santo ao qual prometeram o feito.

Dessa maneira, romeiros que vestem batina azul certamente estão quitando uma dívida junto a Nossa Senhora das Dores. Os que trajam preto, por sua vez, vieram agradecer ao Padre Cícero uma graça alcançada. Há ainda os que trajam marrom, devotos de São Francisco que se

¹⁰ Disponível em: br.pinterest.com

dirigem ao Santuário Franciscano local para o cumprimento do prometido.

Figura 15: O romeiro que partiu de Patos-PB até Juazeiro do Norte-CE



Fonte: Diário do Sertão (2020).¹¹

A simbologia envolvida na forma de vestir dos romeiros está inteiramente ligada às tradições históricas locais e aos ensinamentos e conselhos de Padre Cícero, que há muitos acolhia e orientava em sua casa, sempre esclarecendo sobre o que era certo ou não fazer, o que deviam ou não vestir, enfim, a opinião do sacerdote importava e, em muito ainda importa a essas pessoas.

Aliada às práticas das vestimentas é também costume de romeiros carregarem presas no pulso e no tornozelo, pequenas fitas com frases ou imagens de santos e do patriarca. Muitos peregrinos se sobressaem pela quantidade excessiva de fitinhas expostas, todas adquiridas no comércio local, que já confecciona com temas que fortalecem a concepção religiosa de Juazeiro.

O uso de medalhas é outra constante. Fazem questão de exibir medalhinhas no peito, principalmente as que contêm a imagem de Padre Cícero e de Nossa Senhora das Dores, no entanto, o objeto comum a quase todos os devotos é o rosário. Montados com contas azuis e brancas, enfiadas em um fio nylon, os rosários são expostos, orgulhosamente, no pescoço. Na relação entre o padre e a cidade, essa talvez represente uma das recomendações mais expressivas, uma vez que muitos deles não se desfazem do objeto nem mesmo para tomar banho. Isso se dá, possivelmente, pelo fato de que o sacerdote defendia fervorosamente, não só seu uso, como que o rezassem diariamente, prática que se estendeu ainda a inúmeros

¹¹ Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br>

juazeirenses não romeiros.

Ainda no atinente às vestimentas, tanto juazeirenses quanto romeiros herdaram um legado singular: o uso de sandálias currulepe, calçado feito de couro com abotoaduras que cobrem todo o pé e pela resistência que ofereciam tanto para as viagens, quanto para a lida diária, era e ainda é o preferido de muitas pessoas, tendo sido, inclusive, bastante usadas pelos cangaceiros em suas travessias pelo nordeste.

Figura 16: Modelo de sandália currulepe bastante usada no nordeste antigo, preferida pela resistência do material com que era confeccionado.



Fonte: Guamaré na Tela (2020).¹²

Em Juazeiro ainda hoje é comum ver moradores transitando com as famosas sandálias currulepe e os chapéus de couro, utilizados tanto por cangaceiros, quanto por vaqueiros. Em menor número, também se avista alguém com botas de couro, outra peça que fazia parte da vestimenta do cangaço. Relevante mencionar que, apesar de muitos preferirem as currulepes, havia os simpatizantes do andar descalço, prática comum quando se trata (va) do cumprimento de promessas.

Complementando a arte romeira de trajar-se, vale acrescentar o fato de que, o comércio local oferta as famosas blusas com imagens de Padre Cícero, produto comum aos romeiros que transitam pelos principais pontos da cidade. As estampas variam desde a imagem do Padre, de

¹² Disponível em: <http://guamarenatela.blogspot.com>

santos e até de igrejas locais. Nos últimos tempos, várias caravanas já chegam a Juazeiro personalizadas, trajando blusas confeccionadas em suas próprias cidades e que contêm informações de Juazeiro (imagens, símbolos ou frases), como dados que identifiquem a que comunidade pertencem.

Figura 17: Banca vendendo blusas com imagens de Padre Cícero em romaria de finados de 2019



Fonte: Cariri – como eu vejo (2020).¹³

Até mesmo no campo da medicina natural as contribuições do vigário perduram. Era quase uma praxe, no Juazeiro antigo, que as pessoas seguissem os conselhos do sacerdote quando queriam tratar determinada enfermidade. Humildemente, o pároco indicava alguns chás de ervas, meizinhas, entre outros fãrmacos populares na época.

Um registro de acontecimentos como esses, pode ser encontrado em Walker (2009, p. 83): “Aos doentes, prescrevia o uso de chás com plantas medicinais, como hortelã, boldo, jalapa, manacá, velame, canela, endro, erva-cidreira, macela, e muitas outras bastante conhecidas dos nordestinos”.

Outra manifestação herdada na relação histórica com Juazeiro é a forma escolhida pelos visitantes, sejam eles romeiros ou não, para quitarem as suas promessas. O cumprimento do feito, geralmente, se dá através de longas caminhadas que ocorrem, principalmente na íngreme Serra do Horto ou no itinerário do Santo Sepulcro. Há ainda aqueles que, a depender da graça alcançada, complementam o sacrifício subindo de joelhos as escadarias do horto ou de

¹³ Disponível em: <https://cariricomoeujejo.com>

algum santuário local.

Figura 18: Romeiros em visita ao Santo sepulcro



Fonte: NE 10 interior (2020)¹⁴

No que atine às demonstrações culturais e religiosas, é importante mencionar o uso de objetos como forma de gratidão às graças obtidas. Em Juazeiro, a referida prática ocorre desde os tempos de Padre Cícero, no entanto, se intensificou após sua morte. Desse modo, se um romeiro quer, por exemplo, agradecer pela recuperação da saúde em alguma parte do corpo, é comum que traga o símbolo que representa essa parte, depositando-o em local específico reservado a esse fim.

Na cidade, tanto o Museu Vivo do Padre Cícero, quanto na Casa dos Milagres em frente ao Largo do Socorro, é comum ver exibidos inúmeros braços, cabeças, pernas de madeira, entre outros objetos, oriundos da gratidão dos romeiros à gentileza divina de atendê-los. Engrossando a fila dos objetos de agradecimento, até vestidos de noiva são depositados como gratulação pelo pedido atendido.

¹⁴ Disponível em: interior.ne10.uol.com.br

Figura 19 – Museu vivo do Padre Cícero



Fonte: Revista continente (2020) ¹⁵

Também é comum amarrar a estátua de Padre Cícero, principalmente a que fica na Casa dos Milagres, fitas e outros adereços que representam os pedidos das promessas pleiteadas. Peregrinos visitam o local e prendem uma fita à parte do corpo da imagem onde desejam que ocorra a cura. Desse modo, se era a recuperação de um braço, por exemplo, logo, se amarra um lenço ou fita a essa parte.

As feiras locais, principalmente aquelas voltadas a segmentos culturais e religiosos também ofertam uma variedade de produtos relativos à cultura do povo juazeirense e da nação romeira. Nesse sentido, unguentos, pomadas, xaropes, raizadas, estatuetas, terços, entre outros itens são constantemente comercializados, sendo, a maioria deles, rotulado com a imagem de Padre Cícero, da Mãe das Dores ou com outros pontos turísticos da cidade. Salienta-se que, apesar de terem sido comercializados por muito tempo, em 2011, a vigilância sanitária proibiu

¹⁵ Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br>

a comercialização de produtos que levem o nome de Padre Cícero, sob a alegação de que alguns componentes dos produtos como, por exemplo, o amoníaco, podem causar danosos efeitos colaterais.

Figura 20: Pomada e Bálsamo Padre Cícero



Fonte: ClickPB (2020).¹⁶

É importante ressaltar que, embora enfatizemos os romeiros como principais propagadores da simbologia cultural absorvida em Juazeiro através do tempo não competem apenas a eles esse papel. É certo que acabam sobressaindo, no entanto, algumas manifestações são praticadas por moradores locais de forma veemente, a exemplo das renovações.

A renovação do Sagrado Coração de Jesus foi uma prática instituída em Juazeiro do Norte pelo Padre Cícero quando ainda em vida, Trata-se de um evento realizado em lares católicos e que tem como intuito celebrar e exaltar Jesus e Maria. O mais interessante, todavia, são os atos preparatórios que envolvem o antes, o durante e o depois do evento.

Essa manifestação pode ser compreendida de forma mais cristalina no seguinte fragmento de Figueiredo nos anais do III Simpósio Internacional do Padre Cícero:

Quando o Padre Cícero cria o Apostolado da Oração, em 1888, orienta às famílias entronizarem nas suas casas a imagem do Sagrado Coração de Jesus

¹⁶ Disponível em: clickpb.com.br

e, anualmente, renovarem o acontecimento. Cada família, a partir de então, passa a calendarizar mais um dia de lembrança e de invocação ao santo maior da igreja, como também aos santos de sua devoção. Renovando a consagração da família à presença do Sagrado Coração de Jesus, renovam-se as esperanças no futuro da vida familiar, renovam-se os laços entre os vivos e os mortos. A Renovação é um rito sacrificial cuja liturgia ocorre no seio da família, sai dela como invocação e volta para ela como redenção (DUMOULIN, et al., 2004, p. 87).

Assim, o ritual é preparado com antecedência, iniciando com a organização de um pequeno altar posto, geralmente, na sala da frente das residências. Havia casas de vários tipos: as feitas de barro cobertas com palha, as habitações de tijolos moldados de forma artesanal, as de alvenaria com fachadas demarcadas por figuras geométricas pintadas com cores expressivas, entre outras.

O anfitrião de uma renovação dispõe de uma toalha branca com a qual forra a mesa, que recebe diversas imagens, além de um castiçal onde duas velas são acesas. Em algumas casas mais tradicionais é comum ver sobre os altares oratórios rústicos de madeira com imagens guardadas em seu interior.

Na parede de fundos do altar é exposta uma longa cortina, na qual são afixadas outras imagens, mas, principalmente, o quadro do coração de Jesus e o do Sagrado Coração de Maria. Em outro canto da sala é afixada uma foto, revelada ou pintada, do casal anfitrião. Além disso, do lado de fora da residência são colocados enormes bancos de madeira, com capacidade para 6 ou 7 pessoas cada um. Também é comum, na falta desses, a substituição por cadeiras com bancada de couro de bode ou de outros tipos.

A celebração acontece, na maior parte do tempo, com as pessoas em pé e tão logo cessem as passagens que exigem essa postura, as bancadas são usadas para o descanso dos celebrantes e ouvintes.

Figura 21: Assento tamborete forrado com couro de animal.



Fonte: Pelo tunel do tempo (2020).¹⁷

Quando realizada pela primeira vez nas residências, o rito recebe o nome de entronização, que quer dizer “entrada”. Entronizar, portanto, é permitir a entrada de Jesus e Maria na residência sede do evento. E, como anualmente o evento passa a se repetir, é denominado de renovação.

A cerimônia é conduzida por uma rezadeira, pessoa com experiência na condução da celebração. No decorrer da renovação são lidas orações, entoados benditos, pregado o evangelho, entre outros atos. Por fim, são dados os vivas, acompanhados das palmas dos celebrantes, momento indicador de que a celebração está terminando.

Concluídos os cantos e orações, é servido aos presentes um lanche. Essa etapa vem passando por mudanças no decorrer do tempo. Na época de Padre Cícero e, até poucos anos, era comum a produção de aluá, uma espécie de suco feito com a casca do abacaxi e armazenado antecipadamente em potes de barro, de onde era retirado com copos de alumínio para servir aos participantes, além de chás e cafés. Acompanhando as bebidas, sequilhos caseiros, biscoitos e bolachas e uma variedade de bolos de milho, batata, pubá, leite, macaxeira, fofo, cenoura, além de outros que compunham um cardápio diversificado.

Havia, e ainda há moradores que preferem substituir esse lanche por um café da manhã, almoço ou jantar aos que participam da cerimônia. Na zona rural de Juazeiro, por exemplo, ainda é muito comum que, anfitriões de renovações passem o dia recebendo visitantes em sua residência, ofertando a eles almoço ou jantar para, à noite, todos celebrarem juntos a renovação.

¹⁷ Disponível em tuneldotempoleilos.com.br

É fato que, a cada dia a forma de servir vem se modernizando. O aluá, em alguns casos, tem dado espaço ao suco ou refrigerante e os sequilhos e bolachas, substituídos por salgados. No entanto, é possível localizar na cidade os que seguem o rito à moda antiga.

A tradição da renovação é, sem dúvida, uma das maiores contribuições histórico-cultural e religiosa herdada pelo povo de Juazeiro a partir do convívio com o sacerdote. A riqueza de detalhes que este evento envolve é de tamanha singularidade que já constitui traço simbólico da cidade, sendo mantido em boa parte das residências de famílias tradicionais locais.

No cotidiano, passada a renovação, o cenário presente nos lares juazeirenses parece não mudar muito, como se atesta na descrição do Instituto Nacional do Folclore (1985, p. 38) através da obra intitulada *Pequeno Atlas da Cultura Popular do Ceará - Juazeiro do Norte*, ao dispor que:

Dado comum nas casas de Juazeiro é a existência de um altar doméstico, disposto logo à entrada da habitação, e que congrega quadros e imagens reproduzindo o Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade. Esse tipo de altar decorado com flores de papel crepom em tons vivos, é recorrente na maioria das habitações das camadas menos privilegiadas da cidade, constituindo mesmo uma marca própria da casa juazeirense.

Muitas manifestações culturais existentes hoje em Juazeiro do Norte, advieram de comemorações do passado. Nas procissões realizadas na época do Padre Cícero, por exemplo, incentivados pelo sacerdote, vários grupos folclóricos participavam, animando o cortejo e difundindo suas atividades. Como sempre acolhedor, o sacerdote unia o útil ao agradável. Assim, permitia que grupos animassem a festividade, ao mesmo tempo em que oportunizava a divulgação de seus trabalhos.

Figura 22: Sala do santo, residência de dona Rosinha (Horto)



Fonte: André Costa (SD).

Nesse sentido, em eventos locais, era comum a participação de reisado, lapinha, maneiro-pau, bandas cabaçais, cordelistas, xilogravuristas, entre outros. Muitos desses grupos ou artistas individuais, obviamente, também se apresentavam em períodos específicos relativos às programações traçadas por eles próprios. Os reisados e lapinhas, por exemplo, tinham e têm uma atuação mais intensa entre o período natalino e o dia de Reis.

Figura 23 – Apresentação de reisado



Fonte: Miséria (2020).¹⁸

Além disso, muitas das manifestações culturais contemporâneas ao Padre Cícero e por ele valorizadas são de origem bem mais remota, remetendo ao período da colonização e formação do território brasileiro, conforme afirma Cascudo (2012):

A Literatura Oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar (CASCUDO, 2012, p. 20).

No caso de Juazeiro do Norte, é possível que tenhamos herdado essas manifestações de uma dessas três referências, tendo em vista que o Ceará passou pelo esteio de colonização portuguesa, teve a presença escrava, sendo um dos primeiros a abolir a escravidão e contou com forte presença indígena, como no caso dos índios Kariris que viveram há milhares de anos na região que carrega seu nome.

Vale ressaltar, que alguns desses grupos e manifestações têm apresentado dificuldade de se perpetuar no tempo, como no caso da lapinha. Trata-se de um movimento com traços culturais marcantes e de bastante representatividade, muito embora Juazeiro ainda concentre índice significativo desse grupo na região.

Muitos desses grupos (reisados, lapinhas, entre outros) são exemplos de difusão da

¹⁸ Disponível em <https://www.miseria.com.br>

cultura popular, não somente pelos cantos e indumentárias confeccionadas para os fins de apresentação, festejo e celebração, mas também por serem tradições transmitidas através dos tempos. Em alguns casos, os ensinamentos, rituais e práticas são repassadas até mesmo de pais para filhos que dão seguimento ao legado. Atualmente é muito comum em Juazeiro do Norte grupos de reisados e lapinhas cujos integrantes são de uma mesma família, o que facilita a continuidade do legado.

Corroborando acerca da riqueza e contribuição desses grupos, Cascudo (2012) reconhece que:

Todos os autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastoris, as louvações das lapinhas, Cheganças, Bumba meu boi, Fandango, Congos, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva, resistindo numa figura, num verso, num desenho coreográfico, são os elementos vivos da Literatura Oral (CASCUDO, 2012, p. 13).

É nessa perspectiva que vários grupos tentam sobreviver, como é o caso dos pequenos grupos de lapinhas que se espalham por Juazeiro do Norte desde a época natalina ao fim do ciclo de reis em 06 (seis) de janeiro. Nesse período, há uma maior incidência de apresentações dessas representatividades em locais públicos, nos arredores dos santuários locais e nas portas de algumas casas.

Apresentam-se, principalmente, em frente aos presépios montados em praças e igrejas e entoam canções e benditos, em sua maioria, de composição dos próprios grupos. As vestes carregam toda uma simbologia, O uso do cordão vermelho representa Jesus, ao passo que a utilização do cordão azul remete a Maria.

Integradas por crianças, os pequenos se vestem de personagens, dramatizando o nascimento do Menino Jesus. Desse modo, todos os elementos constituintes da gruta de Belém como Maria, José, o anjo anunciador, os três reis magos, entre outros são representados pelas lapinhas. Às vezes, também circulam pelas casas, apresentando-se para moradores que, gentilmente, contribuem com alguma quantia que ajuda tanto nas despesas do grupo, quanto na confecção de materiais para o ano seguinte.

Muito embora não seja uma prática cultural típica de Juazeiro, encontrou abertura aqui através do Padre Cícero que incentivou a permanência e difusão dessa cultura que tem sobrevivido apesar do tempo.

É apresentado abaixo como exemplificação uma lapinha em Juazeiro do Norte – CE, conforme figura:

Figura 24 – Lapinha Santa Clara de Juazeiro do Norte – CE



Fonte: Rede Cariri (2020)¹⁹

Já no tocante à culinária, as contribuições do legado de Padre Cícero são notórias e ainda persistem entre os juazeirenses e visitantes, já que o vigário, como quase todo bom nordestino, mantinha um gosto simples pela comida caseira. Alguns dos pratos prediletos do sacerdote também se repetem na mesa de muitos juazeirenses. Dessa forma, o mungunzá, o angu, o pão de milho, a tapioca se estendeu no tempo, permanecendo no cardápio de romeiros e moradores locais.

O destaque culinário vai para o doce de buriti, um dos preferidos do sacerdote. Oriundo de uma fruta bastante cultivada na região, o doce de buriti ainda é comercializado e bastante consumido. Essa prática também tem atravessado gerações.

¹⁹ Disponível em: <http://redecaririnews.blogspot.com>

Figura 25: Doce de buriti um dos prediletos de Padre Cícero.



Fonte: Empório Dona Rita (2020)²⁰

Há ainda outras curiosidades que merecem ser observadas, como, por exemplo, as vestimentas dos beatos e beatas. Em dias atuais, vez ou outra, é possível se deparar com beatos a transitar, principalmente, em pontos religiosos da cidade. Identificá-los, não é tarefa difícil, uma vez que trajam batinas marrons, brancas, pretas ou azuis e, ao pescoço, um cordão com grande crucifixo. Existem ainda os que carregam um enorme crucifixo de madeira em uma das mãos.

Reisados, bandas cabaçais, maneiro-pau, bumba-meu-boi, as benzedeadas, os benditeiros, os penitentes, cordelistas, entre outros, são exemplos de grupos da cultura da terra. Além de remanescentes, carregam consigo identidades que apontam para a influência do passado em suas raízes, já que, alguns deles, sobreviveram a partir de pessoas que viveram no Juazeiro antigo e que fizeram questão de levar adiante a herança apreendida.

²⁰ Disponível em: emporiodonarita.com.br

Figura 26: Grupo de penitentes do caminho do horto



32. Ordem de penitentes no caminho do Horto.

Fonte: Pequeno Atlas de Cultura Popular do Ceará-Juazeiro do Norte (1985, p. 55).

Exemplo de grupo cultural contemporâneo ao Padre Cícero, os grupos de maneiro-pau, dança originada no cangaço, está cada vez mais escassos. Referida dança guarda peculiaridades que chamam a atenção: o folgado (espécie de refrão) é entoado por todos os participantes que se organizam em círculo. Cada dançador porta consigo uma espécie de cassetete, com os quais batem no chão de maneira uniforme, gerando uma sonoridade que rima com o que estão cantando e dançando. Nas apresentações desse tipo de exibição, uma das passagens que mais chama a atenção de quem assiste é o duelo entre os participantes quando travam um embate com os cassetetes.

Figura 27: Imagem de grupo de maneiro-pau do Cariri, dirigido pelo Mestre Cirilo



Fonte: Blog do Marcus Silva (2020)²¹

A alegria contagiante dos grupos de canta e dança como os reisados e o maneiro-pau, parecem automaticamente intrínsecos à nossa realidade, afinal, fomos colonizados por povos de diversas culturas que exalam alegria, certamente absorvemos bem essa característica, que passou a ser meio que instintiva para o canto e a dança local. Isso nos faz lembrar a afirmação de Cascudo (2012) que reforça ter o brasileiro uma alegria natural

Filho de raças cantadeiras e dançarinas o brasileiro, instintivamente, possui simpatias naturais para essa atividade inseparável de sua alegria. Canto e dança são as expressões de sua alegria plena. É a forma de uma comunicação mais rápida, unânime e completa dentro do país (CASCUDO, 2012, p. 27).

Até mesmo rabequista, um tipo quase em extinção, é possível encontrar nos anais da história local, como é o caso do famoso Cego Oliveira, um alagoano radicado em Juazeiro e dedicado à agricultura, que com poucas aulas de um tio, aprendeu e se encantou pela rabeça, tornando-se, mais tarde, renomada figura da cultura do lugar.

²¹ Disponível em: <http://marcussilvacrato.blogspot.com>

Figura 28: O Rabequista Cego Oliveira



Fonte: Pequeno Atlas de Cultura Popular do Ceará-Juazeiro do Norte (1985, p. 68).

Recentemente, até os chamados “loucos” de Juazeiro foram abordados como elementos da identidade cultural da cidade. Figuras lendárias e históricas, cada um com suas manias, os denominados “doidos” da terra do Padre Cícero passaram a ocupar lugar de destaque na cultura da terra, tendo seus feitos resgatados e valorizados por fotos, vídeos e até músicas, como é o caso da letra da canção “Pra ser doido é preciso ter juízo” do cantor e compositor juazeirense Luís Fidélis, um sucesso que chegou a ser gravado pelo famoso grupo Mestriz com Leite. Na letra da canção, Fidélis (1995) faz referência a cada uma das figuras, reforçando a importância dos mesmos para nossa terra ciceropolitana.

Figura 29: João Remexe Bucho



Fonte: Portal de Juazeiro (2020)²²

Figura 30: Príncipe Ribamar



Fonte: Portal de Juazeiro (2020)²³

Fragmento da música Pra Ser Doido é Preciso Ter Juíz. (Luís Fidélis).

Não se esqueça do **príncipe Ribamar da** beira-fresca Do Doca doido e do Tetê

pegando bode pra você vê Mais se um bodevocê remeda

Antoin das cabrasjoga uma pedra

E **João Remexe Bucho** Com um papelão nas costasCangaia com sua lata Batendo de porta

em porta E a doida, Amaral

Não mata a cobra,Mais lasca o pau

Na cabeça de quem diz seu apelidoPara ser Doido é Preciso Ter Juíz

Não custa mencionar, que no campo ecológico também é possível averiguar traços culturais que refletem a importância do sacerdote para a comunidade, uma vez que após sua morte, as orientações acerca de plantar, colher e de preservar a natureza, os bichos e os rios ganhou corpo através de um documento convencionado por todos como Preceitos do Padre Cícero. Estas orientações funcionam como verdadeiros mandamentos e são observadas até hoje pelos mais antigos.

Os cordelistas são outro grupo representativo da cultura local. Existentes desde a época do patriarca local perpetuaram-se no tempo e ainda hoje ocupam significativo espaço, abordando temas variados, versando sobre elementos culturais, religiosos, personagens

²² Disponível em: www.portaldejuazeiro.com

²³ Disponível em: www.portaldejuazeiro.com

lendários, entre outros.

Desse modo, alguns versam sobre Lampião, Padre Cícero, a beata Maria de Araújo, o provável “milagre” do povoado, o beato Zé Lourenço, os preceitos ecológicos do sacerdote, a sedição de Juazeiro, entre outras temáticas.

Carvalho (2006) faz referência à presença da Literatura de cordel em Juazeiro na seguinte passagem:

Seja na apropriação da autoria por poetas devotos, como João de Cristo Rei, Expedito Sebastião da Silva, Maria dos Benditos ou Severino do Horto: por aqueles que passaram por Juazeiro, como João Ferreira Lima, Moisés Matias de Moura e Apolônio Alves dos Santos, ou pelos que partiram do factual, como Paulo Batista, João Bandeira ou João Pedro, o cordel do Juazeiro tem-se mostrado cada vez mais vivo (CARVALHO, 2006, p. 142).

Corroborando a diversidade temática abordada pelos cordelistas da época, Carvalho (2006, p. 138) menciona José Cordeiro, um dos famosos cordelistas do Juazeiro antigo que, colocando-se como repórter, faz menção à famosa passagem de Lampião pela cidade na passagem que segue abaixo:

Falei com ele e depois
Da minha apresentação
Perguntei-lhe: me conhece?
- Conheço por tradição
Não é você o poeta Que
fez a obra completa
Façanhas de Lampião?

Outros cordelistas e poetas populares juazeirenses como Rosário Lustosa, Pedro Bandeira, Abraão Batista e de outras cidades do cariri, como Patativa do Assaré e o brejo santense Wagner David Rocha (2019), também referendaram elementos e personagens da cultura nordestina, como se pode averiguar no fragmento abaixo:

CINQUENTA ANOS DA ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO

Uma luz no Cariri iluminando o Ceará (Fragmento)(Autor: Prof. Me. Wagner David Rocha)

O Cariri cearense É região especial

De um povo trabalhador E de riqueza natural
De fé na religião

E de expressão cultural. Dessa terra abençoada Tem muito o que se falar Mas nestes versos eu
falo Apenas de um lugar

Que os seus cinquenta anos Nós vamos comemorar.

.A estátua do Padim No Horto localizada Em Juazeiro do Norte Cidade bem afamada Por
causa das romarias Ela é bem visitada.

Figura 31: Mala de couro onde são transportados e vendidos os folhetos de cordel.

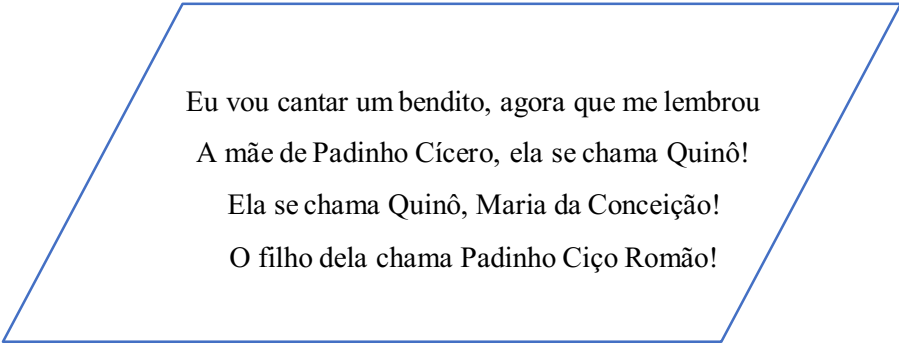


Fonte: Dinah Guimarães, extraído do Pequeno Atlas da Cultura Popular do Ceará-Juazeiro do Norte (1985, p. 694).

Reforçando os grupos difusores da cultura local também estão os benditeiros responsáveis pela organização, composição ou repetição de benditos sobre Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores. Constituído, principalmente, por crianças e adolescentes, os benditeiros ocupam espaços estratégicos da cidade como o horto e outros centros religiosos para divulgarem seus trabalhos aos visitantes.

Bessa (2008, p. 57) reforça que “Os meninos e meninas do horto, denominados de benditeiros, surgem como ponto de partida para reativação de uma memória narrativa, ou seja, as lembranças do passado que ressurgem no presente e que incidirão no futuro os sentidos expostos nesta prática discursiva”.

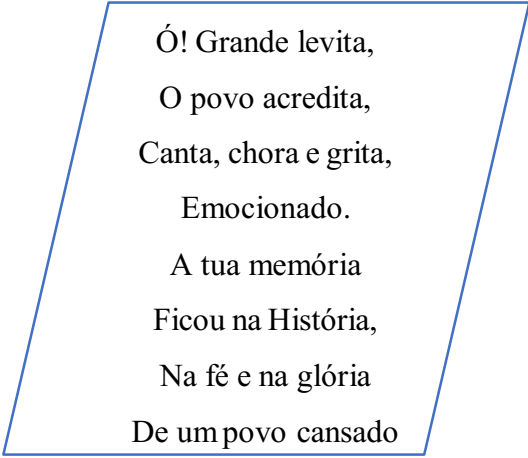
Reiterando a importância dos meninos benditeiros, bem como a temática por eles enfatizada, Bessa (2008, p. 71) exemplifica trecho em que fazem referência a traços biográficos do sacerdote, na seguinte passagem de bedito popular abaixo:



Eu vou cantar um bendito, agora que me lembrou
 A mãe de Padinho Cícero, ela se chama Quinô!
 Ela se chama Quinô, Maria da Conceição!
 O filho dela chama Padinho Ciço Romão!

Os repentistas e emboladores também compõem o quadro dos difusores da cultura e religiosidade local desde o passado aos dias atuais. Donos de uma invejável memória, guardam versos que narram as mais encantadoras narrativas, muitas delas voltadas aos temas alusivos à relação Padre Cícero e Juazeiro ou a personagens marcantes que tiveram passagem pelo lugar.

Araújo (1988, p. 157), reforça esse entendimento ao mencionar composição do poeta e repentista Pedro Bandeira de Caldas, um dos mais consagrados radicados em Juazeiro do Norte, que aborda o tema Padre Cícero como no fragmento a seguir:



Ó! Grande levita,
 O povo acredita,
 Canta, chora e grita,
 Emocionado.
 A tua memória
 Ficou na História,
 Na fé e na glória
 De um povo cansado

Além dos repentistas, consagrados emboladores corroboram para a fomentação da cultura juazeirense. A literatura local, através de nomes como Araújo (1988) dão conta da presença de artistas (poetas, emboladores, cordelistas) contemporâneos do Padre Cícero e posteriores a ele. Os emboladores apresentavam e ainda se apresentam em locais de grande circulação (feiras, praças, proximidades de igrejas, etc.) e, principalmente, em períodos festivos.

Figura 32: Poeta, cordelista, e repentista Pedro Bandeira Pereira de Caldas.



Fonte: Miséria (2021)²⁴

Em Juazeiro do Norte é muito comum a presença desses cantadores em períodos de romarias e o local preferido de suas se apresentações é a praça Padre Cícero no centro da cidade. As apresentações são extremamente criativas e vão desde as narrativas cantadas a respeito dos mais variados assuntos até os desafios travados entre os emboladores, o que encanta bastante a quem assiste.

Ainda no que alude à cultura e identidade local, importante se faz mencionar que a variedade de produtos artesanais de Juazeiro é expressiva. Alguns remanescentes de Padre Cícero, cujos ensinamentos foram passados de pais para filhos, continuam produzindo seus trabalhos em materiais como o couro, o alumínio, a palha da carnaúba, entre outros. Merece destaque o fato de que, as vassouras feitas com talo da carnaúba são da época do sacerdote e aqueles que queriam investir no ramo, contavam com seu apoio e incentivo.

Figura 33: Vassouras de talo de carnaúba feitas pelo artesão José Cassiano de Araújo. Serra do

²⁴ Disponível em: <https://www.miseria.com.br>

Horto.



Fonte: Dinah Guimarães, extraído do Pequeno Atlas de Cultura Popular do Ceará-Juazeiro do Norte (1985, p.82).

Durante anos muitos itens produzidos a partir do talo de carnaúba foram comercializados nas feiras locais, contudo, devido à industrialização de alguns produtos artesanais e os entraves da economia para o setor, a produção e venda desses produtos sofreu significativo impacto. Atualmente é encontrado em menor escala do que nas décadas de 20 a 40, quando os produtos advindos dessa matéria-prima tiveram seu apogeu e eram vendidos aos montes.

Também merecem destaque os produtos artesanais elaborados a partir do couro, do alumínio e do flandre. Desde a época do Padre Cícero algumas oficinas artesanais funcionavam nas pequenas residências dos próprios artesãos que criavam uma variedade de itens. Desse modo, do couro produziam bolsas, botas, chapéus, carteiras, etc.

Figura 34: José Casemiro (Mestre Zequinha), artesão do couro



Fonte: Elizabeth Travassos, extraída do Pequeno Atlas de Cultura Popular do Ceará-Juazeiro do Norte (1985, p. 46).

Do alumínio, por sua vez, inventavam pilões, pratos, conchas, panelas, além de outros. Ressalta-se ainda que alguns artesãos se utilizassem do flandre para a produção dos chamados carros de lata, além de miniaturas de caminhões paus de arara, trens e ônibus vendidos, muitas vezes, aos própriosromeiros que encomendavam.

Figura 35: Artesanato de Juazeiro comercializado nas feiras da cidade, de Crato e Barbalha. Produtos de flandre, alumínio e lata.



Fonte: Dinah Guimarães, extraída do Pequeno Atlas de Cultura Popular do Ceará-Juazeiro do Norte (1985, p. 8).

A palha de palmeira é outra matéria-prima que, durante muitos anos foi comercializada em larga escala nas feiras de Juazeiro do Norte. Os balaios, cestos, peneiras, entre outros itens, eram bastante disputados principalmente pelos vendedores e romeiros que utilizavam os cestos para acomodar produtos.

Figura 36: Artesanato de palha de palmeira vendido em Juazeiro.



Fonte: Dinah Guimarães, extraída do Pequeno Atlas de Cultura Popular do Ceará-Juazeiro do Norte (1985, p. 83).

Finalmente, ainda importa mencionar que o nome do patriarca está atrelado a inúmeros segmentos culturais e comerciais que se estabeleceram na cidade. Hotéis, pousadas, restaurantes, estabelecimentos comerciais, museus, ruas, praças, medicamentos, entre outros, carregam o nome do benfeitor que representa uma marca cultural e de identidade do povo juazeirense.

Ante o exposto, é expressivo o acervo cultural e identitário de Juazeiro remanescente da época de Padre Cícero. Alguns desses artefatos perduraram mesmo com o tempo. Eles fizeram parte da rotina cotidiana de muitos juazeirenses, romeiros, inclusive do próprio Padre Cícero, incentivador da prática artesanal e valorizador do trabalho e da cultura.

4. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL À LUZ DOS DOCUMENTOS PARAMETRIZADORES NACIONAIS

As discussões acerca das propostas curriculares no Brasil se acentuaram significativamente nas últimas décadas. Os estudos desenvolvidos tiveram como alvo iniciativas curriculares ainda mais eficientes no que concerne ao processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a partir dos anos 90, os debates em torno dos novos parâmetros ganharam um maior contorno. No fim de 1995, por exemplo, já havia uma proposta prévia em discussão submetida à análise de estudiosos, acadêmicos e outros profissionais da educação do país.

O resultado da submissão da versão preliminar a conhecedores do assunto culminou em um apanhado de sugestões e pareceres visando o aprimoramento do documento. Cumpre esclarecer que as secretarias de ensino fundamental das unidades da federação também desempenharam papel importante nesse processo, tendo em vista que, uma vez pronta, a versão final incidiria sobre todos os entes envolvidos.

Coletadas as informações e sugestões levantadas por estudiosos e pelas academias, coube ao MEC (Ministério da Educação e Cultura) realizar os ajustes necessários a fim de dar andamento ao feito. Desse modo, o MEC, feitas as devidas ressalvas e considerando o que foi proposto pelos profissionais e órgãos consultados, reelaborou a versão preliminar dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) enviada para a apreciação do Conselho Nacional de Educação.

Além disso, houve ainda algumas discussões, aprofundamentos e ajustes por parte das instituições e profissionais envolvidos até o texto final que se consolidou nos anos de 1997 e 1998, respectivamente, quando o MEC publicou os parâmetros correspondentes ao ciclo do ensino fundamental I, que abrangia da 1ª a 4ª série e do ensino fundamental II, que se estendia da 5ª a 8ª série.

Com a publicação dos PCNs, mudanças expressivas repercutiram sob a nova forma de reger a educação no país, principalmente no tocante à abordagem dos conteúdos. Aspectos como a transversalidade temática, a intertextualidade, a interdisciplinaridade, as novas formas de compreensão e interpretação de determinados assuntos, as novas perspectivas de discurso e sujeito, assim como a importância dos gêneros textuais entraram em evidência.

O documento repercutiu em todas as áreas do conhecimento: Humanas, Matemática, Ciências da Natureza e Linguagens e Códigos, apontando para novas perspectivas quanto aos conteúdos trabalhados. Como documento parametrizador, os PCNs incidiram, consideravelmente, no ensino da LP (Língua Portuguesa) em turmas dos níveis fundamentais I

e II. Logo, os parâmetros abordaram e aperfeiçoaram a definição e caracterização de vários conteúdos tratados pelo professor no cotidiano escolar.

Nessa perspectiva, o documento atinente à Língua Portuguesa permeou diversos assuntos divididos em dois segmentos distintos. Assim, a primeira parte dos parâmetros voltou-se para aspectos como: abordagem mais abrangente da linguagem e suas relações, ênfase na diversidade de textos, no papel da escrita, nos objetivos da LP na organização dos conteúdos, entre outros assuntos.

Por sua vez, a segunda parte elencou o ensino e aprendizagem em dois ciclos distintos, o do ensino fundamental I e do II. Em cada ciclo, elementos como valores, atitudes, língua oral e escrita, gêneros discursivos foram abordados.

Cumprе ressaltar que ante o vasto rol de informações assistidas nos parâmetros, não há como contemplarmos no presente trabalho, todos os aspectos enfatizados. Desse modo, nos debruçamos, especialmente, na incidência desses documentos sobre a disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental II, afunilando no capítulo posterior nosso olhar em torno da questão dos gêneros textuais.

No tocante aos objetos de estudo dos novos parâmetros, alguns assuntos considerados até então “gargalos” da educação vieram à tona, entre eles o fracasso escolar, que guarda profunda relação com os processos de leitura e escrita, os quais voltaram a ser uma preocupação dos PCNs, uma vez que o documento reconheceu a necessidade de melhorá-los, segundo se vê a seguir:

No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais-inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres – estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever (BRASIL, 1997, p. 19).

A realidade acima mencionada, embora informada no texto que faz referência aos primeiros níveis do ensino fundamental, também se aplica as turmas do segundo ciclo, já que leitura e escrita sempre se apresentaram como obstáculos a serem superados desde as séries iniciais. No ensino fundamental II, os reflexos da defasagem em torno dos atos de ler e escrever são notórios, o que corrobora a preocupação do documento com essa temática.

Ademais, até final dos anos 70, acreditava-se que a eficiência no ensino e aprendizagem da LP passava pela gramática, visão reducionista, que entendia como leitores e escritores exitosos apenas aqueles que dominassem a norma culta. Esse pensamento, logo foi perdendo espaço, já que no início da década de 80 o ensino mais crítico, que considera as perspectivas do

aluno, passou a ser considerado.

Os Parâmetros da Língua Portuguesa reconhecem essa mudança ao mencionarem que:

O ensino de Língua Portuguesa orientado pela perspectiva gramatical ainda parecia adequado, dado que os alunos que frequentavam a escola falavam uma variedade linguística bastante próxima da chamada variedade padrão e traziam representações de mundo e de língua semelhantes às que ofereciam livros e textos didáticos [...] A nova crítica do ensino de Língua Portuguesa, no entanto, só se estabeleceria mais consistentemente no início dos anos 80, quando as pesquisas produzidas por uma linguística independente da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variação linguística e psicolinguística, entre outras, possibilitaram avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita (BRASIL, 1997, p. 17).

A partir dessa colocação é possível notar a influência que outras áreas do conhecimento como a Linguística, Psicolinguística, Educação e a Psicologia da Aprendizagem tiveram na Língua Portuguesa. Os estudos psicolinguísticos, por exemplo, passaram a priorizar aspectos cognitivos dos educandos, a considerar seus conhecimentos de mundo, entre outras habilidades.

A Linguística também apresentou de forma mais aprofundada o fenômeno das variações linguísticas. Também alguns conceitos antes taxativos de certo e errado passaram a ser questionados. Foram avanços importantes que repercutiram positivamente no ensino e aprendizagem dos alunos, que se viram com mais vez e voz nas relações dialógicas estabelecidas em sala de aula e que passaram a serem mais bem assistidos nesses aspectos com a publicação dos PCNs.

A influência de outros campos pode ser notada no próprio documento ao reconhecerem que “O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social” (BRASIL, 1997, p. 19).

Os parâmetros abordaram inúmeras críticas ao ensino tradicional, porém, nos deteremos aqui a duas que consideramos fundamentais, sem querer desmerecer as demais: a primeira é a que condena o uso descontextualizado da metalinguagem, uma vez que, até então, os exercícios remetiam para fragmentos linguísticos em frases isoladas sem considerar o valor que tinham para o texto. A segunda é uma prática que perdurou e, infelizmente, ainda se mantém: o emprego do texto como justificativa para abordar a gramática e inculcar determinados valores, desconsiderando o contexto e os implícitos textuais.

Abordagens dessa natureza eram frequentes. Até na publicação dos PCNs era expressivo o índice de atividades que utilizavam o texto como caminho para explicar os elementos

gramaticais nele contidos. Até mesmo nos vestibulares era comum se deparar com questões descontextualizadas que insistiam em enfatizar os aspectos gramaticais de forma isolada.

Com o advento do documento parametrizador, o foco muda de posição. Ou seja, o aluno passa a ser considerado protagonista na relação de ensino e aprendizagem, sendo ele o ponto inicial para o alcance de novas habilidades linguísticas: “Pode-se dizer que hoje é praticamente consensual que as práticas devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas, particularmente daquelas associadas aos padrões da escrita” (BRASIL, 1997, p. 19).

Essa nova visão repousa no entendimento de que se deve dar mais espaço à compreensão ativa, dado que, até então, a decodificação e o silêncio eram posturas prevaletentes. Também tem guarida no fato de que, o propósito maior é conduzir o aluno a pensar, tirar conclusões, reconhecer elementos, relacioná-los, saber aplicá-los a situações, enfim, é conferir aos discentes o papel que lhes é de direito: o de interlocutores ativos, capazes de interagir plenos e exitosos nas relações dialógicas estabelecidas no cotidiano de sala de aula.

Outro avanço decorrente dos novos parâmetros foi um melhor entendimento do papel dos sujeitos nos discursos. Como o próprio texto do documento reconhece, as opções levantadas ao produzir um discurso não se dão aleatoriamente, uma vez que ele se estrutura em torno dos objetivos e daquilo que o interlocutor almeja, o que se torna determinante para uma ênfase maior e seleção dos gêneros textuais apropriados às intenções em um discurso.

Ainda no que atine aos benefícios propiciados pelos PCNs, é possível mencionar outros pontos relevantes, a saber: o que reconhece o aluno como variável fundamental na relação dialógica com o professor na busca do conhecimento, o que destaca a importância de saber selecionar os textos apropriados, priorizando os que estimulem a criticidade do aluno; o que realça a relevância da intertextualidade e da interdisciplinaridade, entre outros.

Não há dúvida de que os parâmetros curriculares nacionais refletiram profundamente no ensino da LP nas séries do ciclo fundamental, todavia, não há como elencar todas as contribuições, uma vez que conforme informado anteriormente, nos debruçamos apenas sobre alguns aspectos positivos oriundos desse documento.

Além disso, em 2018, um novo parametrizador veio à tona: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que agregou conquistas aos avanços já existentes e consolidados pelos PCNs, contemplando inclusive o ensino médio. A BNCC também refletiu e reflete, significativamente, na atual conjuntura do ensino da LP sendo, portanto, objeto de estudo do presente trabalho.

Inicialmente, importa esclarecer que a BNCC também constitui um documento

normatizador da educação brasileira e visa, através de sua estrutura, propiciar aos alunos das mais variadas etapas ou modalidades, um aprendizado essencial. Assim como nos PCNs, o novo documento também se preocupou com elementos como baixo índice de aprendizagem, repetência e abandono, ainda preocupantes (BRASIL, 2018).

Essa preocupação corrobora a ideia de que, apesar dos avanços obtidos através da implantação dos documentos parametrizadores publicados em 1997 e 1998, alguns percalços resistiram.

Valores assegurados constitucionalmente e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) também foram objeto da nova base curricular, a qual, se voltou para princípios que garantam a formação integral do cidadão, além de apregoar a inclusão, medida que há muito era reivindicada pela sociedade. Nesse sentido, o documento assim define sua aplicação:

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 9).

Relevante mencionar que a Base Nacional Comum Curricular também serve como referência para outros sistemas e currículos dos entes federativos, bem como para as adequações feitas em detrimento das particularidades regionais, visando um alinhamento das ideias e ações.

Para um melhor desenvolvimento das aprendizagens essenciais que almeja ofertar, o documento foi estruturado em 10 competências, cuja definição nos permite enxergar a influência de outras áreas do conhecimento como a Linguística, a Psicologia da Aprendizagem, entre outros.

O documento apresenta a seguinte definição para o termo competência: “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 10).

As denominadas competências gerais da BNCC abrangem diversos aspectos relevantes para o aprendizado. Entre eles destacamos a valorização do conhecimento de mundo dos indivíduos, o incentivo ao questionamento crítico, a redução de diferenças e defesa das igualdades, o reforço das políticas de inclusão, o reconhecimento e valorização da cultura, da arte, além de outros critérios elencados.

Por tratar o presente trabalho das repercussões do documento no ensino de Língua

Portuguesa no ensino fundamental, destacamos uma competência em especial que, a nosso ver, em muito tem colaborado, principalmente, no âmbito da LP. Assim, a competência 4 é apresentada:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018, p. 11).

Conforme se averigua, outras linguagens foram contempladas e passaram a ocupar espaço significativo no processo de ensino e aprendizagem de nossos educandos, proporcionando a partilha de vivências e a produção de sentidos nas mais variadas situações.

O documento parametrizador ainda contemplou as normas legais (Constituição, LDB, PCNs, etc.) que serviram de base para elaboração do mesmo, além de reforçar a necessidade de uma educação mais igualitária, diversificada e equitativa, como forma de atenuar as acentuadas desigualdades que se perpetuaram através dos tempos, tudo em regime de colaboração entre os entes federativos envolvidos.

Um diferencial da BNCC é a abordagem que faz das competências, uma vez que tanto abrange as que devem ser projetadas ao longo da educação básica como as que se referem a etapas específicas do ensino, o que facilita sua aplicabilidade e acompanhamento, tendo em vista que são cristalinas as orientações pertinentes a fases como Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio.

Em cada etapa, o documento elenca as habilidades por área de conhecimento representada através de um código alfa numérico. Há a explicitação das referidas habilidades de modo a facilitar o trabalho do professor, que tem como planejar sua aula de forma mais direcionada, sabendo quais habilidades pretende alcançar e explorando características específicas de seus educandos.

No que alude à influência da BNCC no ensino de LP no ensino fundamental anos finais, objeto de estudo do presente trabalho, o documento parametrizador não só reforça que se alinha e dialoga com outros anteriormente publicados, como também almeja uma participação mais efetiva e crítica dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem.

Contribuição importante do documento supracitado no tocante à LP é que também parte do texto como unidade referencial de trabalho, como se constata a seguir:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2018, p. 69).

No que compete, especificamente, ao componente de LP, a BNCC entende que cabe a LP propiciar vivências aos educandos que corroborem para a expansão dos letramentos, proporcionando a participação expressiva e crítica nas mais variadas práticas integradas pela oralidade, escrita e demais práticas (BRASIL, 2018, p. 67-68)

O documento ainda atenta para o fato dos multiletramentos que ganharam evidência após a implantação da cultura digital, sem com isso, descartar a importância dos cânones, que também têm papel primordial no processo dialógico ocorrido no cotidiano nas salas de aula.

No que se refere à definição de leitura, é possível detectar que a BNCC não reduz seu entendimento apenas à luz dos textos escritos, tomando por consideração novas formas como a pintura, o desenho, os gráficos, entre outros tipos. A BNCC ainda compreende inúmeras dimensões oriundas das práticas leitoras.

Entre as que são apresentadas, destacamos a seguir a que trata dos gêneros do discurso, por compreendermos que guarda profunda relação com o objeto de estudo que dá suporte ao presente trabalho. Nessa perspectiva, a Base Nacional apresenta, dentre outras, a seguinte dimensão:

Analisar a circulação dos gêneros do discurso nos diferentes campos de atividade, seus usos e funções relacionados com as atividades típicas do campo, seus diferentes agentes, os interesses em jogo e as práticas de linguagem em circulação e as relações de determinação desses elementos sobre a construção composicional, as marcas linguísticas ligadas ao estilo e o conteúdo temático dos gêneros (BRASIL, 2018, p. 72).

As contribuições advindas dessa dimensão são expressivas para o ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental II, tendo em vista que não só evidenciam os gêneros dos discursos nas mais variadas linhas de atuação, como elencam os sujeitos agentes e protagonistas do discurso, considerando os interesses envolvidos e os fatores determinantes para a escolha desses elementos na estrutura de composição.

Outra dimensão que consideramos extremamente pertinente ao objeto de estudo em tela é a que versa sobre a dialogia, a saber:

Identificar e refletir sobre as diferentes perspectivas ou vozes presentes nos

textos e sobre os efeitos de sentido do uso do discurso direto, indireto, indireto livre, citações etc. [...] Estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a identificação e compreensão dos diferentes posicionamentos e/ou perspectivas em jogo, do papel da paráfrase e de produções como as paródias e a estilizações (BRASIL, 2018, p. 75).

Os elementos contemplados nesta dimensão guardam plena relação com os conteúdos da LP abordados no cotidiano escolar, tendo em vista que ela faz referência às vozes presentes nas relações discursivas, remete a aspectos como a heterogeneidade mostrada e não mostrada, além de referenciar relações intertextuais e interdiscursivas, bastante consideradas no momento de apreciar o contexto em que determinada informação se insere.

Por fim, ainda no tocante às dimensões realçadas na BNCC, destacamos a que faz referência às estratégias e procedimentos de leitura, conforme se averigua a seguir: “Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares” (BRASIL, 2018, p. 76).

Mais uma vez as particularidades do gênero e do suporte textual são levadas em consideração para se alcançar uma leitura independente em relação a temas afins. Nesse sentido, por mais que os interesses e finalidades sejam distintos, a opção pelo gênero e suporte apropriados pode permitir ao interlocutor uma leitura autônoma e eficiente.

Especificamente, o documento parametrizador realça que os gêneros devem ocupar lugar importante no ensino de LP do ensino fundamental II, ao informar que:

Amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências. (BRASIL, 2018, p. 138).

Finalmente, a BNCC elenca diversas práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades que variam conforme o que se busca analisar especificamente. Dado o extenso rol desses elementos, dispostos na grade da Base, nos detemos àquele que se refere à produção e apreciação dos gêneros textuais, por enxergarmos sua afinidade com a temática abordada neste trabalho.

Nesse sentido, abordaremos o eixo de 6º ao 9º ano, cuja prática de linguagem é a produção de textos e que tem como um dos objetos de conhecimento a textualização. Esse eixo, pertencente ao campo jornalístico-midiático e traz as habilidades, descritas no código alfa numérico a seguir:

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc (BRASIL, 2018, p. 145).

A partir da análise das habilidades acima expostas e de outras dispostas na BNCC atinentes ao ensino fundamental II, é possível detectar, portanto, várias delas privilegiam a relevância dos gêneros textuais tanto na leitura quanto na produção de textos, bem como dos elementos integrantes da Análise do Discurso, a saber: gêneros, suportes, sujeitos, relações intertextuais, etc.

Fica claro, por fim, que tanto os PCNs quanto a BNCC contribuíram significativamente para uma nova roupagem do ensino da Língua Portuguesa no ensino fundamental II, conferindo espaço maior a criticidade textual, atribuindo mais voz aos sujeitos e corroborando para que os educandos se tornem protagonistas no processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, os documentos evidenciaram a importância da intertextualidade e da interdisciplinaridade, o que reforçou para a ampliação dos horizontes interpretativos, saindo da superfície textual e considerando todos os elementos implícitos. Em suma, os documentos parametrizadores podem ser considerados divisores de águas na educação brasileira.

4.1 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os gêneros textuais são relevantes recursos que corroboram para o ensino exitoso da Língua Portuguesa e defini-los não é tarefa fácil. Atribui-se a Bakhtin (2000) uma das mais conhecidas definições que serviu de guarida a muitos outros estudiosos do assunto, uma vez que define gêneros textuais como “Tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos pelos distintos segmentos de utilização da língua” (BAKHTIN, 2000, p. 262).

Esse entendimento permite enxergar uma característica dos gêneros textuais: a estabilidade relativa, o que se dá, possivelmente, em razão de sua funcionalidade e intencionalidade nos contextos e situações práticas.

Não basta, contudo, definir os gêneros, é necessário também ressaltar que, no Brasil, suas contribuições para o ensino da LP se acentuaram mais nas últimas décadas, principalmente, após o advento dos documentos parametrizadores publicados.

Nesse sentido, a partir de 1995, com o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), a incidência de textos pertencentes a diversos gêneros nos livros didáticos de LP tornou-se mais perceptível. Até então, a abordagem desses tipos era tímida. A maioria dos textos estudados remetia para os cânones literários, os quais, muitas vezes, dispunham de limitada variedade de gêneros, sem falar em materiais que abordavam tipos e gêneros textuais como sendo a mesma coisa.

Relevante esclarecer que os tipos, segundo Marcuschi (2002) dizem respeito a uma ordem definida teoricamente pela estrutura linguística que a compõe. Desse modo, prende-se a aspectos como os lexicais, sintáticos, temporais, entre outros. Por sua vez, os gêneros estão atrelados a nossa vida diária e carregam singularidades sociocomunicativas definidas por situações funcionais, conteúdos, estilo, etc.

Santos (2007) reforça esse entendimento ao manifestar que:

A perspectiva de ensino da língua baseada no conceito de gênero está pautada num conceito de língua como interação, compreende a escrita como prática social e reconhece que todo texto (oral ou escrito) realiza um propósito particular em uma situação específica (SANTOS, 2007, p. 21).

Mais uma vez, a compreensão dos gêneros textuais passa por elementos como interação e prática social, o que lhes confere uma dinamicidade, a qual não deve ser desconsiderada na abordagem da LP em sala de aula.

Se a implantação do PNLD conferiu maior notoriedade aos gêneros nos livros adotados

nas redes de ensino, como advento dos PCNs em 1997 e 1998, respectivamente, isso foi reforçado. Assim, a abordagem dos conteúdos de Língua Portuguesa nas séries do ensino fundamental (iniciais e finais) ganhou um novo contorno.

Basta lembrar que, antes da publicação dos parâmetros, os textos eram trabalhados, em sua maioria, enfatizando aspectos técnicos e formais, pouco adentrando em elementos como a intencionalidade e outros aspectos práticos específicos de cada contexto apresentado.

Nessa perspectiva, tanto os PCNs quanto a BNCC evidenciaram a necessidade de considerar a dinamicidade dos gêneros, suas peculiaridades sociocomunicativas, as características, seus atributos funcionais, o que foi fundamental para uma maior abertura e abordagem de gêneros orais até então escanteados em face da escrita.

Os PCNs, ao elencarem os objetivos almejados para os alunos pertencentes ao II ciclo do ensino fundamental trazem a seguinte orientação: “Ler automaticamente diferentes textos dos gêneros previstos para o ciclo, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar estratégias adequadas para abordá-los” (BRASIL, 1997, p. 124).

No tocante à funcionalidade e intencionalidade, em outro objetivo, os PCNs recomendam:

A escuta ativa de diferentes textos produzidos na comunicação direta ou mediada por telefone, rádio ou televisão, atribuindo significado e identificando (com ajuda) a intencionalidade explícita do produtor. (BRASIL, 1997, p. 117).

Por sua vez, a BNCC no tocante aos gêneros textuais, situa-os no eixo escuta, fala, pensamento e imaginação, ao orientar que “Conhecer diferentes gêneros e portadores textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação” (BRASIL, 2018, p. 57).

Ainda no que atine aos gêneros, a BNCC acrescenta que:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas (BRASIL, 2018, p. 69).

Ante as considerações tecidas, ficou evidente que os gêneros textuais são relevantes para um ensino exitoso da LP, sendo que passaremos a expor outras contribuições advindas dessa relação.

Inicialmente importa destacar que o trabalho com os gêneros estreita a distância entre teoria e prática, aproximando mais os discentes da realidade, permitindo que participem mais ativamente das situações de fala e escrita de suas comunidades.

Nesse sentido, ao abordar gêneros como a notícia, a reportagem e a entrevista, o seminário, o debate, além de outros, por exemplo, o professor não só compartilha com os educandos seus conhecimentos, como lhes propicia produzir resultados que guardem uma maior relação com suas vivências pessoais e comunitárias.

Outra vantagem nítida do trabalho com os gêneros é que, através da abordagem dos mesmos, o educador pode priorizar aqueles que mais tenham a ver com a realidade dos alunos com quem lida. Este é um trabalho difícil, porém, necessário dado à infinidade de gêneros disponíveis na atualidade. Assim, como conhecedor dos problemas práticos da comunidade em que atua, o educador, em ação conjunta com os educandos poderá sim, explorar gêneros que guardem uma maior afinidade com o contexto no qual estão inseridos.

Exemplo disso pode se dá no momento atual em que a sociedade vive uma crise sanitária sem precedentes. Os alertas são repassados, diariamente, orientando as pessoas sobre como se comportarem diante da COVID 19 (Doença do Corona Vírus). Conhecedor dessa realidade, o docente pode não só explorar com os alunos os cartazes que falam dos cuidados especiais que os cidadãos devem ter, como sugerir aos mesmos a própria produção do gênero cartaz, podendo ser veiculado presencial ou virtualmente.

Exemplo como esse corrobora a ideia de que, determinado gênero, a depender do contexto vivido, pode se sobrepor a outro menos urgente ou desnecessário para uma situação específica. Contudo, caberá ao professor discernir acerca dessa necessidade através do debate e partilha de experiências com seus educandos.

Outra contribuição dos gêneros textuais para o estudo da LP diz respeito à adequação do gênero aos aspectos com os quais os discentes se deparam no dia a dia. Nessa perspectiva, o professor pode esclarecer que os gêneros variam conforme o público ao qual se reportam, o suporte em que são veiculados, entre outros. Essa prática não só guarda relação com o exemplo anterior, que prioriza o gênero a ser selecionado, como proporciona aos educandos identificar outros benefícios.

Desse modo, ao esclarecer aos alunos que um gênero pode variar conforme o público, o professor estará propiciando também que reconheçam elementos formais e informais. Certamente, eles serão capazes de identificar que um gênero dotado de um linguajar mais sofisticado, não terá o efeito esperado, se direcionado a uma comunidade que tem pouco ou nenhum acesso àquela forma de falar ou escrever.

As campanhas publicitárias podem ser exemplificadas pelo professor como modelos que se encaixam na realidade acima, visto que os profissionais dessa área, antes de lançarem um produto no mercado, elencam um levantamento de informações pertinentes ao que almejam produzir como: quem pretendem alcançar, como chegarão a esse grupo, que linguagem empregarão e de qual meio se utilizarão. Paralelamente, o educador proporcionará ao aluno o contato com diversos gêneros que podem se encaixarem no perfil publicitário como os outdoors, os cartazes, as vinhetas emitidas via rádio, as propagandas veiculadas pela TV, entre outros.

No tocante à funcionalidade, os gêneros podem ser ainda mais úteis aos educadores. Prova disso são os tipos oriundos da cultura digital, tendo em vista que, após o advento das novas tecnologias, uma infinidade de gêneros surgiu para atender as necessidades cotidianas dos cidadãos. Nesse sentido, a ênfase em tipos como as mensagens instantâneas, os chats, os e-mails, as biografias ou resumos de vida postados constantemente nas páginas das redes sociais, permitirá que o aluno tenha contato com uma realidade que lhe pertence através do ensino dos gêneros.

Também é possível esclarecer aos discentes ainda que, alguns gêneros perderam espaço, cedendo lugar a outros ou se revestiram de uma nova roupagem. Um modelo a ser mencionado pode ser o e-mail, cuja estrutura assemelha-se a da carta, mantendo com ela características em comum, a saber: remetente, destinatário, mensagem, local e data, etc., mas que se diferenciam por apresentarem algumas peculiaridades e, principalmente, pelo suporte no qual são veiculados: correios e computador (ou celular), respectivamente.

As postagens em redes sociais com breves resumos de vida das pessoas, incluindo foto de perfil e informações sobre quem são, qual a escolaridade, locais onde moram, familiares, eventos que frequentam, pensamentos, opiniões, onde trabalham e com quem se relacionam, conquistas, traumas, perdas, também representam uma versão virtual das tradicionais “biografias” digitais que, pela facilidade de produção e alcance das informações vai bem além daquelas trabalhadas nas salas de aula com o gênero específico.

Nesse sentido, as novas formas de gênero nem sempre devem ser recepcionadas como recursos que vieram para substituir, mas para reinventar ou ressignificar outros disponíveis. Muito embora os textos biográficos elenquem um rol de feitos de um indivíduo durante sua vida, a estrutura desses gêneros e das histórias de vida relatadas nas redes sociais é bem semelhante. O texto biográfico e os resumos de perfis nos ambientes virtuais são exemplos de que os gêneros são relevantes para as aulas de LP e guardam profunda relação com as práticas individuais e coletivas dos educandos.

Outro aspecto que reflete as contribuições dos gêneros para o ensino da LP é a possibilidade de semioses distintas incidirem sobre um mesmo texto. Logo, ao abordar um gênero como um cartaz, por exemplo, o docente pode destacar que se trata de um tipo híbrido, visto que integra signos verbais e imagens, por exemplo.

A repercussão dos gêneros textuais no ensino da língua em questão é evidente, no entanto, há um fator final que precisa ser considerado: a formação dos professores. É fato que de nada adianta dispormos de um leque de gêneros, se os docentes não forem preparados para lidar com essa realidade. Nessa perspectiva, é necessário que os educadores sejam assistidos no sentido de receberem o apoio e formação condizentes para lidar com as mudanças que a todo o momento os cercam.

Ler e discutir textos, realizar debates, fazer análises e comparações, estimular a produção textual, entre outras atividades envolvendo os gêneros, podem ser desenvolvidas pelos educadores em sala, desde que lhes seja concedida a formação suficiente para estarem antenados com a dinâmica dos contextos nos quais estão inseridos.

No mais, vivenciamos um momento de vasta disponibilidade de gêneros e, a todo instante, novas formas dão lugar ou são complementadas por outras versões mais modernas, cabendo ao professor utilizar-se ou não dessas ricas ferramentas textuais.

Logo, compete a nós, enquanto educadores compreendermos a necessidade de tomarmos o texto como ponto de partida e os alunos como sujeitos protagonistas da relação dialógica que se estabelece no ambiente escolar, estratégia que, certamente, gerará frutos exitosos no ensino dos gêneros para as aulas de LP e para a vida, tendo em vista que o estudo dos gêneros práticos possibilita isso.

4.2 ALGUNS GÊNEROS TEXTUAIS APLICÁVEIS A ABORDAGENS HISTÓRICO-CULTURAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Os gêneros textuais constituem importantes ferramentas à disposição do professor e podem auxiliar em inúmeras atividades escolares no dia a dia. Eles tanto podem evidenciar a escrita (os editoriais, notícias, reportagens, entre outros) como elencar a oralidade (seminário, palestra, conferência, etc.).

A quantidade disponível desses instrumentos é considerável, o que acaba facilitando o trabalho docente em sala de aula, uma vez que é possível utilizá-los, por exemplo, para explorar as informações de um texto, aprofundar determinada discussão sobre um assunto, elaborar atividades diversificadas, entre outras vantagens.

Vale ressaltar, que determinados gêneros se aplicam melhor a certos conteúdos

direcionando o trabalho docente na abordagem de um assunto. Exemplo disso é o cordel, bastante empregado quando a temática é cultura popular e identidade cultural. Desse modo, cabe ao professor selecionar gêneros apropriados para uma abordagem mais eficiente dos conteúdos com os quais lida.

Nessa perspectiva, como o propósito deste trabalho é compreender as relações entre Padre Cícero e Juazeiro do Norte – CE a partir de aspectos da cultura popular e identidade cultural, realçamos gêneros peculiares, por compreendermos que guardam uma melhor relação com a temática, além de propiciar uma ênfase mais produtiva do assunto.

Nesse sentido, muito embora haja outros gêneros pertinentes ao assunto direcionaremos nosso trabalho a partir de quatro gêneros textuais específicos, a saber: memórias literárias, cordel, bendito e curta metragem. Na sequência, faremos uma abordagem particular de cada tipo, apresentando suas definições e realçando as características de cada um.

4.2.1 Memórias Literárias

A escrita de lembranças pessoais experienciadas por escritores evidenciou-se, expressivamente, no meio literário nas últimas décadas. Nessa perspectiva, a produção de inúmeras obras autobiográficas, memorialistas, dentre outras, ganhou notório espaço, principalmente por aludirem às memórias ou recordações sobre fatos ou fragmentos do passado.

Essa prática de referenciar lembranças através do texto literário configura o que conhecemos por memória literária. Entre os conceitos atinentes às memórias literárias, merece destaque o entendimento constante no material de apoio *Escrevendo o Futuro* (2021) que versa sobre OBLP (Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa) e traz no caderno relativo às memórias o seguinte entendimento: “Memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores ou escritoras que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado” (ALTENFELDER, et al., 2021, p. 28).

Por sua vez, Lima (2009) compreende que:

Um texto de memórias literárias objetiva resgatar um passado, com base nas lembranças de pessoas que, de fato, viveram esse tempo. Representa o resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são evocadas e repassadas para outra, dando assim continuidade ao fio da história, que é de ambas porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. (LIMA, 2009, p. 22).

As concepções acima elencadas convergem no sentido de que consideram as memórias literárias como processo de resgate de lembranças pretéritas, permitindo que o legado seja

transmitido a outras gerações, constituindo um processo cíclico, uma vez que se hoje somos presente, amanhã seremos considerados passados e, sobre esse momento, novas recordações serão registradas.

O referido gênero tem sido abordado de modo mais acentuado pelos docentes em sala de aula, principalmente no que concerne aos estudos de cultura e identidade de determinado povo e região. Isto, porque, as memórias literárias apresentam particularidades que ajudam a compreender o sentido e abrangência desse gênero textual que se caracteriza pelo emprego de linguagem poética e literária, visando tornar um texto deste gênero mais atrativo. Desse modo, o autor se utiliza de alguns recursos, como a adesão a uma linguagem mais leve, romantizada e acessível, capaz não só de despertar o interesse do leitor, como seu envolvimento e sentimento de pertença em relação às memórias relatadas.

Utiliza-se da comparação entre presente e passado no tocante aos assuntos a que se referem. Os autores que recorrem ao gênero memórias literárias priorizam, geralmente, fatos do passado que guardam relação ou interesse com o presente. Nesse sentido, é comum se reportarem a fatos ou passagens específicas e expressivas de um povo, a fim de reforçar não só a necessidade de manutenção das tradições como a transmissão do legado a outras gerações.

O uso do narrador em 1ª pessoa visa conferir ao texto mais originalidade. Buscando aproximar o leitor do contexto ao qual se refere, o autor prioriza a narração em 1ª pessoa e reescreve fatos a partir de suas expectativas e do acervo de que dispõe. Também necessita lançar um olhar observador sobre os aspectos gerais. Já no tocante ao tempo verbal, por remeterem ao passado, os fatos narrados nas memórias literárias devem estar no pretérito perfeito e imperfeito.

Pelo convite ao leitor, ao produzir memórias literárias, um narrador convida o interlocutor, direta ou indiretamente, a reviver ou recordar fatos ou passagens específicas do passado. Nem sempre esse convite é perceptível, porém, o próprio sentimento de saudosismo presente em textos memorialísticos, acaba despertando no leitor a reflexão sobre o assunto recordado.

Merece destaque, ainda, a ênfase nas impressões, sentimentos e emoções, isto porque, não basta apenas resgatar fatos pretéritos, é necessário revesti-los do encantamento inerente às memórias literárias. Desse modo, utilizando-se de uma linguagem descontraída e, acima de tudo, envolvente, um narrador através do realce nos sentimentos, emoções e impressões, intenta a atenção e envolvimento do leitor com a narrativa de recordações.

As memórias literárias também buscam esclarecimentos sobre termos e expressões típicos de uma época. Nesse intento, um memorialista exerce papel fundamental, já que, por ser

também um pesquisador, necessita aprofundar-se no contexto sobre o qual se debruça. Nesse sentido, acaba se deparando com palavras e expressões que, muito embora em desuso no atual contexto, são extremamente relevantes na compreensão dos fatos que ora resgata. Tais informações devem ser cristalinas aos olhos do leitor para um entendimento exitoso das memórias.

No que concerne ao objeto deste trabalho, a saber, a relação Padre Cícero e Juazeiro numa perspectiva cultural e identitária, a partir de gêneros textuais, as memórias literárias são as que mais evidenciam o tema. O acervo inerente às recordações do Juazeiro antigo, à sua forma de povoamento, à chegada e liderança de Padre Cícero e às passagens ou eventos históricos envolvendo esses personagens é expressivo, sendo possível detectar inúmeros exemplos de Literatura de memórias produzida nos últimos tempos.

4.2.2 Cordel

Entre os gêneros populares que mais versam sobre a cultura popular está o cordel. Trata-se de uma manifestação literária ocorrida, principalmente, no interior do nordeste brasileiro e os que lidam com essa forma de Literatura popular são chamados de cordelistas.

Para Kunz (2011) o cordel pode ser definido como uma manifestação da literatura oral desenvolvida para ser recitada por meio de folhetos como suporte material. O folheto ao qual o autor se refere é essencial à compreensão do termo cordel, visto que, em Portugal, era exposto nas feiras em cordas finas onde ficava pendurado para uma melhor visualização do público. Essa prática estendeu-se ao Brasil, a partir do fim do século XVIII, através dos colonizadores lusitanos.

Vale ressaltar que, no Brasil, além de serem comercializados em cordas, os folhetos também podiam ser expostos em malas de couro que ficavam abertas e expostas nas feiras livres.

Para Andrade (2007) o cordel mescla epopeia e comentário acerca da difícil realidade do povo nordestino. Ainda segundo o autor, o cordel mistura humor e crítica social, vida religiosa e sexualidade e os versos de quem os produz representam uma forma especial de voltar o olhar para a vida e a alma de nosso povo.

Ainda no que concerne ao cordel, esse gênero pode ser enxergado em outras perspectivas, conforme se averigua em Hélder Pinheiro e Ana Cristina:

A literatura de cordel ao longo de sua história tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicações de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Mais recentemente, podemos apontar no cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 56).

No tocante às características, o gênero cordel guarda algumas peculiaridades que precisam ser observadas. A linguagem utilizada nos folhetos de cordel é simples, informal, contempla um vocabulário regional e oral. Trata-se de um linguajar popular, rico nas particularidades de um povo, de uma região, entre outros aspectos. Dada à predominância da oralidade e da coloquialidade, acaba por se opor a Literatura canônica, que por sua vez prioriza a formalidade.

Outro aspecto relevante dos cordéis diz respeito à estruturação, pois são construídos em versos com rimas geralmente alegres, que tanto podem entreter como informar. Além das rimas, caracterizam-se, ainda, pela oralidade e métrica, com ênfase na escrita em sextilhas com versos de sete sílabas.

Na abordagem dos temas é comum recorrer a recursos como a ironia e o humor, contudo, outros como a sexualidade, a política, a tragédia também podem ser objeto temático. Quando empregado, o efeito humorístico confere aos textos uma maior leveza e divertimento para quem aprecia, apesar de carregar fortes críticas sociais implícitas na linguagem sarcástica. A adesão a esses recursos varia conforme o tema abordado e a ênfase que o autor pretende dar a determinado assunto. Vale ressaltar que, apesar do emprego de humor e ironia, há versos cordelísticos que se voltam para a tragédia, para a denúncia social, entre outras realidades.

Além disso, o cordel é utilizado como ferramenta difusora ou propagadora da cultura popular brasileira, abrangendo temas como: folclore, música, costumes, aspectos religiosos, etc. Além de temáticas culturais, os folhetos podem se reportar ainda a figuras políticas, passagens históricas de destaque e, por fim, guardar total relação com a realidade pertinente ao contexto em que foram produzidos.

Outra peculiaridade deste gênero, diz respeito ao material utilizado para sua confecção. Os livretos são constituídos de folhas finas, geralmente amareladas, o que confere ao material um tom de envelhecimento, muito embora possa ser produzido em folha branca. As capas carregam um traço característico, as xilogravuras, gravuras resultantes da arte sob madeira. As contracapas, por sua vez, são reservadas para propagandas publicitárias, espaços para patrocínios, entre outras divulgações.

Reiterando as particularidades do cordel, é relevante mencionar Kunz (2011) que, entre

as várias características do texto cordelístico, evidencia:

O tamanho é geralmente o mesmo dos livretes comuns (11x16), com poucas exceções. O número de páginas pode desviar da regra geral, encontrando-se folhetos de 4, 7 ou 15 páginas ao invés de 8 ou de múltiplo de 8. São, na maioria, escritos em sextilhas de versos de sete sílabas, forma de versificação predominante nos folhetos populares. No que diz respeito à capa, quando se recorre a ilustrações, o clichê a partir de desenho e a xilogravura têm a preferência. A quarta-capa do folheto pode dar continuidade ao apelo publicitário, mas é bom lembrar que o poeta-editor já vinha utilizando esse espaço para avisos especiais, anúncios comerciais que ajudavam a custear a edição do folheto, detalhes biográficos e profissionais a serviço da autopromoção; divulgava sua própria obra, anunciando outros títulos à venda, ou procurava ampliar o mercado editorial do cordel, informando preços especiais, por atacado ao revendedor, a varejo para o público, endereços de outras editoras etc... Mas, no caso da Bpublicidade em cordel, o discurso publicitário infiltra-se, apropria-se do corpo do texto e desvia sextilhas e setilhas, rimas e versos heptassílabos, do ritual poético da grande tradição (KUNZ, 2011, p. 32-33).

Muitos escritores são simpatizantes desta manifestação literária como Leandro Gomes de Barros, Manoel Ferreira, Cego Aderaldo, João Mendes de Oliveira, entre outros. Dentre os nomes que mais sobressaíram na produção literária de cordel nos últimos anos, merece evidência Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré), que se destacou por se utilizar do linguajar simples do homem do campo para tecer fortes críticas às mazelas sociais de seu tempo.

Vale ressaltar que alguns escritores da Literatura tradicional foram influenciados pelo cordel. Assim, é possível identificar algumas características do gênero em textos dos pernambucanos Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto. Nos últimos tempos, a adesão a esse gênero tem se acentuado.

A ênfase em tipos populares, religiosos e lendários é notória. Nessa perspectiva, vários são os folhetos que versam sobre Lampião, Luiza Gonzaga, Padre Cícero, beata Maria de Araújo, entre outros.

No caso da ênfase em Padre Cícero e Juazeiro, objeto que interessa a este trabalho, existe uma produção considerável de cordéis sobre o assunto, contemplada por nomes como Abraão Batista, Stênio Diniz, Cícero Lourenço, Rosário Lustosa, Wagner David Rocha (2019), Pedro Bandeira, etc.

Não resta dúvida, portanto, que se trata de um gênero riquíssimo, tido como um dos que mais se afina a com a cultura e a identidade, além de constituir relevante recurso na divulgação da cultura popular do povo nordestino.

4.2.3 Benditos

No processo de colonização brasileira, vários foram os elementos herdados da cultura dos colonizadores que se perpetuaram e se ressignificaram, adequando-se à realidade local. No caso dos benditos, estima-se que alguns cantos foram trazidos para cá pelos portugueses, difusores dessa prática religiosa em sua cultura. O termo bendito corresponde a canto religioso.

A princípio, os benditos guardam relação com o gênero canção, sendo compreendidos como um subgênero deste tipo, diferenciando-se pela evidência dada aos aspectos religiosos.

No sentido dicionarizado, o termo canção é compreendido como um pequeno arranjo musical. No tocante à temática, pode versar sobre cultura popular, sátiras ou sentimentos. Nessa direção, enquanto pequenas composições, os benditos convergem com o gênero canção, diferenciando-se deste por abordar características específicas conforme vemos adiante.

Ainda no que atine aos benditos, Sá Júnior (2009, p. 14) menciona que contêm “fragmentos de poemas da música cristã oficial, mas também há uma influência muito diversificada, criações próprias do povo”

Em outra relevante compreensão acerca dos benditos, Sá Júnior (2009) assim se posiciona:

O bendito é uma prática discursiva que o povo elabora, numa perspectiva mítica para encontrar respostas satisfatórias para as suas perguntas fundamentais sobre o processo de existência, vida e morte. Muitos dos cantos entoados nas celebrações dos cantos populares são memória de um passado, cujo imaginário se misturou à liturgia católica (SÁ JÚNIOR, 2009, p. 50).

Por sua vez, frei Pedro Sinzig (1949) entende os benditos como “cantos sacros” do povo. Mais uma vez, a noção do sagrado é atrelada a esses tipos de cantos que podem se destinar às mais variadas funções dentro de um contexto religioso.

Em seu Dicionário Musical Brasileiro, o modernista Mário de Andrade (1989, p.) define os benditos como “certos cantos de origem religiosa entoados no processo de solo e coro popular”.

Ressalta-se que, apesar da relação com o gênero canção, as características peculiares dos benditos têm se evidenciado de tal modo, nos últimos tempos, que corroboram para sua compreensão enquanto gêneros em construção.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar Cascudo (2000, p. 118) para quem o termo é entendido como “canto religioso com que são acompanhadas as procissões e, outrora, as visitas do Santíssimo”.

Desse modo, a partir das definições acima, é possível detectar alguns elementos particulares dos benditos: a menção ao contexto religioso, seu uso em situações concretas e definidas dos católicos.

No tocante às características, os benditos apresentam pontos específicos que, uma vez considerados, auxiliam para uma melhor compreensão do termo e sua abrangência. Desse modo, guardam singularidades específicas, conforme se vê adiante.

Alguns benditos, por exemplo, apresentam as invocações logo no início, começando, inclusive, com o emprego da palavra bendito. Bessa (2008, p. 71) reforça essa peculiaridade ao considerar que “a repetição da palavra “bendito” é uma das características tipológicas desse tipo de texto religioso.” A seguir, é possível identificar exemplos de benditos em que é possível detectar essa particularidade:

LOUVORES A SANTA CRUZ

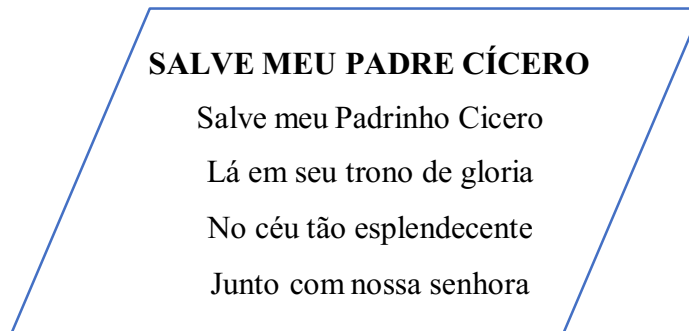
Bendita e louvada seja, No céu a
divina Luz!
E nós também cá na terra, Louvemos a
Santa Cruz! E nós também cá na terra,
Louvemos à Santa Cruz!

Outros, porém, guardam a invocação principal para o refrão, no meio do texto. A exemplo deste:

O POVO DE DEUS

O povo de Deus, no deserto andava Mas a sua
frente alguém caminhava O povo de Deus era
rico de nada
Só tinha esperança e o pó da estrada
Também sou teu povo Senhor, E estou
nesta estrada,
Cantando contigo ninguém teme nada. (Bis)

Importante acrescentar que os benditos fazem referência tanto a ícones e santos religiosos de conhecimento geral, quanto de um contexto regional, indicando espaço- tempo. No caso de Juazeiro do Norte, por exemplo, existem benditos específicos elaborados para exaltar a figura do patriarca. Exemplo:



Além do mais, conforme Bessa (2008, p. 70) “os benditos cantados em Juazeiro do Norte não têm o Padre Cícero como tema exclusivo, outras entidades religiosas são enaltecidas nos cânticos, dentre elas, a Padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora das Candeias”.

Merece destaque ainda o fato de que as funções atribuídas ao santo do qual se é devoto pode ser determinante para a oferta do benedito, conforme se vislumbra em Santos (2001):

Os benditos são geralmente oferecidos ao sagrado: o divino Espírito Santo, a Deus Pai, a Jesus Cristo, e aos santos em geral. Além de terem um destinatário, eles são também relacionados a funções atribuídas àquele santo, por exemplo, o benedito a São José e a Santa Luzia são também chamados de benditos de seca, cantados nas romarias para se pedir chuvas (SANTOS, 2001, p. 105).

Uma particularidade desse gênero que deve ser apreciada é a apresentação de funções específicas como a as de exaltar, penitenciar, velar, confortar, entre outras, assim como o exemplo:

BENDITO SEJA LOUVADO-FOLIA DE REIS-FAMÍLIA SANTOS

Ai bendito louvado seja
 Oi nas horas de Deus, amém!
 Oi nas horas de Deus, amém!

Outro aspecto relevante de alguns benditos é a linguagem empregada. Geralmente é utilizado um linguajar simples, acessível aos interlocutores que têm acesso a esse tipo de canto. Os poucos trechos mais cultos dizem respeito a passagens ou nomes bíblicos específicos que precisam ser mencionados como tais. Um exemplo pode ser o trecho do bendito seguinte:

Bendita e louvada seja a luz que mais **alumeia**
 Valei-me meu padrinho Cícero e a mãe de Deus das Candeias.

O emprego do termo “alumeia” corrobora para a coloquialidade dos benditos, visto que trata de uma variante popular da forma iluminar. Outros benditos de Juazeiro ainda fazem menção a coloquialidade quando utilizam termos como “padim” se referindo a padrinho e “Ciço” para remeterem a Cícero.

Outras características podem ser ainda acrescentadas: emprego de termos que designam orientação do santo, excelso ou padroeiro sobre práticas que não devem mais ser praticadas.

OS CONSELHOS DE PADRE CÍCERO

Quem matou não mate mais
 Quem roubou não roube mais
 Romeiros de verdade
 Vivem na fraternidade

Referida característica pode ser vista no fragmento do bendito “Os Conselhos de Padre Cícero” atribuído, no lendário popular juazeirense às recomendações que Padre Cícero dava aos fiéis:

A utilização conforme o evento, local ou circunstância a que se destina: há benditos usados, diariamente, como acompanhamento das liturgias celebradas em paróquias locais; os que são empregados para acompanhar cortejos ou procissões específicas, como as procissões de Nossa Senhora das Dores:

HINO OFICIAL DE NOSSA SENHORA DAS DORES

Virgem bendita do céu Rainha
 Mãe amorosa dos pecadores
 Com vosso manto rico de graças
 Oh defendei-nos por vossas Dores

Ou ainda de Nossa Senhora das Candeias:

MÃE DE DEUS DAS CANDEIAS

(Coral de Nossa Senhora das Dores)

Oh que caminho tão longe
 Cheio de pedra e areia
 Percorre o bom Pelegrino
 Da Mae de Deus das Candeias

Referência a informações do dia a dia, dialogando com a realidade, conforme se averigua em Bessa (2008) quando diz:

Chegou a fome, chegou a carístia
 Chegou a guerra, os desastres, os horrores
 Chegou a seca, os clamor e os sofrimento
 Padecimento e os princípios das dor.

Ante o exposto, fica evidente que, embora guardem profunda relação com o gênero textual “canção”, o bendito não deve ser compreendido apenas como um subgênero, mas como

um gênero em construção. Os sujeitos interlocutores desse discurso religioso atuam, dinamicamente, destinando aos benditos o lugar e espaço adequados aos seus usos.

No caso específico de Juazeiro do Norte, os benditos constituem marcas identitárias, visto que muitos deles foram apregoados desde a época de Padre Cícero, quemotivou o uso dos mesmos nas diversas celebrações religiosas da cidade, inclusive das renovações. Muitos moradores e romeiros enxergam na utilização desses cantos populares religiosos, uma manifestação de respeito e obediência a Padre Cícero e identidade com a terra.

Por fim, o uso cotidiano dos benditos permite que os sujeitos se aperfeiçoem resignificando outros já existentes. Essa pluralidade de cantos religiosos propicia aos que deles se utilizam, atuarem ativamente nesse processo de difusão das crenças, costumes e culturas locais já existentes. Prova disso, são os meninos benditeiros que atuam na colina do horto recepcionando os romeiros que chegam. Eles tanto difundem benditos que se perpetuaram no tempo, como desenvolvem suas próprias versões, arriscando até mesmo o improviso.

Além disso, os interlocutores, conforme criam novos benditos ou reescrevem outros já existentes, corroboram para a dinâmica desse gênero que, mesmo em construção,reflete marcas identitárias significativas do povo juazeirense, principalmente no âmbito da cultura e religiosidade.

4.2.4 Curta-Metragem

A variedade de gêneros disponíveis se apresenta, ao professor, como instrumento de apoio para que possa desenvolver atividades diferenciadas. Nesse sentido, gêneros que antes eram limitados aos segmentos profissionais podem ser propostos no cotidiano das salas de aula, propiciando uma abordagem dinâmica e mais atrativa dos conteúdos abordados.

Corroborando o pensamento dos quais ilimitados são os gêneros discursivos disponíveis, Bakhtin (1997; 2003) esclarece o quanto a sua diversidade e riqueza são ilimitadas, uma vez que são inesgotáveis as possibilidades do homem, assim como as esferas de atividade possuem um vasto repertório de gêneros discursivos, ampliando e diferenciando a medida que cada esfera particular se fortalece e fica mais complexa.

Nesse rol de ilimitados gêneros disponíveis, encontra-se o curta-metragem que, nos últimos tempos, tem sido bastante acionado pelos docentes na tentativa de desenvolver práticas escolares mais diversificadas, muito embora, durante muitos anos, os famosos curtas foram privilégio dos cinemas, logo, o acesso a eles só se dava aos frequentadores desse espaço.

Referido gênero tem definição vaga. Genericamente, as definições dicionarizadas convergem para pequena produção cinematográfica não superior a trinta minutos. Todavia, o quesito tempo para esse gênero foi alvo de questionamentos, conforme se atesta na fala do produtor Luiz Fernando Graça Melo enquanto participante do I Congresso da Indústria Cinematográfica Brasileira (Rio de Janeiro, 1972), que assim se manifestou:

[...] De acordo com a legislação vigente, longas-metragens são filmes que têm duração superior a sessenta minutos, e curtas-metragens são aqueles que têm duração inferior a vinte minutos. Temos aqui um negócio engraçado: os filmes de vinte a sessenta minutos não existem. No entanto eles são produzidos (informação verbal).

Indagações como as levantadas anteriormente culminaram na necessidade de rever o conceito de curta, compreendido atualmente como a produção não excedente há trinta minutos.

Uma definição mais prática de curta metragem pode ser detectada nas palavras de Natividade (2012) para quem o curta-metragem é, para todos os efeitos, um filme, uma forma breve de expressão audiovisual, com início e fim, unidade temática e com altíssima coerência e coesão interna.

Já para Oliveira (2002) o curta-metragem propicia uma nova modalidade de criar, multiplicando probabilidades, inspirações e prospecção no processo de elaboração ao inserir elementos da história facilitadores da imaginação.

No mundo cinematográfico, onde repousa esse gênero inicialmente, a extensão das produções é definida pela duração de cada tipo. Logo, aos mais demorados, atribui-se o nome longa-metragem. Os de tamanho mediano, por sua vez, são denominados de média-metragem e, por fim, os de curta duração, limitando-se há trinta minutos, que recebem o nome de curta-metragem.

É relevante salientar que o critério técnico “temporal”, fundamental para a definição do curta, não deve ser o único a se considerar. A compreensão do termo perpassa esse limite, uma vez que reúne características peculiares que ajudam a compreendê-lo melhor, conforme vemos adiante.

Por ser de menor duração, mais prático, exigir menos recursos logísticos (cenário, figurino, etc.) e financeiros, o curta-metragem passou a ser uma opção rápida e econômica aos quem dele se utilizam. Inicialmente, conforme já mencionado, limitavam-se ao ambiente cinematográfico, contudo, com o tempo, se apresentaram como recursos disponíveis para pequenos documentários pessoais, registros de depoimentos, entre outras finalidades.

Assim, atualmente se algum interessado pretende desenvolver um pequeno documentário acerca de um lugar ou fato histórico, basta uma câmera ou até mesmo um aparelho celular de boa resolução e alguns cuidados técnicos para se alcançar o pretendido.

Essa abertura que proporcionou uma maior aproximação e facilidade no manejo desse gênero, certamente, repousa na influência advinda da impulsão tecnológica ocorrida nos últimos anos. Nesse sentido, com a expansão de aplicativos e redes sociais, muitas pessoas aderiram à ideia de editarem seus próprios vídeos para postagem. O You Tube, por exemplo, foi um disseminador dessa ferramenta.

Nessa perspectiva, o You Tube hospeda vídeos dos mais variados assuntos, instiga a criação de canais próprios de divulgação das informações produzidas. Portanto, é possível encontrar nesse aplicativo: vídeos com aulas, pegadinhas, apresentações teatrais escolares, curtas de obras literárias, palestras, bem como uma infinidade de outras produções.

Além disso, órgãos estatais Petrobrás (Petróleo Brasileiro S/A) e educacionais como MEC, Ministério da Cultura, etc, fundações (Itaú, Nestlé, etc.), além de outros, têm desenvolvido projetos que incentivam a produção de curtas nas escolas, inclusive, premiando as melhores edições desenvolvidas nesses ambientes de aprendizado.

Até mesmo os livros didáticos, que antes se limitavam a abordar, em sua maioria, os gêneros textuais voltados à escrita, se abriram ao curta-metragem, recomendando este gênero em suas sessões de atividades que permitem ao professor trabalhar com essa modalidade diferenciada.

Portanto, com o advento das novas mídias, o ambiente escolar, impregnado das mais diversas tecnologias, teve que rever conceitos, resignificar atividades, promover adequações e até substituições, a fim de propiciar um processo de ensino-aprendizagem mais exitoso. Nessa perspectiva, o uso do curta surge como um, entre os vários subsídios, nos quais o educador pode se ancorar.

No tocante à estruturação e caracterização Moletta (2009), assim se manifesta:

[...] equipara-se ao conto na literatura ou ao haicai na poesia: trata-se de uma forma breve e intensa de contar uma história ou expor um personagem [...]. Esse formato de cinema tem como principais características a precisão, a coerência, a densidade a unidade de ação ou impressão parcial de uma experiência humana. Breve e intensa de contar uma história ou expor um personagem [...]. Esse formato de cinema tem como principais características a precisão, a coerência, a densidade e a unidade de ação ou impressão parcial de uma experiência humana (MOLETTA, 2009, p. 17).

Atreladas às características acima mencionadas, outras podem ser mencionadas, como as

que são elencadas a seguir: a primeira delas pode ser o número reduzido de personagens, assim, contrariando as produções de média e longa-metragem, as curtas-metragens operam com poucos participantes, o que se dá também em virtude do tempo disponível, uma vez que não há como se pensar em um enredo breve a ser esgotado em um tempo de trinta minutos com um número extenso de personagens.

Referida peculiaridade é vislumbrada em Alcântara (2014), para quem o curta, se comparado ao longa-metragem, diferencia-se por apresentar redução no número de personagens, além de outras minúcias como compreensão e densificação narrativa que culmina na sintetização e elementos como tempo, linguagem e ação, entre outras características.

Outra particularidade é o custo reduzido com os mais diversos componentes (figurino, cenário, sonoplastia, etc). Reiterando essa peculiaridade, Natividade (2012) esclarece que os recursos destinados ao curta-metragem são, muitas vezes, mais modestos que os reservados às longas produções e que tenham potencial de serem distribuídos em mercados convencionais.

Além das características elencadas, há ainda a presença de elementos como a emoção, da ênfase em aspectos culturais e educativos. Alcântara (2014) reforça esse pensamento ao considerar que o curta-metragem é um gênero rico, que carrega considerável carga emotiva, elementos culturais e pedagógicos facilitadores do trabalho com a cultura a linguagem.

Característica que carece ser acrescida ao curta é que permite conhecer particularidades culturais e sociais de quem o produziu. Alcântara (2014, p. 37) enfatiza essa compreensão ao mencionar que “Os curtas permitem a análise da cultura do país que o produziu, pois, assim como acontece com qualquer produto cultural, eles revelam hábitos e costumes de quem os produziu.”

Não se deve esquecer a necessidade de um roteiro bem escrito. É necessária a devida atenção para que a brevidade do gênero curta não seja confundida com a displicência textual. Assim, como qualquer outro tipo (média ou longa-metragem), requer uma escrita planejada, objetiva, sem equívocos, obscuridades ou dúvidas.

Outros elementos ainda são considerados como os aspectos sonoros, a qualidade das imagens produzidas, a seleção da trilha sonora, etc. Todos eles, somados aos que foram expostos, constituem particularidades imprescindíveis à consecução de um curta com qualidade.

5. O ENTRECruzAMENTO ENTRE AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PADRE CÍCERO E DE JUAZEIRO DO NORTE – CE: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DIDÁTICA

No presente capítulo, apresentamos em linhas gerais, a proposta didática que se configura como produto derivado da presente pesquisa, atendendo às exigências dos trabalhos desenvolvidos pelo Mestrado Profissional em Letras (Profletras).

O desenvolvimento da proposta se deu a partir das contribuições oriundas da leitura de importantes teóricos da Análise do Discurso, Cultura Popular e Identidade Cultural, além de escritores da história de Juazeiro do Norte e Padre Cícero. Nessa perspectiva nos apoiamos, especialmente, nas proposições teóricas de Aquino (1997), Araújo (1988), Bakhtin (1986; 2000), Barbosa (1997), Barros e Fiorin (1999); Bosi (1986), Brandão (2007), Cava (2014), Costa (2015), Dodou (2016), Eagleton (2005), Neto (2009), Pêcheux (1975), Pereira e Gomes (2002), Thompson (1992) e Walker (2019).

A seguir, há uma breve contextualização das ideias abordadas no livro paradidático e no caderno pedagógico proposto para a transposição didática dos fundamentos abordados na dissertação que apresentamos ao Profletras – Pólo UFCG – Campus Cajazeiras, intitulada, O ENTRECruzAMENTO ENTRE AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE PADRE CÍCERO E DE JUAZEIRO DO NORTE – CE: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DIDÁTICA, cujo objetivo geral é apresentar uma proposta de intervenção didática aplicável aos Anos Finais do Ensino Fundamental II, especialmente em escolas do Juazeiro do Norte - CE, a partir da adoção dos gêneros memórias literárias, cordel, benditos populares e curta-metragem, a fim de destacar a intrínseca relação histórico-cultural que se estabelece entre as histórias e memórias sobre Padre Cícero e de Juazeiro do Norte – CE.

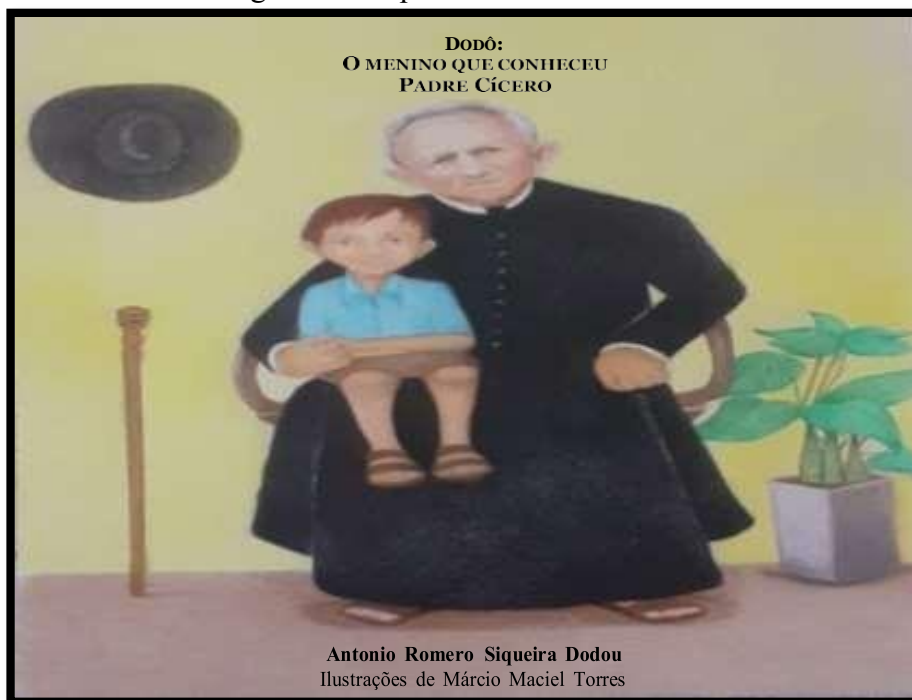
5.1 SOBRE O LIVRO PARADIDÁTICO

Escrever sobre o Padre Cícero e seu vínculo com a cidade com ênfase nos aspectos culturais e identitários tem se tornado cada vez mais necessário, em face da tímida abordagem do tema em materiais didáticos adotados em nível local. Mesclando realidade e ficção, o paradidático que propomos como produto desta pesquisa visa propiciar ao leitor o conhecimento de fatos marcantes do contexto histórico, social e cultural que estabelecem uma intrínseca relação entre a história do sacerdote e a da cidade.

O livro “Dodô: o menino que conheceu Padre Cícero” está organizado em onze capítulos, cujo enredo se desenrola a partir da narrativa de situações de convivência entre o

menino Dodô e o Padre Cícero Romão Batista, que vão, paulatinamente, pela ficção, pontuando momentos significativos da história de Padre Cícero e, por conseguinte, da cidade de Juazeiro do Norte - CE.

Figura 37: Capa do Livro Paradidático.



Fonte: Acervo do autor (2021).

Vale destacar que os livros paradidáticos, conforme conceitua Melo (2004, p. 18-19) possuem características específicas: geralmente são livros temáticos, com conteúdos aplicáveis ao currículo escolar, com formatação diferente do livro didático, assemelhando-se aos livros de literatura infanto-juvenil. Geralmente esses são escritos sob a forma de narrativas, voltados para abordagens pedagógicas, que também se destacam pelas intenções estéticas e/ou literárias e pela diversidade de recursos lingüísticos.

Neste sentido, o livro “Dodô: o menino que conheceu Padre Cícero” objetiva realçar a intrínseca relação histórico-cultural que se estabelece entre as histórias e memórias sobre Padre Cícero e de Juazeiro do Norte – CE, pelas memórias de um garotoque, conhecendo o *Padim Ciço*, relata-nos fatos diversos que perpassaram o tempo, trazendo à tona momentos significantes da história da cidade interligadas às do sacerdote.

5.2 CONTEXTUALIZANDO O CADERNO PEDAGÓGICO

A ideia de Caderno Pedagógico surgiu como proposta interventiva desta dissertação de mestrado. O material é resultado de nosso interesse pelo estudo da história, memória e cultura de Juazeiro do Norte e por compreendermos ser possível e necessária uma abordagem mais específica desses elementos no contexto das práticas de educação escolar, sobretudo, nas aulas de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental.

Para a organização do caderno pedagógico, partimos do entendimento de que os gêneros textuais são ferramentas indispensáveis que auxiliam na realidade cotidiana da sala de aula, competendo-nos tirar o devido proveito desses recursos que propiciam um estudo mais aprofundado dos conteúdos abordados.

Reforçando esse entendimento, é cristalino o posicionamento de Marcuschi (2002) para quem a ação social corresponde formas verbais denominadas gêneros, sendo que esse agir é relativamente estável e acontece em textos manifestados em comunidades de práticas sociais.

Nesse sentido, com o intuito de colaborar para a dinamização no aprendizado inerente à relação Juazeiro e Padre Cícero, especialmente a partir do ensino da LP, apresentamos, a seguir, um detalhamento acerca do material pedagógico (caderno) desenvolvido a partir da dissertação em questão, principalmente, destacando aspectos concernentes à sua estrutura e sugestões de aplicabilidade de modo a tornar transparente nossa forma de intervenção para o estudo ora proposto.

Ressaltamos que o referido caderno representa uma sugestão para abordagens de tão importante temática que, certamente comporta outras possibilidades. Contudo, ensejamos que o material ofertado possa subsidiar especialmente os docentes, bem como proporcionar aos discentes estratégias de aprendizado mais descontraídas e que despertem maior interesse pela temática inicialmente mencionada, a fim de conhecerem e valorizarem aspectos da história, memória e cultura de Juazeiro do Norte - CE que se enovelam as da vida de Padre Cícero.

5.3 CONHECENDO O CADERNO PEDAGÓGICO

Seção I - Memória Literária

Para facilitar e direcionar a ação docente, o material tem início com orientações, seguidas de atividades divididas em quatro seções com sugestão para que sejam desenvolvidas numa média de quatro encontros de uma ou duas horas/aula para cada

seção. Referidas seções pautam-se, especificamente, em um dos gêneros textuais selecionados para o desenvolvimento das atividades propostas: memória literária, cordel, bendito e curta metragem.

Assim, na primeira seção, o gênero contemplado é memória literária, pautado nos seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

- Reconhecer o gênero Memórias Literárias como imprescindível à compreensão da relação entre Padre Cícero e Juazeiro do Norte - CE e ao resgate de aspectos culturais oriundos dessa relação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Esclarecer aos discentes o que é e como se estrutura o gênero Memórias Literárias, a partir da análise de textos de autores locais, realçando sua importância para estudos sobre Padre Cícero e a cidade de Juazeiro, exemplificada, especialmente do livro paradigmático “Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero”;
- Propiciar o contato de docentes e discentes com pontos turísticos da cidade que guardem relação com a cultura, história e religiosidade enfatizados no proposto trabalho desenvolvido em sala;
- Oportunizar a docentes e discentes o contato com fotografias, vídeos, peças museológicas, artesanatos e outros tipos inerentes à história, cultura e religiosidade da cidade, despertando um maior interesse pela temática, bem como pela produção de outros gêneros.

A seção I, então, é iniciada com uma breve proposição aos alunos para que exponham seus entendimentos sobre memórias, requisitando exemplos e ampliando as discussões partindo do conhecimento prévio dos mesmos. A partir deste momento inicial, recomenda-se a leitura e discussão de textos de autores locais sobre assuntos ligados a cidade de Juazeiro, especialmente relacionados à memória, história e cultura.

Para isso, são recomendadas duas leituras, uma de fragmento do livro “A Praça Padre

Cícero” e outra do livro paradidático “Dodô: o Menino Que Conheceu Padre Cícero”. Vale ressaltar que essa sugestão de abordagem não se limita apenas a leitura dos textos, mas também a pesquisa e exibição de algumas fotos de pontos locais. Ao fim do primeiro encontro são sugeridas atividades como forma de aprofundamento da temática abordada.

Sugerimos também que os encontros seguintes partam de uma retomada do que foi abordado antes, seguida da definição e caracterização do que constitui a memória literária, do estudo biográfico dos autores trabalhados, além da exibição de fotos antigas mais específicas de pontos da cidade que já não existem mais. O segundo contato finda com um texto extraído do livro paradidático “Dodô: o Menino Que Conheceu Padre Cícero”, que versa sobre a passagem de Lampião por Juazeiro do Norte. Vale salientar que o referido tópico vem acompanhado de questões que nortearão o estudo dos alunos como atividade sugerida para serem respondidas em casa para aprofundamento da discussão em etapa posterior.

Para o próximo encontro, sugerimos que os discentes (na Sala de Informática da escola, se houver), a partir do uso da internet, acessem sites, blogs e redes sociais, a exemplo do Facebook, Instagram, dentre outras, a fim de pesquisarem textos inerentes à temática em questão. Essa atividade, além de propiciar um maior aprendizado sobre o tema em estudo, ainda estimula o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, numa perspectiva interdisciplinar.

A sugestão é de que este encontro seja finalizado com a leitura, análise e discussão de um texto extraído do livro paradidático “Dodô: o Menino Que Conheceu Padre Cícero”, que versa sobre como eram as feiras antigas de Juazeiro, sugerindo como atividade aos alunos, a sondagem junto a moradores e familiares antigos sobre como era o comércio no passado, a fim de conhecer mais a história e estabelecer comparações.

Esse bloco é iniciado com a exposição dos objetivos a serem observados nesse gênero, entre os quais realçamos:

OBJETIVO GERAL

- Compreender o gênero Cordel como relevante manifestação popular de resgate à cultura, história e memória de um povo, no caso específico, de Juazeiro do Norte em sua intrínseca relação com Padre Cícero Romão Batista.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir conceito, estrutura, métrica e caracterização do gênero cordel, destacando sua importância enquanto instrumento de resgate da cultura de um povo;
- Propor atividade de produção de xilogravura e texto de cordel a partir do trabalho em sala de aula, motivando os discentes à prática espontânea desse gênero e colaborando para a revelação de novos poetas;
- Desenvolver estudo intertextual de cordéis locais que versem sobre resgate da cultura e memória, esclarecendo aos discentes acerca do que é e como se dá a intertextualidade.

Posteriormente, o material recomenda que se inicie o encontro com um atrativo que pode ser, por exemplo, a exibição de cordéis pendurados em sala de aula para despertar o interesse dos alunos na medida em que forem tendo o contato com esse gênero textual. Logo após, fazendo uso de datashow, o docente esclarecerá o que é cordel, suas características e fará a leitura e análise de um texto desse gênero. Ao final das discussões e retirada de dúvidas, sugerimos a propositura de atividade domiciliar que consiste em leitura de fragmento cordelístico, bem como da biografia do autor.

A aula seguinte, por sua vez, se dará com uma revisão inicial da proposta aplicada para casa e, na sequência, uma breve abordagem acerca da xilogravura, enfatizando sua definição,

caracterização, funções, além dos materiais empregados para a confecção de uma. Como modelo, o professor poderá distribuir xérox de capa de cordéis ilustrados com xilogravuras, encerrando o bloco com nova proposta de atividade para casa que consiste na leitura e análise de novo trecho de cordel de autor local.

Para o próximo momento, sugere-se que o docente inicie o encontro com vídeos sobre o cordel, especificamente o vídeo “Senhor Doutor” de Patativa do Assaré. Essa abordagem propiciará o contato do aluno com o cordel através de outras mídias como, por exemplo, o Youtube.

Logo em seguida, propõe-se a leitura e análise de fragmento extraído do livro paradidático “Dodô: o Menino Que Conheceu Padre Cícero” que explica como os cordéis eram exibidos nas feiras de antigamente. Aqui, o docente pode destacar elementos estruturadores como verso, estrofe rima e ritmo para esse gênero. Ao final do encontro, propõe-se a aplicação de questões relativas ao vídeo visto em sala para debate posterior.

A culminância do encontro atinente a esse gênero pode se dá com a produção de um pequeno cordel desenvolvido pelos alunos, a partir de temas locais sugeridos pelo professor. Para norteá-los, é proposto um texto de apoio que pode ser, por exemplo, o da passagem de Lampião por Juazeiro para aqueles que optarem por esse assunto.

Antes do encontro inicial relativo a esse gênero, o facilitador deverá atentar-se aos seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

- Evidenciar o gênero bendito como indispensável ao estudo da memória, cultura, história e religiosidade presentes na relação Padre Cícero e Juazeiro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar a definição, estrutura, tipos e características do gênero benditos, esclarecendo aos discentes suas peculiaridades e importância;
- Proporcionar a professores e alunos, o contato com os principais benditos locais que versam sobre temáticas da terra vinculadas à memória e cultura do povo juazeirense;
- Motivar o interesse de docentes e discentes pelo gênero a partir do conhecimento de pontos religiosos locais (igrejas), escuta e registro dos benditos cantados nas celebrações através de vídeos;
- Despertar nos alunos o interesse pela pesquisa de benditos e motivá-los à produção de textos que contemplem esse gênero;
- Propiciar o acesso ao “hino de Juazeiro” e outros benditos locais, despertando sentimentos como o de identidade ou pertencimento.

Ciente e norteado pelos objetivos propostos, o professor iniciará o encontro com a exposição de informações sobre o gênero em slides. Assim, propõe-se escalerecer aos alunos o que são benditos, quais as características pertinentes a esse gênero, o contexto em que são produzidos, dentre outros aspectos. Como atividade domiciliar, é recomendada a leitura de fragmento atinente aos benditos de antigamente de Juazeiro do Norte, extraído do livro paradigmático “Dodô: o Menino Que Conheceu Padre Cícero”, com questões subjetivas que direcionem o estudo.

Para o momento seguinte, é proposto ao docente iniciar com uma breve abordagem revisional do estudo direcionado para casa no último encontro. A seguir, propõe-se a distribuição de impresso com benditos e hinos locais, sempre chamando a atenção dos discentes para aspectos como o saudosismo, os elementos culturais e religiosos do passado, as memórias, dentre outros aspectos relevantes. O desfecho desse bloco, mais uma vez, pode se dá com a propositura de novo bendito a ser analisado pelos alunos em casa. Ressalta-se que para essa tarefa certamente estarão mais seguros, visto que discutiram e conheceram as características de outros em sala.

O terceiro encontro deve nortear-se pela revisão inicial do bendito “Deus Menino”, aplicado como proposta de casa no último encontro para, em seguida, passar para o segundo momento, que consiste na exibição de vídeos de Youtube e áudios com benditos cantados por grupos e cantores locais. Essa atividade promove o contato do aluno com o gênero através das mídias sociais e, ao desenvolvê-la, o professor acrescentará informações importantes como a estrutura, a linguagem empregada, entre outros elementos que tanto podem ser por ele expostos, como podem ser extraídos a partir da provocação dos alunos. Como desfecho, nova proposta domiciliar deve ser encaminhada consistindo, dessa vez, na análise de dois benditos: “Canto do Adeus” e “Festa de Finados” acompanhado de perguntas norteadoras.

O último encontro desse bloco consistirá no questionamento junto aos discentes sobre a proposta atribuída para casa, seguida do estudo de dois fragmentos extraídos do paradidático “Dodô: o Menino Que Conheceu Padre Cícero, acompanhado da resolução e comentário de questão objetiva.

A última seção de gêneros abordada é o curta metragem. Para compreendê-la melhor, o professor deve estar atento a alguns objetivos, entre os quais elencamos:

OBJETIVO GERAL

- Evidenciar o gênero curta-metragem como ferramenta fundamental na abordagem da história, memória e cultura, inerentes a cidade de Juazeiro e ao Padre Cícero Romão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o conceito, funções e estrutura do gênero curta-metragem a partir de estudos desenvolvidos em sala de aula;
- Propor atividade de produção de curta-metragem considerando o material e informações levantados no decorrer das aulas.

A aula inicial desse bloco se dará com a ênfase em informações relevantes acerca do gênero como seu conceito, as peculiaridades, além de outros aspectos. Em seguida, fazendo uso de datashow, o docente exibirá texto sobre a presença de gêneros que antecederam o curta no Juazeiro antigo como, por exemplo, a fotografia, a partir da análise de fragmento textual extraído do livro paradidático “Dodô: o Menino Que Conheceu Padre Cícero”, sempre instigando os alunos ao debate e considerando suas opiniões na construção das informações trabalhadas.

O encontro seguinte, por sua vez, consistirá na abordagem de vídeos antigos da história de Juazeiro do Norte - CE, especificamente do que trata da inauguração da estação ferroviária local. Mais uma vez, o contato com outras mídias sociais a exemplo do Youtube será utilizado como suporte para que o aluno aprofunde seus conhecimentos sobre o gênero em estudo. Acrescenta-se que, a fim de promover uma maior interação, recomenda-se ao professor a seleção de perguntas norteadoras direcionadas aos alunos para que, a partir das respostas possam tirar suas próprias conclusões no que concerne à estrutura e caracterização desse gênero.

Para o terceiro e último encontro deste, é recomendado ao professor à divisão da sala em grupos, sendo atribuída a cada equipe a responsabilidade por um dos gêneros estudados. Assim, de posse de todas as informações coletadas e produzidas no decorrer dos encontros, os

discentes traçarão estratégias para montagem de um curta-metragem que verse sobre recortes históricos de Juazeiro do Norte em sua relação com Padre Cícero, na perspectiva da intrínseca relação entre história, cultura e memória.

Essa atividade pode contar com o auxílio de profissionais de outras disciplinas oriundas de áreas do conhecimento variadas (Informática, Artes, História, Teatro, entre outros) visto que há aspectos relativos à produção de um curta-metragem que exigirá a opinião, acompanhamento e orientações de docentes de áreas distintas.

É possível que os alunos requisitem sugestões de temas para a produção do curta-metragem, o que pode ser definido em conjunto com os mesmos além, é claro, do evento que servirá de culminância para exibição do material produzido. Nesse sentido, o vídeo organizado pelos alunos poderá ser exibido, por exemplo, em eventos como: Gincana Escolar, Semana Cultural, Feira Literária ou outro que faça parte do calendário e planejamento escolar.

Após a abordagem dos quatro gêneros aqui elencados e desenvolvidos, a saber: memória literária, cordel, bendito e curta-metragem, acreditamos ser possível ao docente abordar de forma propositiva e produtiva elementos da história, memória e cultura advindos da relação entre Padre Cícero Romão Batista e a cidade de Juazeiro do Norte - CE.

Vale destacar que o encarte apresenta recomendações e direcionamentos que, certamente sugerem a busca por materiais complementares para o enriquecimento dos estudos ora propostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões em torno das histórias e memórias sobre Padre Cícero e sua relação histórico-cultural com Juazeiro do Norte – CE, constituíram um dos principais motivos deste trabalho até aqui.

Nossa proposta, a partir da temática do entrecruzamento entre as histórias sobre Padre Cícero e a cidade de Juazeiro direcionada da memória popular ao saber escolar, foi a de desenvolver possibilidades didático-pedagógicas de divulgação dos principais aspectos histórico-culturais relativos à história do Padre Cícero vinculadas as da cidade acima elencada.

Para isso, recorreremos ao discurso, dada a constante e dinâmica interação existente nas relações entre os indivíduos nos âmbitos social, histórico e cultural de Juazeiro do Norte - CE, como também a significativa incidência de vozes que, heterogeneamente, corroboram para o desenvolvimento de interesses diversos no campo de luta das forças sociais.

E nessa ênfase dada aos discursos, objetos-alvo dos estudos linguísticos, percebemos sua dinamicidade e funções específicas, entre elas, a que requer a ação e interação dos indivíduos, os quais, dialogicamente, acabam por reforçar ou reiterar algo já dito. A atenção aos estudos na perspectiva discursiva nos proporcionou ainda conceber os interlocutores como sujeitos que, na busca da construção de saberes, ocupam a todo tempo, funções e posições dinâmicas no discurso, além de permitir que exerçam o protagonismo a eles inerente.

Ademais, as ponderações em torno do discurso tornaram cristalino o entendimento de que a concepção monológica dá lugar ao dialogismo, fundamental nas relações que se estabelecem no cotidiano. É através dele que os sujeitos se firmam como protagonistas de suas próprias histórias.

Compreendemos ainda como relevante orientar o trabalho na perspectiva dos estudos teóricos sobre História, Memória, Estudos Culturais baseados em acervo referente a vida do Padre Cícero e sua relação com a cidade em que fez história. Essa ênfase nos permitiu enxergar que as lembranças constituem o modo mais expressivo ao qual um sujeito recorre na tentativa de encontrar suas memórias. Ressalta-se que essa (re) construção do passado só se torna possível, graças à colaboração do outro, o que se reconhece como memória coletiva.

Nessa retomada das memórias, percebemos que o discurso, imprescindível ao alcance da memória, se manifesta no recuo feito a fatos passados. Em caminho paralelo, a história transita, direcionada a uma época em particular, na qual as vozes sociais atinentes a um contexto podem ser identificadas e compreendidas. Isso permite detectar, por exemplo, em que situação as informações foram produzidas, a quem e por que determinados discursos interessam.

Essa mesma história, se analisada sob a ótica das memórias, permite a ruptura de obstáculos, a retextualização de informações, a construção de visões inéditas e, finalmente, a reescrita da própria história, que é contornada com uma nova roupagem na medida em que seu legado é repassado.

Na busca de compreender as contribuições culturais e identitárias advindas da relação entre Padre Cícero e Juazeiro do Norte - CE, necessário se fez, ainda, permear o campo da cultura popular e identidade cultural, como forma de elaborar um entendimento mais sólido do assunto.

Nessa perspectiva, além da compreensão dos termos cultura e identidade, nos foi possível reconhecer, principalmente as contribuições que exercem nos contextos em que se manifestam. Logo, percebemos que as comunidades apresentam suas peculiaridades, que correspondem às marcas identitárias de cada povo. Também podem ser reconhecidos como semelhantes nas ações e valores, dialogando, resistindo ao tempo e reforçando a necessidade de sua conservação.

No que concerne à relação dos estudos culturais e identitários com a temática do trabalho em questão, ficou evidente a presença de uma teia de vozes nos discursos em torno da história de Juazeiro e do Padre Cícero. Nesse sentido, seja no discurso dos grupos literários como memorialistas, cordelistas, dos segmentos culturais como artesãos, reisados, banda cabaçal, lapinhas ou até mesmo religiosos (candomblé, espíritas, evangélicos, católicos, entre outros), os discursos dialogam com a história da cidade e do sacerdote.

No itinerário percorrido para o estudo do tema, passamos ainda pelo terreno dos documentos parametrizadores que apresentam uma nova proposta de abordagem dos gêneros textuais, essenciais à consecução da atividade prática que se propões ao final deste. Direcionamos o olhar no sentido de compreender de que modo referidos documentos apresentam os gêneros específicos utilizados neste trabalho à luz das memórias culturais e identitárias dos sujeitos do discurso.

Dada à especificidade do tema em estudo realizamos uma incursão pela história da cidade e Padre já citados anteriormente, o que propiciou uma visão mais clara do assunto, reconhecendo um contexto imerso em detalhes extremamente importantes ao alcance do objeto almejado.

Sequencialmente, apresentamos uma proposta de atividade prática que dialoga com os aspectos teóricos elencados, elaborada na perspectiva de abordar questões e passagens relativas aos discursos produzidos por vultos e grupos históricos, culturais e identitários de Juazeiro, com ênfase nas memórias de um passado de minúcias envolvendo o sacerdote e a cidade.

Por fim, ficou evidente a intensidade com que os discursos incidem sobre os fenômenos sociais, no caso particular, sobre a história da relação entre Juazeiro e Padre Cicero, corroborando para uma concepção cristalina das memórias e da história local debruçada sobre os eixos da cultura popular e identidade cultural.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALCÂNTARA, Jean Carlos Dourado de. **Curta-metragem**: gênero discursivo propiciador de práticas multiletradas. Cuiabá: UFMT, 2014.

ALENCAR, Chesman et al. **Juazeiro do Norte**: Cidade da Gente. Estudos Regionais: Fundamental I. Fortaleza: Didáticos Editora, 2018.

ALTENFELDER, Anna Helena et al. **Caderno do Docente**: orientações para produção de textos do gênero memórias literárias. 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa. AGWM editora e produções editoriais, 2021. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/10735/caderno-memorias-literarias.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021.

ANDRADE, Cláudio Henrique Salles. **Corda, cordel, cordão**: aventura e poesia de mãos dadas. In: SILVA, João Melquíades Ferreira da. Feira de versos: poesia de cordel. São Paulo: Ática, 2007.

ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. Coordenação Oneyda Alvarenga, 1982- 84, Flávia Camargo Toni 1984-89. Belo Horizonte: Itatiaia/Brasília, DF: Ministério da Cultura/São Paulo: IEB-USP, 1989.

AQUINO, Pedro F. **O Santo do Meu Nordeste - Padre Cícero Romão Batista**. São Paulo: Editora Letras e Letras, 1997.

ARAÚJO, Raimundo. **Juazeiro Poético**. Edições OCE. Fortaleza-Ceará, 1988.

ASSIS, Cássia Lobão. **Estudos contemporâneos de cultura**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.

BAKTHIN. Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992,

BAKTHIN. Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKTHIN. Mikhail. **O discurso no romance**. In.: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance (1934-1935). Trad. Bernadini et al. 4. Ed. São Paulo: Unesp, 1998. p. 71-210.

BAKTHIN. Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **O Padre e o Romeiro**. Edição ICVC, Juazeiro: Royal, 1997.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **Caminhadas com o Padre Cícero**: narrativas de importantes fatos de sua vida. Fortaleza: Realce Editora e Indústria Gráfica, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de.; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia,**

Intertextualidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BESSA, Natália Brito. **Os Benditos Populares em Juazeiro do Norte:** Vozes Ecoantes do Discurso Religioso. 2008. 111 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular.** Leituras de Operárias. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 2. Reimpressão da 7. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra Popular.** Fortaleza, Museu do Ceará, 2006.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Civilização e cultura.** 2. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro.** 8. Ed. São Paulo: Global, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 12. Ed. São Paulo: Global, 2012.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro.** Tradução Maria Yedda Linhares. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. **Cultura popular.** In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/26/c%20cultura-popular>. Acesso em: 18 fev. 2021.

COUTRINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie; **“Quel objet pour l’analyse du discours?”** In Materialités discursives. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.

DODOU, Antonio Romero S. **De Tabuleiro a Juazeiro:** Reflexões sobre Cícero o Padre, o Homem e o Líder. Produção Independente, 2016.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito.** Campinas: Pontes, 1987.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FARIAS, Alberto. **Padre Cícero e a Invenção do Juazeiro**. Brasília, 1994.

FIDÉLIS, Luís. **Pra Ser Doido É Preciso Ter Juízo**. Álbum: O Preço de um Homem. Fortaleza: Som Zoom, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GRANGEIRO, Rebeca da Rocha. **Perfil dos artesãos do Padre Cícero no século XXI: condições socioeconômicas, processo produtivo, aspectos ambientais e capacidade de organização dos artesãos de Juazeiro do Norte – CE**: BSG, 2013.

GUIMARÃES, Fausto da C. **Memórias de um Romeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffer. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CALIXTO JÚNIOR, João Tavares. **Vida e Morte de Isaías Arruda**. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2019.

KUNZ, Martine. **Cordel – A voz do verso**. 2. Ed. Fortaleza – CE: Museu do Ceará, 2011.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: CEN, 1976.

LIMA, Ana. **Recordar para contar**. In: Na Ponta do Lápis, ano v, n. 11, mar. 2009.

OLIMPÍADA DE LP. Disponível em:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/453/npl11_me_recordar.pdf
f. Acesso em: 28 jan. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva.; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MELO, Elisabete Amorim de Almeida. **Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para**

crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2004.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamin Abrahão:** entre anjos e cangaceiros. São Paulo: Escrituras, 2012.

MOLON, Newton Duarte.; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana**, v. 7, n. 2. São Paulo, jul/dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/SKstZ8JH7M66mxQ7RnncZ7j/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MOREIRA, Ágio Augusto. **Padre Cícero Romão Batista:** o maior líder espiritual do Nordeste Brasileiro. Ágio Augusto Moreira. Juazeiro do Norte - CE. BSG-Bureau de Serviços Gráficos, 2018.

NATIVIDADE, Cláudia da. **Curta-metragem e a experimentação da linguagem.** Sesc TV, São Paulo, n. 84, mar. 2012. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/>. Acesso em: 5 out. 2016.

NETO, Lira. **Padre Cícero:** poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Silvio Luis. **Tratado de metodologia científica:** projetos de pesquisas, TGI, TCC monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 2. Ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1975.

Pequeno Atlas de cultura popular do Ceará-Juazeiro do Norte. Instituto Nacional do Folclore. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985.

PEREIRA, Edmilson de A.; GOMES, Núbia Pereira de M. **Flor do Não Esquecimento:** Cultura Popular e Processos de Transformação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PINHEIRO, Hélder.; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula.** São Paulo: Duas Cidades, 2001.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 2, n. 10, 1992.

ROCHA, Wagner D. **Uma Luz no Cariri Iluminando o Ceará** (Cordel), Brejo Santo, 2019.

ROSA, Alberto. **Recordar, descrever e explicar o passado.** O que, como e para o futuro de quem? In CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda. Ensino da história e memória coletiva. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. **Vozes benditas:** entre o nomadismo e a performance estão

os atos. 2009, 240 f. Tese (Doutorado Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2009.

SANTOS, Carmi Ferraz. **O ensino da língua escrita na escola: dos tipos aos gêneros textuais**. In. *Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula*. SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTI, Marianne C.B (Orgs.). 1. Ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Eurides de Souza. **Sincronizando mundos diversos: um estudo do canto participativo na romaria de Canudos**. 2001, 181 f. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2001.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais**. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia, (Orgs). *Memória e (Re) Sentimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SINZING, Frei Pedro & Rower, Frei Basílio. **Texto do manual de cânticos sacros “Cecília”**. 21. Ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Vozes, 1949.

SOBRINHO, Vicente Ribeiro. **Juazeiro de Ontem e de Hoje**. Juazeiro do Norte: Gráfica e Editora Royal, 2007.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Sedição de Juazeiro**. Natal: Terra de Sol, 1969.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira-Paz e Terra, 1992.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Inglaterra: Gordon Press, 1871.

WALKER, Daniel. **A Praça Padre Cícero**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

WALKER, Daniel. **Lampião e sua falsa patente de Capitão**. Rio de Janeiro: Katzen Editora, 2019.

WALKER, Daniel. **A sabedoria do conselheiro do sertão**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Livro Paradidático – Dodô: o menino que conheceu o Padre Cícero

APÊNDICE 2 – Caderno Pedagógico – O entrecruzamento entre as histórias e memórias de Padre Cícero e de Juazeiro do Norte – CE: abordagens didáticas no Ensino Fundamental II

**DODÔ:
O MENINO QUE CONHECEU
O PADRE CÍCERO**



Antonio Romero Siqueira Dodou
Ilustrações de Márcio Maciel Torres

**DODÔ:
O MENINO QUE CONHECEU O PADRE CÍCERO**

Antonio Romero Siqueira Dodou
Ilustrações de Márcio Maciel Torres

Jauzeiro do Norte - CE
2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	05
CAPÍTULO I - "Por Que Caminho Tão Longe, Cheio de Pedra e Areia?"	07
CAPÍTULO II - O Grande Dia!	14
CAPÍTULO III - Um Tal Cambão Que Não Disparou.....	19
CAPÍTULO IV - A Fé Que Cural.....	25
CAPÍTULO V - Nos Caminhos do Santo Sepulcro	31
CAPÍTULO VI - Mas... O Que é a Renovação?.....	35
CAPÍTULO VII - Na Estrada com a Mole das Dores!.....	40
CAPÍTULO VIII - A Chegada do Rei do Cangaco!.....	46
CAPÍTULO IX - Medo do Bicho de Ferro!	54
CAPÍTULO X - E a Chuva, Que Não Vem?.....	58
CAPÍTULO X - Cada Você, Meu Padim?	62
CAPÍTULO XI - Para Sempre, Amigos.....	70
BIBLIOGRAFIA.....	73

Dedico este livro à minha família:
minha esposa Ana Elizabeth
Sampato Leite Siqueira; aos meus
filhos Mariana Sampato Leite
Dodou e Angelo Miguel Sampato
Leite Dodou por existirem e me
permitirem desfrutar do verdadeiro
e mais puro amor.

APRESENTAÇÃO

Esta obra é fruto de enorme carinho e interesse pela história de Juazeiro do Norte. É resultado de reflexões acerca de leituras dos mais renomados autores, que versam sobre a literatura local, principalmente no tocante à relação histórico-cultural entre as histórias e memórias sobre Padre Cicero e Juazeiro do Norte-CE, coletadas junto a obras de escritores locais, nacionais e internacionais.

A necessidade de escrever sobre o sacerdote e seu vínculo com a cidade tem se tornado cada vez mais necessária, em face da tríplice ênfase atribuída a essa temática em materiais didáticos adotados na rede de ensino local. Misturando realidade e ficção, tem o intuito de propiciar ao leitor o conhecimento de fatos marcantes do contexto social, cultural e religioso a partir da convivência entre o personagem Dodo e o Padre Cicero Romão Batista. Portanto, o objetivo maior é fortalecer o conhecimento sobre nossas vivências, valorizar o legado de nosso passado pelo viés das memórias de um garoto que, conhecendo o *Padim Cicco*, relata-nos fatos diversos que perpassaram o tempo, trazendo à tona passagens inesquecíveis de Juazeiro e daquele considerado o “levita dos serões”.

Antonio Romero Siqueira Dodo

5



6

CAPÍTULO I

“Por Que Caminho Tao Longe, Cheto de Pedra e Aréia?”

O céu de Piranhas ainda nem tinha clareado, quando seu Bento, meu pai, já arreava a sela no jumento Amendoim. Esse nome, fui eu que inventei. Com os halitos postos, papai tratou de apressar dona Ana, minha mãe, uma alma doce e paciente, que conseguia acalmar as casmurrices do velho.

- Ana, vamos! Já está na hora. – Disse etc, agonizado.

- Estou indo homi! Deixa eu terminar de arrumar os meninos.

Minutos depois, ela veio com dois pequenos pivetes a tiracolo: o maiorzinho era eu e a outra, minha irmã. Meu nome é Marcelino, mais conhecido como Dodo. Nasci em 1914 e, naquela viagem, já contava com 6 aninhos de idade. Como me lembro de tudo isso? Algumas coisas eu recordo, outras, maniae me contou por várias vezes. Ela sempre dizia com orgulho como foi nossa chegada em Juazeiro.

Minha irmã se chama Raquel. Quando saímos de São José de Piranhas, em Alagoas, ela tinha apenas dois aninhos e estava babucando as primeiras palavras. Assim, cada um de nós foi posto caquês distintos presos à lateral do animal. Os adultos, por sua vez, iam a pé.

- Vamos logo que a terra de Meu Padim Pade Cicho é longe! Resmungava papai.

7

Minha mãe dizia que nossa família era mais uma das que fugia das assolções da seca e da miséria que atingiam muitas cidades do Nordeste. Eles até que tentaram permanecer lá, em Piranhas, o terrão natal, mas a vida estava cada vez mais sacrificada e, temendo faltar o pão à família, resolveram partir rumo à terra onde Padim Cicho vivia.

Alguns parentes nossos já se encontravam ali. Tio Geraldo foi o primeiro a partir com a esposa, tia Tereza e com suas filhas, Amélia e Amália, minhas queridas primas. Maniae disse que eu chorei muito quando elas foram embora. Agora, tinha a chance de reencontrá-las.

Depois de tio Geraldo, foi a vez de tia Mazé e seu esposo, tio Pedro seguirem o mesmo rumo. Eles só tinham um filho: o Moisés, que já contava com 7 anos quando deixou as Alagoas.

Papai foi o último a deixar o lugar. Todos os dias quando os mascates passavam vendendo produtos, ele buscava ter notícias dos parentes. Minha mãe disse que meu pai ainda insistiu em ficar por ali mais algum tempo, tentava em plantar em terra dura, que já não brotava mais sementes como antes. Ela teve de insistir várias vezes até convencer o turrão de que o lugar não tinha mais o que oferecer.

- Bora, homi! Vamo pra terra de Meu Padim, que lá há de ter trabalho pra nós e futuro pros meninos. – Dizia diariamente.

8

E foi na madrugada do dia 8 de março de 1970 que partimos do torrao natal, numa viagem que, segundo mamãe, durou cerca de 15 dias. Eles contavam de estar em Juazeiro na data de 23 de março do mesmo ano.

E como nós já estávamos nos batios, os mantimentos também foram providenciados. Presos à cangalha do animal, dois cestos levavam um pequeno fogareiro, curvão, café, farinha, feijão, mandioca, um pouco de carne de charque e pão de milho. Havia ali ainda um tonel com seis litros de leite, lembrança da vaquinha brilhante que tivemos de vender antes de partir. Agora isso, a roupa do corpo e algumas mixarias para se viverem nos primeiros dias, até que meu pai arrumasse algum serviço.

O vento frio da madrugada fazia as poucas folhas ainda restantes balançarem. No mais, galhos secos, chão de terra batida e muitas pedras no caminho. Ao amanhecer o dia, uma euma cruel veio à tona: árvores completamente ressecadas e, à beira das estradas, por onde passávamos, debaixo de um sol escaldante, dava para ver o que um dia foram grandes fazendas com plantações e criações de animais, mas que agora só tinham ossadas de bichos mortos e muito mato seco.

O cenário era desolador. Meus pais sabiam disso. Investiam toda a esperança na terra do Padim Cíço. Mamãe falou que tinham apostado todas as fichas e, se não desse certo, já estavam decididos: iam para o norte, onde outros parentes e vizinhos nossos já estavam.

Com o calor, às vezes, papai procurava alguma sombra restante à beira da estrada para descansarmos.

9

fazermos as refeições ou as necessidades. Na hora da comida era preciso regar. Assim, no café da manhã, os adultos comiam um punhado de rapadura com farinha, seguido de uma xícara de café que mamãe preparava no fogareiro. Para mim e Raquel, uma xícara de leite com uma banda de pão de milho. A macaxeira e a pouca carne de charque ficavam para o almoço e só.

Com o sol forte, eu e minha irmã pedíamos para descansar várias vezes, o que incomodava papai.

- Desse jeito não vamos chegar em Juazeiro. Resmungava ele, que logo era contado com as doces palavras de dona Ana.

E assim seguimos viagem. Como todo bom peregrino, nossos pais carregavam um rosário no pescoço e, mesmo em meio à alta temperatura, arrancavam fôlegos para rezarem o terço. O detalhe é que eu e Raquel sempre cochilávamos nessa hora e, só acordávamos, quando eles resolviam cantar algum bendito, pois essa era a parte que a gente mais gostava!

Eu tinha aprendido muitos deles e me empolgava em repeti-los com meus pais. A pequena irmã também balbuciava algumas palavras na tentativa de dizer que estava participando.

Rezar era bom? Cantar melhor ainda! Ajudava o tempo a passar mais rápido, reconfortava o coração e fortalecia para a jornada que estava por vir. Logo, quando mamãe percebeia um ar de tristeza ou alguém cochilava por ali, começava com os benditos para alegrar.

10

Mais puro que as estrelas,
Mais claro que o claro dia, és fonte de graça cheia,
o coração de Maria...

A mãe iniciava e logo era seguida por papai, por mim e pelos batucos de minha irmãzinha, que vez ou outra escorregava uma palavra, fazendo todos rirem.

E foi nessa rotina que, aos poucos passamos por uma cidade chamada Delmiro Gouveia. O primeiro dia de peregrinação foi cansativo! Meus pés estavam um calo só. Nos dias seguintes, lembro que passamos por outros lugares: Água Branca, Tacaratu e Petrolândia. Nessa última, eu já estava quase dormindo e nem lembro direito o que vi, o sono falou mais alto.

Nos dias que se seguiram, ainda passamos por outras cidades: unias eu consigo lembrar: Belém do São Francisco, Cabrobo, e Salgueiro, a que mais me encantou. De outras, não tenho lembrança.

Salgueiro era uma cidadezinha do agreste pernambucano. O povo lá era bem acolhedor. Ofereceram macho para nós. Mamãe sempre disse que a passagem por Salgueiro foi que nos animou. Nós estávamos amufitados com a virgem e, tinha dia que nem salamos do balaio. Quando chegamos nessa cidade, ficamos arranchados na casa do seu Archieta, um homem de bom coração, que nos cedeu água para um bom banho, ervas para chá contra as dores de reumatismo de papai e alinda armou umas redes em seu alpendre. Para quem estava lá dias dormindo em balaio, aquela rede parecia um hotel cinco estrelas.

11

No dia seguinte, eram três da manhã quando papai nos acordou e disse que só faltava a cidade de Cedro, para depois entrarmos no Ceará. A porta de entrada era a cidade de Jardim. Eu fiquei logo animado. Imaginei que, pelo nome, deveria ser um bonito lugar, cheio de flores, mas quando passamos por lá, mamãe disse que dormi e nem vi as belezas que Jardim tinha para mostrar.

No dia 23 de março chegamos em Barbulla, onde paramos para almoçar. A animação era grande! Estávamos bem pertinho da terra do meu Paolin.

As três horas da tarde, como de costume, rezamos o terço da misericórdia, que eu já sabia de cor. Mamãe era a primeira a puxar. Eu e papai respondíamos as jaculatórias. Já era 23 de março. Chegaríamos no prazo previsto em Juazeiro e não conseguíamos conter a euforia de pisar naquela terra tão sonhada.

As 17 horas, avistamos uma pomposa vila com ruas largas, grande movimentação de pessoas e uma pequena feira que se instava embaixo de três pés de jua. Era um mundo de gente indo e vindo. Aquela paisagem deslumbrava os olhos de qualquer um, que sentia no ar a leveza e serenidade daquela terra. Parecia que já éramos esperados ali, pois era como se o lugar sorrisse e viesse em nossa direção com um caloroso abraço.

Até meu pai, um velho sisudo e de poucos amigos, abriu um discreto sorriso no canto da boca, mas logo o desfez quando notou que estávamos vindo. Ele dizia que a vida era coisa séria e que não havia tempo para brincadeiras.

12

Meu pai arriou o animal, amarrou-o ao tronco de uma frondosa árvore e seguiu conosco numo a um alojamento ou pensão que pudesse nos abrigar até a data do encontro com Padim Cigo, pois era costume de todo visitante, tão logo chegasse a Juazeiro, visitar o padre que abençoava e fazia as recomendações necessárias aos recém-chegados para seguirem a vida por ali.

Encontramos vagas no sobrado de uma senhora chamada Dona Mimosa. Mamãe achou as instalações simples e o preço bom. Depois de alojados, partimos numo à terra, que já estava para acabar. Minha mãe disse que precisava comprar alguns mantimentos.

Ali, as pessoas se amontoavam ainda nas bancas. Compravam bolos, biscoitos, tuba, pão de milho e até roupas, como se estivessem prestes a participar de alguma festividade.

Aquela feira tinha algo de diferente. Nunca tinha visto tanta gente nas feiras de Alagoas. De tudo se vendia ali. Mesmo em minha pouca idade lembro de ter visto algumas panelas e potes de barro bastante disputados por quem passava. Mamãe quase não conseguiu comprar um pote para nós. Outra coisa que chamou nossa atenção foi a propaganda do vendedor:

-Venham! Venham! Últimas unidades dos potes artesanais de seu Alencar.

Recordo ainda de um homem tocando um instrumento estranho que parecia um violão, bem no meio da feira. As pessoas que passavam por ele davam uns

13

trocecos. Passei alguns minutos ali feito bobo, admirando aquele velho cego tocar. Davi quando alguém disse que aquilo era uma rabeca. Foi quando papai me beliscou dizendo “-Cuida, menino!”

Adiante, vimos uma banca cheia de itens de alumínio: panelas, conchas, colheres e facas. Era um material diferente dos que tinha em São José de Piranhas. A impressão era a de que, em Juazeiro, tudo era diferente, talvez porque tinha ali a mão do Padim Cigo.

De repente, papai parou em uma banca de ervas, onde o vendedor ofertava todo tipo de pomadas, xaropes, bálsamos, unguentos e outras coisas. Ele disse que eram ervas recomendadas pelo Padre Cícero. Al já viu, né? Bastava falar o nome do Padre e todo mundo corria para comprar.

Apesar do pouco dinheiro, mamãe fez eu experimentar umas sandálias curralepe e uma short feito de um tecido quente, que se chamava tergal. A blusa era uma de popeline que eu havia ganhado de Tio Pedro no natal anterior. Ela não queria que a gente fosse visitar o sacerdote vestido de qualquer jeito. Também comprou um vestido para minha irmãzinha, além de feijão de corda, rapadura e farinha, a comida preferida de meu pai.

O que mais me encantou, porém, veio logo em seguida. Em uma das esquinas, um senhor vendia uns livrinhos de papel. Alguns estavam pendurados numa corda e outros dentro de uma mala. Aquele simpático senhor começou a falar versos bonitos e todo mundo ao redor batia palmas. Eu quase não conseguia sair dali.

14

Lembro que pedi a minha mãe para que comprasse um folheto daqueles para mim, mas ela disse que não, pois eu nem sabia ler ainda e me puxou pelo braço. Quando já estávamos saindo da feira, papai aproximou-se do dono de uma banca de doce de leite, comprou uma barra e perguntou:

- Por favor, onde posso comprar querosene e um bom candeeiro e como faço para falar com o Padre Cícero?

- Olha, o querosene e o candeeiro o senhor encontra no armazém de seu Manoel, na próxima esquina. Agora, quanto ao Padre Cícero, o que o senhor quer com ele? Perguntou o homem.

- É que vim de Piranhas, em Alagoas. Cheguei agora com minha família e queria me aconselhar com o padre. – Disse humildemente meu pai.

- Pois vou lhe dizer que acho meio difícil o senhor conseguir falar com Padre Cícero hoje ou amanhã? – Afirmou o homem com um sorriso de quem está por cima da carne seca.

- E por quê? Questionou papai.

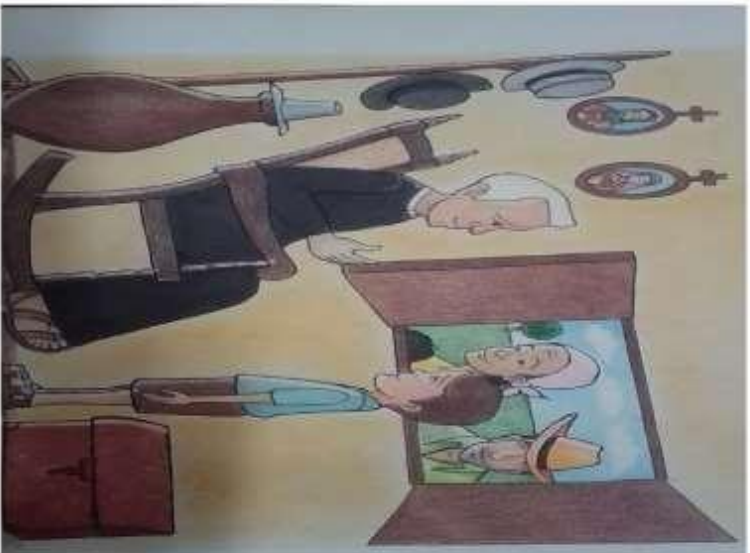
- Por que amanhã, 24 de março é aniversário do padrinho e a cidade toda está em festa. Sempre comemoramos. Todos querem vê-lo, cumprimentá-lo, presentear-lo, estar com ele e ouvir seus conselhos. – Completou o morador.

Naquele momento, o sorriso escancarou-se novamente na face de meus pais. Não podiam estar mais

15

felizes. Fizeram todos os planos para chegar a Juazeiro e viveram exultantemente no aniversário do Padim. Era um bom começo para nossas pretensões. Só faltava conhecer o sacerdote e isso, tentariam no dia seguinte. Precisávamos, agora comprar uma lembrancinha, levar de presente e aproveitar pra conhecê-lo.

16



17

CAPÍTULO II

O Grande Dia!

No dia seguinte, mamãe acordou todo mundo cedo, arrumou a mim e minha irmã e fomos tomar café na pensão de Dona Mimosa. Achei interessante a comida do povo de Juazeiro. A impressão que fiquei foi a de que a dona do estabelecimento acordava às quatro da manhã, pois só sendo para dar de conta de tanta coisa.

A pensão ficava numa rua chamada São José, a mesma em que o Padim Cicho morava. Era um casarão grande com 11 quartos e que cabia muita gente;

Quando desci naquele dia para tomar café, havia uma mesa gigante, disposta quase que de uma ponta a outra da sala central. Nela, Dona Mimosa e duas ajudantes terminavam de preparar tudo.

Tinha chá para todos os gostos: cupim santo, ervadoce, endro, camomila, além de café. Havia uma travessa de barro e nela vários bijus, um dos pratos preferidos de minha mãe, também tinha coxuz, batata doce cozida, bolacha sete cupas, matriola, leite quente e uns cinco tipos de bolos: pão, milho, macaxeira, fôfo e o meu predileto: o de leite. Por fim, ainda dava para sentir o cheiro da fumaça que vinha dos pães quentinhos, certamente comprados na padaria ao lado da pensão.

Para quem passou vários dias numa viagem cansativa, eu me esbanjei e comi tanto naquele café, que minha mãe me repreendeu;

18

- Devagar, Dookó, que ainda chove.

Nunca entendi porque os mais velhos usavam aquela frase quando a gente estava comendo muito. O fato é que, desde Alagoas, era sempre a mesma brincadeira, mas eu estava tão distraído e entusiasmado, que só pensava em terminar tudo para conhecer o tão falado Padim Cígo.

Depois do café, saímos rumo ao casarão onde o padre morava. Ouvi quando papai falou:

- Precisamos falar logo com o padre, pois temos pouco dinheiro e necessário arrumar urgente um trabalho e um lugar para morar. Não dá pra ficar muito tempo na pensão.

No caminho da casa do Padim, uma multidão transitava pela rua. Aquela, de fato, não era um dia normal. Era um vai e vem de pessoas. Alguns carregavam enormes embrulhos nas mãos. Acho que eram presentes para o aniversariante.

Dai a pouco, estávamos em frente ao lugar onde morava o vigário. Era um casarão largo, de frente alta, com várias janelas e uma porta central gigante por onde as pessoas adentravam na casa. O difícil era conseguir entrar ali. Tinha tantos visitantes em Juazeiro naquele dia, que meu pai olhou para mamãe desanimado.

- Não vamos conseguir falar com o Padim, hoje. Disse meu pai entristecido.

Percebi que passavam por ali alguns homens de terno, seguidos por homens arrastados. Perguntei a mamãe se

19

ela sabia quem eram. Com sua experiência e tranquilidade, ela me disse tratar-se de coronéis moradores da região e, os homens que os seguiam eram, provavelmente, jagunços.

Mamãe falou que o Padim era pessoa importante e todo mundo das redondezas vinha se aconselhar com ele e, como naquele dia era seu aniversário, certamente queriam lhe fazer uma visita e presentear-lo.

Ela ficava admirado com minha mãe. Ela tinha resposta para tudo. É alta que tinha cursado só até a 1ª série do primário numa escolinha da vila onde morava em Penedo. Ela conta que foi lá que conheceu papai numa missa dessas de festa de padroeiro e se apaixonou por ele, mas como meus avós não queriam o casamento, ela fugiu e casou em São José de Piranhas. Depois disso, mamãe disse que meus avós passaram sete anos sem querer saber notícias dela e que só depois de todo esse tempo, mandaram chamá-la para abençoar o casamento e conhecer os netos.

Minha mãe ainda falava, quando um carro parou na frente da casa. Era um senhor de terno branco que desceu cumprimentando a todos. Outros carros pararam logo depois e outros senhores chiques que nem aquele foram descendo. Foi então que ouvi, entre os populares, que se tratavam de prefeitos de cidades da região vindo participar de um almoço em comemoração aos 76 anos do sacerdote.

Ela só não tinha visto ainda, o tal de Dr. Florio. Ouvi as pessoas falarem nele desde que cheguei à cidade, mas não o conhecia. Na pensão de dona Mimososa, seu Domingos, um parabanho que tomava café na mesa conosco, falou que Dr. Florio era um dos homens mais importantes de Juazeiro

20

e o braço direito de Padim Cicho, logo, era bastante respeitado.

Não demorou muito para eu saber quem ele era, pois, minutos depois, uma corrente se formou em direção à porta principal da casa, quando um homem, de terno branco, apoeu do cavalo e entrou na residência. De longe dava para ouvir a voz de alguns moradores dizendo “Viva Dr. Floro”!

E lá estava ele. Um homem grande, moreno, forte e bigodudo. Realmente, era como seu Domingos falou, o homem era respeitado. Parece até que estavam esperando só sua chegada para darem início aos festejos.

Diante de tudo isso, faltava ainda um detalhe e, por sinal, muito importante: nós não tínhamos conseguido chegar nem perto da casa do Padim, quanto mais entrar e conhecê-lo. Papai já estava zangado com a demora e até tinha proposto a mamãe que voltássemos no dia seguinte, quando as coisas estivessem mais calmas.

Ela, porém, disse que já estava ali e não voltaria mais pra pensão naquele dia sem conversar com o Padim e entregar os presentes. Mamãe tinha comprado um chapéu e uma galinha de capoeira para presentear-lo.

Foi então que minha mãe resolveu comer alguma coisa ali mesmo pela feira até que surgisse uma oportunidade de entrar. Sentamos na banca de um senhor chamado Messias, que vendia caldos em enormes panelões. Em sua barraca, havia várias pessoas sentadas com chapéu

21

de palha na cabeça, rosário no pescoço e umas frinhas amarradas nos pulsos.

Mais uma vez, recorri a minha enciclopédia ambulante: minha mãe e perguntei quem eram aquelas pessoas. Ela me disse que se tratavam deromeiros, peregrinos que visitavam Juazeiro em devoção ao Padim e à padroeira Nossa Senhora das Dores. Mamãe falou que eles vinham aos montes a Juazeiro e que passaram a vir mais ainda depois do milagre envolvendo Padim Cicho e uma beata chamada Maria de Araújo.

Sentamos num enorme banco de madeira e meu pai pediu um caldo com osso de corredor para todos nós, acompanhado de uma porção de cuscuz. Era outra comida predileta do velho. Ele dizia que tinha sustança e, mesmo quando morava em Piranhas, já comia dessas coisas quando ia vender produtos na feira da cidade. Eu não gostava muito, mas era melhor aquilo do que ficar com fome.

Seu Messias, o dono da banca era um senhor simpático e conversador. Logo tratou de puxar conversa com papai e, quando ficou sabendo que estávamos ali para falar com o padre, deu uma informação preciosa.

Ele contou que quem tomava conta da agenda do padre era uma beata chamada Mocerinha e que, se quiséssemos chegar até ele, era com ela que tínhamos que falar. Seu Messias disse que, logo após o almoço, a beata saía pra comprar uns doces de bairiti no armazém de seu Manoel e nessa hora, osromeiros aproveitavam para falar com ela.

22

Sabedora disso, mamãe tratou de apressar a refeição e vigiar a saída da tal beata. Por volta de uma e meia da tarde, quando Dr. Floro, os coronéis e políticos já tinham ido embora, a governanta saiu para comprar o doce, igualzinho seu Messias tinha dito.

Era uma senhora de cor parda, baixa, usava um vestido e um véu preto. Notei que era ela porque tão logo surgiu na porta, um grupo deromeiros dos que estavam comendo conosco foi ao seu encontro. Minha mãe se enturmou entre eles e foi falar com a beata. De longe, vi quando ela balbuciou algo aos visitantes que logo se dispersaram.

Mamãe retornou com um sorriso no rosto e nos deixou animados. A beata havia falado que as quatro da tarde, depois do terço da misericórdia, o padre receberia os novos visitantes. A partir dali, contamos cada segundo até tão esperado momento.

Foi então que, às três e meia, fomos chamados para entrar na casa e aguardar até que o padre estivesse na sala de acolhida. Ao entrar, fiquei abismado com o tamanho do casarão por dentro. Era tudo muito simples, mas bem bonito. O lugar era pintado de uma ponta a outra no azul celeste e o piso, um mosaico marrom com detalhes claros. Havia vários quartos e, lá no final, um enorme quintal onde várias pessoas descinsavam embaixo dos troncos de árvores, em redes ou cadeiras de balanço. Ficamos por ali um tempinho, até que a beata nos chamou para entrar.

23

Nessa hora, meu coração disparou. Eu ia conhecer o Padim Cyo, um dos homens mais queridos e falados no Nordeste. Segundo minha mãe, até milagre ele tinha feito.

Enquanto ficamos no corredor, papai entrou primeiro na sala e se apresentou. Era um costume da época, pois o genitor da casa se apresentava, dizia para que veio e, só depois, mandava entrar o resto da família.

Do corredor, deu para ouvir quando papai falou:

-Sua bengala, meu Padim? Sou o tomeiro Bento Siqueira, venho de São José de Piranhas em Alagoas com minha esposa Ana e meus filhos Dodo e Raquel. Quería saber de meu Padim se o senhor pode nos ajudar a arrumar uns trabalhos pro modo nós se manter e um quixó onde a gente possa mora.

Em resposta, veio de dentro uma voz doce e branda, que dizia:

-Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo e a Virgem Mãe das Dores, meu filho! Seja bem-vindo a Juazeiro. Aqui agora é sua casa. Mande entrar sua família.

Então, papai voltou a cabeça em nossa direção e pediu que entrássemos. Chegando na porta, eu o vi sentado em sua cadeira de madeira com tundo de palha. Ao seu lado, havia um chapéleiro onde seu chapéu repousava e, do outro lado, encostado na parede uma bengala e um daqueles banquinhos que as pessoas usam para se ajoelhar, que somente mais tarde descobri que se chamava genuflexório.

24

Quando ao padre, não pude descrevê-lo num primeiro momento, pois não tive coragem de levantar a cabeça de tão envergonhado que estava.

Ouvi quando mamãe se apresentou e falou sobre nós.

- Boa tarde, meu Padrim! Peço sua bênção sobre minha família.

- Seja bem-vinda minha filha! Vocês são casados na igreja? Perguntou.

- Sim, meu Padim e levamos uma vida de jejum, oração e devoção à Mãe das Dores. Todos os dias eu rezo um rosário e minha família também.

- Muito bem, minha filha! Seja sempre fiel ao seu esposo e uma boa mãe para seus filhos. Eles têm sido bons para você? Indagou o Padim em voz suave.

Mamãe pigarreou um pouco e falou:

- Sim, meu Padim. A mais nova é Raquel, tem apenas dois aninhos e nem fala ainda. O primogênito é o Marcelino, mais conhecido como Dodô. Esse, de vez em quando me dá um trabalhinho, porque é ativo, mas também é curioso e bem danado.

Em seguida, o padre pediu que minha mãe aproximasse Raquel, impôs as mãos sobre a cabeça de minha irmã e fez uma oração. Depois, pediu que eu visse até ele, levantasse a cabeça para que me visse de perto. Obedeci suas ordens e levantei o olhar em sua direção. Para

25

meu total encantamento, parecia que via, ali, um anjo. O padre tinha uma feição terna, tranquila. Pele clara, cabelos alourados e um par de impressionantes olhos azuis.

Com uma voz de veludo, o sacerdote pediu que eu fosse uma criança obediente, que amasse a Deus, a Nossa Senhora e aos meus pais e cuidasse deles sempre. Em seguida, voltando os olhos para meus pais, Padim Cigo relatou o seguinte:

- Tem umas terras do compadre Bonifácio para os lados do rio Salgado que estão desocupadas. Vocês podem ir para lá. O compadre tem uma casinha que ele fez para um caseiro morar, mas ele foi embora mês passado para o norte.

E prosseguiu:

- Lá, tem como o amigo trabalhar na agricultura e há uma boa área de plantação de carnaúba. Com a palha dessa planta sua esposa pode lhe ajudar na confecção de chapéus e vassouras que poderão ser vendidas na feira da cidade e ajudar na sobrevivência. Quanto ao menino mais velho, vou falar com Mocerinha para ver se pode providenciar quanto ao reforço em seus estudos.

Após, o padre olhou novamente em minha direção e falou:

- Venha cá, filho!

Aproximei-me e pude sentir seu cafuné em minha cabeça pronunciando as seguintes palavras:

26

- Gostei muito de você. Tenho certeza de que terá um futuro brilhante e que seremos grandes amigos.

Eu apenas balancei a cabeça positivamente e sai dali muito feliz. Eu era amigo de padre Cicero. E ele estava certo numa coisa: a partir dali, seríamos sim, eternos amigos!



CAPÍTULO III

UM TAL CANHÃO QUE NÃO DISPAROU!

Na manhã do dia 25 de março papai foi para as bandas do Rio Salgado conversar com Seu Bonifácio e levar o recado do Padim para providenciar nossas instalações ali. Mamãe saiu comigo e Raquel e foi procurar a Beata Mocinha para saber sobre meus estudos.

A beata pediu que minha mãe procurasse dona Joana. Uma senhora da rua grande que dava reforço e acompanhava os filhos de visitantes recém-chegados, ensinando ao menos a ler e escrever.

Tão logo chegamos à casa da senhora Joana, notei ali algumas bonecas de madeira onde outras crianças ficavam sentadas de posse da tabuada e outros livrinhos. Mamãe se apresentou, disse a que veio e a professora informou que eu começaria naquele dia mesmo.

Assim, mamãe foi com minha irmã para a pensão de Dona Mimososa e eu fiquei ali, pronto para meu primeiro dia de aula. Confesso que não entendi muita coisa do que ela falou, afinal, aquilo tudo era novo para mim. Estava encantado com o lugar e o melhor: eu era amigo do Padim Crego. Ele mesmo tinha dito isso. Quando pensava nisso, enchia o peito de orgulho e até olhava com certo desdém para as outras crianças. Aposto que nem uma delas era amigo do padre que nem eu era.

O que pude perceber é que Dona Joana era ignorante e, se a gente não respondesse a conta correta, ela vinha com

29

um objeto de madeira pesado chamado de palmarótia e batia nas mãos dos alunos. Logo no primeiro dia, errei uma das somas que ela perguntou e levei uma dessas palmarotas. A velha olhou para mim e disse:

- Olha, menino; como hoje é seu primeiro dia vou bater levezinho, mas na próxima vai doer mais. Portanto, estude a lição em casa. Nem liquei muito para Dona Joana. Em casa eu resolveria a lição. O que eu queria mesmo agora era andar um pouco pela cidade antes de ir para a pensão.

Assim, com meus seis anos, sai pelas ruas e praças, avistei lojas, bancas e igrejas. Errei quase dez horas. Fiz um rápido e bom passeio pela cidade e fui até a banca de seu Messias, que estava vaga naquela hora.

Estava tão cansado que pedi um copo com água. O velho me reconheceu.

- Ó, pequeno Dodó, que faz você por aqui?

- Eu vim do reforço da Dona Joana, comecei hoje e vou já voltar para a pensão. Acho que meus pais mudam amanhã para as bandas do rio Salgado. O Padim arrumou um lugar para nós lá. Respondi:

- E por que ainda estás perambulando pelas ruas a essa hora? Já já sua mãe riscar atrás de você? Comentou o velho Messias.

- E que eu estava dando umas voltas para conhecer a cidade. Seu Messias. Achei muito bonito aqui, mas não tive tempo de ver muita coisa ainda.

30

Nesse momento, Seu Messias, que secava alguns copos de vidro com um guardanapo, pôs o puno no ombro sobre o avental e olhou para mim dizendo:

- Juazeiro é um lugar bonito sim filho, mas demorou bastante para ser o que é hoje. Passou por muitos sofrimentos.

Aqueles palavras me causaram inquietação, de modo que perguntei ao dono da banca de que sofrimentos estava falando.

- Olha, como não estou com nenhum freguês agora, vou trocar uns dedos de prosa com você. Vou te falar da Sedção de Juazeiro e de quanto penamos para chegar até aqui. Falou o velho vendedor me olhando sério.

- Há muitos anos, Juazeiro era uma pequena vila chamada Tabuleiro Grande. Era um lugar cheio de desordens e as pessoas viviam como bem queriam. Foi então que o Padim Cigo foi convidado para celebrar uma missa aqui. Ele teve um sonho em que Cristo pedia que tornasse de conta do povo de Juazeiro e assim o sacerdote fez.

- Padim Cigo sonhou falando com Jesus, Seu Messias? Perguntei admirado!

- Sim, Dodô. Ele não só sonhou como obedeceu e veio de imediato morar em Juazeiro. A partir de sua chegada tudo mudou de rumo. Ele acabou com as farras e bagunças e começou a botar a casa em ordem. Houve

31

resistência no começo, porém, aos poucos, a pequena vila foi se transformando em um lugar de oração e trabalho.

- Quer dizer que as festas acabaram, Seu Messias? Questionei.

- As festas ruins, mundanas, com bebedeiras e bagunças sim. Só continuaram as festas religiosas, algumas celebrações de casamento, o aniversário da cidade e as renovações.

- Então, Dodô, Juazeiro começou a crescer de forma tão próspera que atraiu a vinda de várias pessoas para cá. Rapidamente, o lugar foi abrindo ruas, oficinas, construindo novas casas e fortalecendo a economia. Mas havia ainda um problema?

- Qual, Seu Messias?

- Éramos um distrito pertencente à cidade do Crato? Já ouviu falar?

- Sim, ouvi papai dizendo algo a respeito.

- Pois é! O Crato queria continuar mandando em Juazeiro, arrecadando os impostos, mas nada fazia para melhorar a situação do lugar, que devia tudo a Padre Cícero.

E acrescentou:

- Diante disso, Dodô, a população se revoltou e com o apoio de Dr. Floro e de outras lideranças, resistiram à autoridade cratense. Em 1911, veio a primeira vitória, quando Tabuleiro foi elevada à categoria de Vila e passou

32

a se chamar Juazeiro. Mais tarde, teve ainda a sedição de Juazeiro, que findou em 1914, resultando na independência total de Juazeiro em relação ao Crato e a derrota do governador Franco Rabelo.

- Quer dizer que Juazeiro e Crato travaram uma guerra, Seu Messias?

- Sim, Dodó. O problema é que nessa batalha houve um fato que merece destaque. As tropas do Crato eram maiores, mais munidas e tinham o apoio do governo do estado, que também não gostava do Padre Cicero.

Aquela passagem da história me irritou tanto, que comentei:

- Como alguém não pode gostar do Padim Cíco, seu Moisés, um homem tão bom e ainda por cima, meu amigo? Ele deu um leve sorriso e explicou:

- Não sei, Dodó. Como eu disse, eles tinham mais gente e armas, mas o povo daqui, tinha mais vontade de vencer.

- Desse modo, os civis de Juazeiro, sob a liderança de Doutor Floro, reuniram forças e armas, construíram valas e barricadas e se prepararam para o ataque. A única preocupação das tropas de Juazeiro era com o canhão.

- O canhão?! Gritei espantado!

- Sim, Dodó, um canhão. Como já estavam perdendo na batalha, no dia marcado trouxeram o tal canhão para disparar. Na verdade, estavam desesperados. Foi então

33

que o tal canhão não disparou e virou motivo de chacota até hoje.

- Quer dizer que as tropas de Juazeiro venceram, Seu Messias?

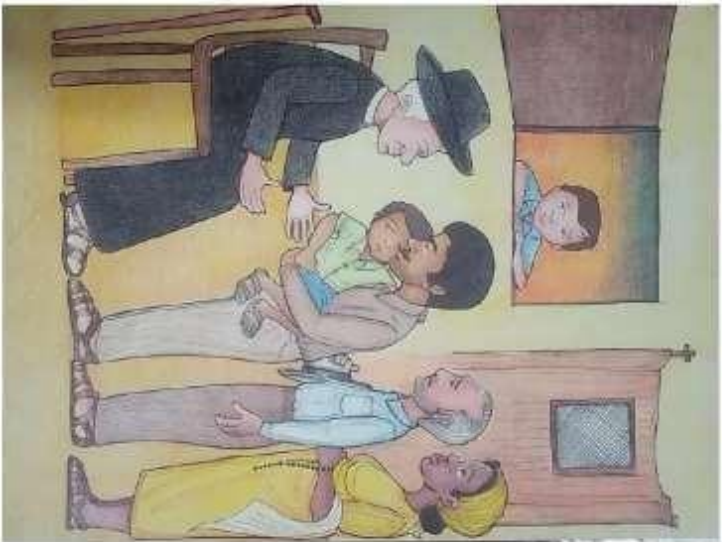
Naquela momento, minha cabeça chegou e queria me levar para casa. Foi então que pedi:

- Mãe, por favor, deixa só eu ouvir o fim da história. Implorei! Ela consentiu.

Prossiga, Seu Messias. Pedi cheio de curiosidade.

- Exatamente, Dodó. Não só venceram como marcharam até Fortaleza e derrotaram o governo do estado. Esse fato é a chamada "Sedição" e, depois desse dia, o Crato perdeu de vez a batalha e tudo isso graças à bravura do povo de Juazeiro e de um tal canhão que nunca disparou.

34



35

CAPÍTULO IV A Fé Que Curai!

Eu andava animado com essa nova amizade. Afinal, ser amigo de Padre Cleero não era para qualquer um. O que eu não estava ligando muito era para os sermões e palmaristas da dona Joana. Assim, depois de uma semana de refreio da velha senhora, ela mandou chamar minha mãe e deu o seguinte recado:

• E o seguinte, dona Ana: seu filho é um garoto bastante ativo e muito inteligente! Ele só precisa usar essa sabedoria em seu proveito. O Dado não tem atenção nas aulas e só quer fazer o que quer e quando quer. Inclusive, já mandei um recado também a padre Cleero.

Aquela bronca me rendeu umas boas chineladas. Minha mãe era assim: um anjo quando precisava, no entanto, quando era para ser rígida, eu corria a legua, pois ela não alisava. Depois da sova, fiquei de castigo umas duas horas e minha mãe me libertou, porque o padre tinha mandado me chamar. No cantinho, passei de novo pelo homem do cordel e, dessa vez, resolvi prestar bastante atenção nele.

Era um senhorzinho miúdo e moreno, mas muito alegre. O tempo todo falava aos que passavam pela feira e logo se formava em torno dele um círculo de curiosos e admiradores que queriam ouvir a beleza de suas rimas. Perguntei a um senhor que estava vizinho a mim de quem se tratava. Ele disse que aquele era o poeta João da Terra, um dos artistas mais talentosos das redondezas.

36

Passsei algum tempo ali extasiado com aquelas rimas e uma das que mais me chamou atenção foi a que falava de Juazeiro e do Padim Cico, parecia que o poeta brincava com as palavras.

Era tão boa que guardei na memorial. Decorei até hoje. Dizia assim:

Havia uma pequena vila
nos cafundós do sertão,
mas chegou por lá um padre
e com organização,
botou tudo no lugar
com trabalho e oração.

A vila logo cresceu
com fé e com devoção,
contra o Crato ela venceu,
a chamada seditação,
Franco Rabelo perdeu
do estado a direção.

A pequena tubuleiro,
que a todo tempo crescia
é agora Juazeiro,
uma forte economia
destaque no mundo inteiro
só floresce noite e dia.

E com todo esse progresso,
deportou na região,
Juazeiro é um sucesso
e tem por isso uma razão,
por trás de tudo há o exercício
Padre Cleto Romão.

37

Para terminar meu poema,
cheia de formas e cores,
dessa profundo dilema
de vitórias e clamores,
eu peço a bênção suprema
da excelsa Mãe das Dores.

Aquele homem era um talento só. Queria eu poder passar mais tempo ali. Ficaría o dia, se fosse preciso, ouvindo seus versos. Lembrei então que tinha de ir correndo à casa do Padim.

Para compensar o atraso, cheguei na casa dele o mais rápido possível e, ainda com os chinelos nas mãos, tratei de enveredar sala a dentro. O Padim estava atendendo um grupo deromeiros de fora e fui logo repreendido pela beata Mociinha que, num olhar, dizia que não se podia entrar daquele jeito numa sala.

Tratei de dar meia volta caladinho e me detruzei sobre a janela. Fiquei aguardando o fim do atendimento. Enquanto esperava, resolvi prestar atenção naquela família. Seguindo a beata Mociinha, tratava-se de um grupo da Bahia que tinha ouvido falar do Padim e veio a Juazeiro pagar uma promessa. O chefe da família assim falou:

- Meu Padim, a sua bênção! Nós viemos de Irecê, na Bahia. Eu vim pagar uma promessa, pois meu Filho nasceu com uma doença rara e eu prometi à Mãe das Dores que se ele ficasse curado, a gente viria até Juazeiro a pé, apresentar o menino para o senhor abençoar.

38

Que cena impressionante aquela! Agradeciam ao Padim pela cura do filho. O sacerdote veio com uma resposta sôbria como sua pessoa.

- Meu filho, foi tua fé que te salvou. Você fez bem em ter prometido a Nossa Senhora e se seu filho está curado, certamente ele interveio junto a Deus por ele. Eu sou apenas um instrumento de Deus para pregar a palavra e dar conforto espiritual a vocês. Agora, vá até a matriz de Nossa Senhora das Dores, pois é a ela a quem você tem que agradecer pela graça.

Aquela humildade do padre aumentou minha admiração. Ele podia muito bem aceitar a gratidão daquela família, mas atribuía o mérito à padroeira e era a ela que deviam agradecer. Em meu estado de distração, nem percebi quando a família saiu e a voz do bondoso Cícero me chamou.

- Dodô, venha cá, meu querido!

- Sim, meu Padim? O senhor mandou me chamar?

Perguntei.

Olhando com um ar de seriedade ele confirmou que sim. E fez o seguinte comentário:

- Eu soube que você está dando trabalho a sua mãe e a dona Joana. Lembra do que conversamos no primeiro dia?

Abaixei a cabeça envergonhado e não tive coragem de respondê-lo.

39

- Lembra, Dodô, que eu falei que somos amigos? Estou aqui para ouvi-lo? Tem algo a me dizer?

Meio que com a fala cortando, gaguejei:

- Sim, meu Padim. É que não gosto das aulas de dona Joana. Eu queria mesmo era ser poeta que nem João da Terra.

Notei, então, um leve sorriso no canto de sua boca. Ele fez um sinal para que eu fosse até ele e, quando me aproximei, arregou minha cabeça dizendo:

- Dodô, o poeta realmente é muito talentoso, assim como você é. A poesia é uma arte bonita, mas para chegar até lá, ao nível de seu João, você vai ter que estudar muito. Terá que comer muito arroz com feijão.

Resolvi então questioná-lo:

- Mas... Meu Padim, não é só decorrar os versos e pronto? Eu até decorei um agora, olha só, está bem fresquinho. Quando ia recitando, fui interrompido pelo gesto negativo de sua cabeça que balançava, como se pedisse para eu parar.

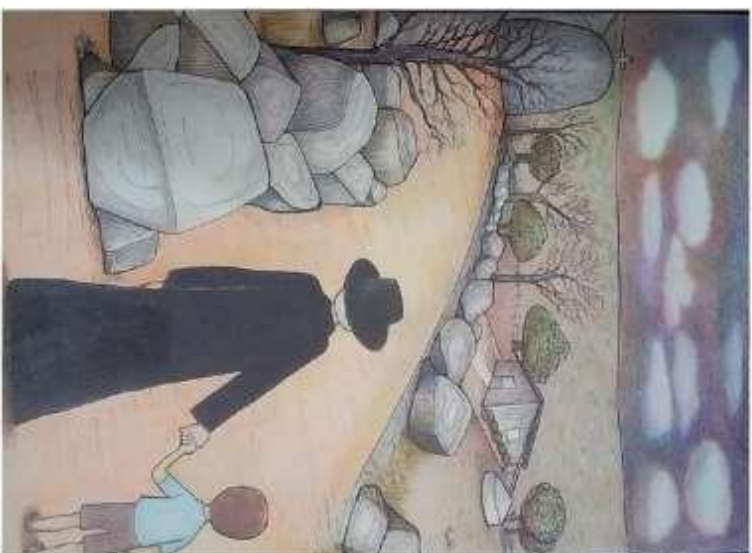
Parei!

- Não, Dodô. Para tudo na vida é necessário o conhecimento. Logo, quero que amanhã vá à escola, se comporte, obedeça a dona Joana e faça também o que seus pais lhe pedirem em casa. Se ficar obediente, levarei você para conhecer um lugar comigo, porém, se continuar sendo travesso, vai ficar sem me ver uns dias.

40

Sai daquela conversa com uma sensação de alívio porque o Padim ia fazer um passeio contigo. Só nós dois. Nenhum outro menino que eu conhecia tinha aquele privilégio. Para onde será que ele me levaria? Fiquei a pensar em vários lugares. Uma coisa era certa. Dali em diante, eu tinha que ser mais obediente e cuidadoso e me livrar da palmatória de dona Joana.

41



42

CAPÍTULO V

NOS CAMINHOS DO SANTO SEPULCRO...

Nos dias que seguiram fiquei concentrado nas palavras daquele encontro. Fiz tudo tão direitinho, que ouvi minha mãe cochichando com papai a meu respeito:

- Bento, não sei o que está acontecendo com Dodó. Faz dias que ele está uma seda. Acho que a conversa dele com o Padim fez efeito. Ele está um anjo!

Papai só escutou a tudo e nada disse.

Com passos leves e como se não tivesse ouvido nada me retirei na ponta dos pés com um sorriso no rosto. Meu plano estava dando certo e se tudo continuasse correndo bem, faria meu tio sonhado passeio com o Padim.

No reforço, até dona Joana me rendia elogios. Há dias ela não conseguia me aplicar a palmatória. Eu respondia a tudo com prontidão. Já estava até fazendo meu nome e lia algumas palavras.

Em 20 de abril de 1920, recebi um recado da maniac que o Padim tinha mandado me chamar. Fiquei meio nervoso e preocupado. Será que dona Joana tinha mexericado alguma coisa de novo. Eu tinha feito tudo tão certinho.

Fui ao casamento. Nesse dia não parei em lugar nenhum para não me distrair. Cheguei na hora marcada e até a Beata Mocinha se admirou de minha pontualidade.

43

Quando entrei, Padim Cigo cochilava em sua cadeira, com um livro de São Francisco de Sales na mão. Pisei vagorosamente para não acordá-lo. Estava decidido a voltar em outro momento.

Quando já estava na porta, ouvi um pigarro:

- Hum,hum! Para onde você vai, rapazinho?

Virei e olhei em sua direção. Ele me olhava sorridente e pediu que eu sentasse. Perguntou-me como andavam as coisas e se eu estava feliz com a morada em Juazeiro. Respondi que sim.

Foi então que ele se levantou, pegou o chapéu e a bengala e pediu a um servidor da casa que preparasse um animal. Olhou para mim e me pediu que o acompanhasse.

Quando chegamos nos fundos da casa, havia um jumentinho preparado. O padre sentou-se e fez sinal para que subisse na garupa do animal. Começou então uma leve cavalgada na direção do rio Salgado.

Naquele momento meu peito acelerava. Ele seguia na mesma direção de minha casa. Será que estava indo fazer alguma reclamação aos meus pais? Fiquei intrigado.

Para meu alívio, ele pegou um atalho e, no fim da grande estrada que ficava após o rio, arreou o animal, olhou para mim e falou:

- Daqui em diante iremos a pé.

44

Tomou minha mão e começou a subir uma enorme ladeira. No caminho, o Padim foi me falando do lugar.

- Sabe, Dodô, esse lugar que estamos indo se chama Santo Sepulcro e fica depois do horto. São lugares que gosto de visitar, principalmente quando estou sozinho. Prefiro vir aqui para meditar, conversar com Deus e pedir discernimento para orientar esse povo que precisa tanto de mim.

A serra que despontava diante de mim era uma belezaza só! Uma mata verde de alegrar o espírito. Linhas rochas com formatos marcantes se sobressaíam pela serra e lá de cima dava para ver as casas bem pequenininhas.

No caminho, aqui e ali, encontrávamos alguns moradores que residiam por ali e logo reconheciam o padre.

- Sua beíngao, meu Padim? Diziam.

- Deus te abençoe, meu filho (minha filha)! Ele fazia questão de responder a todos.

Chegando ao ponto mais alto da serra, Padim Cigo me disse que ali era o horto e dali em diante começava a caminhada até o Santo Sepulcro que, segundo o Padre, recebia esse nome em homenagem ao lugar bíblico em que Cristo foi sepultado.

Vez ou outra, parávamos para descansar à sombra de alguma árvore, tomar água e comer um pedaço de doce de buriti, o predileto do meu amigo.

45

Quando chegamos ao Santo Sepulcro fiquei se palavrasi! Era um lugar lindo, marcado por várias pedras, uma pequena gruta e uma capelinha bem no alto. Dali, dava para ver muita coisa. O Padim sentou-se comigo, ensinou-me algumas orações, mostrou as cidades de Crato, Juazeiro e Barbalha e falou de outros assuntos. Por volta das quatro da tarde, chamou-me para descermos de volta antes do anoitecer.

Aquele foi uma das datas mais mágicas que vivi desde que havia chegado ao Juazeiro. Eu tinha passado o dia inteiro na companhia dele. Foi um passeio entre dois amigos. Conversamos sobre muitas coisas boas, sorrimos juntos, rezamos e comemos doce de buriti. Em alguns momentos, notei meu amigo triste, como se estivesse cansado daquela jornada. O peso da idade pesava sobre seus ombros. Foi o único a conhecer os lugares secretos e prediletos do Padim, quando queria fugir da agitação da cidade. Vi o Juazeiro de cima, na companhia de seu maior benfitor! Nunca mais esqueceria aquele dia.

46



47

CAPÍTULO VI

MAS... O QUE É A RENOVACÃO?

Os dias seguintes foram ainda melhores depois daquele dia. Fiquei mais próximo de Meu Padim. Quase todos os dias, quando saía do refoço de Dona Joana, ia para a casa grande ajudar. Ele me mandava fazer mandados e confiava vários favores a mim.

Por várias vezes, quando estava em casa ajudando mamãe na produção de chapéus de palha de carnaúba, recebia o recado de que ele me chamava e ia correndo. Minha rotina em sua casa era diária. Devo lembrar que ainda fazemos outros passeios daquele. As mensagens me chegavam em código. Geralmente, um serviço da casa ia até a oficina de mamãe e dizia: "Avisa ao Dodó que o Padim hoje vai selar o animal."

Quando chegava do ensino e recebia aquela mensagem, eu já sabia do que se tratava e meu sorriso escancarado se abria. Minha mãe ficava contente por me ver feliz e sempre dizia: "Lá vai você e o Padim no tal passeio misterioso". No fundo, aquilo era motivo de orgulho para ela e papai.

O tempo passou. Eu e o Padim éramos muito amigos! Era o ano de 1923 e eu contava agora com 9 anos de idade. No dia 30 de abril daquele ano, recebemos a visita de tio Geraldo, Tia Tereza e minhas primas Amélia e Amália, que há muito não via.

48

Elas estavam diferentes e até mais bonitas. Mãe falou para as primas que quase não paret de chorar quando foram embora. Fiquei todo vermelho! Minha mãe tinha dessas coisas, que deixava a gente envergonhado. Conversamos, brincamos e fomos calar uns católys que meu pai pediu.

Contei às minhas primas que era amigo do Padim Cigo, mas elas não acreditaram. Acharam que eu estava caçoando. Como prova, convidei as duas para irem comigo na casa do meu amigo no dia seguinte e elas começaram a rir, como se não confiassem no que eu falava. Foi preciso que mãe confirmasse para, só então, elas acreditarem.

Pelo sim, pelo não, no dia seguinte, logo após o café da manhã, chamei Amália e Arnélia para irmos à casa do Padim Cigo. Elas toparam. Chegando lá, ele estava em reunião com Doutor Florio para tratar de alguns assuntos da cidade. Parece que a conversa não foi muito boa, pois Doutor Florio saiu com cara de poucos amigos, como se estivesse preocupado com alguma situação.

O homem moreno, alto, forte, bigodado e de pisadas fortes pisou por nós na sala, montou o animal e partiu à galopes, sem sequer notar que estávamos ali. Ouvi, então, quando meu amigo surgiu à porta, falando:

- A que devo a honra da visita? Quem são essas jovens bonitas e educadas?

- São minhas primas, meu Padim. Filhas do tio Gerardo. Ele chegou aqui em Juazeiro primeiro que papai.

49

mas andou uns tempos trabalhando para os lados da serra do Araripe com a plantação de pequi.

- Ah, seu Gerardo! Lembra sim. Confirmou o padre.

E acrescentou:

- Ele me disse que veio das Alagoas e fui eu que recomendei para procurar trabalho no sopé da serra. Só que naquele tempo essas mentiras eram bebezinhas. Como cresceram!

Passamos a manhã ali conversando com meu amigo. Aqui e ali chegava alguma visita que ele tratava de atender logo e retornar para nossa conversa. Minhas primas ficaram admiradas com a amizade e consideração que o sacerdote tinha comigo e saíram dali me dando vários tapinhas nas costas seguidos da frase: "Eita, tu é amigo do Padim Cigo!" Vamos dizer a todos quando chegarmos no sopé da serra. Afirmaram elas.

Aquilo me fazia encher o peito de orgulho.

Fomos para casa almoçar. Logo depois do almoço, quando meu pai tirava um cochilo, chegou na porta Seu Messias, aquele dono da banca de caldo. Veio convidar minha família para a renovação de sua casa que seria logo mais à noite.

Papai confirmou presença e pediu que mãe providenciasse as roupas para nos arrumar. Também falou que levaria Amália e Arnélia conosco. Juro que fiquei contente com aquele convite e bastante curioso, pois desde

50

que eu havia chegado em Juazeiro, ouvia falar em renovação, mas não sabia bem o que era.

Mamãe falou uma vez que era uma celebração que o Padim pedia para os moradores da cidade fazer em homenagem em sagrado coração de Jesus; portanto, devia ser coisa boa!

Ficamos ansiosos o resto do dia. Até que, às cinco horas da tarde, mamãe pediu que fôssemos tomar banho e depois nos arrumou. Nesse dia, lembro que ela pôs tanta alfazema, seu perfume preferido, que papai disse que estava com dor de cabeça.

- Pra quê tanto perfume, mãe? Resmungou o velho.

- Pra saudar o Coração de Jesus não pode ir de qualquer jeito. Disse ela com uma rabissaca deixando a sala em seguida.

A casa de seu Messias não era distante da nossa. Nós morávamos perto da ponte do Rio Salgado e ele - próximo à capela de Nossa Senhora do Perpêuo Socorro. Dava para ir a pé.

A rezta estava marcada para as sete da noite, mas meia hora antes já estávamos lá. Na frente da casa, do lado de fora, havia alguns bancos de madeiras espatilhados, onde as pessoas se sentavam. Não tinha como caber todos na sala principal. Eu, como era enveredado, tratei de chamar minhas primas e emburaqueei na sala onde estava a rezadeira e fiquei encantado com o que vi!

51

Na parede de fundo da sala tinha uma grande cortina azul claro e, sobre ela, várias imagens de santos. Ao centro, a imagem do Sagrado Coração de Jesus e do Inacuilado Coração de Maria. Logo abaixo, um oratório com uma imagem do Padim Cigo e um estícal para duas velas. Bem no pé do cortinado e do oratório havia um tapete, que era para a rezadeira se ajoelhar e, na parede lateral, uma foto pintada com as imagens do casal dono da casa: seu Messias e Dona Laura, sua esposa.

Em tudo muito, mas muito bonito! Eu nunca havia participado de uma renovação. Sentei com minhas primas no banco de madeira que ficava em frente à celebrante. Para minha surpresa, uma mentia mais ou menos da minha idade, com um vestido de xadrez e dois cocós no cabelo sentou-se bem ao meu lado.

Olhando para mim sorridente, disse:

- Oi! Eu sou a Ritinha, filha mais nova de seu Messias. Eu, Raquel e minhas primas a cumprimentamos. Quase cai para trás diante daquela beleza de moça. Eu sabia que seu Messias tinha um filho, o Juvenal, que o ajudava na banca de caldos, no entanto, não sabia da existência daquela doce criatura.

Em meio a meu encantamento, a rezadeira entrou, pediu que todos ficassem de pé e começou a celebração. Que noite maravilhosal! Ela fez orações que eu conhecia, pois havia aprendido em meu passeio com o Padim. Cantou benditos conhecidos e outros novos, cada um mais bonito que o outro.

52

Até meu pai, que era tio sisudo, batia palmas e cantava sorridente. Para mim, então, tinha um diferencial: passei todo o momento mágico da renovação com a moça mais linda do Juazeiro ao meu lado. Ao terminar a celebração, Dona Laura pediu que todos entrassem em outro compartimento da casa. Era uma enorme sala onde estava posta uma mesa com vários pratinhos. Em cada prato uma variedade de comida: bolo, bolacha, sequilho e, no canto da sala, dois potes grandes com uma bebida chamada aluá.

Como não sabia do que se tratava, perguntei a Ritinha o que era aquilo e ela, com um sorriso tímido no canto da boca, falou que era um suco da casca do abacaxi. Resolvi provar e confesso que era tão bom, que já estava no quarto copo, quando fui interrompido por mannie dizendo: “Tu vai morrer empazinhado!”

Do outro lado, Ritinha, Raquel e minhas primas assistiam a tudo e só riam. Elas resolveram tomar dos chás que estavam nas jarras e garrafas espalhadas sobre a mesa. Sai da casa de seu Messias com uma felicidade em dobro: primeiro porque descobri o significado da renovação, uma invenção de Meu Padim e amigo; segundo, porque descobri que estava apaixonado e que poderia estar diante do amor de minha vida.



CAPÍTULO VII

NA ESTRADA COM A MÃE DAS DORES!

Depois daquela renovação, minhas primas voltaram para o pé da serra. Elas vinham de vez em quando a Juazeiro e sempre nos divertíamos bastante. Também confesso que fiquei mais próximo de Ritinha.

Assim, sempre que meus pais ou o Padim tinham algum recado para Seu Messias, eu tomava logo à frente e me oferecia para levar o comunicado. Para que ninguém percebesse, eu dizia que era porque tinha muita consideração a seu Messias, que era um homem bom, para que ninguém notasse meu real pretexto: o de ver sua filha.

Meu plano, porém, não funcionou. Não demorei muito e tanto minha mãe, quanto meu Padim Cíco perceberam meu olhar de passarinho verde. Mantê soltava logo a piadinha: "Vai levar nada hoje na casa de Seu Messias não, Dodó?". E saía rindo.

Já meu Padim, em uma de nossas conversas diárias, ao me ver distraído, deixou escapar o seguinte comentário:

- Eita! Tem gente que hoje está com a cabeça lá para as bandas do Rio Salgado.

Eu ficava todo sem graça e logo mudava de assunto. Dali em diante tive mais cuidado em demonstrar meu sentimento pela moça. Sempre fui muito discreto e não queria que as pessoas percebessem minha cabeça no mundo da lua.

55

Um fato novo, no entanto, me aproximou mais ainda de Ritinha e me fez ganhar a plena confiança do Padim. Era uma tarde de 30 de julho de 1925, eu contava com 11 anos de idade. Dormia tranquilo em casa, quando mamãe me acordou dizendo que meu amigo queria me ver com urgência. Parti em disparada até sua casa. Para minha surpresa, percebi que Ritinha e mais três moças da cidade estavam ali também. Padim Cíco pediu que nos sentássemos e iniciou a prosa.

- É o seguinte: como vocês sabem no próximo dia 15 de setembro faremos os festejos de nossa padroeira Mãe das Dores. Além disso, a diocese me afastou dos direitos de celebrar e, embora exista um vigário em meu lugar, eles nunca conseguem organizar as coisas a tempo, assim, todos os anos as obrigações acabam caindo em nossas mãos, ou é assim, ou os fiéis não ajudam.

Por isso, estou me antecipando e, como sei que no final vão pedir a ajuda da comunidade, agitei antes. Preciso de uma equipe que me ajude. Resolvi formar uma comissão com cinco jovens da cidade que acho mais atunes. Quero saber se aceitam meu convite.

O Padim tinha razão e eu pensava do jeito dele. Meu Padim era obediente às ordens do bispo e jamais desobedeceu. A verdade é que a diocese o mantinha afastado, mas muitos padres, que ela mandava, não sabiam como conduzir as coisas em Juazeiro. Primeiro, porque não conheciam direito o lugar, nem os fiéis. Segundo, porque o povo não ajudava. As coisas só funcionavam se fossem sob

56

a labuta da Beata Mocinha. DOUTOR Floro ou alguém ligado ao Padim, a quem os moradores locais respeitavam.

Eu mesmo presenciei uma vez o secretário Abrão lendo um dos decretos de proibição na janela da casa e, a cada frase lida era uma revolta só. Por mais que meu Padim pedisse compreensão, que colaborassem e obedecessem, era difícil dominar a revolta daquela gente.

Por isso, Padim Cigo, sabendo disso, buscava pacificamente conduzir as atividades da cidade, ainda que nos bastidores. Tinha coisa que ele não se media mais, porém, se o assunto fosse a festa da Mãe das Dores, disso ele não abria mão e, mesmo que não pudesse participar, ficava feliz ao menos em ver acontecer.

O novo vigário, enviado pela diocese de Crato, tinha conhecimento de que era a Beata Mocinha, a equipe de apoio e outros moradores que organizavam os festejos anualmente e não fez objeção. A única coisa que não era permitida era a participação do Padim na celebração. Além do mais, o novo padre sabia que era melhor ter os fiéis como aliados do que como inimigos.

Não preciso dizer que sequer pestanejamos. Nem pensamos duas vezes. O sim foi coletivo. Éramos privilegiados, pois, entre tantos adolescentes e jovens da cidade, o Padim confiava exatamente a nós a missão de sermos seu braço direito! Não havia orgulho maior para nossos pais!

Em seguida, o Padim voltou-se para mim e, como se tivesse esquecido algo, acrescentou:

57

- E você, Dodó, vai comandar essa equipe.

Quase desmaiei ali mesmo! Que responsabilidade ele havia me dado, porém, eu fazia tudo aquilo sem medir esforços, afinal, ele era meu maior e melhor amigo!

Notei também que sua estratégia de trazer a Ritinha para a comissão era um pretexto para que eu me aproximasse mais da moça. Naquele dia, quando cheguei em casa, ouvi até uns rumores entre mamãe e papai dizendo que o padre ia procurar Seu Messias no tempo certo para tratar do assunto.

Entrei mesmo na hora da conversa e perguntei

- Tempo certo de quê?

Ao perceberem minha presença, eles desconversaram e saíram em direções opostas. Fiquei engasgado com aquela conversa. Até Raquel que ouvia a tudo, disse que não sabia do que falavam e saiu, distrajadamente.

No dia primeiro de agosto, marcamos nossa primeira reunião, lá mesmo, na casa de Padim Cigo. Meu amigo não participou do encontro, tinha outras obrigações. Combiamos que só levaríamos para ele aquilo que não desse para resolver.

Dividimos as tarefas entre os participantes e começamos a correr atrás de tudo. Era preciso organizar os preparativos com antecedência, pois o sacerdote gostava de tudo certo. Assim, fomos atrás dos grupos folclóricos, da banda de música. Pedimos ajuda a outras personalidades da

58

cidade como o músico Pelúcio Correia de Macedo, a educadora Amália Xavier de Oliveira e ao Doutor Floro Bartolomeu.

No fim do mês de agosto, já estávamos com quase tudo pronto, inclusive com as roupas, doações feitas por romeritos e comerciantes locais para a organização do evento. Como precisava da supervisão de um adulto, prestávamos conta de tudo com a Beata Moacilma.

Assim, já estavam confirmadas as presenças de outros padres da região, do grupo de reisado de Seu Quinó, dos bacamarteiros do Crafo, do grupo de maneiro-pau de Mestre Antonio, do Apostolado da Oração, dos grupos de e ordens dos beatos e beatas, de grupos fora de época como as lapinhas e outros grupos da cultura local.

Finalmente, chegou o grande dia! Era 15 de setembro. Nós, da equipe, já estávamos do lado de fora da igreja. O primeiro a chegar foi o reisado, que tratou de animar a festa. Eu, particularmente, não tinha visto ainda suas apresentações. Achei lindas suas roupas brilhantes e espedradas, as espadas que carregavam, as lutas travadas e a cara do Mateus toda pintada de preto.

Também achei bacana o grupo de maneiro-pau de Mestre Antonio. Era incrível como eles faziam todos os passos no ritmo, cantavam e dançavam ao mesmo tempo batendo os cassetes no chão. Os grupos de lapinhas logo foram chegando e se formando por ali. Eram crianças vestidas com roupas que pareciam de anjo, algumas com asas e que cantavam músicas sobre o nascimento do menino Jesus. Elas apareciam mais na época do Natal, mas como

59

Padim Chico gostava de suas apresentações, sempre mandava convidar para que fizessem suas apresentações.

Achei bonito o canto da lapinha logo na chegada:

Dê esmola, dê esmola
Ajude o irmão também
Que o no céu há de achar
A lapinha de Belém
Que no céu há de achar
A lapinha de Belém.

A última a chegar foi a banda de música tocando cantos religiosos, chamando a atenção de todos. Havia quem fosse contra a participação de grupos dos festejos à Mãe das Dores, porém, o Padim, desde à época em que era vigário oficial, antes do afastamento, incentivava a arte e a cultura e reforçava que quem quisesse vir a Juazeiro para cantar, celebrar e falar de Deus era bem-vindo. Essa semente foi bem plantada por ele e nem mesmo os novos vigários que a diocese insistia em mandar conseguiam mudar

Finalmente, veio o momento tão esperado: a chegada do carro andor e, logo atrás, o padre enviado pela diocese, seguido de algumas autoridades. Não demorou muito e as portas da igreja se abriram. De lá surgiu a imagem da santa. Estava radiante! Era incrível como o pessoal da pastoral que arrumava o carro era criativo!

A imagem revestida com um lindo manto azul, trazia na cabeça uma coroa de estrelas brilhantes, além, é claro, de estar rodeada de rosas de todas as cores. A euforia

60

para vê-la e tocá-la era grande! Às vezes tinha que ser protegida pelos guardas para evitar que alguém a derrubasse. Por onde a imagem passava a alegria era sentida.

Deixei de vivas, a procissão dobrava as ruas da cidade com as pessoas orando, louvando e aplaudindo a padroeira. Tinha até pessoas que organizavam altares nas portas das casas e acendiam velas numa reverência à passagem da imagem por ali. Antes de a procissão chegar em seu destino final, o cortejo passou pela rua São José e parou bem em frente à casa de Meu Padim. Dava para ver que ele assistia a tudo pelo cantinho de uma das janelas, sentado em sua cadeira.

Aí se ouviu uma calorosa salva de palmas e, apesar do novo vigário enviado pela diocese ficar sem jeito, não havia o que fazer, o povo de Juazeiro amava o Padim. Na chegada à matriz, uma multidão aguardava para assistir à missa e, em seguida, à queima de fogos na torre da igreja.

Na chegada à igreja, avistei logo meus pais e minha irmã Raquel. Mamãe não escondia a felicidade pelo momento, principalmente, por saber que ali tinha também meu dedo na organização.

Ao fim, retornei ao casarão da rua São José e notei o olhar de gratidão do Padim para mim. Ele abriu um enorme sorriso em meus olhos azuis e me deu um caloroso abraço apertado, que me deixou emocionado. Meu amigo me havia confiado uma missão e a impressão que ficou foi a de que atendi as expectativas.



CAPÍTULO VIII

A CHEGADA DO REI DO CANGAÇÓ!

Dali em diante, o Padim confiou a nossa equipe, cada vez mais, alguns trabalhos de organização dos principais festejos da cidade. Assim, depois da procissão de setembro, fomos nós que organizamos a missa natalina de 1925.

No ano seguinte, em 1926, dona Mociinha nos procurou logo no início do ano. Ela disse que precisávamos pensar nos 82 anos do Padre Cícero que aconteceria no mês de março. Era inevitável! Já se passavam 6 anos que estávamos em Juazeiro. Eu ainda lembrava que chegamos na cidade um dia antes dos 76 anos do Padim e agora, com meus doze anos de idade, era um dos que ajudava a organizar os festejos.

No dia 04 de março daquele ano, vinte dias antes do aniversário de nascimento do meu amigo, recordei que eu estava em sua casa, conversando com ele sobre quais cantos queria escolher para a missa comemorativa aos 82 anos. De repente, o padre foi informado que alguém o chamava da sala da frente em caráter de urgência.

Ele pediu licença e se retirou. Fiquei a imaginar quem estava a bater na porta alheia tão tarde da noite. Já eram quase 10 horas e eu já estava disposto a ir para casa descansar e retornar no dia seguinte para concluir minha conversa.

63

Foi então que, passando pelo corredor, pude ouvir a voz do Padim Cícero, um pouco alterada. Tratava-se de assunto sério, pois ele, que era de voz mansa e pacífica, estava zangado com o assunto. Não tive como não ouvir, afinal, a beata Mociinha e outros ajudantes já estavam recolhidos naquela hora.

Ouvi quando o sacerdote falou para o visitante:

- Em Juazeiro? Mas como pode uma coisa dessas! Esse sujeito não tinha outro lugar para ir? Voto parar justamente aqui? E o pior é que nem Dr. Floro está aqui para me ajudar na situação.

Até ali eu não sabia do que se tratava. Foi aí que meu amiguinho pediu ao mensageiro falasse com um homem influente da cidade para lhe emprestar o automóvel. Em seguida, ouvi quando pronunciou a seguinte frase:

- Preciso falar com essa Lampião ainda hoje.

Ali minhas carnes tremeram todas. Era de Lampião, o cangaçoiro mais temido do Nordeste que ele estava falando. Ele estava em Juazeiro, por isso tamanha preocupação do Padim Cícero. Tentei fingir que não estava ali e sair discretamente, porém, fui notado pelo Padim. Mesmo desconcertado com aquela notícia, ele se dirigiu a mim e disse:

- Dado, surgiu um imprevisto. Vou ter que sair e você vem comigo, pois está tarde. Na volta, deixo você em casa e esclareço aos seus pais.

64

Não acreditei no que ouvia. Meu Padim ia falar com Lampião e eu iria junto? Era privilégio demais! Confesso que, ao mesmo tempo em que estava ansioso também guardava um tranco no coração. Estava com medo de que algo pior pudesse acontecer, afinal, estávamos falando do rei do cangaço, um dos homens mais sanguinários e temidos do Nordeste.

Eu já tinha ouvido falar do cangaço nas histórias que papai e mamãe contavam. Eles diziam que Virgílio teria passado várias vezes por Alagoas e tinha muitas histórias envolvendo suas façanhas enfrentando volantes policiais. Em Juazeiro, porém, era a primeira vez que ouvia falar daquele homem.

Quando o Padim Crego já se arrumava para sair e aguardava o automóvel, eis que chegou ali o delegado de polícia José Antonio. Ele estava acompanhado de vários homens armados. Disse que já estava sabendo da presença do cangaço na cidade e que tinha reunido seus homens para encontrar Lampião e derrotá-lo.

Imediatamente, ouvi quando o padre o repreendeu:

- Você está louco, Antonio? Quer derramamento de sangue na cidade? Vocês não podem encontrar esse homem, muito menos enfrentá-lo. Vamos resolver essa situação com calma. Deixe que eu vou ao seu encontro e converso com ele.

Senti que os nervos ali estavam a flor da pele, mas o delegado não pediu o Padim. Afastou-se, abaixou a cabeça e respondeu:

65

- Tudo bem, meu Padim. Eu penso diferente. Esse homem é um bandido e deve ser tratado como tal, mas como o senhor disse que consegue resolver, vou me retirar e deixarei meus homens de prontidão, caso venha a precisar.

- Agradeço sua iniciativa, José Antonio. Creio que não vou precisar. Dizem por aí que esse cangaço me respeita. Vamos ver sem temer a mim de verdade. Falou o Padim.

Logo depois, o automóvel chegou. Eu e o Padim entramos discretamente naquele carro. Ainda lembro de meu amigo ter falado com o motorista dizendo para ele ir silenciosamente para não chamar a atenção dos moradores.

Atravessamos a cidade silenciosamente. Quase todos dormiam. Aqui e ali, uma luz ou outra acesa, indicava que havia algum morador acordado. Os juazeirenses tinham o costume de dormir cedo, por outro lado, de quatro para cinco da manhã já estavam de pé para o trabalho.

Seguimos até uma rua que não conhecia ainda. Ouvi somente quando o motorista informou que era uma espécie de pensada que pertenceria ao poeta João da Terra. Lembrei logo daquele nome: era o mesmo condelista que eu vi na feira encantando a todos com seus poemas.

Do lado de fora, dava para ver alguns cavalos arreitados e amarrados nas árvores. Alguns cangaços estavam de pé do lado de fora, como se fizessem a patrulha. Outros cochilavam na calçada. A impressão é que tinham acabado de chegar e ainda se organizavam por aí.

66

Quando viram o Padim Cigo descer do automóvel, ficaram logo de pé, todos de prontidão! Conforme ele ia passando, os camacheiros tiravam seus chapéus e se curvavam em sinal de respeito.

Dava para ouvir também um ou outro que dizia:

- Sua bênção, meu Padim Cigo!

E ouvi dele essa resposta:

- Deus te abençoe e te tire dessa vida!

Com a cara séria e de poucos amigos, o Padim entrou na sala principal e sentou-se. Um dos homens foi avisar a Lampião da chegada do sacerdote.

Para evitar que eu tivesse contato com o jagunço, meu amigo pediu que eu esperasse na sala ao lado, enquanto ele tinha um dedo de prosa com uma pessoa. Ele falava como se eu não soubesse de quem se tratava. Também não ousei dizer que sabia.

Deixei aquela sala e fui para outro cômodo, mas deixei a porta um pouco entreaberta, pois se o Padim precisasse de alguma coisa, eu estaria ali. Ai daquele camacheiro se tentasse algo contra meu amigo.

Um minuto depois, ouvi umas pegadas fortes em direção à sala e uma voz empoadada, que falou:

- Sua bênção, meu Padim! Eu sabia que antes de morrer eu viria a Juazeiro conhecer o senhor!

67

- Que Deus o abençoe e lhe mostre o caminho da salvação! Respondeu o Padim.

- A propósito, quero saber o que o senhor está fazendo em Juazeiro junto com seu bando? Você não sabe que é um homem procurado e que sua presença aqui pode acabar a paz nessa terra? Reprendeu Padim Cigo!

- Fique tranquilo, meu Padim. Não vim pra tirar o sossego de ninguém. Estou aqui apenas porque mandaram me chamar. Disseram que meu padim estava precisando de ajuda pra combater esses homens da Coluna Prestes e eu estou aqui pra servi-lo. Um pedido seu é uma ordem pra mim. Esclareceu o camacheiro.

- Agradeço a atenção, mas não fiz chamado nenhum ao senhor. Vim apenas para pedir que o senhor organize seus homens e deixe Juazeiro o mais rápido possível. Sua presença me trará vários problemas.

- Não se preocupe, meu Padim. Vou apenas resolver essa pendência e logo seguirei meu rumo. Também quero aproveitar que estou aqui e visitar uns parentes meus que se encontram nessa cidade.

Então, ouvi o Padim proferir a seguinte frase:

- Aproveite, Virgulino, quando deixar Juazeiro e deixe também essa vida. Você tem sido um homem mau e suas ações não agradam a Deus. Se não se arrepender e mudar de vida, sua condenação será o inferno!

Nesse momento, não aguentei. Precisava ver a cara de Lampião levando uma bronca do meu amigo. Sem que

68

perceberem, afastei levemente a porta e olhei em direcção aos dois.

De pé, bem em frente a Lampião estava o padre. O cangaceiro era um homem de cor parda, mas não tão alto quanto diziam. Usava roupas de couro, um chapéu na cabeça, alpercatas tipo curralepe e, ao seu lado, um rifle, que deixou encostado na parede. Vi ainda que usava óculos e um olho era mais baixo que o outro.

Diante da reprensão do Padim Cique, notei uma aflição no cangaceiro e, para minha surpresa, presenciei uma das cenas mais chocantes de minha vida. Lampião ajoelhou-se aos pés do sacerdote, tirou o chapéu colou no peito, conseguiu a pedir perdão e chorar.

- Perdão, meu Padim! Perdão! Eu queria muito sair dessa vida, mais pra todo canto que corro tem gente querendo me matar.

Com um olhar e voz serenos, meu amigo falou:

- Não importa! Para quem quer abandonar o crime, toda hora é hora! Saca dessa vida bandida! Entregue-se e pague pelos seus crimes ou vá embora e evite que mais desgraças aconteçam a você e sua família! Peça perdão a Deus e tente reconectar sua vida.

Ainda soluçando devido aos prantos, Lampião acenou com a cabeça como se concordasse com as palavras do padre e seu silêncio foi entendido, naquele momento, como um sim ao pedido de meu Padim.

69

Sai dali rapidamente e voltei para a sala onde estava. Logo após, vi quando meu Padim chamou para irmos embora. No dia seguinte, fui logo cedo na casa de meu amigo. Chegando lá, soube que o centro da cidade estava um rebulião só. Pois não é que Lampião resolveu andar pela feira de Juazeiro junto com seu bando.

Foi uma correria de gente! Alguns iam para suas casas com medo de acontecer o pior! Outros iam ao encontro dos cangaceiros, conversavam com eles, admiravam e até pediam para bater foto. Dizem que até pousaram com foto oficial tirada por seu Lairo, fotógrafo conhecido da cidade e um tal de Pedro Maia, um retratista que teria vindo do Crato por já saber que Lampião estava por aqui.

Em sua casa, meu Padim, andava de um lado para o outro da sala preocupado. Dr. Floro, um dos homens que mais o ajudavam, estava doente e tinha sido levado ao Rio de Janeiro para tratamento. Na sala, além dele estava seu Benjamin, secretário particular do sacerdote. Ouvi quando o padre olhou para o secretário e foi logo falando:

- Lampião está brincando com fogo! Ele pensa o quê? Eu não tenho como sustentar sua permanência pacificamente por aqui. Não sei até quando vou conseguir que as tropas fiquem quietas. A qualquer momento tropas podem invadir Juazeiro e aí será uma desgraça só! Ele me prometeu que iria embora, no entanto, ainda está por aí, pondo sua cabeça e a de meu povo em risco.

O secretário ouvia a tudo em silêncio.

70

Aquela situação ainda demorou alguns dias. O cangaceiro e seus homens se exibiam pela cidade chamando a atenção de todos. Eu até fiquei com raiva porque, nuns desses dias, quando voltava para casa, vi um rapaz vendendo jornal com a foto do Padim. Pedi que ele lesse a frase que estava destacada e o mesmo me disse que Padre Cicero era acusado de acoitar cangaceiro em Juazeiro.

Sai muito bravo dali! E gritei:

- Não é verdade! Meu amigo não fez isso! Ele só quer a paz.

Ao mesmo tempo em que estava revoltado, fiquei com vergonha de falar a verdade. Não podia dizer que ouvi a conversa. Seria feio de minha parte e nossa amizade poderia até acabar por causa daquilo.

Poucos dias depois, não vimos mais Lampião na cidade. Uns diziam que ele teria saído na calada da noite com seu grupo, sem ser notado. Corria o boato de que Benjamin teria providenciado tal patente que foi assinada por seu Pedro, um funcionário público local.

O fato é que, depois de sua saída, dava para notar a sensação de alívio na face do meu Padim, que parecia respirar aliviado.

Tentamos retomar as atividades do aniversário do sacerdote, entretanto, não foi mais a mesma coisa. Aquela visita do rei do cangaço tinha mexido, definitivamente, com os ânimos da cidade e, mesmo havendo as festividades natalícias do sacerdote, restou no ar um clima pesado.

71

deixado pela passagem do homem mais temido do Nordeste.

Soubes, por fim, dias depois, que ele e seus jagunços estavam sendo procurados pela polícia pernambucana. Segundo mascates vindos daquelas bandas, o homem tinha ficado uma fera porque deduziu que se estava sendo atacado pela polícia é porque sua patente não valia de nada.

72



73

CAPÍTULO IX

MEDO DO BICHO DE FERRO

Superada a passagem de Virgílio em Juazeiro, pelo menos uma coisa boa aconteceria naquele ano: a chegada do trem de ferro a Juazeiro.

Meu Padim era um homem que andava para a frente. Juazeiro, como havia dito seu Messias, era um progresso só depois que ele tinha chegado ali. Meu amigo sempre tinha boas ideias e ajudava as pessoas do lugar.

Foi dele também a ideia de uma estação de trem em Juazeiro. Pensava longe! Para ele, além de facilitar o transporte de pessoas, a locomotiva poderia transportar produtos, o que tornaria as mercadorias mais baratas por aqui.

Durante o ano inteiro foi um movimento de gente trabalhando para deixar tudo pronto. Até que, no dia 09 de setembro de 1926, foi marcada a inauguração com a chegada de um trem à cidade.

No dia é hora marcados, uma multidão estava ali. Era um rebulhão só! Muita gente queria ver de perto o trem, tirar foto daquele momento com o padre e, se possível, até dar uma volta na locomotiva.

Muitas autoridades que estavam pela região resolveram participar. Elas tinham sido convidadas para a inauguração da estação do Crato um dia antes e aproveitaram a oportunidade para ficarem em Juazeiro.

74

Quando o trem chegou na estação com aquele apito estrondoso, foi um estouro de alegria! Eram palmas de todos os lados. Eu, apesar dos meus doze anos e quase um adolescente, fiquei com medo daquele bicho preto de ferro. Nunca tinha visto uma marmota daquelas e nem sei se teria coragem de andar naquele troço.

Quando todos se despediram, ficaram por ali apenas algumas pessoas próximas ao Padim, que fez sinal para mim. Fui até ele. Nesse momento colocou a mão em meu ombro, igual o que fazia quando dávamos nosso passeio secreto ao Santo Sepulcro e começamos a andar nos trilhos, enquanto conversávamos.

Ele me conhecia bem e sabia que eu estava esquisito.

- O que você tem, meu rapazinho? Interrogou.

- Nada não meu padim., eu só não sou muito fã dessas coisas. Esse bicho preto de ferro e zudento é de meter medo em qualquer um.

Mais uma vez sorriu docemente e falou:

- E, Dodô! Realmente o trem é um bicho enorme mesmo, mas isso, meu amiguinho se chama progresso. Esse Juazeiro que está começando não é igual àquela vila de casais que você viu quando chegou. Estamos caminhando

75

para a prosperidade e um novo tempo virá sobre essa cidade.

Houve um momento de silêncio. Em seguida, ele continuou:

- Meu rapazinho, já estou muito velho! Sinto o peso da idade e as decepções recaíram sobre mim. Não sei até quando terei forças para arrebatar meu povo. Caberá a você e outros homens de bem dessa cidade tocar as coisas quando eu não estiver mais por aqui.

Não sei porque ele falava aquilo. Só sei que essa última parte me deu um nó na garganta. Pela primeira vez fiquei zangado com uma coisa que ele disse: que papo era aquele de não estar mais aqui?

Então, com a voz meio tremula, retruquei:

- Meu Padim, desculpe se eu tiver faltando com o respeito. Que bobagem é essa de quando o senhor não estiver mais aqui? Vai estar sim. Nós cuidadosos do senhor e nunca deixaremos que nada de mal lhe aconteça. Sou seu amigo e estou aqui para o que der e vier. Se estiver passando por algum problema que estiver te afligindo me diga que vou resolver.

Nesse instante, meu amigo parou, segurou minha mão e com aquelas tochas azuis mirando em meus olhos esclareceu:

- Dodô, meu pequeno, você é um amigo leal e corajoso, entretanto o que eu disse é verdade. Não estarei sempre aqui para protegê-los. O povo de Juazeiro precisa

76

começar a se cuidar, pois há muita maldade no mundo e gente que não quer o bem dessa terra.

Acrescentou ainda que estava na hora de eu deixar as aulas de reforço de dona Joana e procurar uma escola regular de preferência uma politécnica. Esclareceu que eu precisava de algo melhor, pois tinha potencial para ir mais longe. Finalmente, informou que falaria com dona Amália para que ela conseguisse minha vaga para o ano vindouro em alguma escola mais próspera.

Eu ainda tentei uma última intervenção, mas fui interrompido por ele, que fez sinal de silêncio com o dedo e aquele velho efeito sonoro que eu bem conhecia: “Niiiiiiiiiii!”

Aquela gesto era um sinal de que a conversa acabava ali e, como sempre fui obediente às suas palavras, sabia muito bem o momento de parar. Voltamos à estação, onde outras pessoas nos aguardavam para irmos embora.



79

CAPÍTULO X E A CHUVA, QUE NÃO VEM?

Depois daquela conversa fui matriculado no novo grupo escolar inaugurado pelo Dr Juvêncio em 1927. Dali até o ano de 1931, pude concluir meus estudos elementares, todavia, não esquecia a conversa que tive com meu amigo na estação naquele dia, a qual parecia uma profecia de que nossa gente passaria por dificuldades.

Quando terminei meus estudos no grupo escolar juazeirense, contava com quase dezotoito anos e até já fazia planos de estudar em outros locais fora da cidade, me formar e, um dia voltar para firmar minha vida por ali ao lado de Ritinha. Isso se ela soubesse de minhas intenções e aceitasse, é claro. Um fato, porém, mudou toda a trajetória e atrasou meus planos, por uns tempos.

O ano de 1931 não tinha sido bom para os nordestinos. Uma estiagem perversa veio sobre as lavours. Não caía uma chuvinha sequer. Aquela situação era preocupante!

Quando entramos o ano de 1932, a estiagem permaneceu. Foi um período malvado de seca. Mesmo com todo avanço, a cidade passou por períodos difíceis, pois, sem chuva, não havia como as pessoas cultivarem seus produtos para vender na terra.

Houve grande desemprego, gente passando necessidade e até morrendo. Vez ou outra, meu Padim era chamado para acudir alguma família batendo em sua porta.

80

Quando podia, dava um jeito de alojá-los, por ali. Embora grande, a casa já estava ficando lotada e inviável para manter, dona Moacirinha já havia feito essa queixa a ele.

Então, aqueles que não podia acolher, encaminhou para as fazendas de alguns amigos compadres no sopé da serra do Araripe, onde foram montadas algumas frentes de emergência. Quanto ao Padim Crego, não precisava conversar com ele para ver o quanto estava triste. Era de cortar coração seu semblante! Havia abandonado de vez os passeios e quase não conversava mais.

Aqui e ali eu tentava distraí-lo com alguma brincadeira e só conseguia arrancar dele um sorriso forçado, daqueles que agente nota que foi dado só para agradar. Em nenhum momento me arrependi de ter permanecido ali.

Eu sabia da importância dos estudos para minha vida e até ele mesmo já tinha me pedido para ir embora. Não consegui e nem podia fazer isso com meu amigo, que acolheu a mim e minha família, sendo tão importante para minha vida.

Apreendi com meu pai a ser um homem de palavra e, com minha mãe, que os amigos são aqueles que estão ao lado do outro na bonança ou na tempestade. Estávamos vivendo a tempestade, é verdade, mas logo a bonança viria. Até lá não restou outra opção ao Padim a não ser joelho no chão e muita reza dia e noite! Cansei de contar as vezes em que cheguei em sua casa e multado de alojados estava de joelhos às três da tarde rezando o terço da misericórdia.

81

Essa prática da oração também se repetia em outros horários, como pela manhã quando acordávamos, ao meio dia, às seis da tarde e antes de dormir. Infelizmente, corriam notícias de que continuavam morrendo pessoas por conta da seca. E quando essas informações chegavam, meu Padim era chamado para fazer o sepultamento.

Mesmo com o peso de seus 87 anos, o sacerdote se arrastava até os locais onde era requisitado. Confesso que me preocupava sua idade e seu estado de saúde, porém, como tínhamos poucos padres na região, era preciso se virar. Por várias vezes eu o acompanhei nesses trajetos. Tinha medo de que sentisse alguma coisa e precisasse de ajuda.

Em um desses chamados recordei de uma cena triste que presenciei. Acompanhei meu amigo na visita. Chegamos na casa quase três horas depois. Era uma pequena tapeta, quase na divisa entre Juazeiro e Crato. Fomos de animal nesse dia. O caminho era desolador. No chão de terra batida não havia um só galho, nem mesmo seco. O sol, tanto fazia ser sete da manhã ou três da tarde, tinha a mesma intensidade: ardente e escaldante.

- Ao descer do cavalo, meu Padim foi abraçado pela dona da casa que chorava compulsivamente! Aos prantos ela gritava:

- Por quê? Por quê, meu Padim? Por que Deus levou meu filhinho?

Percebi que o Padre sussurrou algumas palavras em seu ouvido e ela o soltou um pouco mais calma. Ao

82

entrarmos, verifiquei que não havia nada na cisa, apenas um pote e um fogão a lenha. No canto de uma sala, deitado numa cama feita com varas e forrada com palhas secas de coqueiro, o corpo de um menino amarelo de seus treze anos, expresso cadavérica, boca aberta e olhos esbugalhados estava jogado.

Tinha morrido ao meio dia e não contia há pelo menos sete. Sai dali com um trancamento no peito. Procurei uma pedra que ficava frente ao terreno, sentei-me ali e comecei a chorar sem controle. Nunca havia vivido uma situação daquelas.

Minha mãe até já tinha me contado algumas histórias de seca lá em Alagoas, como a de 1872 e a de 1915, mas agora era diferente: estava vivenciando uma. E se eu, como mero cidadão radicado em Juazeiro, que guardava um enorme sentimento de pertença por aquela terra estava angustiado, quanto mais meu Padim, que veio desde o início, ajudou aquela gente e conhecia cada canto e cada um como se fosse a palma de sua mão.

Meu amigo estava mutilado por dentro e eu sabia disso. No entanto, sua fortaleza era tão grande que não deixava transparecer fraqueza, insegurança ou falta de fé. Estava sempre de pé, acolhendo, orientando, acalentando e corrigindo. Era um pai para todos! O sacerdote não perdia as esperanças e pedía a todos que continuassem rezando, pois, segundo ele, era a única aranha que podíamos usar.

Ele só não previa que ela estava bem perto de acontecer. Em 01 de janeiro de 1933, mal tínhamos iniciado o novo ano, fomos surpreendidos por um enorme temporal

83

que durou quase quatro horas. Nunca se viu alegria tão grande! Era como outro mundo do céu. Deus tinha ouvido nossas preces. Oh!ei, então, para meu amigo, que com aquele sorriso confiante no cantinho esquerdo da boca falava “Eu não disse? Com fé em Deus, vencemos!”

84



85

CAPTULO XI

Cadê Você, Meu Padrinho?

Apesar de superarmos o período de estíngem, o ano continuou sendo de muitas dificuldades. Eu até pensei em fazer a prova para o exercício. Era uma das maneiras de conseguir cursar meu segundo grau e partir para uma formação na vida. Até conversei com o Padrinho a respeito e ele me deu a maior força.

Por outro lado, pensava em meus pais, que já estavam mais velhos. Mamãe já quase não conseguia produzir chapéus e vassouras para vender na feira e papai já tinha até arrendado uma parte da terra a outro morador, pois não dava conta sozinho.

Minha irmã Raquel até poderia ficar com ele, mas ela tinha apenas quinze aninhos e quase nenhuma experiência para a vida. Se eu não fosse, perderia a chance de oferecer uma vida melhor a minha família e um possível casamento com Ritinha ficaria praticamente descartado.

Ultimamente, minha irmã, por coincidência, estava se engravidando pro lado de Juvenal, irmão de Ritinha. Já soube pelas mentiras da equipe de organização de eventos que os dois estão até namorando escondido e olha que ele é um ano mais velho que eu. É bem provável que ela case antes de mim, aí é que meus pais ficariam sozinhos mesmo.

Tudo isso era um filme que passava por minha cabeça. Uma divida cruel e uma decisão a ser tomada, com urgência. No último domingo, quando estava na casa do

86

Padim, relatei para ele minha aflição e ouvi a seguinte resposta:

- Doda, meu menino, Deus tem um plano para tudo na vida da gente. Se for para você ir para o exército, você irá. Eu até já falei com o coronel Pequeno no Crato e ele me confirmou que se você precisar, ele dá as passagens. Por outro lado, se seu coraçãozinho está inquieto com tudo isso, peça discernimento ao espírito santo e sua história vai ser escrita na hora certa, conforme os planos do criador.

Depois disso, ele pediu que eu o ajudasse a se levantar e que ajudasse a deitar na cama. Meu Padim não estava bem. Isso era notório! De uns tempos para cá, ficava alternando entre a cadeira de balanço e a cama. Já não conseguia ficar tanto tempo acordado, conversando como antes e reclamava de pouca visão e dores intestinais.

Quase toda semana vinha o médico na casa para consultá-lo. Em sempre uma novidade. A pressão do olho não estava boa, houve febre, o intestino está lento e as complicações iam aparecendo. Meu Padim estava debilitado. Sai dali triste e cabibauxi! Não queria ver meu grande amigo daquele jeito e me aflição não poder fazer nada por ele. Se pudesse, confesso que até trocava de lugar para que meu Padim vivesse mais uns anos.

À noite, quando descansava em minha rede olhando o céu estrelado, tive a ideia de, no dia seguinte ir ao Santo Sepulcro. O Padim havia sugerido que eu buscasse refletir sobre minha decisão e não havia melhor lugar para isso que lá. A diferença, dessa vez, é que iria sozinho, o que não era a mesma coisa.

87

Assim, acordei cedo e subi a serra. Fiz exatamente o mesmo caminho que fazia quando vinha com Padim Cigo. Passei por alguns moradores que perguntaram por ele. Para não dizer nada sobre sua saúde, falei apenas que ele tinha outros compromissos naquele dia.

Durante a subida pensei nos meus pais, em minha irmã Raquel, em Ririnha, em minha querida cidade e, principalmente, em meu amigo do coração. Refleti muito lá em cima. Passei o dia vendo Juazeiro e cada passagem desde minha chegada vinha à mente.

Ao entardecer, já tinha resolvido. Não iria embora até que o estado de saúde de meu amigo melhorasse. Eu devia isso a ele. O menino que eu podia fazer em gratidão a sua confiança e lealdade era estar ao seu lado nas alegrias e dificuldades.

Não vou mentir que o ano foi fácil. As dificuldades em casa aumentaram e, com papai doente, tive que assumir um trabalho na padaria do seu Antonio. Lá, eu trabalhava das quatro da manhã até meio dia. Depois, antes de ir para casa, sempre dava uma passadinha no Padim para ver como estava e pedir sua bênção.

Não mudou muito a rotina de Juazeiro naquele resto de ano. Salvo a notícia de uma piora na saúde do sacerdote e vez ou outra, as notícias eram quase sempre as mesmas, inclusive aqueles aborrecedores decretos da diocese que acompanharam meu Padim por toda sua vida.

Entramos o ano de 1934 muito tensos. As notícias do agravamento do estado de saúde de nosso beneficor

88

chegavam a galope. No mês de abril, sobre a beata Mocinha que o Padim ia fazer uma cirurgia de catarata com o Dr. Isaac Salazar, tido na boca do povo como um dos melhores do Nordeste.

No dia marcado para a cirurgia, pedi a seu Antonio para não ir trabalhar. Queria estar por perto caso meu amigo ou a beata precisassem de algo. Recordo ainda que fomos para a parte de trás da casa e ficamos em oração enquanto aguardávamos o resultado.

Finalmente, algumas horas depois, veio um numeiro e gritou bem alto na janela:

- A cirurgia foi um sucesso!

O grito foi tamanho que deu para ouvir lá de dentro, sem falar que havia muita gente do lado de fora querendo notícias do padre. Lá dentro, nós que orávamos pulamos de alegria e nos abraçamos. Foi a primeira vez que abraçei Rêinha e pude sentir sua mão de seda tocar minhas costas, além, é claro, de seu lindo sorriso tão logo cessou o abraço.

Nos dias seguintes, as notícias se alternavam. Eu procurava estar ao lado dele o tempo que era possível e, quando não estava, ele, mesmo com pouca visão mandava me chamar. Seu Antonio não achava ruim, afinal, ele sabia que eu era grande amigo do Padim e um de seus homens de confiança. Inclusive, fiquei sabendo dias depois por seu Messias, que tinha sido meu amigo padre quem tinha interceptado junto ao dono da padaria por um emprego para mim quando sobre a situação lá em casa.

89

No dia 18 de julho de 1934, eu estava assando uma forminha de paes, quando Raquel, minha irmã, apareceu na porta e disse que o Padim mandou me chamar na casa grande com urgência. Não pensei duas vezes. Tivei rapidamente o avental e desci até o casarão da rua São José.

Chegando lá, dei logo de cara com a beata Mocinha.

Ela olhou para mim e disse:

- Meu Padim quer falar com você a sós. Só com você!

Eu entendi bem o recado. Era uma conversa particular. Assim, entrei em seu quarto e fechei a porta. Ele estava deitado em sua cama, coberto com um lençol de linho branco, a barba grande e o cabelo meio assanhado. Eu me ofereci para pentear, mas ele fez sinal que não com as mãos.

Então, apontou para uma gaveta e pediu que eu pegasse ali um envelope. Fiz isso. Em seguida, meu amigo me convidou a sentar perto de sua cabeceira, pois estava sem forças para falar alto.

Arrastei o tamborete no qual estava sentado e lhe dei toda atenção. Com uma voz trêmula, cansada e sofrida começou então dizendo o seguinte:

- Dooká, meu amiguinho, conheci você desde os seis anos quando chegou em Juazeiro. Naquele dia, quando te vi pela primeira vez, sabia que você era um menino especial. Sentí isso. Por isso fiz questão de ter sua amizade! Você,

90

Dodô, é um rapaz de ouro, tem bom coração e é um dos amigos em quem mais confio.

Diante daquelas palavras, que mais pareciam de despedida, um travo veio em minha voz e eu o interrompi.

- Meu Padim, vamos parar com essas conversas. Eu não gosto do tom que elas vão levando. O senhor ainda vai viver muito e eu estarei aqui, ao seu lado. Além disso, meu Padim, preciso lhe pedir perdão, pois não fui tão sincero como o senhor imagina e quero lhe contar umas coisas.

Ele abaixou a cabeça e concordou.

- Sabe aquele dia em que dona Joana falou de mim para o senhor? Pois é, fiquei com raiva dela ter fuxicado e fui o caminho para casa todinho praguejando ela. Também, meu amigo, no dia em que o senhor soube da chegada de Lampião eu ouvi toda sua conversa com o informante, assim como ouvi também sua fala com o camacero, Perdão, Padim Cíco, é o que peço!

Mesmo sem muitas forças, ele deu uma das mais expressivas gargalhadas desde que nos conhecemos e comentou:

- Dodô! Dodô! Como você é ingênuo e de bom coração! Não se preocupe com isso, meu filho. Quanto ao dia de dona Joana, você era apenas um menino e é normal que meninos fiquem emburrados e logo passa. A respeito de ouvir as conversas sobre e com Lampião, eu sabia disso.

Depois daquela resposta, quase cai da cadeira!

91

- O senhor sabia disso?

- Sim, Dodô. Na noite em que fui informado da vinda de Virgulino a Juazeiro era tarde da noite. Eu precisava levar alguém comigo como testemunha, poderia encontrar um homem daquele sozinho, afinal, seria minha palavra contra a dele, ficaria o dito pelo não dito. Eu sabia que Lampião não ia cumprir sua palavra e você era minha testemunha disso. Levei-o porque é uma das pessoas em quem mais confio nessa cidade.

Ele não sabia o alívio que aquela resposta representava para meu coração. Durante todos esses anos, sempre me culpei com vergonha de não ter falado a verdade e agora estava ali, diante dele sendo perdoado e elogiado por isso.

Aproveitei também o ensejo e resolvi falar do meu interesse por Ritinha. Então, introduzi a conversa dizendo:

- Quanto à moça da qual gosto, meu Padim...

- Xiiiiiii! Dessa vez foi ele quem me interrompeu.

- Eu sei quem é ela Dodô. É a filha do seu Messias.

Fiquei pálido!

- Mas... Como o senhor sabia?

- Ora, Dodô, é visível sua cara de tolo quando essa moça está por perto. Vocês parecem dois pombozinhos. Outra coisa, Dodô, não se preocupe, pois já falei com seu Messias para você poder cortejar a moça. Estava esperando apenas

92

você ficar maior de idade para te falar isso, mas como os últimos dias foram turbulentos, me esqueci de te dizer. Portanto, se amanhã mesmo você quiser ir na casa dela pedir para cortá-la, seu Messias permitirá e vocês já têm minha bênção! Fiquei tão feliz com a notícia que já ia levantando, eufórico, rumo à casa de seu Messias. Então, o Padim seguiu minha mão, pediu que eu sentasse de volta e prosseguiu:

- Só tem mais uma coisa, meu rapazinho: ela é uma moça de família. Ame-a e respeite-a como sua futura esposa e construa com ela uma família cristã que tenha Deus e a Mãe das Dores como alicerce.

E, antes que eu soubesse ainda finalizou:

- Esse envelope que mandei pegar na gaveta, é um presente meu de casamento. Quero que abra um dia só depois que eu não estiver mais aqui.

Retruquei, falando, “mas, meu Padim...”

- Sem mais. Só abra um dia quando eu me for. Entendeu?

Meio que contrariado abaixei a cabeça e disse sim.

Chegando na porta, olhei mais uma vez para trás e agradeci. Ele acendeu as duas tochas azuis nos olhos, esforçou-se em meio às dores e sorriu. Aquela foi a última vez que o vi com vida.

No dia 19, quando sai do trabalho, passei na casa do Padim, mas a beata falou que ele estava dormindo, e muito

93

fraguinho. Não quis incomodar e fui para casa dormir. No dia seguinte seria minha folga e pensei em dormir até um pouco mais tarde. Estava precisando muito, pois os últimos dias não foram fáceis!

As sete horas da manhã, acordei com meus pais e minha irmã em pé diante de minha rede. Papai não conseguia me olhar nos olhos, olhava na direção do telhado e seu lábio tremia. Raquel que era mais emotiva, já deixava escapar uma lágrima no olho esquerdo. Então, olhei para minha mãe, que apenas balançou a cabeça como se lamentasse. Eles não precisaram dizer nada. Entendi tudo e me abracei à minha família aos soluços.

Dali, corri até a rua São José. Minha boca estava seca. Não sentia meus pés! Estaria eu sonhando ou seria um pesadelo? Mãe já havia me acordado tantas vezes de pesadelos. Quem sabe aquele não era mais um.

De repente, comecei a falar alto na rua. As pessoas me olhavam com tristeza.

- Onde está você, meu Padim? Onde está você, meu Padim? Assim segui até a chegada na casa. Nem notei a multidão que estava ali. Passei por cima de muros, cal, levantar, gritar, esbravejar e consegui entrar.

De cara, vi a Beata Mociolina desolada. Dei-lhe um abraço apertado! Pedi sua permissão para ir até o quarto. Ela consentiu. Chegando lá, repousando como um passaro, meu amigo de olhos azuis dormia. Sua feição angelical me fez voltar no tempo. Então, retornei àquele 24 de março de 1920, quando estive ali diante dele, ainda guri.

94

Lembrei de suas mãos afagando meus cabelos, de sua voz mansa que era como um bálsamo para minha alma e, principalmente, quando me chamou de “meu amiguinho”. Também recordei nossa última conversa de dois dias antes e me veio na lembrança aquele último sorriso arrancado com todas as forças.

Cai de joelhos e chorei ao seu lado. Estava encernada sua miséria. O santo homem de enorme coragem, que acolheu a todos, que pregou o bem e foi injustiçado descansava ali, diante de meus olhos. Instantes depois, levantei e fui em direção à janela. Lá fora, uma multidão se amontouva e se atropelava na tentativa de entrar. Seu povo queria dar o último adeus! Nem todos conseguiram agradecer-lo pessoalmente.

A sensação que passavam era a de que perderam um pai. Por toda sua vida, o Padre protegera a todos por ali e eles sabiam bem disso. Estavam órfãos. No olhar de muitos, havia um desespero notável. Não falavam, mas era como se dissessem “E agora, o que será de nós?”

Pouco tempo depois, chegou o caixão. Fizemos os preparativos e saíram com o corpo. Fora dali, Juazeiro era um pranto só. Eu, com meus vinte anos, observei da janela o dia em que meu amiguinho foi embora!



CAPÍTULO XII

PARA SEMPRE, AMIGOS...

Nos anos seguintes, o miltagre chamado Juazeiro continuou crescendo. Se alguém apostava que a morte do Padim seria o fim do lugar, enganou-se completamente. Ele tinha feito um bom trabalho. Deixou suas raízes tão bem plantadas e o lugar despontou.

Recordo ainda que, em setembro de 1934, dois meses após a partida do Padim, meu pai também nos deixou, o que foi um grande baque para toda a família.

Em 1935, um ano após a morte de meu amigo, pedi permissão a seu Messias para namorar Ritinha. Foi do jeito que meu amigo disse, o pai dela já sabia de tudo e consentiu.

Em 1936, resolvi aceitar as passagens do coronel Pequeno e fui para a capital, mas não fui para o exército. Resolvi concluir meus estudos secundários em Fortaleza e passei no vestibular para Direito.

Em 1942, retornei a Juazeiro já advogado e casei-me com Ritinha na Igreja matriz de Nossa Senhora das Dores. Montei meu escritório na cidade, numa salinha nos fundos da padaria de seu Antonio, que me cedeu gentilmente o espaço.

Minha esposa terminou os estudos da Escola Normal Rural de Juazeiro e atuava agora como professora da disciplina de pedagogia na mesma escola em que se formou. Morávamos na casa de seu Messias, até termos condições de comprar nosso próprio rancho.

97

Eis que numa tarde do ano de 1944 quando arrumava uns papéis em minha mala, resolvi abrir o envelope que o Padim me entregou dois dias antes de sua morte.

O papel estivera ali por quase dez anos, mas não tive coragem de abri-lo. Naquele dia, estava decidido! Descoltei com cuidado as bordas do envelope para não rasgar, retirei a fita que o enfiava e comeci a desdobrar a folha curiosa e eis que estava diante de mim, escrito em uma letra cuidadosamente elaborada, o seguinte texto:

“Juazeiro do Norte-Ceará, 24 de março de 1932.

Meu amiguinho, Dodô!

Quando você ler esta carta eu já estarei longe, mas quero que saiba que você mora em meu coração. É um rapaz bacana e, a essa altura, já deve estar casado com a jovem Ritinha. Enquanto esteve em Juazeiro, fui um privilegiado por ter sido seu amigo. Sempre gentil e atencioso, ouviu todas as minhas angústias e relatos. Sabia comigo várias vezes ao Santo Sepulcro e ajudou-me a refletir sobre decisões difíceis que tive de tomar em vários momentos. Você não sabia, mas por inúmeras vezes, quando conversávamos, eu usava suas opiniões como um termômetro para o que iria fazer. Apesar da pouca idade, o amigo sempre foi um rapaz sensato e o mais importante e raro nos dias de hoje: leal! Fez da minha casa a sua e dos meus amigos, os seus. Jamais me disse um não e manteve um respeito impecável às ordens e orientações que lhe dei. Desse modo, meu amiguinho, não podia eu falar com você. Na rua do Horto, na altura do pé de umbuzeiro, existe uma

98

pequena casa com sobrado, que herdei de minha mãe, quando ela vendeu a casinha do Crato. Estou lhe dando ela. As chaves e os documentos seguem dentro do envelope. Lá tem um sobrado do qual dá para ver o Horto e toda a cidade. Quando estiver ali, lembrará das vezes em que subimos aquela ladeira como dois grandes e eternos amigos! ”

Que Deus o abençoe!

Padre Cicero Romão Batista

Fiquei sem palavras. Era uma das mais belas e significativas provas de amizade que ouvi falar. Mostrei a carta a Ritinha, que deu pulos de alegria.

No ano seguinte, subimos da casa de seu Messias e fomos morar em nosso próprio cantinho, um lugar privilegiado, assim como foi nossa amizade. Nasceu meu primeiro filho. Resolvi que seu nome seria Cicero, como forma de homenagear o amigo. O nome do Padim, mesmo depois dele morto estava vivo, bem vivo dentro de minha casa e meu coração.

A casa em que moro é a única que tem sobrado na ladeira e eis que, em 1969, quando eu contava com 55 anos, eis que o prefeito local, Dr. Mauro Sempino, teve a brilhante ideia de construir em cima da serra do hortó, uma estátua em homenagem a meu Padim.

Para mim, não poderia haver presente melhor. Bastava abrir a janela do sobrado e lá estava aquele imponente monumento de 30 metros de altura. A impressão que ficou era a de que dava para conversar com meu amigo

99

na altura do céu. Na ladeira, passávamos todos os dias, ânibus e caminhões, lotados de românticos, numa efervescente devoção ao meu Padim. Por muitas vezes, acordei com as cantanoras que, a pé ou nos caminhões, subiam pela ladeira a cantar:

Benfita e Louvada seja

A luz que mais ilumina

Vale-me meu Padrinho Cicero

E a mãe de Deus das Candelas

Ea e meu filho Cicero, muitas vezes, passávamos a manhã inteira na varanda olhando os caminhões e lendo as frases dos painéis.

Um dia, em um desses momentos de descontração, meu filho, agora com 7 anos, olhou o painel de um dos caminhões que subia a serra e disse:

- Olha, papai, que frase bacana naquele caminhão!

Virei e olhei para onde ele apontava e vi a seguinte frase:

PARA SEMPRE AMIGOS!

Emocionado, com os olhos marejados em lágrimas, dei um abraço apertado em meu filho e respondi:

-É verdade, filho! Aquela é a frase mais bonita e verdadeira que já vi na vida!

FM

100

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS SOBRE O TEMA

- ARAUJO, Raimundo. **Juazeiro do Padre Cicero**. Antologia. Centro de Documentações de Brasília, 1994.
- BARBOSA, Gerardo Menezes. **Caminhaduras com o Padre Cicero**: narrativas de importantes fatos de sua vida. Gerardo Menezes Barbosa. Fortaleza: Realce Editora e Indústria Gráfica, 2010.
- BARBOSA, Gerardo Menezes. **O Padre e o Romeiro**. Juazeiro: Royal. Edição ICVC, 1997.
- BETTO, Frei. **Alcunhado som de tuba**. Frei Betto. -São Paulo: Ática, 1997.
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Juazeiro**. Tradução Maria Yedda Linhares.3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- DODOU, Antonio Romero S. **De Tabuleiro a Juazeiro: Reflexões sobre Cicero o Padre, o Homem e o Líder**. Produção Independente, 2016.
- DUMOUJIN, Annette. **Em sonho**: uma boa conversa entre o Romeiro Sebastião e Padre Cicero/ Annette Demoujin- São Paulo: Paulinas, 2017.
- FOLCLORE. Instituto Nacional do. **Pegueno Atlas de Cultura Popular do Ceará** - Juazeiro do Norte/ Instituto Nacional do Folclore - Rio de Janeiro:

- FLUNARTE/ INF. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960. São Paulo: Ática, 2001.
- NETO, Lira. **Padre Cicero: poder, fé e guerra no sertão**– São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NUNES, Cicera. **Reisado Cearense/** Cicera Nunes: Fortaleza/CE, Conhecimento Editora, 2011.
- OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cicero que eu conheci/**. Amália Xavier de Oliveira: Fortaleza/ CE: Editora Henriqueta Galeno, 1974.
- SILVA, Antenor de Andrade. **Cartas do Padre Cicero**. Salvador: E.P. Salesianos, 1982.
- THOMPSON, Paul. 1935. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lúlio Lourenço de Oliveira-Paz e Terra, 1992.
- VARELA, Driuzio–1943. **Nas ruas do Brazil/ Driuzio Varela** [Ilustrações de Maria Eugênia]. São Paulo: Companhia das Letras/Inhas– 2000 (Coleção Memória e História).
- VIEIRA, José Flavio. **O Ministério das Treze Portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica/ José Flavio Vieira**, Reginaldo Farias [Ilustrador] Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

- WALKER, Daniel. **Padre Cicero, Lampião e Coronéis: Análise da vida política de Padre Cicero através de dois eventos: outorga da patente de Capitão a Lampião e o Pacto dos Coronéis/ Daniel Walker**–Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- WALKER, Daniel. **Depoimentos sobre Padre Cicero/ Daniel Walker**. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros Editora, 2004.



SOBRE O AUTOR?

Antonio Romero Siqueira Dodou, filho de José Siqueira Dodou e Maria de Lourdes Dodou, é natural de Juazeiro do Norte. É o filho mais novo de uma família de 09 irmãos. Casado com a professora e enfermeira Ana Elizabeth Sampaio Leite Dodou, é pai de Mariana Sampaio Leite Dodou (6) e Ângelo Miguel Sampaio Leite Dodou. Licenciado em Letras e Bacharel em Direito, pela Universidade Regional do Cariri-URCA, carrega ainda os títulos de Especialista em Licenciatura Brasileira e em Direito Previdenciário e Trabalhista. Advogado e professor efetivo de Língua Portuguesa da rede pública estadual e do município de Juazeiro do Norte. Poeta, contista, romancista e cronista, publicou seu primeiro trabalho em 2016, com a relevante obra “De Tabuleiro a Juazeiro. Reflexões sobre

105

Cicero: o Padre, o Homem e o Líder”, que aprofunda as reflexões e estudos em torno do maior ícone da história de Juazeiro. Em 2019, produziu, em conjunto com outros consagrados poetas caririenses a obra “Antologia Poética: Escritores do Cariri” da qual foi um dos organizadores. Com um estilo leve, versátil e encantador, o professor Romero Dodou, como é conhecido, proporciona uma leitura agradável e consistente dos fatos e opiniões acerca do Padre Cicero Romão Batista. Um excelente trabalho, entre muitos que brotarão da mais nova semente literária de nossa terra.

106



SOBRE O ILUSTRADOR

Márcio Maciel Torres é natural de Juazeiro do Norte, Ceará. Nasceu em 09/11/1973 é filho de Benedito da Hora, com o nome artístico (Maciel Silva), radialista e Joana Torres da Hora. É casado com Janaina Sousa da Silva Torres e pai de Livia Maria Sousa Torres. Desenhista Márcio trabalha com reprodução artística de fotografias, utilizando lápis grafite, pastel e de cor, explorando técnicas de realismo em meus desenhos. Além de executar trabalhos como desenhista, ilustrador, chargista e caricaturista, atua também como professor de Artes no Ensino Médio e Ensino Fundamental. Atualmente, residindo em Barbalha-Ceará, atua como professor de Desenho e professor de violão e disseminando técnicas de desenho em cursos na região do Cariri. Participou de vários cursos para aprimoramento artístico, entre eles, o curso de desenho com o consagrado professor Luiz Kairimay. Atuou como chargista do Jornal do Cariri em

107

Juazeiro do Norte. Formado em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, ministrou aulas de Artes em várias instituições de ensino da região do cariri, dentre elas, os Colégios Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima em Barbalha. Como ilustrador, Márcio ilustrou o livro A marcha das Formigas, da Dra. Luciana Coelho, a capa do Livro Retalho de Versos, do autor Agliberto Bessera tendo produzido, também, ilustrações para CD de músicos da região do Cariri.

108

CADERNO PEDAGÓGICO

**A RELAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL
ENTRE AS
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
DO PADRE CÍCERO
E DE JUAZEIRO DO NORTE – CE**

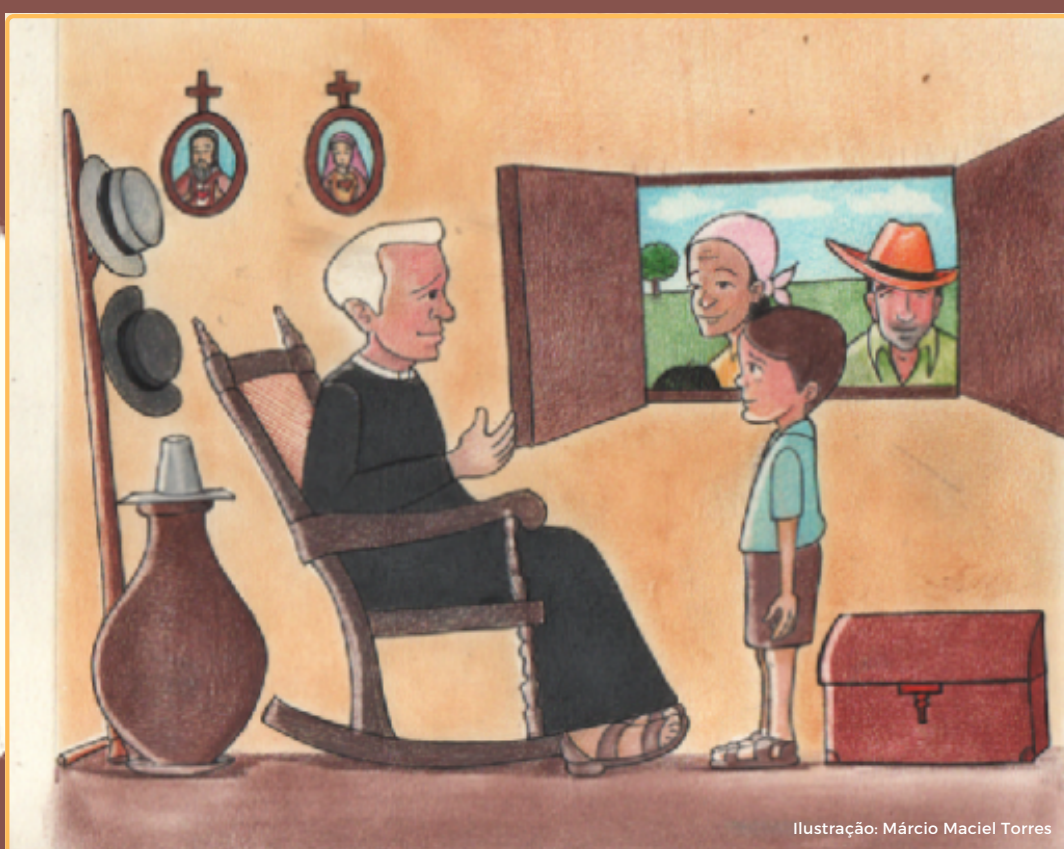


Ilustração: Márcio Maciel Torres

**Abordagens Didáticas
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Antonio Romero Siqueira Dodou

Ficha técnica

Banca examinadora

Prof. Dr. **José Wanderley Alves de Sousa**

Orientador

UFCG – CFP – UAL – PROFLETRAS

Prof. Dr. **Elri Bandeira de Sousa**

Examinador Interno

UFCG – CFP – UAL – PROFLETRAS

Prof. Dr. **Carlos Gildemar Pontes**

Examinador Externo

UFCG – CFP – UAL

Prof. Dr. **Maria Nazareth Lopes Arrais**

Examinadora Suplente

UFCG – CFP – UAL – PROFLETRAS

Diagramação

Daniel Soares Dantas



Apresentação

Prezados colegas professores,

Os gêneros textuais são recursos imprescindíveis que podem auxiliar na lida diária da sala de aula. Cabe a nós sabermos tirar o devido proveito desses instrumentos que proporcionam um maior aprofundamento dos conteúdos abordados de forma dinâmica, leve e versátil.

No caso específico de Juazeiro do Norte, cidade marcada por uma profunda relação com o Padre Cícero Romão Batista, muitos aspectos da história, cultura, cultura popular, identidade cultural e religiosidade podem ser enfatizados a partir de gêneros textuais diversos.

Nesse sentido, desenvolvemos o presente material, que tem por intuito auxiliá-los na abordagem dos conteúdos inerentes à relação entre Juazeiro e seu maior líder, transitando por gêneros que em muito acrescentam aos estudos culturais, identitários, sociais e até mesmo religiosos, a saber: memória literária, cordel, bendito e curta-metragem.

Apesar de haver uma maior ênfase cotidiana nos gêneros escritos, nada obsta de a eles somarmos gêneros mais práticos, o que permitirá aos alunos experienciar de perto as situações e fatos pertinentes à valorização das memórias, cultura e identidade local. Daí a necessidade de contemplarmos, por exemplo, gêneros como memórias literárias, cordel, bendito e curta-metragem.

Certamente, muitos colegas devem se perguntar: “Por que estudar as memórias de Juazeiro através dos gêneros selecionados acima?” A resposta é simples: Juazeiro é uma terra de memórias. Há um verdadeiro “caldeirão” de produções em torno do passado da cidade e de Padre Cícero.

Além disso, entendemos ser papel do professor, proporcionar aos educandos o acesso a outros gêneros não convencionais, que permitam a reflexão, autonomia, estimulem a oralidade, o senso crítico, entre outros benefícios.

Nessa perspectiva, Caldas reconhece que:

É papel do professor deve apresentar e trabalhar com os alunos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano. É fundamental que os estudantes compreendam que texto não são somente aquelas composições escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola– descrição, narração e dissertação – mas sim que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na oral. (CALDAS, p.3).

Vale salientar que muitos materiais didáticos disponíveis, que versam sobre a história local, acabam abordando o tema de modo isolado e, na maioria das vezes, por gêneros escritos, o que é diferente do aprendizado decorrente da vivência e compartilhamento de experiências.

Nessa perspectiva, é necessário explorar o passado oriundo da relação acima mencionada, despertando o interesse dos discentes para os reisados, as lapinhas, os penitentes, os benditeiros, os artesãos, os cordelistas, os rabequistas, os emboladores, os bacamarteiros, o maneiro-pau, entre outras diversidades culturais de Juazeiro.

Entendemos, portanto, que os gêneros selecionados para esta proposta otimizarão o trabalho docente e promoverão aprendizados mais descontraídos, pertinentes à realidade vivida e, conseqüentemente, exitosos.

Êxito a todos os colegas!



Sumário

Orientações ao professor	06
Bloco 1: Memórias Literárias	09
Bloco 2: Cordel	29
Bloco 3: Benditos	45
Bloco 4: Curta-metragem	61
Referências	69
Sobre o autor	71



Imagem: Márcio Maciel Torres

Orientações ao professor

Caríssimos colegas professores,

Visando corroborar para um aprendizado mais exitoso acerca da relação Juazeiro e Padre Cícero através do ensino de Língua Portuguesa, expomos um suporte teórico de informações e sugestões de atividades. As recomendações aqui repassadas têm sustentação na função social dos gêneros. Compreendemos, portanto, que trabalhar com esses recursos permite uma maior vivência dos discentes nas comunidades de aprendizado em que estão inseridos.

Para reforçar esse entendimento, relevante se faz mencionar (Marcuschi 02, p.25):“Os gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”.

Desse modo, partindo de uma perspectiva interdisciplinar e de valorização dos aspectos culturais e identitários de Juazeiro do Norte-CE, sugerimos o trabalho com gêneros específicos: memórias literárias, cordel, bendito e curta metragem.

Para isso, dividiremos os trabalhos em 4 encontros (blocos ou etapas) de 7 horas-aula cada, devendo, o professor, abordar cada gênero na seguinte ordem:

Memória Literária; Cordel; Benditos; Curta Metragem.

Iniciamos o estudo via memórias literárias por entendermos que o processo e resgate e valorização de elementos culturais e identitários partem, especialmente histórias que nos são contadas e que se cristalizam como memórias de um povo.

Em seguida, estabelecendo um vínculo com a cultura popular, enfatizaremos o cordel, recomendando exercícios que contemplem a importância de valorizar esse tipo de literatura, bem como de outras produções populares.

O terceiro gênero, por sua vez, dado o intenso prestígio da religiosidade em Juazeiro do Norte, tanto valoriza aspectos religiosos como remete para o sentimento de pertença. Desse modo, o professor deve estar atento para elencar também as questões identitárias, uma vez que, muitos dos benditos praticados em Juazeiro do Norte-CE são temas das renovações, importante legado deixado por Padre Cícero que persistem até hoje.

Em cada sessão, sugerimos uma sequência que vai desde à abordagem básica do assunto (definição e caracterização) até o desenvolvimento de atividades teóricas e práticas que almejem propiciar ao discente, o contato com as memórias, manifestações da cultura popular, identidade cultural e até religiosos, se o tempo permitir.

Pelo ensino dos gêneros acima especificados, entendemos ser possível explorar formas diversificadas de letramento, que em muito acrescentarão aos discentes envolvidos nesse processo. Nesse sentido, Silva (2007, p.11) reitera a necessidade de não se considerar apenas os gêneros “canônicos”, como também de possibilitar o trânsito por outros tipos disponíveis

Tradicionalmente, as atividades de leitura e escrita em aulas de Língua Portuguesa têm-se restringido às formas linguísticas prestigiadas socialmente, devido aos gêneros que a escola tem privilegiado, cujo ensino adota a perspectiva dos grupos sociais dominantes, promovendo cada vez mais a exclusão social e cultural. Os professores/ professoras têm ignorado os gêneros que constituem as práticas dos diferentes domínios e instituições sociais.

Referido posicionamento fortalece, cada vez mais, a necessidade de a escola se abrir a uma nova configuração de gêneros que guarde maior afinidade com as práticas sociais. Nessa perspectiva, expomos sugestões de atividades concentradas no resgate e valorização das memórias sociais, culturais, identitárias e, por que não dizer, religiosas. Tudo isso, tomando como ponto de partida a relação entre a cidade de Juazeiro do Norte e o sacerdote Cícero Romão Batista.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Objetivo Geral

Reconhecer o gênero Memórias Literárias como imprescindível à compreensão da relação Padre Cícero e Juazeiro e ao resgate de aspectos culturais oriundos dessa relação.

Objetivos Específicos

- Esclarecer aos discentes o que é e como se estrutura o gênero Memórias Literárias, a partir do estudo de textos de autores locais, realçando sua importância para estudos sobre Padre Cícero e a cidade de Juazeiro do Norte;
- Propiciar o contato de docentes e discentes com pontos turísticos da cidade que guardem relação com a cultura, história e religiosidade enfatizados na proposta do trabalho desenvolvido em sala;
- Motivar docentes e discentes a um maior aprofundamento nos estudos da história e cultura da terra através da leitura das obras de escritores juazeirenses e de outros textos dispersos que versem sobre memórias;
- Proporcionar a professores e alunos o contato com vozes experientes da terra através da oferta de palestras e das entrevistas desenvolvidas no decorrer da aula de campo;
- Oportunizar a docentes e discentes o contato com fotografias, vídeos, peças museológicas, artesanatos e outros tipos inerentes à história, cultura e religiosidade da cidade, despertando um maior interesse pela temática, bem como pela produção de outros gêneros.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

1º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 1



MATERIAL NECESSÁRIO

Pincel, quadro branco, livro didático e textos do gênero memórias.

O professor iniciará o encontro instigando acerca do que são memórias. Para facilitar o trabalho poderá formar trios ou equipes. Sugerimos as seguintes indagações no quadro:

- 1) O que é memória para você?
- 2) Você acha que as memórias são importantes? Por quê?
- 3) Exemplifique um fato memorável que você recorde.
- 4) Já ouviu falar em Memórias Literárias? Se sim, o que acha que é?



.....

AGORA QUE OUVIMOS AS RESPOSTAS DOS ALUNOS QUE TAL UM POUCO DE LEITURA?

.....

Origem da Praça

O local onde hoje existe a praça Padre Cícero, segundo informações prestadas pelo memorialista Zeca Marques da Silva, era uma porção de terra existente numa área muito maior que se estendia do atual Bairro do Socorro até à Rua São Pedro. Era um quadro enorme, por isso mesmo denominado Quadro Grande ou ainda Quadro São José. Nela moravam vários donos, sendo o Tenente José Dias Guimarães proprietário da maior parte de terra.

No início, o local era usado como pasto de animais de aluguel das frotas de José Roseno, Bigodeiro, José Alves da Costa e Manuel Baião. Eles alugavam seus animais para o transporte de gêneros alimentícios, material de construção e utensílios diversos. Essa atividade deu início à realização da feira livre denominada Feira do capim, onde se vendia ferrageira para os animais usados no transporte de carga e passeio. Rapidamente os negócios na feira se expandiram e se diversificaram, trazendo como consequência um rentável comércio de venda de café, tapioca, doce de coco, filhós, cocada pé-de-moleque, roletes de cana, amendoim, bolo de mandioca e o gostoso caldo de cana muito apreciado pela sociedade da época, especialmente nas noites enluaradas, moído na enghocado garapeiro José Chaves.

Apesar de lá se vender de tudo, tal qual um mercado persa, o local se tornou mais conhecido mesmo foi como Feira do capim. À noite, era muito divertido e se constituía o mais animado centro de diversão do povoado. Uma das principais atrações era o cego do caminho do Horto, conhecido como Cego da lata. Ela dava seu show prendendo nos dedos dos pés uma lata de querosene vazia. Depois, com uma ponteira presa nos dentes fazia um pequeno movimento e assim conhecia tocar as músicas conhecidas da época, para atender aos pedidos dos rapazes apaixonados que pediam para ele tocar música em homenagem às namoradas, mediante o pagamento de um pequeno cachê.

Dr. Geraldo Menezes Barbosa disse se lembrar de uns “quiosques em estilo japonês que existiam na praça, do lado da Rua do Cruzeiro, onde se comprava garapa de cana, cocada, roletes de cana, etc, e um apreciado bolo de puba, o seu preferido”.

Mais tarde, para atender à demanda de crescimento do povoado, Padre Cícero deu início ao seu plano de urbanização e o Quadro Grande sofreu sua primeira alteração territorial, sendo cortado pelas Ruas Santa Rosa, São José, Grande (atualmente Padre Cícero), São Pedro, São Francisco e Cruzeiro. Em 1922, José Geraldo da Cruz, então Presidente do Conselho Superior da Confraria de São Vicente, obteve permissão do Bispo do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, para construir uma capela no quadro ocupado pela Feira do capim em honra de São Vicente de Paulo.

Em virtude dessa construção, os negócios da feira foram transferidos para o local onde hoje está o prédio da Prefeitura Municipal e o antigo Quadro Grande passou, então, a se chamar Praça São Vicente.

Depois, em data não conhecida, o terreno, ainda grande, foi dividido novamente, e o lado mais perto da Capela do Socorro, onde atualmente é o Memorial Padre Cícero, passou a ser um logradouro público com o nome de Pracinha. O pedaço exato local onde hoje está a Praça Padre Cícero, a partir de 30 de agosto de 1910, passou a ser chamado de Praça da Liberdade, pois naquela data, em comício realizado no local, o povoado deu seu grito de liberdade, tendo em 22 de julho de 1911 oficialmente conseguido sua emancipação política.

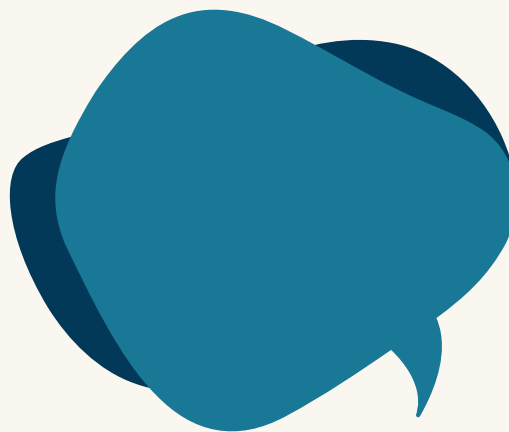
Em 1961, Dr. Antonio Conserva Feitosa, então prefeito de Juazeiro do Norte, fez uma nova reforma na pracinha e construiu um novo logradouro que foi denominado Praça do Cinquentenário, em homenagem aos 50 anos de independência de Juazeiro, e um Centro de Artesanato. E, finalmente, em 1988, o então prefeito Manuel Salviano destruiu a Praça do Cinquentenário e o Centro de Artesanato, construindo em seu lugar o suntuoso Memorial Padre Cícero.

E assim termina a história do Quadro Grande uma espécie de pai da Praça Padre Cícero.

Fonte: Walker, Daniel. A Praça Padre Cícero/Daniel Walker-Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

Vamos discutir o texto?

Após a leitura do texto I, o professor poderá fazer, brevemente, algumas indagações tipo:



1

Antes de se chamar praça Padre Cícero que outras denominações ela recebeu?

2

Identifique através de alguns verbos empregados, tratar-se de texto que versa sobre o passado.

3

Extraia do texto duas memórias de moradores da época e descreva-as.

4

Na sua opinião, o Cego da Lata pode ser considerado um personagem cultural da época? Por quê?

Que tal conhecer o antes e o depois da praça?



**Praça Padre Cícero
ANTES**

Fonte: www.portaldajuazeiro.com



**Praça Padre Cícero
DEPOIS**

Fonte: buddho.com.br

Cadê você, Meu Padim?

Às sete horas da manhã, acordei com meus pais e minha irmã em pé diante de minha rede. Papai não conseguia me olhar nos olhos, olhava na direção do telhado e seu lábio tremia. Raquel que era mais emotiva, já deixava escapar uma lágrima no olho esquerdo. Então, olhei para minha mãe, que apenas balançou a cabeça como se lamentasse. Eles não precisaram dizer nada. Entendi tudo e me abracei à minha família aos soluços.

Dali, corri até a rua São José. Minha respiração estava seca. Não sentia meus pés! Estaria eu sonhando ou seria um pesadelo? Mamãe já havia me acordado tantas vezes de pesadelos. Quem sabe aquele não era mais um.

De repente, comecei a falar alto na rua. As pessoas me olhavam com tristeza.

-Onde está você, meu Padim? Onde está você, meu Padim? Assim segui até a chegada na casa. Nem notei a multidão que estava ali. Passei por cima de muitos, caí, levantei, gritei, esbravejei e consegui entrar.

De cara, vi a beata Mocinha desolada. Dei-lhe um abraço apertado! Pedi sua permissão para ir até o quarto. Ela consentiu. Chegando lá, repousando como um pássaro, meu amigo de olhos azuis dormia. Sua feição angelical me fez voltar no tempo. Então, retornei àquele 24 de março de 1920, quando estive ali diante dele, ainda guri.

Lembrei de suas mãos afagando meus cabelos, de sua voz mansa que era como um bálsamo para minha alma e, principalmente quando me chamou de “meu amiguinho”. Também recordei nossa última conversa de dois dias antes e me veio na lembrança aquele último sorriso arrancado com todas as forças.

Caí de joelho e chorei ao seu lado. Estava encerrada sua missão. O santo homem de enorme coração, que acolheu a todos, que pregou o bem e foi injustiçado descansava ali, diante de meus olhos. Instantes depois, levantei e fui em direção à janela. Lá fora, uma multidão se amontoava e se atropelava na tentativa de entrar. Seu povo queria dar o último adeus! Nem todos conseguiram agradecê-lo pessoalmente.

A sensação que passavam era a de que perderam um pai. Por toda sua vida, o Padim protegeu a todos por ali e eles sabiam bem disso. Estavam órfãos. No olhar de muitos, havia um desespero notável. Não falavam, mas era como se dissessem “E agora, o que será de nós?”

Pouco tempo depois, chegou o caixão. Fizeram os preparativos e saíram com o corpo. Fora dali, Juazeiro era um pranto só. Eu, com meus vinte anos, observei da janela o dia em que meu amiguinho foi embora!

Professor, sobre o texto II, faça as seguintes indagações:

Qual passagem do texto permite identificar que se trata de memórias do autor?

É possível identificar a temática da saudade no texto II? Se sim, justifique.

A relação entre o narrador e o Padim Ciço era distante ou próxima? Comprove com uma passagem do texto.

Alguma dúvida?

Para casa

Converse com o vovô, a vovó ou vizinhos mais velhos sobre pontos antigos de Juazeiro. Sugestão de perguntas:

1-Como era Juazeiro em sua época de infância e adolescência? 2-O que havia antes e não existe mais?

3-Do que você mais sente saudade de Juazeiro antigo?



Até o próximo encontro!

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

2º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 1



<https://unsplash.com/photos/ZkR9yTcR7g>

MATERIAL NECESSÁRIO

Pincel, quadro branco e textos biográficos.

Nesse encontro você pode iniciar fazendo as seguintes abordagens:

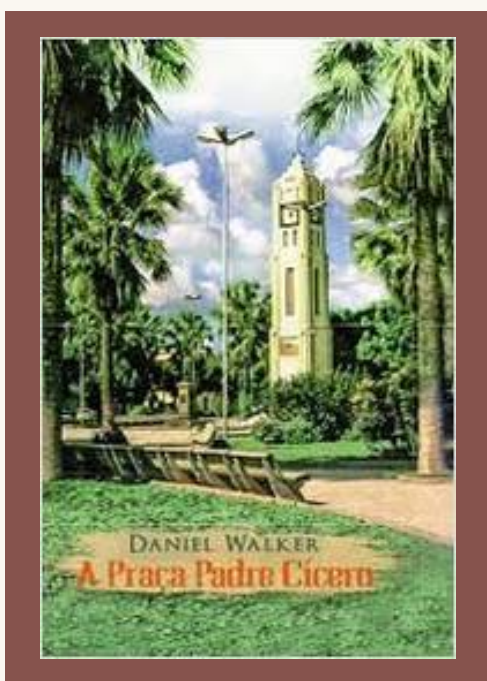
I- Como foi a conversa que tiveram com os avós ou outros juazeirenses antigos? O que disseram? (É importante selecionar alguns alunos para que compartilhem os resultados).

II- Em seguida, que tal mostrar para eles os livros de onde foram retirados os textos “A Praça Padre Cícero” e “Cadê você, meu Padim?”

.....

E AS OBRAS SÃO...

.....



Capa do Livro “A Praça Padre Cícero
Disponível em: www.portaldejuazeiro.com

*Capa do Livro “Dodô: o Menino Que
Conheceu o Padre Cícero”*



Conhecendo o 1º autor



Daniel Walker

Daniel Walker, biólogo, escritor, professor-adjunto da Universidade Regional do Cariri-URCA, nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará, no dia 6 de setembro de 1947. Começou a escrever para jornais em 1965, como jornalista amador, no Jornal Juvenil de São Paulo, sendo seu Correspondente na cidade de Juazeiro do Norte. No mesmo ano, passa a ocupar a função de Correspondente de Juazeiro do Norte do jornal O Povo de Fortaleza. Em 1966 é eleito “Jornalista do Ano” de sua terra natal. A partir de 1966 ocupa a função de redator do noticiário local do “Grande Jornal Sonoro Iracema”, apresentado pela Rádio Iracema de Juazeiro. Como jornalista foi também colaborador de vários jornais, entre os quais “Tribuna do Ceará” e “Diário do Nordeste” de Fortaleza e “Folha de Juazeiro”, “Tribuna de Juazeiro”, “A Imprensa”, “O CEJ Informa”, “Jornal do Cariri”, todos de Juazeiro do Norte. Em 1974 inicia sua vida literária associando-se ao Instituto Cultural do Vale Caririense e publicando vários trabalhos no Boletim do ICVC, editado por essa instituição.

Foi Coordenador de Editoração do IPESC-Instituto José Marrocos de Estudos e Pesquisas sociais da URCA. A partir de 1970 passou a pesquisar história regional e a vida de Padre Cícero sobre quem escreveu vários trabalhos. Como escritor publicou em 1977 seu primeiro livro, intitulado “Padre Cícero na berlinda”. Depois lançou: “Como preparar trabalhos escolares” (1987), “O Pensamento vivo de Padre Cícero” (1988), “História de Padre Cícero em resumo” (1992), “O Corpo Humano é engraçado” (1993), “Pequena biografia de Padre Cícero” (1994), “Padre Cícero na berlinda” (1995, segunda edição ampliada), “Juazeiro do Norte, a Terra de Padre Cícero” (1995), “Curiosidades sobre Padre Cícero” (1996), “Maria de Araújo, a beata do milagre de Juazeiro” (1996), “Biografia resumida de Padre Cícero” (1997), “O Livro das Diferenças” (1999, 1ª edição e 2000 2ª edição), “Comenius, o criador da Didática Moderna” (2001), “Repensando o Cariri – História Regional” (2002, Co-autor) “A Sabedoria de Padre Cícero” (2002 1ª edição e 2003 2ª edição). Estão prontas mais três obras: “Guerra dos Sexos: o que os homens pensam das mulheres e vice-versa”, “As diferenças entre o homem e a mulher” e “Deus: quem é Ele – Coletânea de pensamentos”. Publicou em 2017: Padre Cícero, Lampião e Coronéis.

www.sitededaniwalker.com www.portaldejuazeiro.com
Fonte: pt.wikipedia.org > wiki

Em tempo: o escritor Daniel Walker Almeida Marques faleceu em 11 de julho de 2019.

Conhecendo o 2º autor



Romero Dodou

Antonio Romero Siqueira Dodou, filho de José Siqueira Dodou e Maria de Lourdes Dodou é natural de Juazeiro do Norte. É o filho mais novo de uma família de 09 irmãos. Casado com a professora e enfermeira Ana Elizabeth Sampaio Leite Dodou, é pai de Mariana Sampaio Leite Dodou (6) e Ângelo Miguel Sampaio Leite Dodou. Licenciado em Letras e Bacharel em Direito, pela Universidade Regional do Cariri-URCA, carrega ainda os títulos de Especialista em Literatura Brasileira e em Direito Previdenciário e Trabalhista. Advogado e professor efetivo de Língua Portuguesa da rede pública estadual e do município de Juazeiro do Norte, ministrou ainda módulos de Literatura Brasileira e Portuguesa, Teoria da Literatura e Português Instrumental na Universidade Estadual Vale do Acaraú, onde teve atuou entre 2011 e 2013. O contato com as disciplinas de Gramática, Literatura e Redação aguçou o encanto pela arte de escrever.

Poeta, contista, romancista e cronista, publicou seu primeiro trabalho em 2016, com a relevante obra “De Tabuleiro a Juazeiro. Reflexões sobre Cícero: o Padre, o Homem e o Líder”, que aprofunda as reflexões e estudos em torno do maior ícone da história de Juazeiro. Em 2019, produziu, em conjunto com outros consagrados poetas caririenses a obra “Antologia Poética: Escritores do Cariri” da qual foi um dos organizadores. Com um estilo leve, versátil e encantador, o professor Romero Dodou, como é conhecido, proporciona uma leitura agradável e consistente dos fatos e opiniões acerca do Padre Cícero Romão Batista. Um excelente trabalho, entre muitos que brotarão da mais nova semente literária de nossa terra.

Biografia escrita por João Batista Siqueira Dodou

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

3º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 1



<https://unsplash.com/photos/ZkR9yTcR76>

MATERIAL NECESSÁRIO

Datashow

Agora, que já discutimos bastante acerca das memórias literárias, que tal falarmos sobre elas?

Slide 1 O que são memórias literárias

Memórias literárias são textos produzidos por escritores que dominam o ato de escrever como arte e revivem uma época por meio de suas lembranças pessoais.

Fonte: <https://www.escrevendofuturo.org.br>

Slide 2 Quais as características das Memórias Literárias?

- Emprego de linguagem poética literária;
- Comparação entre presente e passado;
- Narrador em 1ª pessoa;
- Tempo verbal;
- Convite ao leitor;
- Ênfase nas impressões, sentimentos e emoções;
- Esclarecimentos sobre termos e expressões típicos de uma época.

.....

Que tal fazermos um *tour* fotográfico pelo Juazeiro antigo?

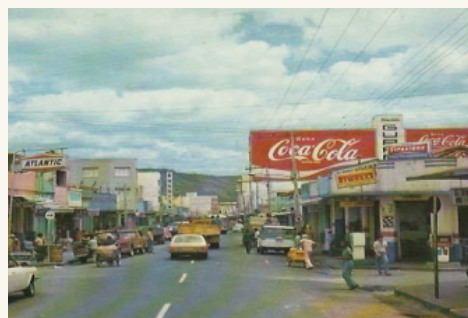
.....

Slide 3



Antiga da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores Fonte: Acervo Cariri das Antigas <http://www.gazetadocariri.com/2019/05/palco-da-historia-de-juazeiro-do-norte.html>

Slide 4

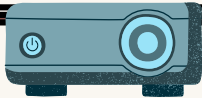


Antiga da Rua São Pedro-Centro comercial Fonte: <http://www.cidadejua.com/2014/04/juazeiro-do-norte-do-inicio-dos-anos-80.html>

Slide 5



Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte
Fonte: Clima Online
<https://climaonline.com.br/juazeiro-do-norte-ce/foto/prefeitura-municipal-juazeiro-do-norte-ce-14-15653>



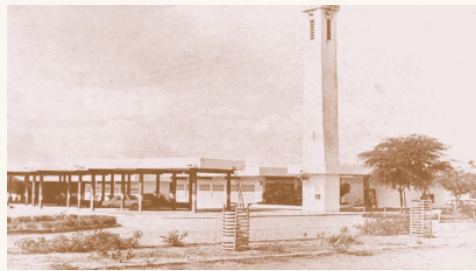
Slide 6



Antiga Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte atual EEEPP Professor Moreirade Sousa
Fonte: Blogs Diário do Nordeste
<http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariiri/cultura/professores-pedem-tombamento-do-predio-da-antiga-escola-normal-rural-de-juazeiro-do-norte/20348>



Slide 7



Antiga Rodoviária de Juazeiro do Norte
Fonte: Portal de Juazeiro
<http://www.portaldejuazeiro.com/p/nao-existe-mais.html>



Para casa

Para reforçar que a fotografia é um gênero antigo, o docente copiará no quadro ou entregará digitado aos alunos, o trecho abaixo (ficcional), extraído do paradidático "**Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero**", instigando-os a fazerem breves observações a partir das perguntas formuladas adiante:



Pois não é que Lampião resolveu andar pela feira de Juazeiro junto com seu bando. Foi uma correria de gente! Alguns iam para suas casas com medo de acontecer o pior! Outros iam ao encontro dos cangaceiros, conversavam com eles, admiravam e até pediam para bater foto. Dizem que até pousaram com foto oficial tirada por seu Lauro, fotógrafo conhecido da cidade e um tal de Pedro Maia, um retratista que teria vindo do Crato por já saber que Lampião estava por aqui.

Fonte: Dodou, Antonio R S. Dodô:O Menino Que Conheceu o Padre Cícero, cap. VII.p.53

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1) Pela leitura do fragmento acima é possível identificar a prática da fotografia na época de Padre Cícero? Se sim, a qual fato diz respeito esse registro fotográfico? (Nada obsta que o docente dê, aqui, uma pincelada sobre a vinda de Lampião a Juazeiro)
- 2) Por que vocês acham que os moradores do lugar queriam tirar fotos com o cangaceiro?
- 3) No trecho são mencionados dois fotógrafos da época, um de Juazeiro e outro de Crato, porém, são chamados de retratistas. Você sabe por que era utilizado esse termo?

Até o próximo encontro!

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

4º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 1



<https://unsplash.com/photos/ZdR9yTcR76>

MATERIAL NECESSÁRIO

Texto extra; datashow e notebook

VAMOS À SALA DE INFORMÁTICA?

No laboratório de informática, o professor iniciará fazendo um breve apanhado do texto sobre fotografia trabalhado na última aula. Em seguida, auxiliará os alunos para que localizem nas redes sociais fotos de Juazeiro antigo no *Facebook* e *Instagram*.

SUGESTÕES DE PÁGINAS:



Facebook Juazeiro do Norte de Antigamente
Fonte: <http://facebook.com/faztabgrande>



Instagram Cariridas Antigas
Fonte: <https://www.instagram.com/cariridasantigas/?hl=pt-br>

Finalizando...

Após a consulta às redes sociais faça uma leitura do texto abaixo, extraído do paradidático “**Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero**” para seus alunos, antes da atividade de casa:

Aquela feira tinha algo de diferente. Nunca tinha visto tanta gente nas feiras de Alagoas. De tudo se vendia ali. Mesmo em minha pouca idade lembro de ter visto algumas panelas e potes de barro bastante disputados por quem passava por ali. Mamãe quase não consegue comprar um pote para nós. Chamou a atenção também a propaganda do vendedor:

-Venham! Venham! Últimas unidades dos potes artesanais de seu Alencar.

Recordo ainda de um homem tocando um instrumento estranho que parecia um violão, bem no meio da feira. As pessoas passavam por ali e davam uns trocados. Passei alguns minutos ali feito bobo, admirando aquele velho cego tocar. Ouvi quando alguém disse que aquilo era uma rabeça. Foi quando papai me beliscou dizendo “Cuida, menino!

Passamos ainda por uma banca cheia de itens de alumínio: panelas, conchas, colheres e bacias. Era um material diferente dos que tinha em São José de Piranhas. A impressão era a de que, em Juazeiro, tudo era diferente, talvez porque tinha ali a mão do Padim Ciço.

De repente, papai parou em uma banca de ervas, onde o vendedor ofertava todo tipo de pomadas, xaropes, bálsamos, unguentos e outras coisas. Ele diz que eram ervas recomendadas pelo Padre Cícero. Aí já viu, né. Bastava falar o nome do padre e todo mundo corria para comprar”.

Fonte: Dodou, Antonio R S. *Dodô: O Menino Que Conheceu o Padre Cícero*, Cap. I, p. 11/12



Para casa

Que tal pedir para os alunos pesquisarem fotos antigas e atuais de pontos de Juazeiro do Norte e postarem em suas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) comparando o antes e o depois?

Atenção, professor!

Não esquecer de informar aos alunos que, ao compartilharem as fotos é necessário mencionar a fonte.



Bom trabalho!

CORDEL



Objetivo Geral

Compreender o gênero Cordel como relevante manifestação popular de resgate à memória, cultura, história e religiosidade de um povo, no caso específico, de Juazeiro do Norte em sua intrínseca relação com Padre Cícero Romão Batista.

Objetivos Específicos

- Conhecer a definição, estrutura, métrica e caracterização do gênero cordel, destacando sua importância enquanto instrumento de resgate da memória e cultura de um povo;
- Propor atividade de produção de xilogravura e texto de cordel a partir das informações trabalhadas em sala, motivando os discentes à prática espontânea desse gênero e colaborando para a revelação de novos poetas;
- Propiciar a docentes e discentes um conhecimento mais apurado dos principais cordelistas locais através do estudo de suas biografias e produções;
- Desenvolver estudo intertextual de cordéis locais que versem sobre resgate da cultura e memória, esclarecendo aos discentes acerca do que é e como se dá a intertextualidade.

CORDEL

1º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 2



<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/literatura-cordel-texto-e-imagem/>

MATERIAL NECESSÁRIO

barbante, cola, cordéis, TD com cordel e biografia, notebook e datashow



Olá professor!
Que tal pendurar um barbante com cordéis na sala para que os alunos visualizem?

<https://www.bancorbras.com.br/institucional/blog/posts/turismo-literario-confira-os-melhores-destinos-para-conhecer-a-historia-da-literatura-de-cordel/>

Após a visualização, exploração e breves comentários acerca da amostra, o professor poderá informar aos alunos o que é e quais as características do cordel:

Slide 1

Manifestação literária ocorrida, em especial, no interior do nordeste brasileiro e os que lidam com essa Literatura popular são chamados de cordelistas.

Slide 2

- Linguagem simples, informal, contempla um vocabulário regional;
- Emprego de ironia e o humor;
- Emprego de ironia e o humor;
- Feito de papel fino (branco ou amarelado);
- Capa com xilogravura;
- Conflito gira em torno de um herói que acaba prevalecendo no fim.
- Recebe esse nome porque é vendido em cordas ou barbantes em feiras, praças, etc.

É hora da leitura!

Que tal começar pela leitura do fragmento do cordel “A Chegada de Lampião no Inferno” de autoria do cordelista José Pacheco?

Vamos tratar da chegada
Quando Lampião bateu
Um moleque ainda moço
No portão apareceu.

-Quem é você, cavalheiro
-Moleque, sou cangaceiro
- Lampião lhe respondeu.

-Não senhor, Satanás disse
Vá dizer que vá embora
Só me chega gente ruim
Eu ando muito caipora
E já estou com vontade
De mandar mais da metade
Dos que tem aqui pra fora.

José Pacheco da Rocha, 1890-1954. No poema A CHEGADA DELAMPIÃO NO INFERNO, Extraído de <http://www.ablc.com.br/o-cordel/metricas-2/>

Após a leitura, o docente deverá chamar a atenção dos alunos para alguns elementos do cordel como: versos, estrofes e rimas.

VERSO

Representa a linha do poema.

ESTROFE

É o nome dado ao conjunto de versos.

RIMA

efeito produzido pelas poesias por meio da aproximação sonora entre as palavras ou expressões.

DICA:

Após a explicação, a sala deve ser dividida em grupos para que organizem a divisão dos seguintes materiais para a aula posterior sobre xilogravura: isopor, rolo de pintura pequeno, lápis na cor preta, tesoura sem ponta, tinta guache (cores variadas), papel colorido.

Para casa

Como atividade de casa, o professor entregará aos alunos um td e solicitará que façam a leitura do cordel “Quando o Padre Cícero Chegou a Juazeiro do Norte” do cordelista Abraão Batista, além de sua biografia para discussão no encontro posterior.



**Antigamente existia
No lugar de Juazeiro
Uma mata esquisita
Com nome de Taboleiro
Que era ponto de encontro
De feirante e tropeiro.**

**Depois nesse recanto
Um padre se alojou,
Construiu uma capela
E aos poucos povoou
Aquele ponto de encontro
Que o matuto encontrou.**

Fragmento extraído do Cordel
“Quando Padre Cícero Chegou a Juazeiro
(edição comemorativa do esquicentenário)
Autor: AbraãoBatistra (xilogravura do autor)



ABRAÃO Bezerra BATISTA nasceu aos 4 de abril e 1935, em Juazeiro do Norte - Ceará. Perdeu o seu pai, Abdias Bezerra Baliste (de Natal-RN) aos 7 anos de idade. A sua mãe, Maria José da Conceição, pernambucana da zona da mata (Barra do Chata-Agrestina) conseguiu proporcionar estudos para os seus seis filhos (quatro homens e duas mulheres). O primeiro grau cursou em Juazeiro do Norte e o segundo grau no Liceu do Ceará, em Fortaleza (capital). Na Universidade Federal do Ceará concluiu o curso de Farmacêutico Bioquímico. Como farmacêutico exerceu o magistério público e particular - como professor de Física e desenho geométrico e projetivo. Posteriormente foi professor de Ecologia e Biofísica na Universidade Regional do Cariri (URCA). Foi na sua infância que as letras e artes apresentaram os seus primeiros brotos. Ora desenhando nas horas das aulas enfadonhas; ora fazendo "negos" de barro para brincar com o seu grande amigo Jesus Sisnando. Com o tempo as suas tendências nas artes plásticas foram se acentuando. Hoje, Abraão Batista extravasa os seus pensamentos, ora no cordel, ora na xilogravura, ora na pintura e escultura. Um teclado que mostra muito bem, o cosmo deste brasileiro nordestino.

Disponível em:
http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/ceara/abraao_batista.html

CORDEL

2º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 2



<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/literatura-cordel-texto-e-imagem/>

MATERIAL NECESSÁRIO

Isopor, rolo de pintura pequeno, lápis na cor preta, tesoura sem ponta, tinta guache (cores variadas), papel colorido, TD com capa e texto de cordel de Patativa.

Revisando o cordel de Abraão Batista: o professor iniciará o encontro ouvindo as considerações dos alunos sobre o fragmento do cordel “Quando Padre Cícero Chegou a Juazeiro”. É importante que, ao falar da biografia, esclareça aos alunos que o autor do cordel também pode ser o xilogravista.

O QUE VEM DEPOIS?

Agora, o professor pode explicar aos alunos o que é XILOGRAVURA e propor a confecção de uma, mas...o que é XILOGRAVURA? É a arte de fazer gravuras sobre madeira.

QUE TAL UM MODELO?

Para que os alunos tenham uma referência, o professor distribuirá um td com a capa do cordel “SAUDAÇÃO A JUAZEIRO” de autoria de Patativa do Assaré.

CONFECCIONANDO UMA XILOGRAVURA

1 Se estiver usando a folha inteira , pode recortar apenas uma pequena parte dela. Caso esteja utilizando bandeja de supermercado, recomenda-se que seja cortada a borda, a fim de que a superfície fique plana;

2 Em seguida, o professor orienta os alunos que desenhem com força, de modo que o lápis afunde no isopor. Deve chamar atenção que as letras ficarão o contrário;

3 Faça os ajustes necessários nas bordas da placa, para que o desenho fique com um moldura bonita após a estampa;

4 Selecione a cor da tinta e passe com o rolinho pequeno na placa de isopor, espalhando bem em toda superfície.

5 Vire-o isopor na folha de papel e faça pressão sobre a placa que o desenho seja transferido;

6 Retire com cuidado o isopor para não manchar o desenho. Então, é só esperar secar e pronto!



Capa do cordel "Saudação a Juazeiro do Norte" Autor: Patativado Assaré/ Ilustrador: Luiz Karimai
Fonte da imagem: <https://www.culturagenial.com/obras-para-conhecer-literatura-de-cordel/>



Xilogravura de Lampião e Maria Bonita
Fonte: <https://br.pinterest.com/thaissilvano/xilogravuras/>

Para casa

Finalizadas as xilogravuras, a leitura do fragmento do cordel “ **Saudação a Juazeiro do Norte**” como forma de irem se preparando para a produção de um texto cordelístico, prevista para acontecer no último encontro do bloco.



**Mesmo sem eu ter estudo
Sem ter do colégio o bafejo,
Juazeiro, eu te saúdo
Com o meu verso sertanejo
Cidade de grande sorte,
de Juazeiro do Norte
tens a denominação,
mas teu nome verdadeiro
será sempre Juazeiro
do Padre Cícero Romão.**

Patativa do Assaré

CORDEL

3º ENCONTRO - 1H/A

BLOCO 2



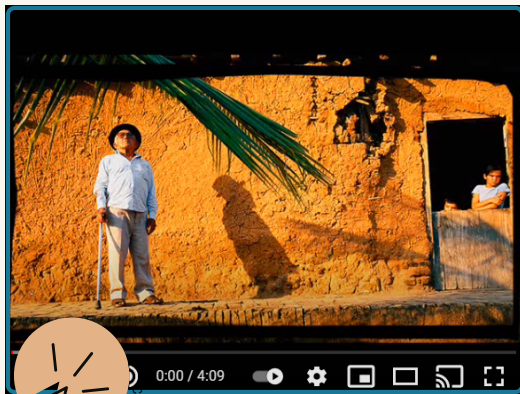
<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/literatura-cordel-texto-e-imagem/>

MATERIAL NECESSÁRIO

Texto extra, datashow, notebook, pincel e quadro branco

O professor dará início a esse bloco instigando os alunos a comentarem o que entenderam do fragmento de cordel passado para casa e compartilhará com eles suas experiências.

O próximo passo é apresentar o vídeo **“Senhor Doutor”**, de autoria de Patativa do Assaré extraído do YouTube, a fim de que escutem a recitação e percebam outras características do cordel presentes.



Após a exibição do vídeo, o professor projetará no datashow o fragmento do texto do paradidático **“Dodô: o Menino que Conheceu o Padre Cícero”**:

O que mais me encantou, porém, veio logo em seguida. Em uma das esquinas, um senhor vendia uns livrinhos de papel. Alguns estavam pendurados numa corda e outros dentro de uma mala. Aquele simpático senhor começou a falar versos bonitos e todo mundo ao redor batia palmas. Eu quase não conseguia sair dali.

Lembro que pedi a minha mãe para ela comprar um folheto daqueles para mim, mas ela disse que não ia, pois eu nem sabia ler ainda e me puxou pelo braço.

Fonte: Dodou, Antonio R S. Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero, Cap. I. p.12

ATIVIDADE DE SALA

1-Sobre o vídeo de Patativa, identifique elementos métricos trabalhados em sala identificados na recitação do poeta. (Espera-se que o aluno detecte a presença de versos, estrofes e, principalmente, rimas).

2-Como é a linguagem utilizada por Patativa na produção e recitação do poema? (Almeja-se que o aluno perceba que trata de um linguajar simples, típico do sertanejo, com predominância da coloquialidade).

3-No que diz respeito ao texto 2, por que os vendedor de livrinhos ficava na esquina? (Aguarda-se que identifiquem que era para dar visibilidade aos cordéis).

4-Aprendemos que os livretos eram vendidos em cordas(ou barbantes), mas na imagem aparecem em uma mala. Por que isso ocorre? (Mesmo sem o professor ter comentado ainda, é possível que detectem que as malas eram outra forma de vender cordéis quando não optavam por cordas).

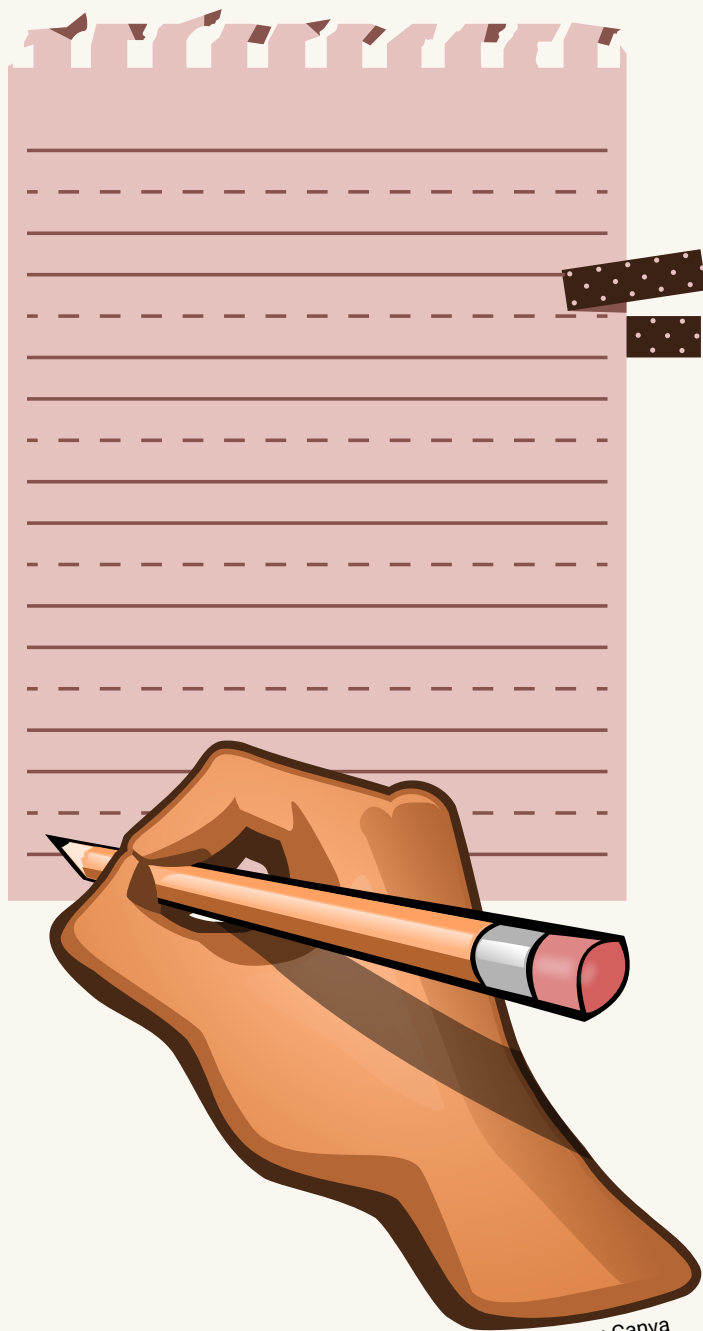


Imagem: Canva

CORDEL

4º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 2



<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/literatura-cordel-texto-e-imagem/>

MATERIAL NECESSÁRIO

Pincel e quadro branco, texto motivador e folha para produção.

Antes da produção, o docente pode iniciar o encontro expondo aos alunos através de anotações no quadro, os nomes dos principais cordelistas da região (se possível, dando breves pinceladas ou enfatizando algum(s) dele (s): Abraão Batista, Cego Aderaldo, Francisco Mateu, João Bandeira de Caldas, João Mendes de Oliveira, Leandro Gomes de Barros, Manoel Ferreira, Pedro Bandeira de Caldas, Rosário Lustosa, Patativa do Assaré, Wagner David Rocha, entre outros.

.....

É HORA DE PRODUZIR!

.....

SUGESTÕES DE PROPOSTAS:



Minha cidade é assim...



E por falar no Horto...



O dia em Padim Ciço
foi embora.



Juazeiro de ontem e
hoje!



A conversa entre
Lampião e Padre Cícero.



O romeiro do meu
Padim é assim...

Texto I

Fragmento capítulo IV

Era um senhorzinho miúdo e moreno, mas muito alegre. Passava o tempo todo falando versos aos que passavam pela feira e logo se formava em torno dele um círculo de curiosos e admiradores que queriam ouvir a beleza de suas rimas. Perguntei a um senhor que estava vizinho a mim de quem se tratava. Ele disse que aquele era o poeta João da Terra, um dos artistas mais talentosos das redondezas.

Passei algum tempo ali extasiado com aquelas rimas e uma das que mais me chamou atenção foi a que falava de Juazeiro e do Padim Ciço, parecia que o poeta brincava com as palavras.

Decorei ela até hoje. Era tão boa que guardei na memória. Dizia assim:

*Havia uma pequena vila
nos cafundós do sertão,
mas chegou por lá um padre
e com organização,
botou tudo no lugar
com trabalho e oração.*

*A vila logo cresceu
com fé e com devoção,
contra o Crato ela venceu,
a chamada sedição,
Franco Rabelo perdeu
do estado a direção.*

Fonte: Dodou, AntonioR S. Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero, Cap. IV.

Texto II



Padre Cícero e Lampião. Fonte: Antônio Romero e Márcio Maciel

Sua bênção, meu Padim! Eu sabia que antes de morrer eu viria a Juazeiro conhecer o senhor!

-Que Deus o abençoe e lhe mostre o caminho da salvação! Respondeu o Padim.

-A propósito, quero saber o que o senhor está fazendo em Juazeiro junto com seu bando? Você não sabe que é um homem procurado e que sua presença aqui pode acabar a paz nessa terra? Reprendeu Padim Cicho!

-Fique tranquilo, meu Padim. Não vim pra tirar o sossego de ninguém. Estou aqui apenas porque mandaram me chamar. Disseram que meu padim estava precisando de ajuda pra combater esses homens da Coluna Prestes e eu estou aqui pra servi-lo. Um pedido seu é uma ordem pra mim. Esclareceu o cangaceiro.

-Agradeço a atenção, mas não fiz chamado nenhum ao senhor. Vim apenas para pedir que o senhor organize seus homens e deixe Juazeiro o mais rápido possível. Sua presença me trará vários problemas.

-Não se preocupe, meu Padim. Vou apenas resolver essa pendência e logo seguirei meu rumo. Também quero aproveitar que estou aqui e visitar uns parentes meus que se encontram nessa cidade.

Então, ouvi o Padim pronunciar a seguinte frase:

-Aproveite, Virgulino, quando deixar Juazeiro e deixe também essa vida. Você tem sido um homem mau e suas ações não agradam a Deus. Se não se arrepender e mudar de vida, sua condenação será o inferno!

Nesse momento, não aguentei. Precisava ver a cara de Lampião levando uma bronca do meu amigo. Sem que percebessem, afastei levemente a porta e olhei em direção aos dois.

De pé, bem em frente a Lampião estava o padre. O cangaceiro era um homem de cor parda, mas não tão alto quanto diziam. Usava roupas de couro, um chapéu na cabeça, alpercatas tipo currulepe e, ao seu lado, um rifle, que deixou encostado na parede. Vi ainda que usava óculos e um olho era mais baixo que o outro.

Diante da repreensão do Padim Ciço, notei uma aflição no cangaceiro e, para minha surpresa, presenciei uma das cenas mais chocantes de minha vida. Lampião ajoelhou-se aos pés do sacerdote, tirou o chapéu colou ao peito, começou a pedir perdão e chorar.

-Perdão, meu Padim! Perdão! Eu queria muito sair dessa vida, mais pra todo canto que corro tem gente querendo me matar.

Com um olhar e voz serenos, meu amigo falou:

-Não importa! Para quem quer abandonar o crime, toda hora é hora! Saia dessa vida bandida! Entregue-se e pague pelos seus crimes ou vá embora e evite que mais desgraças aconteçam a você e sua família! Peça perdão a Deus e tente recomeçar sua vida.

Ainda soluçando devido aos prantos, Lampião acenou com a cabeça como se concordasse com as palavras do padre e seu silêncio foi entendido, naquele momento, como um sim ao pedido de meu Padim.

Fonte: Dodou, Antonio R S. Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero, Cap. VII. p.49/50

Encerradas as produções, o professor recolherá os textos, fará as correções necessárias e devolverá para que o aluno passe a limpo. Referidos textos podem ser utilizados em vários eventos da escola durante o ano: Dia do Livro, Dia da Poesia, etc.

BENDITOS

Objetivo Geral

Evidenciar o gênero bendito como indispensável ao estudo da memória, cultura, história e religiosidade presentes na relação Padre Cícero e Juazeiro.

Objetivos Específicos

- Abordar a definição, estrutura, tipos e características do gênero benditos, esclarecendo aos discentes suas peculiaridades e importância;
- Proporcionar a professores e alunos, o contato com os principais benditos locais que versam sobre temáticas da terra vinculadas à memória e cultura do povo juazeirense;
- Motivar o interesse de docentes e discentes pelo gênero a partir de visita a pontos religiosos locais (igrejas), escuta e registro dos benditos cantados nas celebrações;
- Despertar nos alunos o interesse pela pesquisa de benditos e motivá-los à produção de textos que contemplem esse gênero;
- Propiciar o acesso ao hino de Juazeiro e outros benditos locais, despertando sentimentos como o de identidade ou pertencimento.

BENDITOS

1º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 3



Imagens: Unsplash

MATERIAL NECESSÁRIO

Notebook e datashow, texto de apoio do paradidático.

OLÁ, PROFESSOR(A)!

Sugerimos começar interagindo com os alunos para saber se já ouviram falar em benditos, se conhecem algum, em que lugares são encontrados, entre outras considerações.

Agora, que tal exibir os slides esclarecendo o que é bendito, sua caracterização, os tipos, além de outras informações relevantes?

Slide 1

O que são benditos?

Para **Cascudo** (2000, p.118)

“canto religioso com que são acompanhadas as procissões e, outrora, as visitas do Santíssimo”

Para **Sinzig** (1949) : “cantos sacros” do povo



Slide 2

Características

- ❖ Sem estrutura fixa;
- ❖ Fazem referência tanto a ícones e santos religiosos de conhecimento geral, quanto de um contexto regional, indicando espaço-tempo;
- ❖ Tem funções específicas como as de exaltar, penitenciar, velar, confortar entre outras;
- ❖ Emprego de termos que designam orientação do santo, excelso ou padroeiro sobre práticas que não devem mais ser praticadas;
- ❖ Utilização conforme o evento, local ou circunstância a que se destina;
- ❖ Referência a informações do dia a dia, dialogando com a realidade.



Slide 3

Tipos (uso conforme situação)

- ❑ Religiosos:
 - para missas e outras celebrações da igreja;
 - específicos para acompanhar procissões ou cortejos;
 - fúnebres, utilizados em velórios e sepultamentos;
- ❑ Cantos de exaltação;
- ❑ Cantos de despedida;
- ❑ Saudosistas
- ❑ Etc.



Para casa



OLÁ, QUERIDOS ALUNOS!

Que tal conversar com o vovô, a vovó ou outros moradores antigos de Juazeiro para saber se conhecem algum bendito? Vocês podem inclusive sondar se têm preferência por algum.

Vocês sabiam que os benditos são práticas antigas? Leiam o texto abaixo, visando saber mais sobre esse gênero.



Em meio a meu encantamento, a rezadeira entrou, pediu que todos ficassem de pé e começou a celebração. Que noite maravilhosa! Ela fez orações que eu conhecia, pois havia aprendido em meu passeio com o Padim. Cantou benditos conhecidos e outros novos, cada um mais bonito que o outro.

Até meu pai, que era ser tão sisudo, batia palmas e cantava sorridente. Para mim, então, tinha um diferencial: passei todo o momento mágico da renovação com a moça mais linda do Juazeiro ao meu lado. Ao terminara celebração, dona Laura pediu que todos entrassem em outro compartimento da casa. Era uma enorme sala onde estava posta uma mesa com vários pratinhos. Em cada prato uma variedade de comida: bolo, bolacha, sequilho e, no canto da sala, dois potes grandes com uma bebida chamada aluá.”

Fonte: Dodou, Antonio R S. Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero, Cap. VII. p.49/50

BENDITOS

2º ENCONTRO - 1H/A

BLOCO 3



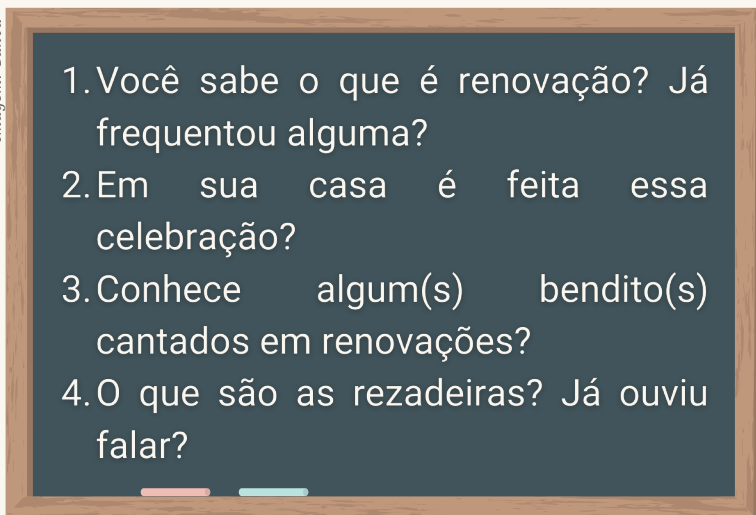
Imagens: Unsplash

MATERIAL NECESSÁRIO

Som e CD com benditos.

Chegamos ao segundo encontro. Vamos começar interagindo com os alunos a fim de saber o que entenderam do texto levado para casa. Para direcionar as discussões, recomendamos algumas perguntas que podem ser anotadas no quadro:


Imagem: Canva




É importante esclarecer que a Renovação é um evento praticado desde à época de Padre Cícero, que foi o responsável pelo ensinamento dessa celebração existente até hoje em alguns lares juazeirenses.

No momento seguinte, o docente distribuirá um td com as letras de dois hinos locais e solicitará que os alunos escutem o áudio das canções para discussão em seguida. Eis os hinos:

Salve Meu Padrinho Cícero
Coral de Nossa Senhora das Dores




Salve meu Padrinho Cicero
Lá em seu trono de gloria
No céu tão esplendente
Junto com nossa senhora
Meu padrinho estas vozes
Pede com esses louvores
Rogai por nós lá no céu
A santa virgem mãe das dores
Lembrai-vos meu padrinho Cicero
Que somos vossos romeiros
Abençoai nossa terra
Nosso grande juazeiro



Fonte: <https://www.lettras.mus.br/coral-de-nossa-senhora-das-dores/salve-meu-padrinho-cicero>


Hino a Juazeiro do Norte
Letra: Geraldo Menezes Barbosa. Melodia: Maestro Antônio Gondim



Ressurgida da fé e da bonança
Cidade varonil querida e forte!
Grande povo, tradição e esperança
Salve! Excelsa Juazeiro do Norte
Tempos idos dominava o "tabuleiro"
Onde um grande "Juazeiro" se ensombrava
Ao lado da Capelinha onde o Romeiro
De joelhos, bem contrito ali orava.

Salve! Hoje ó Cidade do Progresso
Aquela que mais cresce no Ceará
Juazeiro! Tu és parte do Universo
Teu sucesso na História ficará.

Um apóstolo do bem e da verdade
Veio dar sua vida em oblação!
No Nordeste construiu uma cidade
O imortal Padre Cícero Romão!
Pela paz, pelo Cristo e pela fé,
Juazeiro cresceu e se fez forte
De bravura e independência pois de pé,
De trabalho e tradição encheu o Norte.



Fonte: <https://www.lettras.mus.br/hinos/juazeiro-do-norte-ce/>

.....

VAMOS INTERAGIR?

.....

Nessa etapa, o docente deverá provocar os alunos para que expressem suas opiniões sobre os textos lidos. Também deve complementar o momento expondo ideias e orientações suplementares.

A partir da interação com os alunos, várias opiniões, certamente, surgirão. É importante, contudo, que caso não sejam detectadas pelos discentes as **características abaixo**, devem ser acrescentadas pelo professor:

Salve Meu Padrinho Cícero

Texto I

- Narra a o surgimento da cidade quando ainda era vila;
- Exalta a grandeza e fé do povo local;
- Na segunda parte remete para a chegada do padre e as transformações ocorridas;
- Reforça o crescimento da cidade que se tornou um sucesso;
- Remonta para a importância da árvore Juazeiro, que deu nome ao lugar, etc.

Texto II

Hino de Juazeiro do Norte

- Esclarecer que o texto “Salve Meu Padrinho Cícero” é um bendito porque começa, a partir do título a exaltar a figura do patriarca;
- Durante o texto é possível identificar passagens em que os fiéis pedem ou rogam a interpelação do padre junto ao céu;
- O bendito enfoca ainda o pedido dos que louvam implorando a proteção a Juazeiro

Para casa

Professor, entregue td aos alunos com bendito “**Deus Menino**” e encaminhe a leitura para discussão na aula seguinte.



BENDITOS

3º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 3

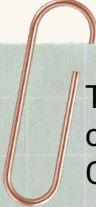


Imagens: Unsplash


MATERIAL NECESSÁRIO

TD com hino, tv, notebook e datashow, som.

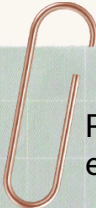
O 3º encontro começará com uma revisão do bendito "**Deus Menino**", repassado como tarefa para casa. Além das opiniões que serão expostas pelos alunos, é relevante que o professor elenque alguns aspectos indispensáveis sobre o texto:




Tem a forma de narrativa contando a origem de Padre Cícero e sua morada em Juazeiro;



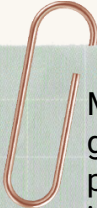
Aborda a repercussão do nome sacerdote tomou pelo sertão, nomeando estados nordestinos onde é conhecido;



Reforça seu não esquecimento;



Faz menção à visita de Lampião, enfatizando o pedido de perdão do cangaceiro;



Mais uma vez exalta, guardando para o refrão uma pergunta cuja resposta todos já sabem.

No 2º momento, o docente apresentará aos alunos alguns vídeos com benditos cantados nas igrejas locais e ouvirá também o áudio de um terceira canção. A ideia é que que, nos dois primeiros, explore aspectos como a visualização da igreja, das benditeiras, oitivas dos hinos cantados nas missas, a simbologia da **missa do chapéu**, entre outros fatores. Por sua vez, no bendito em áudio, o professor chamará atenção para as melodias, além de motivar a interpretação. As letras as canções podem ser entregues aos alunos e td preparado previamente pelo professor para que possam acompanhar. Sugere-se, aqui, a exibição de dois vídeos, sendo:

Missa do chapéu marca fim da Romaria de finados:



Missa do chapéu (Despedida dos romeiros na romaria de finados) Fonte: <http://g1.globo.com/ceara/cetv-2dicao/videos/t/edicoes/v/em-juazeiro-do-norte-a-missa-do-chapeu-marcou-o-fim-da-romaria-de-finados/2930944/>

Bendito da Reconciliação:



Bendito da Reconciliação (you tube)
Fonte: <https://youtu.be/8DDhj3Ejpmk>

Bendito para ouvir em áudio:

Os Conselhos do Padre Cícero

Coral de Nossa Senhora das Dores

Quem matou não mate mais
Quem roubou não roube mais

Romeiro de verdade

Vive na fraternidade

Jesus Cristo no calvário

A Deus pai se entregou

Vencendo a maldade

Seu amor ele provou

No exemplo de Maria

Que a todos perdoou

Da morte de seu filho

Ela nunca se vingou

Combate à injustiça

É um dever do cristão

Não é a violência

Que resolve a questão

A fraqueza do pequeno

É viver na solidão

Unidos somos forte

No amor e no perdão

Viver a fraternidade

É como água no sertão

Fecunda a semente

Do amor no coração

Ai chegar no Juazeiro

Tomei a resolução

De seguir os conselhos

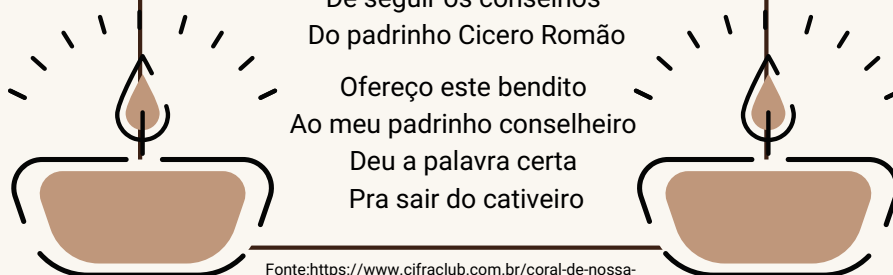
Do padrinho Cicero Romão

Ofereço este bendito

Ao meu padrinho conselheiro

Deu a palavra certa

Pra sair do cativeiro



Fonte: <https://www.cifraclub.com.br/coral-de-nossa-senhoradas-dores/os-conselhos-do-padre-cicero/letra/>

Para facilitar as discussões sobre o bendito apresentado em áudio, recomenda-se que o professor exponha algumas perguntas motivadoras no quadro:

1. O que o título do bendito exprime para você?
2. O uso de verbos no imperativo indicam ordem ou interpelação. Na sua opinião, quem está dando os conselhos e a quem se destina?
3. Em que parte do bendito fica expressa a obediência aos conselhos?

À medida que as respostas forem surgindo e as ideias sobre benditos se clareando, o professor injetará algumas informações, reiterando aos alunos que se trata de um Bendito de Conselho (ou orientação). Deve chamar a atenção também para o título, que direciona de onde partem as recomendações, colocando em um dos polos o Padre Cícero e em outro os fiéis seguidores.

Outro aspecto que poderá ser trabalhado a partir da letra do bendito é a questão dos valores cristãos e morais como o amor e o respeito ao próximo, fazer o que é correto, fecundar a semente do bem, entre outras posturas.

Finalmente, será possível elencar, ainda, a submissão dos romeiros que acabam decidindo seguir as orientações do mentor e referência espiritual, incondicionalmente. É necessário acrescentar aos ouvintes a presença de termos e expressões em sentido figurado, como “sair do cativeiro”, que representa, no bendito, a fuga de uma vida errada, o abandono de práticas socialmente inaceitáveis.

Logo após, serão entregues os outros **dois benditos** para que os alunos analisem em casa:

Canto do Adeus
Coral de Nossa Senhora das Dores

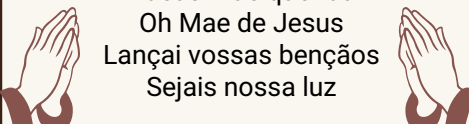
Oh virgem das Dores
Oh Mãe dolorida
Ouvir nossos rogos
Atendei bondosa

Adeus, adeus, adeus Maria
Adeus, adeus, adeus Maria

Já vamos partindo
Juazeiro deixando
E a Mae de Deus
Nos Abençoando

Os vossos Romeiros
Saudosos se vão
Com fé e esperança
No seu Coração

Adeus Mae querida
Oh Mae de Jesus
Lançai vossas bênçãos
Sejais nossa luz



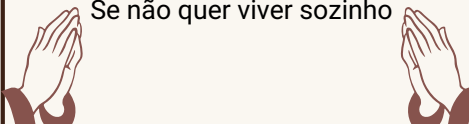
Festa dos Finados
Coral de Nossa Senhora das Dores

Nossa Vida é uma passagem
Na Cidade ou no sertão
Nossa morte é uma viagem
Em busca da salvação

Somos todos conduzidos
Aos caminhos do Senhor
Somos hoje convencidos
Sua lei é seu amor

Juazeiro é a igreja
Que Deus quis nos entregar
Nossa vida é uma peleja
Sem teu amor a praticar

Quando vim ao Juazeiro
Sempre tem Deus em seu caminho
O Cristão é verdadeiro
Se não quer viver sozinho



Fonte: <https://www.lettras.mus.br/coral-de-nossa-senhora-das-dores/>

Roteiro de perguntas para orientar o estudo domiciliar



1. Qual o assunto abordado em cada bendito acima?
2. A partir da identificação da temática do bendito 1, como você o classificaria?
3. A partir da identificação da temática do bendito 2, como você o classificaria?

BENDITOS

4º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 3




Imagens: Unsplash

MATERIAL NECESSÁRIO

TD com benditos.

O docente ouvirá as respostas de alguns alunos sobre os benditos e acrescentará suas considerações, esclarecendo que o primeiro bendito fala do adeus à Nossa Senhora das Dores até um posterior regresso. O segundo, por sua vez, da brevidade da vida, realçando que a morte como viagem para a salvação; que o bendito 1 é um canto de despedida, no qual os romeiros agradecem a vinda, despedem-se da padroeira, pedem proteção na volta para casa e na vida, por sua vez o bendito 2 é um canto fúnebre, que faz apologia à passagem para a morte, além de outras observações.

A seguir, o docente abordará um fragmento de bendito extraído do paradidático **“Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero”**.



E assim seguimos viagem. Como todo bom peregrino, nossos pais carregavam um rosário no pescoço e, mesmo em meio à alta temperatura, arrancavam forças para rezarem o terço. O detalhe é que eu e Raquel sempre cochilávamos nessa hora e, só acordávamos, quando eles resolviam cantar algum bendito, pois essa era a parte que a gente mais gostava.

Eu tinha aprendido muitos deles e me empolgava em repeti-los com meus pais. A pequena irmã também balbuciava algumas palavras na tentativa de dizer que estava participando. Rezar era bom! Cantar, melhor ainda! Ajudava o tempo a passar mais rápido, reconfortava o coração e fortalecia para a jornada que estava por vir. Logo, quando mamãe percebia um ar de tristeza ou alguém cabisbaixo por ali, começava com os benditos para alegrar.

Mais puro que as estrelas,
Mais claro que o claro dia, és fonte de graça cheia,
O coração de Maria...

Fonte-Dodô: O Menino Que Conheceu o Padre Cícero, 2021, cap. I

PROFESSOR(A)!

A ideia é discutir esse bendito para que os alunos percebam que os benditos são uma prática antiga em Juazeiro e que, muitos deles foram trazidos por romeiros que se estabeleceram por aqui.

Para testar o desempenho dos alunos, o docente poderá encerrar a aula com um pequeno teste. Assim, entregará um td com passagem retirada do paradidático **“Dodô, o Menino Que Conheceu o Padre Cícero”** seguida de questão(s) objetiva (s) que devem ser conferidas e comentadas com a turma.

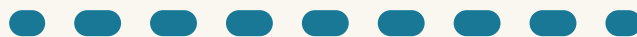


A imagem revestida com um lindo manto azul, trazia na cabeça uma coroa de estrelas brilhantes, além, é claro, de estar rodeada de rosas de todas as cores. A euforia para vê-la e tocá-la era grande! Às vezes tinha que ser protegida pelos guardas para evitar que alguém a derrubasse. Por onde a imagem passava a alegria era sentida.

Debaixo de vivas, a procissão dobrava as ruas da cidade com as pessoas orando, louvando e aplaudindo a padroeira. Tinha até pessoas que organizavam altares nas portas das casas e acendiam velas numa reverência à passagem da imagem por ali. Antes da procissão chegar em seu destino final, o cortejo passou pela rua São José e parou bem em frente à casa de meu Padim. Dava para ver que ele assistia a tudo pelo cantinho de uma das janelas, sentado em sua cadeira. Ali se ouviu uma calorosa salva de palmas e, apesar do novo vigário enviado pela diocese ficar sem jeito, não havia o que fazer, o povo de Juazeiro amava o Padim. Na chegada à matriz, uma multidão aguardava para assistir à missa e, em seguida, à queima de fogos na torre da igreja.

Fonte-Dodô: O Menino Que Conheceu o Padre Cícero, 2021, cap. VI, p.46
ero, 2021, cap. VI, p.46

QUESTÃO MODELO



O fragmento acima traz o relato de uma celebração religiosa de Juazeiro do Norte em que é comum o uso de benditos por parte de quem frequenta. Considerando a descrição feita podemos dizer que se trata de um(a):

a) missa () b) renovação () c) procissão () d) casamento ()

O docente fará, então, uma rápida abordagem dos eventos em que se recorre aos benditos, diferenciando com pinceladas as celebrações de forma a justificar a alternativa **correta(C)**.

CURTA-METRAGEM

Objetivo Geral

Enxergar o gênero curta-metragem como ferramenta fundamental na abordagem da memória, cultura, história e religiosidade inerentes à cidade de Juazeiro e ao Padre Cícero Romão.

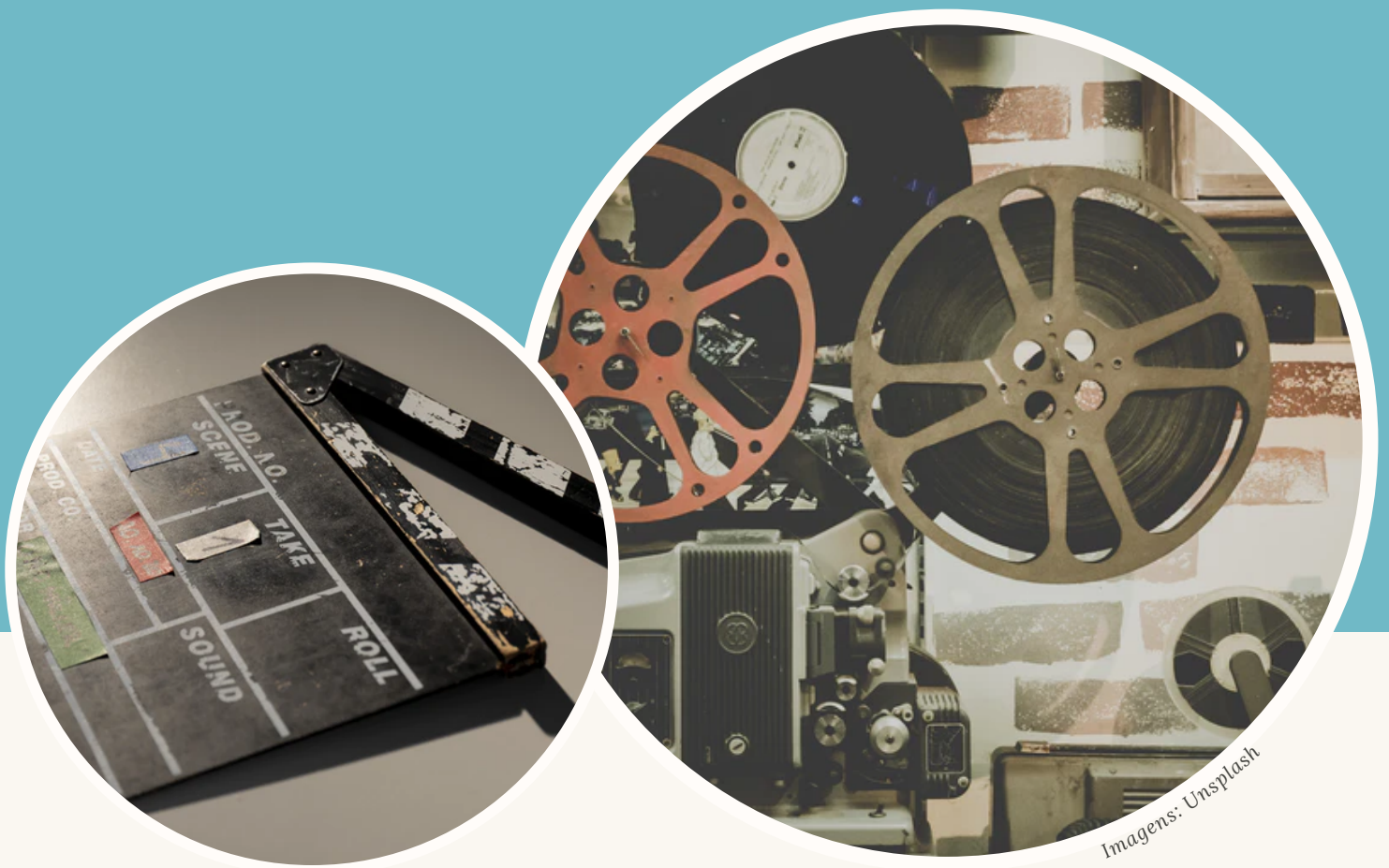
Objetivos Específicos

- Compreender o conceito, particularidades e estrutura do gênero curta-metragem a partir de estudos desenvolvidos em sala de aula;
- Colaborar para um maior enriquecimento de docentes e discentes sobre o gênero curta-metragem, a partir da visita a pontos turísticos locais e registro de pessoas, objetos e eventos atinentes à cultura e à memória;
- Propor atividade prática de produção de curta-metragem considerando todo o material e informações levantados no decorrer das aulas.

CURTA-METRAGEM

1º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 4



MATERIAL NECESSÁRIO

Datashow e TD.

.....

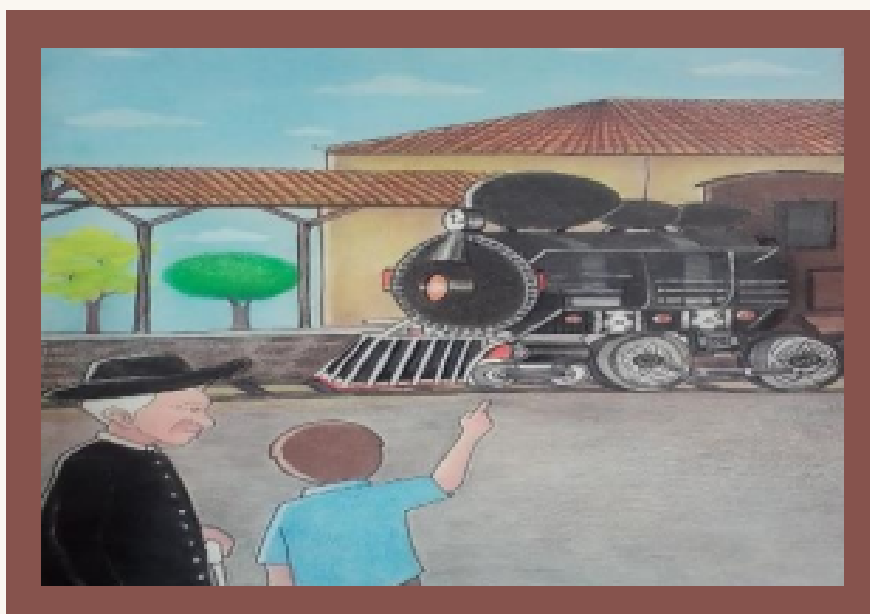
VAMOS ENTENDER O CURTA?

.....

Professor, através de slides esclareça as principais dúvidas sobre o gênero curta.

Slide 1	Slide 2	Slide 3
Definição Segundo Houaiss (2004, p.206) entende curta-metragem como “filme com duração de até 30 minutos”	Características: <ul style="list-style-type: none">• Número reduzido de personagens;• Custo reduzido com figurino e cenário;• Objetivos distintos;• Efetividade e rapidez;• Dependem da escrita de um bom roteiro.	Tipos: <ul style="list-style-type: none">• Pequenos filmes;• Documentários pedagógicos, históricos, culturais, informativos, publicitários etc.

Após explicar o que é e como se caracteriza um curta, sugere-se, aqui, que o professor leia para os alunos, através de slide em data show, trecho do paradidático “**Dodô: o Menino que Conheceu o Padre Cícero**”:



Chegada do trem de ferro a Juazeiro.
Fonte: Romero Dodou e Márcio Maciel

Durante o ano inteiro foi um movimento de gente trabalhando para deixar tudo pronto. Até que, no dia 09 de setembro de 1926, foi marcada a inauguração com a chegada de um trem à cidade.

Foi um rebuliço só! Muita gente queria ver de perto o trem, tirar foto daquele momento com o padre e, se possível, até dar uma volta na locomotiva.

O fato é que no dia e hora marcados uma multidão estava ali. Muitas autoridades que estavam pela região resolveram participar. Elas tinham sido convidadas para a inauguração da estação do Crato um dia antes e aproveitaram a oportunidade para ficarem em Juazeiro.

Quando o trem chegou na estação com aquele apito estrondoso, foi um estouro de alegria! Eram palmas de todos os lados. Eu, apesar dos meus doze anos e quase um adolescente, fiquei com medo daquele bicho preto de ferro.

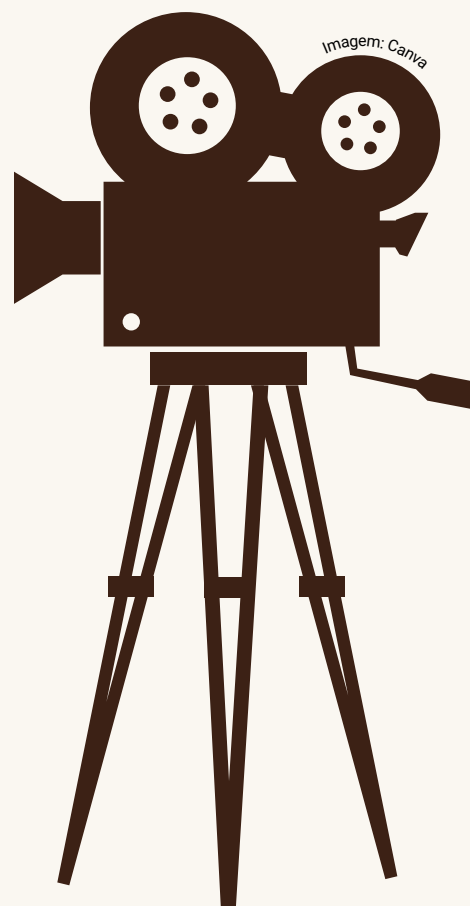
Nunca tinha visto uma marmota daquelas e nem sei se teria coragem de andar naquele troço.

Fonte-Dodô: O Menino Que Conheceu o Padre Cícero, 2021, cap. IX, p.57



PROFESSOR(A)!

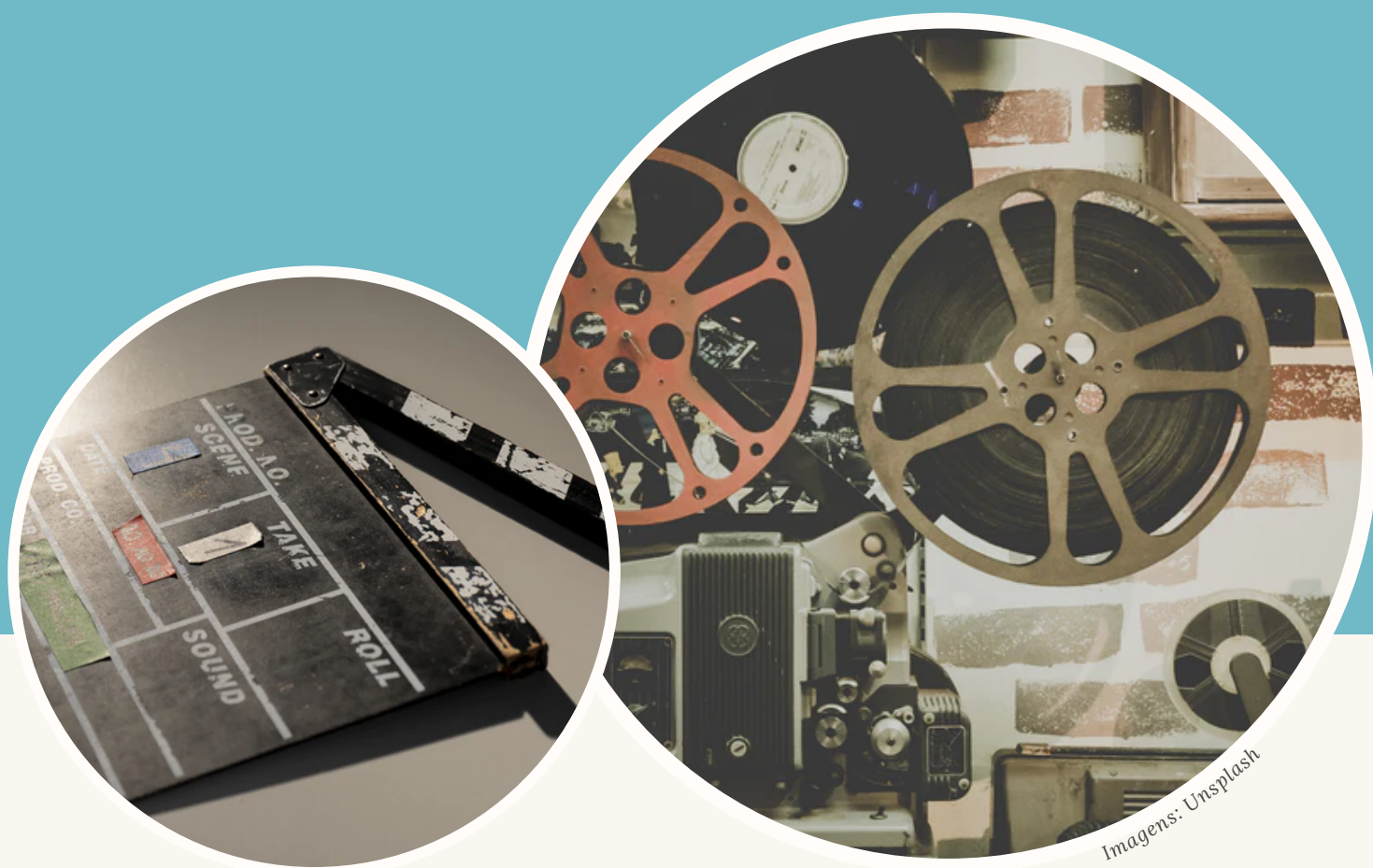
Espera-se que após a leitura do fragmento, seja possível aos alunos identificar que as gêneros como fotografia e filmagem são antigos e existem desde à época de Padre Cícero, ainda que de forma tímida e limitada se comparada aos dias atuais.



CURTA-METRAGEM

2º ENCONTRO - 1H/A

BLOCO 4

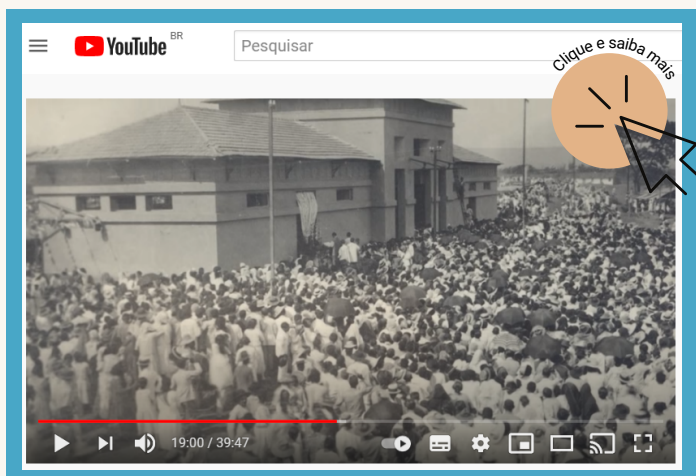


Imagens: Unsplash

MATERIAL NECESSÁRIO

Datashow, notebook e texto.

Nesse 2º encontro, o professor exibirá o vídeo abaixo sobre a **história da ferrovia no Ceará**, dando ênfase à estação de Juazeiro do Norte, inaugurada na época de Padre Cícero e à qual o fragmento faz alusão.



Inauguração da estação férrea de Juazeiro - Fonte: <https://youtu.be/CQaud1Z5g3A>

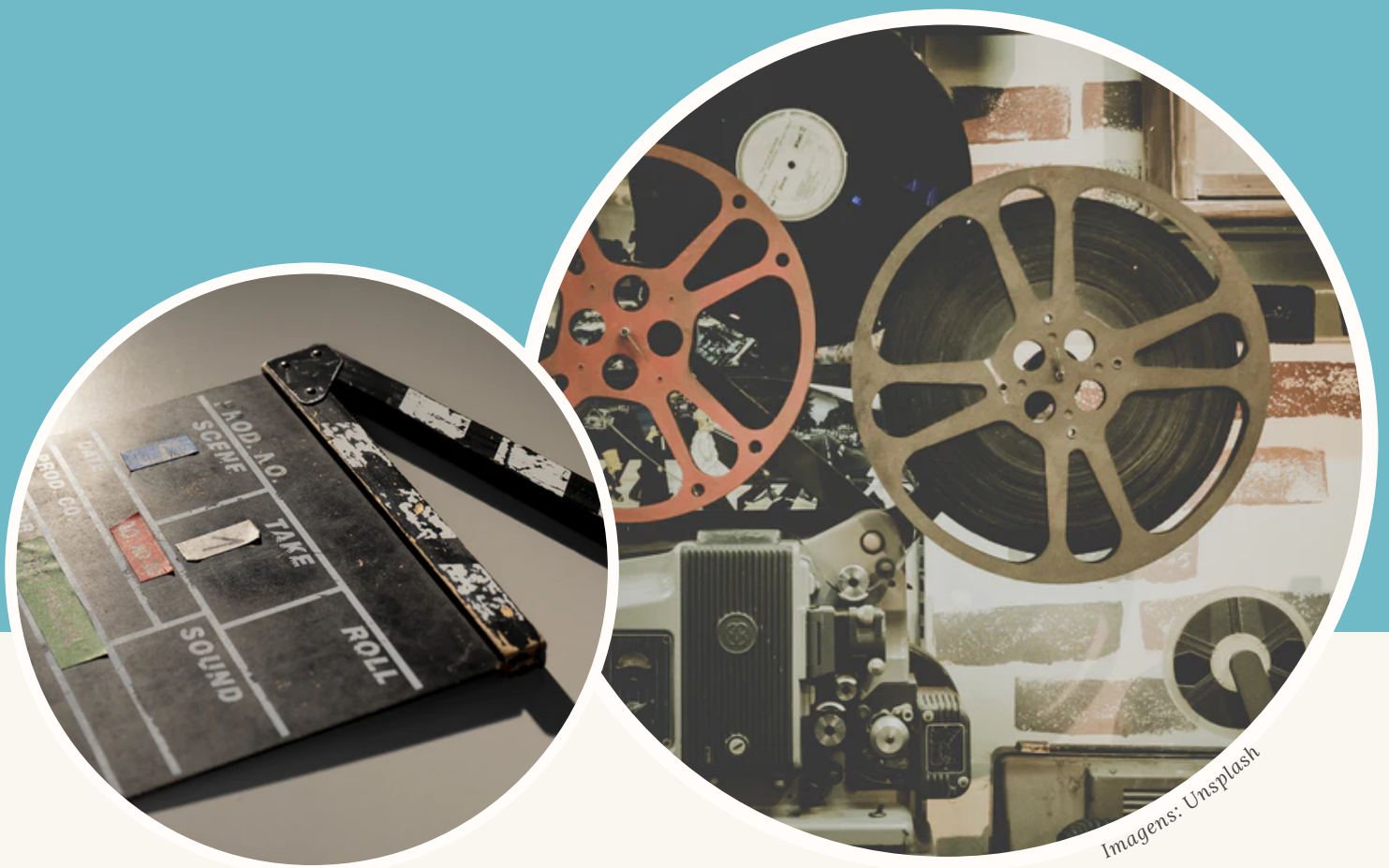
Lido o trecho e exposto o vídeo, o professor pode instigar os alunos a identificarem as características de um curta presentes no vídeo sobre o vídeo exibido. Almeja-se que sejam levantados aspectos como:

1. **Tempo do curta:** em geral, os vídeos eram curtos, dada à limitação dos equipamentos utilizados à época;
2. **Qualidade:** chamar a atenção para o fato de que os vídeos eram, alguns sem áudio, outros com áudio sem muita qualidade, em virtude da pouca tecnologia disponível. Pode-se fazer um paralelo com o celular de hoje em dia, identificando pontos gritantes entre as mídias de gravação.
3. **Público:** destacar que, seja em preto e branco ou em cores, com boa qualidade ou com limitação técnica, os vídeos atraíam multidões, principalmente, porque eram gravados em grandes eventos.

CURTA-METRAGEM

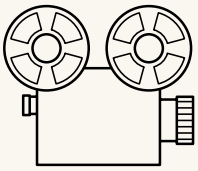
3º ENCONTRO - 2H/A

BLOCO 4

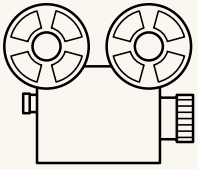


MATERIAL NECESSÁRIO

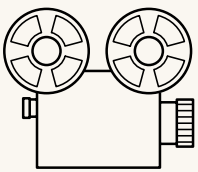
Textos, celulares, etc.



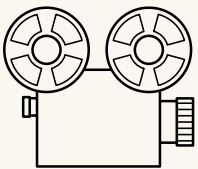
O professor, juntamente com a turma e docentes de outras áreas (Informática, Artes, História, entre outras) se reunirá pensar a edição de um curta. Assim, diante do que foi trabalhado em sala, é possível dividir as salas em grupos, sendo que cada um ficará responsável por um gênero, respectivamente: memórias literárias, cordel, benditos e curta.



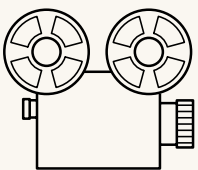
O material levantado podem ser fotos, slides, textos e outros recursos trabalhados pelo professor em sala, além de pesquisas na internet que podem se dá no laboratório de informática em parceria com o professor da disciplina.



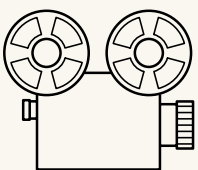
Deve ser estabelecido um prazo para que cada grupo analise o material coletado, a fim de dominar com propriedade as temáticas relativas a Juazeiro e o Padre Cícero.



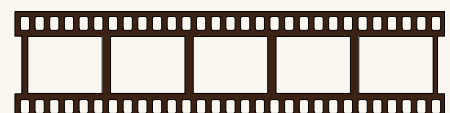
O próximo passo seria a escolha de um tema para o curta, que podem ser extraído entre os que foram abordados nas aulas dobre cordel, dos textos de memórias, dos benditos ou tema livre acordado entre todos.



Definido o tema, com o auxílio do professor de Artes, pode-se selecionar um grupo para contracenar considerando aspectos como: postura, tom de voz, desenvoltura, desinibição e habilidades para o improviso; afinidade com tecnologias para a edição final do vídeo e noção de tempo de cena e figurino simplificado.



Por fim, cabe ao professor da disciplina de Língua Portuguesa, em consonância com os docentes das demais disciplinas envolvidas e em acordo com o Núcleo Gestor, estabelecer horários para os ensaios que podem ocorrer no horário das aulas ou no contraturno. O Curta gravado pela turma sobre tema ligado a Juazeiro e o Padre Cícero pode ser exibido em data específica de evento da escola (Semana da cultura, mês da poesia, semana do Padre Cícero ou outra data que achar conveniente para apresentar.



Referências

ALENCAR, Chesman et al. Juazeiro do Norte: Cidade da Gente. Estudos Regionais: Fundamental I. Fortaleza, Didáticos Editora, 2017.

AQUINO, Pedro F. O Santo do Meu Nordeste - Padre Cícero Romão Batista. São Paulo; Editora Letras e Letras, 1997.

ARAÚJO, Raimundo. Juazeiro Poético. Edições OCE. Fortaleza-Ceará, 1998.

ARAUTOS DO EVANGELHO. A Treze De Maio. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/arautos-doevangelho/a-treze-de-maio/>. Último acesso em: 06 de março de 2021.

BARBOSA, G.M. e GONDIM, MAESTRO A.G. Hino Oficial de Juazeiro do Norte. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_Juazeiro_Norte. Acesso em: 07 de março de 2021

BESSA, N. B. OS BENDITOS POPULARES EM JUAZEIRO DO NORTE: Vozes Ecoantes do Discurso Religioso. 2008. 111 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) -, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

BETTO, Frei, 1944- Alucinado som de tuba / Frei Betto. –14ª. Ed.- São Paulo: Ática, 2006

CALDAS, Lilian Kelly. Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética. IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto. Disponível em: < http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss16_09.pdf > Acesso em 27/02/2021

CAVA, Ralph Della. Milagre em Joaseiro. Tradução Maria Yedda Linhares.3 ed.São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CORAL DE NOSSA SENHORA DAS DORES. Salve Meu Padrinho Cícero. Disponível em: [www.lettras.mus.br/C > Coral de Nossa Senhora das Dores](http://www.lettras.mus.br/C/Coral-de-Nossa-Senhora-das-Dores). Último acesso em: 07 de março de 2021.

CORAL DE NOSSA SENHORA DAS DORES.Os Conselhos do Padre Cícero.Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/coral-de-nossa-senhora-das-dores/os-conselhos-do-padre-cicero/letra/>. Último acesso em: 07 de março de 2021.

CORAL DE NOSSA SENHORA DAS DORES. Canto do Adeus. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/coral-de-nossa-senhora-das-dores/canto-do-adeus/>. Último acesso em: 06 de março de 2021.

CORAL DE NOSSA SENHORA DAS DORES . Festa Dos Finados. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/coral-de-nossa-senhora-das-dores/festa-dos-finados/>.Último acesso em: 06 de março de 2021.

DODOU, Antonio Romero S. De Tabuleiro a Juazeiro: Reflexões sobre Cícero o Padre, o Homem e o Líder. Produção Independente, 2016.

FIDÉLIS, Luís.Pra Ser Doido É Preciso Ter Juízo.Álbum: O Preço de um Homem. Fortaleza: Som Zoom, 1995.

GONZAGA, Luiz. (Comp. Manézinho Araújo e Zé Renato). Beata Mocinha. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1563811/>. Último acesso em: 06 de março de 2021.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960. . . São Paulo: Ática, 2001

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P. et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MASTRUZ COM LEITE (Composição: Luís Fidélis). 24 de Março. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mastruz-com-leite/1960480/>. Último acesso em: 07 de março de 2021.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. Brasília, 2014. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/ceara/abraao_batista.html. Acesso em: 07 de março de 2021.

WALKER, Daniel. A praça Padre Cícero/ Daniel Walker- Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

VARELA, Drauzio. 1943. Nas ruas do Braz/Drauzio Varela (Ilustrações de Maria Eugênia) - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.- (Coleção Memória e História).

VASCONCELOS, José Mauro. O Meu pé de laranja lima. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.

VIEIRA, José Flávio. O Ministério das Treze Portas no Castelo Encantado da Ponte Fantástica. / José Flávio Vieira; Reginaldo Farias [Ilustrador]. -Fortaleza; Expressão Gráfica e Editora, 2011.



Antonio Romero Siqueira Dodou

Antonio Romero Siqueira Dodou é graduado em Letras e Bacharel em Direito (URCA), advogado, especialista em Literatura Brasileira e Direito Previdenciário e Trabalhista(URCA), Mestre em Letras (UFCG), casado com a professora Ana Elizabeth Sampaio Leite Siqueira e pai de Mariana Sampaio Leite Dodou (7) e Ângelo Miguel Sampaio Leite Dodou (2). É autor dos livros “De Tabuleiro a Juazeiro: reflexões sobre Cícero o Padre, o Homem e o Líder” (Produção independente) e coautor do livro “Antologia Poética: escritores do cariri” (A Província). Publicou artigos em anais de eventos de sua área. Foi professor temporário de Literatura brasileira da Universidade Estadual Vale do Acaraú e, atualmente, é professor efetivo da rede municipal de ensino de Juazeiro do Norte e do estado do Ceará.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

AUTORIZAÇÃO

Eu **MÁRCIO MACIEL TORRES**, brasileiro, casado, Professor, Desenhista e Ilustrador, com CPF 443.249.103-59, residente à rua José Luciano dos Santos, 271-Bairro: Parque Bulandreira-Barbalha-Ceará, CEP: 63180-000, criador e produtor das ilustrações do livro paradidático "*Dodô: o Menino Que Conheceu o Padre Cícero*", obra que faz parte da dissertação do Mestrado Profissional em Letras (PROFILETRAS) do aluno da Turma VI **ANTONIO ROMERO SIQUEIRA DODOU**, AUTORIZO o uso das imagens por mim produzidas para fins de apresentação dos trabalhos relativos ao mestrado acima mencionado (Qualificação e Defesa), bem como a divulgação junto a outros eventos (Simpósios, Congressos, Mesas Redondas, Grupos de Estudo, entre outros) voltados aos estudos culturais e científicos, desde que mencionada a fonte autoral das ilustrações. Saliento que, a mesma condição também se estende ao caso de referida obra vir a ser publicada posteriormente pelo autor e aluno do mestrado.

Cajazeiras-PB, 10 de fevereiro de 2021.

Por ser verdade, firmo a presente autorização.

Márcio Maciel Torres

Márcio Maciel Torres

CPF 443.249.103-59